O LIVRO QUE DEU ORIGEM À CULTUADA SÉRIE DEXTER

JEFF LINDSAY

DEXTER

A MÃO ESQUERDA DE DEUS

Planeta

Copyright

Esta obra foi postada pela equipe **Le Livros** para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura à aqueles que não podem comprá-la. Dessa forma, a venda desse eBook ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação **é totalmente condenável** em qualquer circunstância.
A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente. Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e à publicação de novas obras. Se gostou do nosso trabalho e quer encontrar outros títulos visite nosso site:

Le Livros

http://LeLivros.com

O LIVRO QUE DEU ORIGEM À CULTUADA SÉRIE DEXTER

JEFF LINDSAY

DEXTER

A MÃO ESQUERDA DE DEUS

Planeta

CRÉDITOS:
Autor: Jeff Lindsay
Editora: Planeta
Digitado Por: Amanda Cotrim Santos e Rafael Teles Oliveira.

CAPÍTULO 1

Lua.Uma lua maravilhosa. Cheia, gorda, avermelhada, a noite clara como o dia, o luar inundando a terra e trazendo alegria, alegria, alegria. Trazendo também o rugir da noite tropical, a voz macia e turbulenta do vento uivando nos pêlos do braço, o lamento vazio da luz das estrelas, o grito trincado da luz da lua sobre a água.

Tudo isso chamando o Necessitado. Ah, o berro sinfônico as milhares de vozes ocultas, o grito interior do Necessitado, a entidade, o observador silencioso, a coisa fria e quieta, aquele que dança, o Bailarino da lua. O eu que não era eu, aquele que zombava, ria e vinha com sua fome.

Com a Necessidade. E a Necessidade agora estava muito grande, muito atenta fria enroscada arrastada rachada ereta e pronta, muito grande, bem pronta... mesmo assim, esperava e observava, me fazia esperar e observar.

Eu esperava e observava o padre há cinco semanas. A Necessidade tinha ficado alfinetando e provocando, me cutucando para encontrar um, encontrar o próximo, encontrar o padre. Há três semanas eu sabia que era ele o próximo, nós (ele e eu) pertencíamos ao passageiro das trevas. Passei essas três semanas lutando contra a pressão, a crescente Necessidade aumentando dentro de mim como uma grande onda que encrespa e arrebenta na praia e não recua,só cresce mais a cada segundo do relógio da noite luminosa. Más era hora também de tomar cuidado, hora de ter certeza. Não de que era o padre, não, pois há muito eu sabia disso.

Hora de ter certeza de que ia ser feito direito, limpo, com tudo se encaixando, tudo certo. Eu não podia ser pego, não agora. Tinha trabalho duro por muito tempo para fazer esse trabalho,para proteger minha ditosa vidinha.

E eu estava me divertindo muito para interromper agora.

Portanto,tomava sempre muito cuidado. Sempre limpo. Sempre prevenido para que as coisas fossem direita. E , quando estava direita, dar um tempo extra para garantir. Era o estilo Harry, que Deus o abençoe, aquele sagaz policial perfeito, meu pai adotivo. Esteja sempre seguro, tenha cuidado, seja correto, ele disse, e há uma semana eu tinha certeza de que tudo estava tão direito á La Harry quanto possível. E, ao sair do trabalho naquela noite, eu sabia que era o dia. Aquela era a noite. Era uma noite diferente. Nela ia acontecer, tinha de acontecer.

Exatamente como ia acontecer de novo e de novo. E dessa vez seria o padre.

Ele se chamava padre Donovan. Ensinava musica para as crianças do Orfanato Santo Antônio, em Homestead, na Flórida. Os alunos adoravam-no. E, naturalmente ele adorava os alunos.

Dedicou a vida a eles. Aprendeu espanhol e crioulos. Aprendeu a musica deles também. Tudo pelas crianças. Tudo o que fazia, era por elas.

Tudo.

Eu estava observando nessa noite, como tantas outras anteriores. Vi quando parou na porta do orfanato para falar com uma menina negra que foi atrás dele. Era pequena, não devia ter mais de oito anos e era miúda para a idade. Ele sentou-se na escada e conversou com a menina cinco minutos. Ela também se sentou e ficou se levantando e sentando. Os dois riram.

Ela se encostou nele. Ele tocou nos cabelos dela. Uma freira apareceu na porta e ficou parada,

olhando-os antes de falar. Depois, sorriu e estendeu a mão. A menina tocou com a cabeça no padre. O padre Donavan abraçou-a, levantou-se e deu um beijo de boa-noite nela. A freira riu e disse algumas coisas ao padre Donavan. Ele respondeu.

Então, o padre foi para seu carro. Finalmente, eu me levantei para atacar e...

Ainda não. Uma minivan de serviço de limpeza estava a uns dois metros da porta. O padre Donavan passou e a porta lateral da van se abriu. Saiu um homem com cigarro na boca e cumprimentou o padre, que se encostou na van e falou com ele.

Sorte. De novo, sorte. Tenho tido sempre sorte nessas noites. Não tinha visto aquele homen, não notei que estava lá. Mas ele teria me visto. Não fosse a sorte.

Respirei fundo. Expirei lenta e firmemente, fazia um frio gélido. Foi só uma coisinha. Não esqueci nenhuma das outras. Tinha feito tudo certo, tudo igual, tudo como devia ser. Ia dar certo.

Agora.

O padre Donavan foi para o carro dele novamente. Virou-se uma vez e disse alguma coisa. O faxineiro acenou da porta do orfanato, jogou a guimba do cigarro e entrou. Sumiu.

Sorte. Sorte, de novo.

O padre Donavan ficou procurando as chaves, abriu a porta do carro e entrou. Ouvi a chave entrar na ignição. O motor ligar. E então...

AGORA.

Sentei-me no banco traseiro e enfiei o laço em seu pescoço. Uma volta rápida, escorregadia e perfeita e a linha para peixes de quinze quilos ficaram firme. Ele fez um pequeno movimento de pânico e pronto.

Você agora é meu Eu disse e ele ficou paralisado com precisão e perfeição, como se tivesse ensaiado, quase como se tivesse ouvido a outra voz, o observador risonho dentro de mim.

Faça só o que eu mandar falei.

Ele soltou uma exclamação e olhou no retrovisor. Minha cara estava refletida lá, esperando por ele, envolta na mascara de seda branca que só deixava a mostra os olhos.

Entendeu? perguntei. A seda mexia na minha boca quando eu falava.

O padre Donavan não disse nada. Olhou bem nos meus olhos. Apertei o laço.

*Entendeu?*repeti, um pouco mais baixo.

Dessa vez, ele concordou com a cabeça. Pôs a mão no laço, sem saber o que aconteceria se tentasse desapertá-lo. A cara dele estava ficando roxa.

Desapertei_ Fique bonzinho e vai viver mais_ falei.

Ele respirou fundo. Ouvir o ar raspar em sua garganta. Ele tossiu e respirou de novo. Mas ficou parado e não tentou fugir.

Isso era muito bom.

Saímos com o carro. O padre Donavan obedeceu as minhas ordens, sem trapaças nem indecisões. Fomos para o sul pela Florida City e pegamos a estrada Card Sound. Achei que ele ficou nervoso com aquela estrada, mas não se opôs. Não tentou falar comigo. Manteve as mãos na direção, pálidas e tensas, os nós dos dedos estavam saltados. Aquilo também era muito bom.

Fomos para o sul, calados por mais cinco minutos, com exceção do som dos pneus, do vento e da grande Lua lá em cima tocando sua poderosa música nas minhas veias e observador cuidadoso rindo baixo no furioso pulsar da noite.

Vire! repeti, e ele virou num golpe súbito, como se estivesse esperando pela ordem desde

sempre.

Mal dava para ver a pequena estrada suja. Quase era preciso saber que ela existia. Mas eu sabia. Já havia estado lá. A estrada tinha uns dois quilômetros, fazia três curvas na grama aparada e arborizada e seguia um pequeno canal ate o pântano e a clareira.

meio século antes, alguém tinha construído uma casa lá. Ela continuava quase inteira. Era grande. Tinha três quartos e a metade do telhado; estava completamente abandonada há anos.

Menos a velha horta no quintal lateral. Ela indicava ter sido cavada pouco tempo antes.

Pare o carro mandei, quando os faróis iluminaram a casa decadente.

O padre Donavan obedeceu com um golpe brusco do corpo. O medo estava grudado nele, os braços e as idéias estavam duros.

Desligue o carro mandei outra vez, e ele desligou.

De repente, ficou tudo muito silencioso.

Algumas coisas pequenas chilreou numa árvore. O vento soprava com a força da grama.

Depois, mais silêncio, tão grande que quase engoliu o rugido da música noturna dentro do meu eu secreto.

Saia mandei.

O padre Donavan não se mexeu. Estava olhando a horta.

Havia sete montinhos de terra. Pareciam bem escuros a luz da lua. O padre Donavan deve tê-los achado mais escuro ainda. Continuou parado.

Puxei bem o laço, mais do que ele achava que poderia agüentar, mais do que poderia imaginar que fosse acontecer com ele. Arqueou as costas no assento do carro, as veias saltaram na testa e ele pensou que ia morrer.

Mas não ia. Ainda não. Na verdade, faltava um bom tempo.

Abri a porta com um chute e puxei-o atrás de mim, só para ele sentir a minha força. Caiu pesadamente no chão arenoso e serpenteou como uma cobra ferida. O passageiro das trevas riu, gostou e fiz a minha parte. Apoiei a bota no peito do padre e mantive o laço apertado.

Faça o que eu mandar. Tem que fazer expliquei. Inclinei-me e com, cuidado, desapertei o laço_ É importante que saiba disso.

Ele me ouviu. Os olhos estavam vermelhos de medo e dor, escorriam lagrimas pela cara, olhou para mim num lampejo de compreensão e tudo o que ia acontecer estava lá para ele ver. Ele viu. E percebeu como era importante que fosse obediente. Começou a saber.

Levante-se mandei.

Devagar,bem devagar,sempre de olho em mim, ele se levantou. Ficamos assim por um bom tempo, nos olhando, nos transformando numa só pessoa com a mesma necessidade, depois ele tremeu. Levantou a mão quase até a cara e deixou-a cair.

Para a casa eu disse, bem baixo. Na casa, estava tudo pronto.

O padre olhou para baixo. Olhou para mim, mais não conseguia mais ver. Virou para a casa e parou ao ver de novo os montes escuros de terra na horta. Queria me olhar, mais não conseguia, depois de ver de novo aqueles montes escuros iluminados pela lua.

Rumou para a casa e segurei a corda. Caminhou obediente, de cabeça baixa, uma vitima boa e dócil. Subiu os cinco degraus, passou pela varanda estreita e chegou á porta da frente, que estava bem fechada. O padre Donavan parou. Não olhou. Não me olhou.

Entre mandei,com minha suave voz de comando.

O padre tremeu.

Entre repeti.

Mas ele não conseguia.

Passe o braço por cima dele e abri a porta. Empurrei o padre com o pé. Ele tropeçou, endireitou o corpo, entrou, e ficou de olhos bem fechados.

Fechei a porta. Acendi o pequeno abajur de pilha que tinha deixado no chão, ao lado da porta.

Olhe sussurrei.

O padre abriu um olho lentamente e cuidadosamente.

Estremeceu de pavor.

O tempo congelou para o padre Donavan.

Não ele disse.

Sim eu disse.

Ah, não ele disse.

Ah, sim eu disse.

Ele gritou._ NÃÃÃÃO !

Puxei o laço. O grito foi interrompido e ele caiu de joelhos. Soltou um som rouco, úmido e lamentoso, cobriu o rosto._É, está uma grande bagunça, não? _ perguntei.

Mexeu a cara toda para fechar os olhos. Naquele momento, não conseguia olhar, pelo menos do jeito que estava o lugar. Não o culpei, não mesmo, pois estava uma grande bagunça. Fiquei aborrecido de saber que estava assim, já que eu tinha preparado o lugar para ele. Mas ele tinha de ver. Tinha. Não apenas para mim. Não apenas para o passageiro das trevas. Era para ele. Ele tinha de ver. E não estava vendo.

Abra os olhos, padre Donavan mandei.

Por favor ele pediu, num pequeno lamento terrível. Aquilo me deu nos nervos, não devia, era preciso manter um controle gélido, mais me atingiu na cara ao ver aquela confusão no chão e chutei suas pernas por trás. Apertei bem o laço, segurei-o por trás do pescoço com a mão direita e enfiei sua cara no sujo piso de madeira empenada. Havia pouco sangue no chão e isso me deixou mais louco.

Abra, abra os olhos. Abra AGORA. Olhe. Agarrei-lhes os cabelos e puxei sua cabeça para trás._ Faça o que eu mandar. Olhe. Senão eu corto suas pálpebras._ ameacei.

Fui bem convincente. Ele então olhou. Fez o que mandei. Olhou.

Eu tinha me esforçado para fazer direito, mas só se pode usar o que há. Não poderia ter feito nada se eles não estivesse lá há tempo suficiente para secar, mas estavam muito sujos. Eu limpara quase toda a sujeira, mais alguns corpos tinham ficado na horta muito tempo e não dava para saber onde começava a sujeira e terminava o corpo. Na verdade, não se pode dizer, quando se pára de pensar. Tão sujo...

Eram sete, sete pequenos corpos,sete órfãos bem sujos,deitados em tapetes de borracha para banheiro, que são mais limpos e não grudam. Sete linhas retas apontando direto através da sala.

Apontando direto para o padre Donavan, Então, ele entendeu.

Estava prestes a ficar como eles.

_Ave Maria, cheia de graças... _ começou a rezar.

apertei bem o laço.

_Nada disso padre. Agora, não. Agora é para dizer toda a verdade.

Por favor ele pediu sufocando.

É, pode me implorar. Muito bem, melhorou. puxei de novo. _O senhor acha que é só isso, padre? Sete corpos? Eles imploraram?_ Não respondeu. _Acha que são só esses, padre? Só sete? Peguei todos?

Ah, céus ele disse rouco, com uma dor agradável de ouvir.

E nas outras cidades padre? O que dizer de Fayetteville? Quer falar sobre Fayetteville? Ele deu apenas soluços sem palavras. _ E sobre East Orange? Foram três? Ou será que esqueci um? É difícil ter certeza. Eram quatro em East Orange, padre?

O padre Donavan tentou gritar. Sua garganta tinha pouco espaço para um bom berro, mas havia uma emoção real por trás , o que compensou a falta de técnica. Ele caiu de cara e deixei-o choramingar um pouco antes de puxá-lo para cima. Ele estava inquieto e agitado. Perdeu o controle da bexiga e uma baba escorria pelo queixo.

Por favor, eu não consegui me conter, simplesmente não consegui. Por favor, entenda... ele disse.

Eu entendo, padre falei; algo na minha voz era do passageiro das trevas e fez o padre gelar.

Levantou a cara devagar para mim e o que viu nos meus olhos fez com que ficasse bem parado._ Entendo perfeitamente_ insisti, chegando bem perto da sua cara. O suor em seu rosto virou gelo._ Sabe, eu também não consigo me conter.

Estávamos bem perto, quase nos tocando, e a sujeira dele de repente ficou demais. Puxei o laço e chutei seus pés. O padre Donavan se esborrachou no chão.

Más crianças? Eu jamais faria isso com crianças. apoiei minha bota bem limpa na cabeça dele e empurrei com força sua cara no chão. _ Ao contrario de você, padre. Com crianças, nunca. Tenho de achar gente como você.

Quem é você? sussurrou o padre Donavan.

Sou o começo e o fim respondi_ Conheça o seu destruidor, padre._ A agulha estava preparada e enfiei-a em seu pescoço como era para fazer, os músculos rígidos resistiram um pouco, mas o padre Donavan, não. Empurrei o êmbolo e esvaziei a seringa, fazendo com que ele ficasse imediatamente bem calmo. Em poucos instantes, ficou com a cabeça flutuando e virou a cara para mim.

Será que estava me vendo? Será que via as luvas de borracha dupla, os esmerados aventais, a lisa mascara de seda? Será que estava me vendo mesmo? Ou será que aquilo só acontecia na outra sala, a sala do passageiro as trevas, a sala limpa? Duas noites antes, ela fora pintada de branco, varrida, escovada, lavada, completamente limpa. No meio da sala, que estava com as janelas fechadas com grossos emborrachados brancos, sob as luzes no meio da sala, será que ele me viu lá na mesa que eu tinha feito, as caixas de saco de lixo branco, as garrafas de produtos químicos e pequena fileira de serrotes e facas? Será que ele me viu, afinal?

Ou será que viu aqueles sete montes sujos e sabe lá quantos mais? Será que ele viu sem poder gritar, se transformando naquela confusão na horta?

Não devia ter visto, claro. A imaginação não permitia que ele visse como sendo da mesma espécie. De certa forma, ele estava certo. Jamais ia virar aquela porcaria em que ele tinha transformado as crianças. Pois eu jamais faria aquilo, não permitiria. Não sou como o padre Donavan, não desse tipo de monstro.

Sou um monstro bem asseado.

O asseio toma tempo, claro, mas vale a pena. Vale a pena agradar o passageiro das trevas, mantê-lo calmo por mais tempo. Vale a pena fazer tudo direito e limpo. Tirar do mundo mais um monte de porcarias. Mais alguns sacos de lixo bem embrulhados e meu pequeno canto de mundo fica mais asseados, mais feliz. Um lugar melhor.

Eu tinha umas oito horas até ter de ir embora. Precisaria delas para fazer direito.

Prendi o padre na mesa com fita adesiva e cortei suas roupas. Fiz as preliminares rapidamente: barbeei, escovei, cortei tudo o que era sujo. Como sempre, senti a maravilhosa, lenta e longa sensação de alivio ir tomando conta de todo o meu corpo. Aquela sensação iria palpitar dentro de mim enquanto eu trabalhava, aumentando e se apossando de mim até o final, a Necessidade e o padre sendo levados juntos como uma onda que ia se desmanchando.

Exatamente quando ia começar o trabalho duro, o padre Donavan abriu os olhos. Não havia medo, como ocorre as vezes. Olhou bem para mim e mexeu os lábios.

O que disse? Não ouvi avisei, aproximando a cabeça mais um pouco.

Ouvi-o respirar lenta e pacificamente e repetir, antes de fechar os olhos.

Não há de quê disse eu, e pus mãos á obra.

CAPÍTULO 2

Lá pelas quatro e meia da manhã, o padre estava todo limpo. Eu me senti bem melhor. Era sempre assim, depois. Matar faz com que eu me sinta bem. Desfaz os nós do esmerado esquema sombrio do querido Dexter. É um suave relaxamento, um necessário abrir de todas as pequenas válvulas hidráulicas internas. Gosto do meu trabalho, sinto muito se o incomoda.

Ah, sinto muito mesmo. Mais eis ai. E não se trata apenas de um assassinato comum, claro.

Tem que ser feito do jeito certo, na hora certa, com a pessoa certa; é bem complicado ,mais muito necessário.

E sempre meio esgotante. Por isso eu estava cansado, mas a tensão da ultima semana tinha acabado, a fria voz do passageiro das trevas se calou e eu podia voltar a ser eu de novo.

Esperto, engraçado, despreocupado, Dexter morto – por - dentro. Não era mais o Dexter com a faca, Dexter, o vingador. Pelo menos até a próxima vez.

Coloquei todos os corpos na horta outra vez com o novo vizinho e limpei o melhor que pude a casinha decrépita. Levei minhas coisas para o carro do padre e dirigi rumo ao sul para o pequeno canal lateral onde tinha deixado minha lancha, uma Whaler de cinco metros, linhas simples e motor potente. Empurrei o carro do padre para dentro do canal atrás da minha lancha e embarquei. Fiquei olhando o carro afundar e sumir na água. Depois,liguei o motor de popa e saí do canal pela baía na direção norte. O sol estava nascendo e a luz batia nas partes metálicas da lancha. Fiz minha cara mais feliz,eu era apenas mais um pescador madrugador voltando para a casa. Alguém ai aceita um cioba?

Lá pelas seis e meia eu estava em casa,no meu apartamento de Coconut Grove. Peguei a lâmina de vidro no bolso,um vidro simples e limpo,com uma só gota de sangue do padre no meio.Linda e limpa,já seca,pronta para colocar sob meu microscópio quando eu quisesse lembrar. Deixei a lâmina junto ás outras,trinta e seis simples e cuidadosas gotas de sangue bem seco.

Tomei um banho mais que demorado,deixando a água escaldante tirar o resto da tensão,desfazer os nós dos meus músculos e lavar o pouco que sobrava do cheiro pegajoso do padre e da horta da casinha no pântano.

Crianças. Eu devia tê-lo matado duas vezes.

Seja lá o que me faz ser do jeito que sou,deixou um buraco vazio por dentro,incapaz de sentir.

Não parece grande coisa. Tenho certeza de que a maioria das pessoas finge bastante no convívio diário com os outros. Eu apenas finjo completamente. Finjo muito bem e jamais sinto nada, Mas gosto de crianças. Jamais poderia ter filhos,pois não posso nem pensar em sexo.

Imagine fazer aquelas coisas... Como pode? Onde fica a sua dignidade? Mas as crianças são especiais. O padre Donavan merecia morrer. O código de Harry estava cumprindo,junto com o do passageiro das trevas.

La pelas sete e quinze,eu estava limpo outra vez. Tomei café,comi sucrilhos e fui trabalhar.

O prédio onde trabalho é um negocio moderno e grande,branco com muitas vidraças,perto do aeroporto. Meu laboratório fica nos fundos do segundo andar. Tenho um pequeno escritório ao lado do laboratório. Não é bem um escritório,más é meu,um cubículo separado do laboratório principal de hematologia. Todo meu, ninguém pode entrar lá,ninguém divide espaço comigo para bagunçar o meu pedaço. Tem uma mesa com uma cadeira,outra cadeira para visita,se a pessoa não for muito grande. Computador,estante,arquivo. Telefone.

Secretária eletrônica.

Quando entrei,a secretaria estava piscando,prova de que tinha uma mensagem, Recado para mim não é coisa de todo dia. Por algum motivo,pouca gente no mundo tem algo a dizer no horário de trabalho para um perito em analise de borrifos de sangue. Uma das poucas que tem é Deborah Morgan,minha irmã adotiva. Policial,como o pai.

O recado era dela.

Apertei a tecla,ouvi uma musica tejana metálica e a voz de Deborah._ Dexter,por favor,ligue assim que chegar. Estou no local de um crime na trilha Tamiami,no motel Cacique._ Fez-se uma pausa. Ouvi-a tampar o bocal enquanto falava alguma coisa com alguém. Mais um som alto de musica mexicana e ela voltou ao telefone._ Pode vir para cá agora? Por favor, Dex?

Desligou.

Não tenho família. Quer dizer,pelo que sei. Tenho certeza de que em algum canto deve ter gente com o mesmo material genético que o meu. Lastimo por eles. Mas jamais os conheci.

Não tentei conhecê-los e vice – versa. Fui adotado, criado por Harry e Doris Morgan, que sõ os pais de Deborah. Levando em conta o que sou,eles me criaram muito bem, concorda?

Os dois já morreram. Então,Deb é a única pessoa no mundo que dá um tostão para saber se estou morto ou vivo. Por algum motivo que não consigo imaginar,ela prefere que eu esteja vivo. Acho ótimo e ,se eu pudesse sentir alguma coisa por alguém,seria por ela.

Então,fui para onde ela estava. Saí do estacionamento metropolitano de Dade e entrei na rodovia expressa seguinte que me levou para o sul,na parte da trilha Tamiami,onde fica o motel Cacique e centenas de outros similares. De certa forma, é um paraíso. Principalmente se você for uma barata. São filas de prédios que conseguem brilhar e desmoronar ao mesmo tempo. Placas em néon forte em cima de estruturas velhas,esquálidas,podres. Se você não for lá á noite,melhor não ir. Porque ver esses lugares á luz do dia é ver o fim da linha do nosso frágil contrato com a vida.

Toda cidade grande tem uma área como essa. Se um anão mestiço,leproso em estágio avançado,quer transar com um canguru e um bando de adolescentes,vai conseguir lá,alem de arrumar um quarto. Quando terminar,pode levar todo mundo para tomar café cubano e comer

sanduíche medianoche na lanchonete ao lado. Ninguém vai se incomodar,desde que ele dê gorjeta.

Ultimamente,Deborah vinha passando muito tempo nesse lugar. Segundo ela,não eu. Parecia um bom local para ir se você é policial e quer ter mais chance de pegar alguém fazendo algo horrível.

Deborah não via a coisa desse jeito. Talvez por ser do departamento de combate ao jogo,drogas e prostituição. Uma jovem policial bonita trabalhando na trilha Tamiami costuma funcionar de isca com ferrão,ficando na rua com pouca para pegar homens que aceitem pagar por uma transa. Deborah detestava isso. Só conseguia aceitar a prostituição como tema de sociologia. Achava que transar não era problema da lei. E só eu sabia que ela detestava qualquer coisa que acentuasse demais sua feminilidade e seu corpo atraente. Mas ela queria ser policial e não tinha culpa de ser mais parecida com uma garota pôster.

Quando entrei no estacionamento que ligava o motel Cacique com o estabelecimento vizinho,o Tito's café Cubano,vi que o corpo dela estava destacando a beça. Usava um tomara – que – caia justo rosa néon, short de lycra,meias arrastão pretas e sapatos de salto agulha.

Direto da loja de roupas das Hollywood Hookers em terceira dimensão.

Alguns anos atrás,alguém no Departamento Anti - vícios ouviu dizer que os cafetões estavam rindo dos tiras nas ruas porque eram eles que escolhiam as roupas das policiais femininas da operação – ferrão. As roupas mostravam bem as estranhas preferências sexuais deles,mais não pareciam com garota tinha um distintivo e uma arma pochette.

Por causa disso,os policiais do setor passaram a insistir para as policiais disfarçadas usarem suas próprias roupas no trabalho. Afinal,garotas sabem o que fica melhor nelas,não é?

Talvez a maioria saiba. Mas Deborah,não. Ela só se sentia bem de jeans. Você tinha de ver o que ela queria usar no baile de formatura. E agora que Deb estava ali,eu jamais vi uma bela mulher usando roupa tão sexy que ficasse menos atraente.

Mas ela chamava a atenção. Estava controlando a multidão,com o distintivo de policial preso na blusa tomara – que - caia. Era mais visível do que os quinhentos metros de fita amarela que já estava isolando a cena do crime e mais do que os três carros da polícia parados em ângulo, com as luzes piscando. O tomara-que – caia rosa justo brilhava um pouco mais.

Deborah estava na lateral do estacionamento,mantendo a distancia e crescente multidão de peritos de laboratório que iam para a caçamba de lixo da lanchonete. Gostei de não estar metido naquilo. O fedor atravessava o estacionamento e chegava até a janela do meu carro,um cheiro forte de lugar que serve café latino,misturado com fruta podre e carne de porco rançosa.

Eu conhecia o policial que estava na entrada do estacionamento. Ele acenou para mim e entrei.

Deb,que roupa legal,realmente mostra o que seu corpo tem de melhor elogiei,ao dar uma volta por ali.

Foda-se disse ela e ruborizou. Era impressionante ver uma tira corar.

Encontraram o corpo de mais uma puta disse ela._ Pelo menos,acham que é puta. É difícil saber,pelo que sobrou.

É a terceira em cinco meses acrescentei.

Quinta ela me corrigiu._Teve mais duas em Broward. Esses idiotas estão dizendo que,oficialmente,os casos não tem ligação._ Ela balançou a cabeça.

ia precisar de muito mais papel de ocorrência eu disse,tentando ajudar.

Deb mostrou os dentes,como num sorriso._ Que tal entender um pouco do trabalho da polícia? *zombou ela.* Qualquer idiota conseguiria ver que essas mortes têm ligação._ E o corpo dela estremeceu.

Olhei firme para ela,impressionado. Era policial,filha de policial. Não assustava com as coisas.

Quando era novata e os veteranos faziam brincadeira com ela,mostrando os corpos retalhados que aparecem em Miami todos os dias, para que vomitasse o almoço, Deb nem ligava. Tinha visto de tudo. Ia lá,fazia o que tinha de fazer e pronto.

Mas aquela historia a abalou.

Interessante.

Este caso é especial,não? perguntei, _É da minha área, com as putas._ Ela apontou o dedo para mim._ISSO quer dizer que tenho de marcar ponto, virar noticia,assim consigo transferência para o Departamento de Homicídios.

Dei meu sorriso contente._ Ambição, Deborah?

É isso aí confirmou ela._ Quero sair do setor antivícios,não quero mais usar esta roupa sexy.

Quero ir para Homicídios,Dexter,e esse caso pode ser a minha porta de uma entrada,com uma pequena brecha... _Ela fez uma pausa. Depois,disse algo totalmente incrível. _Por favor,me ajude,Dex. Detesto isso.

_Por favor, Deborah? Você pediu por favor? Sabe como isso me deixa nervoso?

_Pare com essa besteira,Dex.

_Mas Deborah,realmente...

_Pare,já disse. Vai me ajudar ou não?

Quando ela colocou desse jeito,com aquele estranho e raro "por favor" balançando no ar,o que eu poderia dizer senão:_ Claro que vou,Deb,você sabe.

Ela me olhou duro,retirando o por favor. _Não sei,Dex. Não sei nada de você.

Claro que vou ajudar, Deb repeti,tentando soar magoado. E,numa boa imitação de dignidade e ofendida,me encaminhei para a caçamba de lixo com o pessoal do laboratório.

Camilla Figg estava engatinhando no lixo,á procura de impressões digitais. Era uma mulher atarracada de 35 anos,cabelos curtos,que jamais reagia aos meus suaves e sedutores gracejos.

Mas,quando me viu,ficou de joelhos no chão,ruborizada,olhou-me passasse e não disse nada.

Parecia que,sempre que me olhava,ela corava.

Ao lado da caçamba,Vince Masuoka estava sentado na embalagem plástica para leite virada para baixo,olhando um monte de resto. Ele era meio japonês e gostava de brincar dizendo que herdou a metade menor. De todo jeito,achava que isso era piada.

Havia algo levemente estranho no sorriso amarelo e brilhante de Vince. Como se tivesse aprendido a sorrir num livro de ilustrações. Mesmo quando fazia as piadas sujas de arrasar tira,ninguém ficava irritado com ele. Também ninguém ria,mas isso não impedia de continuar contando. Fazia todos os gestos rituais corretos,mais parecia estar sempre fingindo. Acho que era por isso que eu gostava dele. Era outro sujeito fingindo ser uma pessoa humana,exatamente como eu.

_ Ei,Dexter,o que houve para você aparecer aqui?_ Vince perguntou,continuando a olhar para baixo.

_Vim ver como os verdadeiros especialistas atuam nu ambiente totalmente profissional. Você

riu algum por ai?_ perguntei.

_Rá,rá_ ele fez. Supostamente,era uma risada,mas foi ainda mais falsa que um sorriso. _Você deve achar que está em Boston._ Ele encontrou alguma coisa,colocou sob a luz e ficou observando,com os olhos meio fechados.

_Falando serio,por que está aqui?

_Por que não,Vince? É uma cena de crime,não? _ devolvi,fingindo estar indignado.

_Você faz exames de borrifos de sangue _ele disse,jogando fora o que estava olhando e procurando outra coisa.

_Eu sei.

Ele me olhou com seu melhor sorriso falso. _ Aqui não tem sangue,Dex.

Fiquei bobo. _Como assim?

_Não há sangue no corpo,nos objetos,nem nas imediações,Dex. Não há sangue algum, A coisa mais estranha que já se viu.

Sangue algum. Ouvi a frase ecoar na minha cabeça,cada vez mais alto. Nenhum pegajoso,quente,confuso,horrível sangue. Nenhuma gota. Nenhuma mancha. NADA DE

SANGUE.

Por que não pensar nisso?

Era como a peça que faltava em algo que não sabia que estava incompleto.

Não pretendo compreender o que tem Dexter a ver com sangue. Só de pensar,me dá uma sensação desagradável e olha que eu,afinal,escolhi essa profissão,estudei,faz parte do meu trabalho. Claro que algumas coisas bem lá no fundo estão acontecendo,mas acho meio difícil me interessar. Sou o que sou e essa não é uma noite ótima para dissecar um matador de crianças?

Mas essa agora...

_Esta se sentindo bem Dexter? _ perguntou Vince.

_Ótimo. Como o assassino fez então? _ perguntei.

_Depende.

Olhei para Vince. Ele observava um punhado de grãos de café,empurrando-os com cuidado com o dedo enluvado. _ Depende de que,Vince?

_De quem ele é e do que está fazendo. Rá rá.

Balancei a cabeça. _ Ás vezes você se esforça muito para se indecifrável. Como o assassino faz com o sangue?

_Difícil responder isso agora. Não encontramos nada de sangue. E o corpo não está em bom estado,então vai ser difícil.

Aquilo não parecia tão interessante. Gosto de deixar o corpo limpo. Nada de confusão,de bagunça,de sangue pingando. Se o assassino era apenas mais um cachorro arrancando carne e osso,aquilo para mim não era nada.

respirei melhor. _ Onde está o corpo? _ perguntei para Vince.

Ele mostrou com a cabeça um lugar a uns dez metros.

_Lá,com LaGuerta.

_Ai,meu Deus,é a LarGueta que está cuidando do caso? _ perguntei.

Ele fez o sorriso falso de novo. _ Sorte do assassino.

Olhei, Algumas pessoas estavam em volta de um monte de sacos de lixo. _Não estou vendo._

eu disse.

_Bem ali. Os sacos de lixo. Cada um tem um pedaço do corpo. Ele cortou a vítima em pedaços,depois embrulhou casa uma como se fosse um presente de Natal. Já viu algo parecido?

Claro que sim.

É assim que eu faço.

CAPÍTULO 3

Existe algo de estranho e frustrante em ver uma cena de homicídio á luz clara do dia em Miami. Parece que os assassinos mais horrendos ficam assépticos,produzidos. Como se você estivesse numa nova e apavorante parte da Disney Word. Terra de Dahmer. Venha passear na geleira dos cadáveres. Por favor,vomite seu almoço apenas nos lugares indicados.

Não é que ver corpos mutilados tenhas alguma vez me incomodado,ah não,longe disso. Me incomodo um pouco com os corpos sujos,quando os assassinos não cuidam direito dos líquidos corpóreos,coisa repelente. Senão,não é pior do que olhar costelas de porco no açougue. Mas,em cenas de crime,principiantes e curiosos costumam vomitar e,por algum motivo,vomitam bem menos aqui que lá no Norte. O sol simplesmente seca a coisa. Limpa,faz com que fique mais asseada. Talvez por isso eu gostei de Miami. É uma cidade tão asseada.

E já era um lindo dia quente em Miami. Quem estivesse usando paletó,estava procurando onde pendurá-lo. Claro que não tinha cabide naquele imundo e pequeno estacionamento.

Havia apenas cinco ou seis carros e a caçamba.

Estava enfiada no canto,perto da lanchonete,encostada num muro rosa com arame farpado em cima. A porta dos fundos da lanchonete abria para lá. Uma garota mal – humorada entrava e saia trazendo café cubano e pasteles para os tiras e peritos. Os tiras de terno e gravata que aparecem nas cenas de homicídios para serem vistos,pressionar ou garantir que sabem o que estava ocorrendo,agora tinha mais coisas para equilibrar. Café,pasteis,paletó.

O pessoal do laboratório não usava terno. Fazia mais o gênero deles usar camisa de boliche com dois bolsos,de malha lustrosa. Eu mesmo estava com uma. Era verde – limão,estampada com tocadores de tambor de ritual de vodu e palmeiras. Estilosa,mais pratica.

Fui na direção da camisa lustrosa mais próxima,no meio das pessoas que rodeavam o corpo. A camisa era de Angel Batista – sem – parentesco,como ele costumava se apresentar. Olá,sou Angel Batista,sem qualquer parentesco com o outro. Trabalhava com o medico-legista.

Naquele momento,estava agachado,olhando nos sacos de lixo.

Fiquei ao lado. Estava louco para olhar no saco de lixo. Qualquer coisa que provocasse uma reação em Deborah valia a pena.

_Angel,o que nós temos ai? _ perguntei.

_Nós quem,cara-pálida? Não tem sangue. Você esta fora da jogada.

_Eu soube. O assassino foi aqui ou só jogaram o corpo? _ perguntei,agachando-me ao lado dele.

Ele balançou a cabeça. _ Difícil dizer. Eles esvaziam a caçamba duas vezes por semana,essa tem uns dois dias.

Olhei o estacionamento e a fachada bolorenta do Cacique. _ E o motel?

Angel deu de ombros. _ Ainda estão conferindo,mas acho que não vão achar nada. Como nas outras vezes,o assassino apenas usou uma caçamba que estava por pero.

Argh ele fez,de repente.

_O que foi?

Ele abriu o saco de plástico usando a ponta de um lápis.

_Olhe esse corte.

Apareceu a ponta de uma perna cortada nas junta,muito branca e totalmente morta á luz forte do sol. A perna terminava no tornozelo,pois o pé havia sido cuidadosamente retirado. Restou uma pequena borboleta de uma asa só tatuada no tornozelo,a outra asa ficou no pé.

Assoviei. Era um corte quase cirúrgico. Aquele cara trabalhava bem,tão bem quanto eu.

Muito limpo reconheci.

E estava mesmo,alem da precisão do corte. Eu nunca tinha visto uma carne morta parecendo tão limpa,seca,asseada. Maravilha.

_Estoy cagando para a limpeza e perfeição. O assassino não terminou o serviço. _avisou.

Olhei por cima dele,mais no interior do saco plástico. Nada se mexia lá. _Para mim,está muito bem terminado,Angel.

_Olhai *ele disse. Abriu um dos outros sacos.* Essa perna foi cortada em quatro partes. Quase como se tivesse medido com uma régua ou algo assim,certo? Essa aqui também _ e apontou para outro tornozelo que tinha me deixado tão admirado. _ E essa ele cortou em dois pedaços só? Por que,hein?

_Não tenho idéia *respondi.* Pode ser que a detetive LarGueta saiba.

Angel ficou me olhando um instante e nós nos esforçamos para não rir. _ Pode ser. Por que você não vai lá perguntar para ela? _ disse,e voltou para o que estava fazendo.

_Hasta luego,Angel _ me despedi.

_Com certeza _ concordou,com a cara virada para o saco plástico.

Alguns anos antes, circulou um boato de que a detetive Maria LaGuerta entrou para o departamento de homicídios porque deu para alguém. Só de olhar para ela é possível acreditar. Ela tem tudo no lugar certo para ser fisicamente atraente de um jeito irado,aristocrático. Uma verdadeira artista na maquilagem e veste-se muito bem,no estilo Bloomingdale's. Mas o boato não pode ser verdade. Para começar,embora pareça muito feminina,jamais vi uma mulher mais macha por dentro. Era dura,ambiciosa da forma mais interesseira e sua única fraqueza parecia ser uma queda por homens tipo modelo,mais jovens que ela. Portanto,eu tinha certeza de que ela não entrou no departamento através de sexo.

Entrou porque é cubana,sabe ser política e puxar saco. Tudo isso junto,em Miami,é melhor do que sexo.

LaGuerta é uma puxa – saco de padrão internacional. Puxou de todo mundo até o alto escalão de investigadores de Homicídios. Infelizmente,trata-se de um oficio em que sua capacidade de seduzir nunca foi exigida e ela era uma péssima detetive.

Isso acontece,a incompetência costuma ser mais recompensada do que se imagina. De todo jeito,sou obrigado a trabalhar com ela. Então,tenho usado meu considerável charme para fazer com que ela fique parecida comigo. É mais fácil do que soa. Qualquer pessoa pode ser atraente,se não se incomoda em fingir e dizer todas as coisas que a maioria diga.

Felizmente,eu não tenho consciência. Por isso,digo tudo.

Aproximei-me do grupinho perto do café;LaGuerta estava interrogando alguém em espanhol,em ritmo alucinante. Falo espanhol,até entendo um pouco cubano. Más só conseguia sacar uma de cada dez palavras dela. O dialeto cubano é o inferno do mundo de língua espanhola. Parece que os cubanos querem competir com um cronômetro invisível e emitir o

Maximo de palavras em três segundo sem usar consoantes.

O truque para acompanhar é saber o que a pessoa vai dizer antes que diga. Isso costuma ajudar o espírito de grupo do qual não – cubanos ás vezes reclamam.

O homem que a detetive estava fritando era pardo,baixo e largo,com feições de índio e estava evidentemente intimidado com o dialeto,o tom da voz e a insígnia da detetive. Tentava não olhar para ela,o que parecia que a fazia falar ainda mais rápido.

_No,nadie estaba afuera *disse ela,baixo ele lentamente,desviando o olhar.* Todos estaban em El café.

Donde estabas? ela perguntou.

O homem olhou para os sacos com pedaços de corpos e desviou o olhar. _En La cocina.

Depués,yo saqué La basura.

(na cozinha,depois trouxe o lixo para fora.) LaGuerta continuou,forçando-o verbalmente,fazendo perguntas erradas num tom de voz que intimidava e humilhava o homem até ele ir esquecendo o horror de achar pedaços de corpo na caçamba e ficar de mau humor,sem querer colaborar.

Aquele interrogatório era um autentico toque de mestre·pegue a principal testemunha e faça com que fique contra você. Se você conseguir resolver o caso nas primeiras horas após o crime,que são vitais,economiza tempo e papel.

Ela terminou com algumas ameaças e dispensou o homem. _ Índio _ xingou,depois que ele saiu andando pesadamente.

_Tem de tudo nesta cidade,detetive. Até campesianos. _ Ela virou-se e percorreu meu corpo com os olhos lentamente enquanto fiquei parado,pensando por que me olhava daquele jeito.

Será que tinha esquecido como eu era? Terminou a inspeção com um largo sorriso. A idiota realmente me apreciava.

_Hola,Dexter. Por que veio para cá?

_Soube que você estava aqui e não consegui ficar longe. Por favor detetive,quando vai se casar comigo?

Ela riu. Os outros funcionários se entreolharam e desviaram o olhar. _ Não compro nem sapato sem antes experimentar *disse LaGuerta.* Mesmo que seja da melhor qualidade. _ Eu tinha certeza de que era verdade,mas não entendi por que ficou me olhando com a língua entre os dentes depois de falar. _ Agora vá indo,você me tira a atenção. Tenho trabalho sério a fazer.

_Eu sei. Já pegou o assassino?

Ela bufou. _ Você parece jornalista. Daqui uma hora aqueles chatos estarão me cercando.

_O que vai dizer para eles?

Ela olhou para os sacos com pedaços de corpo e franziu o cenho. Não porque aquilo a incomodasse. Estava vendo a carreira dela,tentando verbalizar o que declarar á imprensa.

_É só questão de tempo até o assassino cometer um erro e nó o pegarmos...

_O que significa que até agora ele não cometeu nenhum erro,você não tem qualquer pista e precisa esperar ele matar de novo até fazer alguma coisa? _ perguntei.

Ela me olhou duro. _ Esqueci uma coisa:por que é mesmo que eu gosto de você?

Apenas dei de ombros. Eu não tinha pista,mas parecia que nem ela.

_O que temos é nada y nada. Aquele guatemalteco _ fez uma careta na direção do índio que tinha saído_ encontrou o corpo quando trouxe o lixo do restaurante. Não sabia o que eram nesses

sacos e abriu uma para ver se tinha alguma coisa que prestasse. Era a cabeça da vítima.

Ah,como no jogo de esconde - esconde comparei,calmo.

_Ahn?

_nada.

Ela olhou em volta,franzindo o cenho,talvez esperando uma pista pular de repente e ela poder acertá-la como um tiro.

_É isso. Ninguém viu nem ouviu nada. Nada. Tenho de esperar seus amigos nerds terminarem o serviço deles para saber alguma coisa.

_Detetive _ disse alguém atrás de nós . O capitão Mathews surgiu numa onda de loção pós – barba Aramis,o que queria dizer que os jornalistas estavam chegando.

_Olá capitão _ disse LaGuerta.

_Pedi para a policial Morgan manter um envolvimento periférico com este caso _ ela informou. LaGuerta titubeou. _ Como agente disfarça,ela tem fontes na comunidade de prostitutas que podem nos ajudar a agilizar a solução. _ O homem falava com um dicionário.

Eram muitos anos de relatórios escritos.

_Capitão,não sei se precisa fazer isso _ disse LaGuerta.

Ele pestanejou e pôs a mão no ombro dela. Gestão de pessoal é técnica. _ Relaxe,detetive. Ela não vai interferir nas suas prerrogativas de comando. Testemunhas,essas coisas. O pai dela era um ótimo policial. Certo? _ Os olhos dele brilharam e se fixaram em algo do outro lado do estacionamento. Olhei. Era a van do noticiário do canal 7 chegando.

_Com licença _ disse Matthews. Ajeitou a gravata,fez uma cara seria e foi na direção da van.

_Puta _ disse LaGuerta baixo.

Não sei se era uma avaliação da situação como todo,ou se estava se referindo a Deb,mais achei uma boa hora de me escafeder também,antes que LaGuerta lembrasse que a policial puta era minha irmã.

Reencontrei a Deb enquanto Matthews cumprimentava Jerry Gonzales,do canal 7. Na região de Miami,Jerry era campeão do jornalismo se – sangra – é – notícia. Meu tipo de sujeito. Dessa vez, ele ia se desapontar.

Estremeci de leve. Nada de sangue.

_Dexter – Deborah me chamou,ainda tentando parecer uma policial,mais eu tinha certeza de que estava nervosa. _ Falei com o capitão Matthews. Ele vai me deixar continuar neste caso.

_Eu soube,se cuide. _ sugeri.

Ela ficou indecisa. _ O que você quer dizer?

_LaGuerta.

Deborah bufou. _ Ela.

_É,ela mesma. Não gosta de você e não quer que entre na área dela.

_Cabeça – dura. Ela recebeu ordens do capitão.

_Hum,hum. E já passou cinco minutos pensando em como se safar dele. Portanto,se cuide,Debs.

Deb apenas deu de ombros e perguntou:_ o que você descobriu?

Balancei a cabeça. *Nada,ainda. Nem LaGuerta. Mas Vince disse* .. parei. Até falar naquele assunto parecia algo muito secreto.

_Disse o que?

_Uma coisinha,Deb. Um detalhe. Quem sabe o que aquilo quer dizer?

_Se você não dizer o que é,ninguém vai saber,Dexter.

_Parece... que não há sangue no corpo. Sangue algum.

Deborah ficou calada um instante,pensando. Não era uma pausa reverente,como foi a minha. Só pensando.

Certo,desisto,o que quer dizer? perguntou ela,enfim.

_É muito cedo para saber _ considerei.

_Mas você acha que quer dizer alguma coisa.

Queria dizer uma estranha tontura. Queria dizer uma vontade de descobrir mais sobre o assassino. Queria dizer um riso aprovador do Passageiro das trevas,que deveria ter se aclamado após o padre. Mas era meio difícil explicar isso a Deborah,certo? Então eu disse apenas _ pode ser,Deb. Quem sabe?

Ela me olhou duro um instante e deu de ombros. _ Está bem,o que mais?

_Ah,bastante. Foi um trabalho muito bem-feito. Os cortes são quase cirúrgicos. A menos que encontrem alguma coisa no motel, o que ninguém espera,a vitima foi morta em outro lugar e jogada aqui.

_Morta onde?

_Boa pergunta. A metade do trabalho policia é fazer as perguntas certas.

_A outra metade é responder _ acrescentou ela.

_Pois é. Ninguém sabe onde foi morta,Deb. E não tenho todos os dados da pericia...

_Mas começa a desconfiar de alguma coisa _ ela sugeriu.

Olhei-a. Ela também me olhou. Eu tinha sempre um palpite. E certa fama por isso. Meus palpites acostumavam ser muito certos. Como não? Sei como os assassinos raciocinavam. Eu penso igual. Claro que nem sempre acerto. Ás vezes,atiro longe do alvo. Não ficaria bem se acertasse sempre. E eu não queria que os tiras pegassem todos os assassinos em serie.

Senão,qual ia ser meu hobby? Mas aquele caso... para que lado eu devia ir naquela confusão tão interessante?

_Escute,Dexter,você desconfia de alguma coisa?

_Acho que ainda é um pouco cedo _ respondi.

_Bom,Morgan,vejo que você se vestiu para um verdadeiro trabalho policial _ disse LaGuerta atrás de nós. Viramo-nos para ela.

Alguma coisa naquela voz foi como um tapa na cara. Deborah aprumou-se. _

Detetive,descobriu alguma coisa? _ perguntou,num tom de quem já sabia a resposta.

Um tiro bobo. E não acertou. LaGuerta mexeu a mão,distraída. _ São apenas putas _

disse,olhando firme para o decote nos seios da Deb,bem destacados naquele traje de marafona. _ Putas,só. O importante agora é não deixar a mídia ficar histérica. _ Balançou a cabeça lentamente,como se estivesse descrente e olhou. _ considerando o que você consegue fazer com o principio da gravidade,não deve ser difícil. _ piscou para mim e atravessou a área até o capitão Matthews,que conversa muito dignamente com Jerry Gonzales,do canal 7.

Sacana xingou-me Deborah.

_Desculpe,Debs. Você preferia que eu dissesse "vamos mostrar para ela?" Ou acha que seria melhor " Eu não disse para você?"

Ela me olhou fixamente. _ Merda,Dexter. Eu realmente quero achar esse cara.

E quando pensei no sangue algum...

Eu também queria. Eu também queria,realmente achar o cara.

CAPÍTULO 4

Naquela noite,após o trabalho,peguei minha lancha para fugir das perguntas de Deb e pensar no que eu estava sentindo. Sentindo. Eu, sentindo. Que idéia. Embiquei a a Whaler lentamente para fora do canal,num estado zen absoluto,navegando lentamente e passando pelos casarões separados pelas altas moitas e cercas de arame. Fiz uma onda grande girando o leme automático e dei um largo sorriso para os vizinhos e seus jardins arrumadinhos á margem do canal . Crianças brincavam na grama bem cuidada. Mamãe e papai faziam churrasco,relaxavam,ou poluíam as cercas de arame,de olho nas crianças. Acenei para todos.

Alguns até retribuíram. Eles me conheciam,já tinham me visto passar antes,sempre alegre,dando um grande olá para todo mundo. Era um homem tão gentil. Muito simpático.Não consigo acreditar que tenha feito essas coisas terríveis...

Acelerei ao entrar no canal,saí dele e rumei para sudoeste,na direção do cabo Flórida. O vento na minha cara e os borrifos de água salgada ajudaram a clarear as idéias,fizeram com que me sentisse limpo e um pouco mais animado. Ficou bem mais fácil pensar. Em parte,por causa da calma e da paz da água. E em parte porque,na melhor tradição esportiva de Miami,quase todas as outras lanchas pareciam estar querendo me matar. Achei aquilo bem relaxante. Eu me sentia em casa. Este é o país,esta é minha gente.

Passei o dia trabalhando para conseguir poucas informações novas da pericia. Na hora do almoço,o caso foi noticiado em cadeia nacional. Falava do assassinato das putas após a "terrível descoberta" no motel Cacique. O canal 7 prestou o ótimo serviço de apresentar todo o horror histérico dos pedaços de corpo numa caçamba,sem informar nada sobre eles. Como observou espertamente a detetive LaGuerta,as vitimas eram apenas putas,mas,quando o publico começou a pressionar através da mídia,parecia que as vitimas eram filhas de senadores. Assim,o departamento começou a preparar uma longa série de manobras defensivas,sabendo exatamente que tipo de triste baboseira iria sair da brava e destemida infantaria da imprensa.

Deb permaneceu na cena do crime até o capitão ficar preocupado por autorizar muitas horas extras e mandou-a para casa. Ás duas da tarde,ela me ligou para saber o que eu tinha descoberto,que aliás,era pouco. Não encontraram nada no motel. Havia tantas marcas diferentes de pneus no estacionamento que não dava para distinguir nenhuma. Também não havia impressões digitais ou marcas na caçamba,nos sacos de lixo,nem nos pedaços do corpo.

Estava tudo de acordo com as normas de limpeza do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos.

A grande e única pista do dia foi a perna esquerda. Como tinha notado Angel,a perna direita havia sido cortada em determinadas partes:coxa,joelho e tornozelo. Mas a esquerda,não.

Tinha sido cortada só em duas partes e cuidadosamente embrulhada. Rá – rá,concluiu a detetive LaGuerta,mulher genial. Alguém havia interrompido o trabalho do assassino·surpreendeu-o no ato,ele ficou tão assustado que não terminou o corte. Entrou em pânico. Então,LaGuerta concentrou todos os esforços em encontrar essa testemunha.

Havia um pequeno problema com a tese dela de interrupção do trabalho do assassino. Uma coisinha,talvez uma filigrana,mas... o corpo todo havia sido cuidadosamente limpo e embrulhado,provavelmente depois de ser cortado. Então foi levado até a

caçamba,aparentemente com tempo e concentração suficientes para não errar nem deixar pistas. Quase ninguém mostrou isso para LaGuerta ou (maravilha das maravilhas!) será que ninguém mais percebeu? Era possível,pois grande parte do trabalho da policia é de rotina,encaixa detalhes dentro dos padrões fosse completamente novo,a investigação podia acabar parecendo a historia dos três cegos examinando um elefante com lupa.

Mas como eu não era cego,nem padecia de rotina,pareceu-me bem mais provável que o assassino estivesse apenas insatisfeito. Teve bastante tempo para fazer o serviço,mas aquela era a quinta morte no mesmo estilo. Será que estava ficando enfadonha aquela historia de cortar corpos? Estaria o Nosso Rapaz á procura de algo diferente? Uma nova direção,uma súbita virada?

Eu quase conseguia sentir sua frustração. Chegar tão longe,quase no final seccionado as sobras para embrulhar em papel de presente. E,súbito,a conclusão:Não é isso. Tem alguma coisa errada. Coitus interrupts.

Ele não estava mais se satisfazendo com aquilo. Precisava de uma abordagem diferente. Estava tentando dizer alguma coisa e ainda não tinha encontrado as palavras. Na minha opinião(quer dizer,se fosse eu),ele deve ter ficado bem frustrado. E com muita probabilidade de querer uma resposta.

Logo.

Porém,vamos deixar LaGuerta procurar uma testemunha do crime. Não ia encontrar. Aquele era um monstro frio,cuidadoso e totalmente fascinante para mim. E o que eu deveria fazer com a minha fascinação? Não tinha certeza,então me retirei para minha lancha,fui pensar.

Uma lancha Donzim,a uns cento e vinte por hora,cortou a curva que eu estava fazendo,a centímetros de distancia. Acenei,alegre,e voltei ao presente. Estava me aproximando de Stilsville,a mais abandonada coleção de velhas casas sobre palafitas perto do cavo Flórida. Fiz uma grande circulo para lugar nenhum e deixei os pensamentos acompanharem aquele mesmo arco lento.

O que eu ia fazer? Precisava resolver naquele momento,antes de ficar útil demais para Deborah. Poderia ajudá-la a resolver o caso;evidentemente,não havia ninguém melhor que eu.

Ninguém estava sequer indo na direção certa. Mas será que eu queria ajudar? Queria que aquele assassino fosse preso? Queria encontrá-lo e impedi-lo de continuar? Alem do mais (ah,que ideiazinha importuna),será que eu queria pará-lo?

O que fazer?

Á direita,eu via Elliott Key á ultima luz do dia. E,como sempre,lembrei do acampamento que fiz lá com Harry Morgan. Meu pai adotivo. O bom tira.

Você é diferente Dexter.

Sim Harry,não há duvidas que sou.

Mas pode aprender a controlar essa diferença e usá-la de forma positiva.

Certo,Harry. Se você acha. Mas como?

E ele me disse.

Quando você tem cartoze anos e está acampando com seu pai,nenhum lugar tem um céu tão estrelado quando o sul da Flórida. Mesmo que ele seja seu pai adotivo. E mesmo se a visão de todas essas estrelas causa apenas uma espécie de satisfação quem tem nada a ver com emoção. Você não sente. Por isso,em parte,é que você está lá.

A fogueira vai se apagando,as estrelas estão estupidamente brilhantes e o velho e querido pai

adotivo está calado há algum tempo,dando pequenos goles no antigo modelo de garrafinha de bolso que tirou da aba externa da mochila. E ele não é muito bom nisso,não é como tantos outros tiras,isso é,não bebe bem. Mas a garrafinha está vazia e é hora de ele dizer sua parte,se é que um dia vai.

_Você é diferente,Dexter _ diz.

Tiro os olhos do brilho das estrelas. Em volta da pequena e arenosa clareira,a ultima chama da fogueira forma sombras. Algumas passas pelo rosto de Harry. Ele me parece estranho,como eu nunca tinha visto. Decidido,infeliz,um pouco confuso. _ O que você quer dizer,pai?

Ele não me olha. _ Os Billup disseram que Buddy sumiu.

_Aquele chatinho barulhento. Ficou latindo a noite toda. Mamão não conseguiu dormir.

Mamãe precisava dormir,claro. Morrer de câncer exige muito repouso e ela não estava tendo,com aquele horroroso cachorrinho do outro lado da rua latindo com cada folha que voava na calçada.

_Encontrei a sepultura. Tinha um monte de ossos nela,Dexter. Não só do Buddy _ disse Harry.

Nesse ponto,não há muito o que dizer. Com cuidado,pego um punhado de agulhas de pinheiro e aguardo o que Harry vai perguntar.

_Há quanto tempo você vem fazendo isso?

Procuro ver a cara dele,depois olho a praia,do outro lada da clareira. Nosso barco está lá,subindo e descendo calmamente,acompanhando o movimento da água. Á direita,as luzes distantes de Miami formam um suave brilho branco. Não posso imaginar onde Harry vai chegar,o que ele quer ouvir. Mas é meu pai adotivo direto – ao – ponto,Harry costumava achar que a verdade é uma boa idéia. Ele sempre sabe ou descobre.

_Há um ano e meio _ respondi.

Harry concorda com a cabeça. _Porque começou?

Boa pergunta e certamente difícil de responder,aos cartoze anos. _É só... uma espécie de... eu tinha de fazer _ digo. Mesmo nessa época,em que eu era bem jovem,era também bastante calmo.

_Você ouve alguma voz? _ pede Harry.

Ah,uma lua,uma boa e gorda lua,algo maior para se olhar. Pego mais um punhado de agulhas de pinheiro. Minha cara está quente,como se papai tivesse pedido para falar em sonhos sexuais. O que,de certa forma... _ Hum,e meio que,sabe,sinto uma coisa dentro. Me olhando.

Talvez,hum. Rindo? Mas não é bem uma voz,só... _ Um eloqüente dar de ombros de adolescente. Mas parece fazer sentindo para Harry.

_E essa coisa faz você matar.

Lá no alto,um avião a jato,lento e bojudo,atravessa o céu. _ não,hum,não me faz matar,só...

faz com que pareça boa idéia.

_Nuca teve vontade de matar outra coisa? Algo maior que um cachorro?

Tento responder,mas há uma coisa na minha garganta. Pigarreio. _ já _ respondo.

_Uma pessoa?

_Ninguém em particular,pai. Só... _ dou de ombros de novo.

_Por que você não matou?

_É que... achei que você não ia gostar. Você e a mãe.

_Foi só por isso?

_Eu,hum... não queria que você se zangasse comigo. Hum... sabe,ficasse desapontado.

Dou uma olhada em Harry. Ele está me olhando sem piscar. _ Foi por isso que fizemos esta viagem,pai? Para conversar sobre isso?

_Foi. Precisamos fazer com que você se ajuste.

Ajustar,ah sim,uma idéia bem Harry de como se deve viver a vida,com os lençóis esticados como nas camas dos hospitais e os sapatos engraxados. Mesmo nessa época eu sabia que,se precisasse matar alguém de vez em quando,mais cedo ou mais tarde eu ia precisar ser ajustado.

_Me ajustar como? _ perguntei e ele me olha bastante e duro,depois concorda com a cabeça ao ver que eu estava acompanhando passo a passo.

_Bom garoto. Pois é o seguinte. _ E em vez de dizer logo,fica um tempo enorme até falar de novo. Observo as luzes num barco que passa,talvez umas duzentas jardas de distância da nossa prainha. Por cima do ronco do motor,um radio toca barulhenta musica cubana. _ Pois é o seguinte _ Harry repete e viro-me para ele. Mas ele está olhando longe,do outro lado da fogueira que se apaga,lá no futuro,em algum lugar distante. _ É assim _ diz. Ouço atento. É

como Harry fala quando vai dizer a verdade da mais alta importância. Como quando mostrou como atirar uma bola fazendo uma curva e como jogar um anzol com a mão esquerda. _ É

assim _ ele dizia,e era sempre exatamente assim.

_Estou ficando velho,Dexter. _ Esperou que eu protestasse,mais não falei nada e ele concordou com a cabeça. _ Acho que as pessoas vêem as coisas de outro jeito quando envelhecem *concluiu ele* Não é que fiquem mais complacentes,ou que vejam as coisas também podem ser cinzentas,em vez de apenas pretas ou brancas. Eu apenas estou vendo coisas de outro jeito. Melhor _ Olha para mim,o olhar de Harry. Amor firme com olhos azuis.

Certo concordo.

_Se fosse dez anos atrás,eu colocaria você em alguma instituição _ diz, e pestanejo. Essa afirmação quase dói,exceto pelo fato de que eu já tinha pensado nisso. _ mas,hoje,acho que seja melhor,conheço você e sei que é um bom garoto.

_Não _ digo,e a voz sai bem calma e fraca,mas Harry ouve.

_Sim,você é um bom garoto,Dex,eu sei. Eu sei. _ repete ele,firme,quase para si mesmo,decreto para causar efeito,depois gruda os olhos nos meus. _ Senão,você não ia se incomodar com o que eu acho,ou com o que sua mãe acha. Você apenas faria. Não pode evitar, eu sei. Por que...

_ Ele pára e olha para mim um instante. Aquilo é bem desconfortável. _ O que você lembra antes? Quer dizer, de antes de nós ficarmos com você?

Isso continua machucando,não sei por quê. Eu tinha só três anos. _ Não me lembro de nada.

_Certo,ninguém deveria lembrar daquilo. _ E até o fim da vida foi tudo o que ele disse sobre o assunto. _ Mas,mesmo que você não lembre,Dex aquilo teve conseqüências sobre você.

Aquelas coisas fizeram você ser como é. Conversei com algumas pessoas sobre isso. _ E,o mais estranho de tudo,ele me deu um pequeno,quase tímido,sorriso – Harry. _ Eu já esperava. O

que você passou quando era pequeno formou você. Tentei mudar,mas... _ Ele deu de ombros.

_ Era uma coisa forte de mais. Você passou por ela cedo de mais e não vai se livrar. Vai fazer você querer matar. E isso você não pode evitar. Não consegue mudar. Mas _ ele disse,e olhou longe outra vez para ver não sei o que. _ Mas você pode canalizar isso. Controlar. Escolher... _

as palavras eram tão cuidadosas,mais do que eu jamais tinha visto nele _ escolher o que... ou

quem... matar... _ e sorriu para mim como eu também nunca tinha visto,um sorriso tão desolado e seco como as cinzas da nossa fogueira se apagando. _ Tem muita gente que merece morrer ,Dex...

E com aquelas poucas palavras ele formou minha vida inteira,tudo,o meu eu e quem sou. O maravilhoso,onividente,onisciente Harry. Meu pai. Se eu fosse capaz de amar,teria amado muito o Harry.

Isso faz tanto tempo. Harry morreu há anos. Mas as lições que me deu continuavam vivas. Não por causa de qualquer sentimento meu,caloroso e grudento. Mas porque ele tinha razão.

Provei isso várias vezes seguidas. Harry sabia,me avisou certo.

"Tome cuidado",ele disse. E me ensinou a tomar cuidado como só um tira poderia ensinar um assassino.

Escolher com cuidado os que mereciam. Ter absoluta certeza. Depois, limpar tudo. Não deixar pista. E sempre evitar envolvimento emocional, o que pode causar erros.

Claro que tomar cuidado ia alem do assassinato em si. Tomar cuidado queria dizer viver com cuidado também. Compartimentado. Interagir. Imitar a vida.

Tudo isso eu fiz,com todo cuidado. Era um holograma quase perfeito. Acima de qualquer suspeitas,isento de qualquer erro,livre de qualquer erro,livre de qualquer critica. Um monstro limpo e educado , o rapaz da casa ao lado. Até Deborah era enganada quase o tempo todo.

Claro que ela também acreditava no que queria.

No momento,ela acreditava que eu podia ajudá-la a solucionar aqueles assassinatos,alavancar sua carreira,tirá-la daquela roupa sexy á La Hollywood e vesti-la num terninho sob medida. E estava certa,sim. Eu podia ajudar. Mas não queria,porque gostava de ver o trabalho daquele outro assassino e sentia uma espécie de ligação estética com ele,ou...

Envolvimento emocional.

Bom. Pois é. Era uma obvia violação do Código Harry.

Embiquei a lancha de volta para meu canal. Estava totalmente escuro,mas fui me orientando por uma torre de radio situada poucos graus á esquerda das águas do meu cais.

Que seja. Harry sempre esteve certo e o estava mais uma vez. " Não se envolva emocionalmente",ele havia dito. Então,eu não ia me envolver.

Ia ajudar Deb.

CAPÍTULO 5

Na manhã seguinte,chovia e o trânsito estava louco,como fica em Miami nessas ocasiões.

Alguns motoristas dirigiam mais devagar nas estradas escorregadias. Por isso, os outros ficavam furiosos ,grudavam na buzina,berravam pela janela,entravam no acostamento,aceleravam e ultrapassavam mostrando os punhos.

Na subida da LeJene,um enorme caminhão de laticínios entrou roncando pelo acostamento e atingiu uma van cheia de crianças de uma escola católica. O caminhão capotou. Naquele momento,cinco meninas de saia xadrez estavam espantadas,sentadas numa enorme poça de leite. O trânsito ficou quase parado por uma hora. Uma criança foi levada de helicóptero para o hospital Jackson, Outros ficaram de uniforme no meio do leite e olhavam os adultos berrando uns com os outros.

Passei por lá calmamente,ouvindo o radio. Dava a impressão de que a policia estava firme atrás do Carniceiro de Tamiami. Não havia nada de concreto,mas o capitão Matthews concedeu

uma encantadora entrevista. Deu a entender que iria pessoalmente prender o assassino,assim que terminasse de tomar seu café.

Finalmente,saí para o asfalto e acelerei um pouco. Parei numa loja de rosquinha perto do aeroporto. Comprei fatias de maçã fritas e uma rosca,mas acabei com a maçã antes de chegar ao carro. Tenho um metabolismo muito rápido. É porque levo uma boa vida.

Quando cheguei ao escritório,a chuva tinha parado. O sol brilhava e dúbia um vapor do chão;entrei no saguão do prédio,mostrei meu crachá e subi.

Deb já estava me esperando.

Ela não estava com uma cara muito boa naquela manhã. Claro,não existe mais muita cara boa.

Afinal,ela é policia e a maioria não consegue digerir tudo. Passam muito tempo trabalhando,tentando não parecer humanos. Isso os deixa com a cara dura.

_Deb _ cumprimentei,colocando o saco branco da rosca na minha mesa.

_Onde você foi na noite passada? _ ela perguntou.

Bem ácida,como eu esperava. Dentro de pouco tempo aquelas linhas na testa dela iam ficar permanentes,destruindo um lindo rosto·olhos azul – escuro,alertas de inteligência,nariz pequeno e empinado,salpicado de sardas e rosto emoldurado por cabelos negros. Lindas feições,no momento estragadas por uns duzentos gramas de maquilagem barata.

Olhei-a com carinho. Estava claro que vinha do trabalho,usava um sutiã de renda,short de lycra rosa forte e sapatos de salto,dourados. _ Não se preocupe comigo *respondi.* Onde você estava?

Ele enrubesceu. Detestava usar outra coisa que não fosse jeans limpos e bem passados. _

Liguei para você _ ela disse.

Sinto muito eu disse.

_É,ta.

Sentei-me na minha cadeira e fiquei calado. Deb gosta de descarregar as coisas em cima de mim. É para isso que serve a família. _ Por que queria tanto falar comigo?

_Eles estão me excluindo do caso _ ela respondeu. Abriu o saco de rosca e olhou dentro.

_ O que você esperava? Sabe o que LaGuerta acha de você _ comentei.

Ela pegou a rosca e a comeu inteira.

_Espero participar,como o capitão disse que seria _ lembrou ela,de boca cheia.

_Você não tem nenhuma experiência na área,nem é política.

Ela amassou o saco de roscas e jogou-o na minha cabeça. Não acertou. _ Droga,Dexter. Você sabe muito bem que mereço estar no departamento de homicídios. Em vez de ... _ puxou a alça do sutiã e mostrou a roupa sumária. _ Em vez de usar essa porcaria.

Concordei com a cabeça. _ Mas fica bem em você – elogiei.

Ela fez uma cara horrível,de raiva e nojo ao mesmo tempo. _ Detesto esse trabalho,não posso ficar muito mais nesse setor,senão juro que vou endoidar.

_É um pouco cedo para eu ter uma idéia dessa coisa toda,Deb.

Droga ela repetiu. Seja lá o que se ache no trabalho na polícia,o fato é que estava acabando com o vocabulário de Deborah. Ela me deu um olhar frio e duro de tira,o primeiro na vida. Era igual a Harry,os mesmos olhos,o mesmo jeito de procurar a verdade dentro de você. _ Não me sacaneie ,Dex *mandou* Quase sempre ,você só precisa ver o corpo para saber quem foi.

Nunca perguntei como você consegue,mas,se tem alguma idéia desse caso,eu quero saber. _

Ela chutou com força a minha escrivaninha de metal e fez uma pequena marca. _ Droga,quero tirar essa roupa idiota.

_Nós todos íamos adorar,Morgan. _ disse uma voz grossa e falsa atrás dela,na porta. Olhei.

Vince Masuoka sorria para nós.

_Você não ia saber o que fazer,Vince. _ provocou Deb.

Ele aumentou o sorriso,aquele brilhante e falso sorriso de livro didático. _ Por que não experimentamos para saber?

_Só em sonhos,Vince _ Disse Debbie,ficando emburrada como eu não a via desde que ela tinha doze anos.

Vince fez sinal com a cabeça para o saco branco amassado sobre a minha mesa. _ Era sua vez de me trazer uma rosquinha,sabidão. O que você trouxe pra mim? Onde está?

_Sinto muito,Vince,Debbie comeu a sua rosquinha – avisei.

_Que pena, Eu ia comer a rosquinha de geléia dela _ disse Vince,com seu olhar de esguelha imitando esperto.

_Você ,e deve uma rosca das grandes,Dex _ acrescentou.

_A única que você vai ter na vida _ disse Deborah.

_Não é o tamanho que interessa,é a perícia do padeiro _ disse Vince para ela.

_Por favor,vocês vão torcer um lóbulo frontal. Ainda é muito cedo para ser tão inteligente _ falei.

_Rá,rá _ fez Vince,com seu horrível riso falso. _ Rá,rá,rá. Depois a gente se vê. *piscou.* Não esqueça da minha rosca. _ E foi andando para seu microscópio no fundo do corredor.

_E aí,qual foi sua conclusão? _ perguntou Deborah para mim.

Deb achava que toda hora eu tinha um palpite. Havia motivo para isso. Geralmente,meus inspirados palpites tinham a ver com os malucos agressivos que gostavam de pegar algum pobre coitado só para zoar. Varias vezes Deborah viu-me mostrar imediatamente uma coisa que ninguém tinha percebido. Ela nunca disse nada,mais minha irmão é uma porra de uma boa policia,por isso fazia tempo que desconfiava de alguma coisa em mim. Não sabe o que é,mais sabe que tem algo errado e de vez em quando fica uma fera porque,afinal gosta de mim. A ultima coisa viva no mundo que me ama. Isso não quer dizer que eu tenha pena de mim,mas que possuo o mais frio e claro autoconhecimento. Eu sou uma pessoa ingostável. Tentei seguir o plano de Harry e me envolver com outras pessoas,fazer relações e até (nos momentos mais idiotas) gostar de alguém. Mas não funciona. Tem alguma coisa errada ou faltado em mim e,mais cedo ou mais tarde,o outro me pega fingindo,ou vem uma Daquelas Noites.

Não posso nem ter bichos de estimação. Os animais me odeiam. Uma vez,comprei um cachorro e ele passou dois dias latindo e rosnando furiosamente para mim,sem parar,até que me livrei dele. Tentei uma tartaruga. Toquei nela uma vez,o bicho não saiu mais da casca e morreu dias depois. Preferiu morrer a me ver ou ser tocada por mim outra vez.

Ninguém gosta de mim,nem jamais gostará. Nem mesmo,a e principalmente,eu. Sei o que sou e isso não é coisa para ninguém gostar. Sou sozinho no mundo,completamente só,a única pessoa que tenho é a Deborah. E,claro,a Coisa dentro,que não da as caras toda hora para brincar. E que na verdade não brinca comigo,tem que ter mais outra na jogada.

Portanto,eu gosto da querida Deborah como posso. Não deve ser amor,mas fico contente

quando ela está feliz.

E ela estava sentada ali,a querida Deborah,infeliz,mas quase dizendo,como nunca tinha tentado antes.

_Bom,na verdade... _ comecei.

_Eu sabia ! Você TEM alguma coisa !

_Não interrompa o meu transe,Deborah. Estou em contato com o reino espiritual.

_Bota pra fora _ ela mandou.

_É aquele corte que não foi terminado,Deb. Na perna esquerda.

_O que tem?

_LaGuerta acha que alguém surpreendeu o assassino enquanto cortava o vitima,e que o assassino ficou nervoso e não terminou trabalho.

Deborah concordou com a cabeça. _ Na noite passada,ela me obrigou a perguntar duas putas se viram alguma coisa. Alguém deve ter visto.

_Ah,não,você também. Pense,Deborah. Se o assassino parou porque ficou assustado...

Os embrulhos ela deixou escapar. _ Ele ainda passo um bom tempo embrulhando os pedaços,limpando tudo. _ Ela parecia surpresa. _ Droga. Depois disso ele foi interrompido por alguém?

Bati palmas e fiz uma reverência para ela. _ Bravo,senhorita Marple.

_então,não faz sentido.

_Pelo contrario. Se ele tem muito tempo,mas o ritual não é feito adequadamente,qual é a conclusão? Lembre-se,Deb,que o ritual é quase tudo.

_Por que você não responde,pelo amor de Deus? _ ela disse ríspida.

_Que graça teria,se eu respondesse?

Ela expirou com força. _ Droga. Está bem,Dex. Se ele não foi interrompido e não terminou...

Droga. Embrulhar o corpo era mais importante do que cortar?

Fiquei com pena dela. _ Não,Deb. Pense. Essa é a quinta vitima,exatamente igual a todas as demais. Quatro pernas esquerdas cortadas á perfeição. Já a quinta... _ Dei de ombros e levantei uma sobrancelha para ela.

_Ah,droga,Dexter. Como vou saber? Vai ver que ele só precisava de quatro pernas esquerdas.

Talvez... não sei,juro por Deus. O que é?

Eu sorri e balancei a cabeça. Para mim,aquilo estava tão claro. _ O problema é que acabou a emoção,Deb. Alguma coisa simplesmente não vai bem. Não está funcionando. Acabou alguma parte essencial da magia que faz a perfeição.

_Eu tinha de saber isso?

_Alguém devia saber,não acha? Então ela apenas da uma parada,busca inspiração e não encontra.

Ela franziu o cenho . _ Quer dizer que ele parou. Não vai mais fazer isso?

Ri. _ Ai,meu Deus,não,Deb. É exatamente contrario. Se você fosse padre e realmente acreditasse em Deus,mas não achasse um jeito de adorá-lo,o que faria?

_Continuaria tentando até conseguir _ ela respondeu. Olho duro. _ Nossa,é isso que você acha? Ele vai atacar de novo e logo?

_É só um palpite,posso estar enganado _ consertei modesto. Mas tinha certeza que estava certo.

_Devíamos armar um jeito de pega-lo quando atacar. E não ficar procurando uma testemunha

que não existe _ sugeriu ela. Levantou-se e foi até a porta. _ Ligo para você mais tarde. Ciao! _

E se foi.

Dei uma olhada dentro do saco de papel branco. Não tinha sobrado nada. Estava como eu:por fora,limpo e quebradiço;por dentro,nada.

Dobrei o saco e joguei-o na lata de lixo ao lado da mesa. Tinha trabalho naquela manhã,trabalho de laboratório para a policia. Datilografar um longo relatório junto com as fotos condizentes,prova para arquivo. Era coisa de rotina,um homicídio duplo que provavelmente jamais seria julgado,mas gosto de garantir que tudo o que toco fica bem organizado.

Alem do mais,aquele caso tinha sido interessante. Foi muito difícil identificar o borrifo de sangue e quase impossível encontrar onde esguichou o sangue das duas vitimas(que,obviamente,estava se mexendo) e os cortes,que deveriam ter sido feitos por uma motosserra. Para checar a sala toda,tive de usar duas garrafas de Laminou,substância que mostra até a mais leve gota de sangue e custa estupidamente caro,doze dólares cada.

Tive de usar barbantes para conseguir visualizar os ângulos mais simples dos respingos,uma técnica antiga que parece alquimia. A manchas de sangue eram incríveis,vívidas e inúmeras:nas paredes,brilhantes e fatais,nos moveis,televisão,toalhas,cabeceiras,cortinas,um fantástico horror de sangue voador. Até em Miami você ia achar que alguém ouviu que alguma coisa estava acontecendo. Duas pessoas de hotel,mas os vizinhos simplesmente ligaram a tevê.

Você pode dizer que o querido e expedito Dexter gosta do que faz,mas aprecio fazer o serviço completo,quero saber todos os lugares onde o sangue se escondeu. Os motivos profissionais para isso são óbvios,mas não tão importantes para mim quanto os pessoais. Talvez um dia um psiquiatra do sistema penitenciário me ajude a descobrir exatamente por quê.

De todo jeito,os pedaços de corpo estavam bem frios quando chegamos ao local do crime e provavelmente jamais encontraríamos o sujeito de mocassim italiano feito á mão,tamanho 41.

Destro,gordo e com um golpe de mão mortal.

Mas me esmerei e o trabalho ficou bem asseado. Não faço meu serviço para pegar os caras maus. Para quê? Não,faço meu serviço para dar ordens no caos. Para obrigar as sórdidas manchas de sangue a se comportarem adequadamente e depois sumirem. Outros peritos podem usar o meu serviço para pegar os criminosos,acho isso ótimo,mas a mim não interessa.

Se eu não tomar cuidado para ao ser pego,vão dizer que eu sou um monstro sociopata,um doente,um demônio esquisito que não chega nem a ser humano e decerto vão me mandar morrer numa velha elétrica com um choque dado por um sujeito convencido e falso. Se eles por acaso pegarem o Mocassim 41,vão dizer que é um homem mau que ficou assim por motivos sociais,aos quais ele infelizmente não conseguiu resistir,aí ele passa dez anos na prisão e é solto com dinheiro para um terno e um serrote novo.

Todo os dias,no trabalho,entendo Harry mais um pouco.

CAPÍTULO 6

Sexta-feira á noite. Dia de namorar em Miami. E,acredite se quiser,Noite de Namorar para Dexter. Por estranho que pareça,encontrei alguém. O que,o que você disse? Dexter –dando – duro-em - debutantes – damas? Sexo entre os não-mortos? Será que a minha necessidade de imitar a vida chegou a ponto de fingir orgasmo?

Fique frio. Sexo nunca entro na historia. Após anos de horrível constrangimento,desajeitamento e embaraço tentando parecer normal,consegui finalmente fisgar a namorada ideal.

Rita era quase tão perturbada quanto eu. Casou cedo,demais,passou dez anos se esforçando para que desse certo,teve dois filhos. Seu sedutor marido tinha pequenos problemas, Primeiro,a bebida;depois a heroína e,acredite se quiser,finalmente o crack. Batia nela,o animal. Quebrava os móveis,berrava e jogava coisas,fazia ameaças. Depois,violentou-a.

Contagiou-a com algumas doenças horrorosas do lugar onde fumavam crack. Tudo isso seguido e Rita agüentando,trabalhava, internou-o duas vezes em clinicas de recuperação. Até que uma noite ele foi atrás das crianças e Rita finalmente desistiu.

Claro que agora o rosto dela estava direito. Todos os dias os médicos de Miami vêem braços e costelas quebrados. Rita era bastante apresentável,como o monstro queria.

Veio o divorcio,o animal foi preso e aí? Ah,os misteriosos da mente humana. Sabe-se lá por que e com,a querida Rita resolveu namorar de novo. Tinha certeza de que era a coisa certa a fazer,mas,devido as constantes surras dadas pelo homem que ela amava,perdeu todo o interesse por sexo. Queria,talvez,só uma companhia masculina por um tempo.

Procurava o cara certo:sensível,gentil e que aceitasse esperar. Claro que procurou muito.

Estava buscando um homem imaginário,mais interessado em alguém para conversar e ir ao cinema do que para fazer sexo,porque ela simplesmente Não Estava Preparada para Isso.

Eu disse homem imaginário? Bom,é. Porque homens reais não são assim. A maioria das mulheres sabe disso,depois de dois filhos e um divorcio. A coitada da Rita tinha casado cedo e mal demais e foi duro aprender essa lição valiosa. Como subproduto da recuperação do casamento horroroso,em vez de concluir que todos os homens são animais,ela ficou com essa linda imagem romântica de um perfeito cavalheiro que iria esperar indefinidamente até ela se abrir lentamente como uma florzinha.

Bom. Francamente. Talvez um homem assim possa ter existido na Inglaterra vitoriana,quando havia um bordel em cada esquina para ele liberar a pressão ejaculatória em meio a floreadas declarações de amor sem discussões. Mas,que eu saiba,isso não ocorre em Miami do século XXI.

Mas... eu conseguia imitar tudo isso perfeitamente. E queria mesmo. Não tinha interesse em relação sexual. Queria um disfarce e Rita era exatamente o que eu procurava.

Ela era,como eu disse,muito apresentável. Pequena,esperta e impetuosa,um corpo esguio e atlético,cabelos louros curtos e olhos azuis. Era fanática por exercícios físicos e passava todas as horas livres correndo,andando de bicicleta e tal. Na verdade,transpirar era uma de nossas atividades preferidas. Percorremos de bicicleta o Parque nacional de Everglades,fizemos corridas de cinco quilômetros e até levantamos peso juntos.

Mas o melhor eram os dois filhos dela. Astor tinha oito anos e Cody,cinco, e eram muito sossegados. Tinham de ser,claro. Crianças cujos pais estão sempre tentando matar o outro com os moveis tendem a ser meio retraídas. Como qualquer criança criada num clima violento.

Más ás vezes podem se curar,basta ver o meu caso. Quando criança,agüentei horrores sem nome e jamais visto;mesmo assim,eis-me aqui:um cidadão útil,um pilar da comunidade.

Gosto delas.

Elas são importantes para mim. Têm valor.

Para ser franco,não entendo isso. Eu,sinceramente,não me importaria se todas as pessoas do mundo morressem de repente,com provável exceção de mim e,talvez,de Deborah. Os outros têm menos importância para mim do que moveis de jardim. Como dizem os psicanalistas com

tanta eloqüência,não tenho qualquer noção de realidade do Outro. E não me incomodo com o fato.

Mas as crianças... as crianças são outra coisa.

Eu estava "namorando" a Rita há quase um ano e meio e nesse período,lenta e deliberadamente,conquistei Astor e Cody. Eu estava legal. Não ia fazer nada de ruim para eles.

Lembrava a data de seus aniversários,os dias de boletim da escola,das férias. Podia entrar na casa deles e não fazer nada. Era de confiança.

É irônico,mesmo. Mas verdade.

Eu,o único homem em quem eles podiam realmente confiar. Rita achava que isso fazia parte da minha longa e lenta corte. Mostrar para ela que as crianças gostavam de mim e,quem sabe...? Mas,na verdade,os dois eram mais importantes para mim do que a Rita. Talvez já fosse tarde demais,mas eu não queria vê-las crescer para ficarem iguais a mim.

Nessa sexta á noite,Astor atendeu á porta. Estava com uma camiseta que ia até abaixo do joelho com a inscrição RATOS DE TAPETE. Os cabelos ruivos estavam presos em Maria – Chiquinha e seu pequeno rosto parado não tinha qualquer expressão.

_Olá,Dexter _ disse,do jeito calmo-demais. Para ela,duas palavras eram um longo papo.

_Boa tarde,bela jovem *saudei com minha melhor voz de lorde Mountbatten.* Posso observar que você hoje está muito linda?

Certo disse ela,mantendo a porta aberta. *Ele chegou* disse por cima do ombro para a escuridão em volta do sofá.

Passei por ela. Cody estava atrás como se a protegesse,por precaução. *Cody* disse eu,entregando um pacote de biscoito Necco. Ele pegou sem tirar os olhos de mim e abaixou a mão sem olhar o presente. Só ia abri-lo depois que eu fosse embora e dividiria com a irmã.

Dexter? perguntou Rita da outra sala.

_Cheguei. Você não pode educar essas crianças?

_Não _ respondeu Cody,calmo.

Uma piada. Olhei para ele. O que viria a seguir? Será que um dia ele ia ser cantor? Sapatear nas ruas? Discursar na convenção nacional do Partido Democrata?

Rita apareceu,agitada,colocando um brinco de argola na orelha. Pensando bem,ela estava provocante á beça. Usava um vestido de seda azul levíssimo que batia no meio das coxas e,claro,seus melhores tênis de caminhada New Balance. Eu nunca tinha conhecido nem ouvido falar de uma mulher que usasse tênis confortáveis para sair com o namorado. Aquela criatura encantadora.

_Olá lindão *disse ela.* Vou falar com a babá e aí podemos sair. _ Foi para a cozinha,onde deu recomendações para uma vizinha adolescente que ficava com as crianças para ela. A hora em que elas deviam dormir. Como fazer o dever de casa. O que pode ou não pode ver na tevê.

Numero do celular dela. Numero do pronto-socorro. O que fazer em caso de envenenamento ou decapitação acidental.

Cody e Astor continuavam olhando firme para mim.

_Vão ao cinema? _ Astor perguntou.

Concordei com a cabeça. _ Se conseguirmos achar um filme que não faça a gente vomitar.

Argh ela fez,com uma carinha azeda. Vi um pequeno brilho de reconhecimento nos olhos.

_Você vomita em filmes? _ perguntou Cody.

Cody disse Astor.

Vomita? insistiu ele.

_Não,mas em geral fico com vontade _ respondi.

_Vamos. Obedeçam a Alice e,ás nove,vocês vão dormir _ avisou Rita,acenando e abaixando para dar um beijo no rosto de casa um.

_Você volta? _ perguntou Cody.

Cody ! Claro que eu volto reclamou Rita.

Eu estava perguntando para o Dexter Cody explicou.

_Você vai estar dormindo,mas faço um aceno para você,certo? _ prometi.

_Não vou estar dormindo _ disse ele,zangado.

_Então eu fico aqui e jogo baralho com você.

_É mesmo?

_Garantido. Pôquer de gente grande. O vencedor fica com os cavalos.

_Dexter ! *disse Rita,mais sorria.* você vai estar dormindo,Cody. E agora boa noite,crianças. Fiquem direitinho. _ Ela pegou meu braço e me levou para a porta. _ Francamente _ murmurou ela. _ Você faz esses dois comerem na sua mão.

O filme não era nada especial. Não tive vontade de vomitar,mas já tinha esquecido quase o enredo todo quando paramos num lugarzinho em South Beach para tomar um drinque de fim de noite. Idéia de Rita. Apesar de morar em Miami quase a vida inteira,ela ainda achava South Beach era fino. Talvez fosse só por causa dos Rollerblades. Ou vai ver que achava que um lugar tão cheio de gente mal educada tinha de ser fino.

Esperamos vinte minutos por uma mesinha,sentamos e aí esperamos mais vinte pelo garçom.

Não me importei. Gostava de ficar olhando idiotas bem-apessoados se olhando. Um grande esporte para observadores.

Depois,andamos pelo Ocean Boulevard falando abobrinhas,arte na qual sou insuperável.

Estava uma linda noite. Uma esquina não tinha a lua cheia de algumas noites de antes,quando eu tinha pegado o padre Donavan.

Voltamos de carro para a casa de Rita em South Miami,após a nossa saída padrão e passamos pelo cruzamento de uma das regiões menos saudáveis de Coconut Grove. Uma luz vermelha piscando chamou minha atenção e olhei a rua lateral. Cena do crime:a fita amarela já estava isolando a área e vários carros da radio-patrulha estavam estacionados paralelos.

Ele de novo,pensei e sem perceber eu estava entrando com o carro na rua do crime.

Aonde vamos perguntou Rita,como era de se esperar.

_Ah,vou ver se eles precisam de mim.

_Você não tem um bipe?

Dei meu melhor sorriso de sexta á noite, _ Nem sempre eles sabem que precisam de mim.

Eu podia ter parado de qualquer jeito,só para exibir Rita. A maior finalidade de usar um disfarce é ser visto com ele. Mas,na verdade,a pequena e irresistível voz choramingando no meu ouvido faria com que eu parasse de qualquer jeito. Ele,de novo. E eu tinha de ver o que ele tinha feito. Deixei Rita no carro e corri para lá.

O sacana não tinha feito nada de bom,mais uma vez. Era o mesmo conjunto de pedaços de corpo cuidadosamente embrulhados. Angel-sem-parentesco estava inclinado quase na mesma posição em que o deixei na cena anterior.

_Hijo de uma puta _ xingou ele,quando me aproximei.

_Eu não,garanto _ brinquei.

_Todos nós estamos reclamando de trabalhar numa noite de sexta feira. E você aparece com uma namorada,sem,novamente,ter nada para fazer aqui _ reclamou Angel.

_Foi o mesmo sujeito,o meso estilo?

O mesmo. Seco,sem sangue algum disse ele,abrindo o saco plástico com a ponta da caneta.

Aquelas palavras fizeram com que me sentisse levemente tonto. Inclinei-me para da uma olhada. Mais uma vez,os pedaços de corpo estavam incrivelmente limpos e secos. Tinha um tom quase azul e pareciam preservados em seu pequeno e perfeito tempo. Maravilhoso.

_Desta vez,há uma pequena diferença nos cortes _ observou Angel. _ Foram feitos em quatro lugares. Aqui,de uma forma bem desajeitada,quase como se o assassino estivesse muito emocionado. Já aqui,nem tanto. Lá e lá os cortes são de precisão média,não? _ disse ele,apontando.

Muito bem concordei.

Agora olha aqui ele disse. Com o lápis,afastou o pedaço de corpo exangue que estava por cima. Embaixo, outro pedaço brilhava,branco. A carne tinha sido toda retirada com cuidado para mostrar osso limpo.

Por que ele faria isso? perguntou Angel,calmo.

Respirei fundo. _ Está experimentando,tentando achar o jeito certo. _ Olhei para a parte limpa e seca até perceber q Angel me observava fazia tempo.

_É como uma criança brincando com a comida no prato. _ descrevi para Rita,quando voltei para o carro.

Meu Deus,que coisa horrorosa exclamou Rita.

_Acho que a palavra certa é hedionda _ eu disse.

_Como você pode brincar com isso,Dexter?

Dei um sorriso confiante. _ No meu trabalho,você meio que se acostuma,todos nós brincamos para esconder a nossa dor _ expliquei.

_Nossa,espero que peguem logo esse maníaco.

Pensei nos pedaços de corpo cuidadosamente empilhados,a variedade de cortes,a incrível ausência total de sangue. _ Vai demorar.

_O que você disse? _ ela perguntou.

_Disse que vai demorar. O assassino é muito inteligente e a detetive encarregada do caso está mais interessada em fazer política do que resolver crimes.

Ela me olhou para ver se eu estava brincando. Depois,calou-se,enquanto íamos para o sul pela US.1. Só falou quando chegamos a South Miami. _ Eu jamais me acostumaria ver... não sei. O

outro lado? O jeito como as coisas são? Como você vê _ concluiu ela.

Fui pego de surpresa. Eu estava aproveitando o silêncio para pensar nos pedaços de corpo cuidadosamente empilhados que tínhamos acabado de deixar lá. Minha cabeça estava sedenta de curiosidade pelos membros cortados,limpos e secos,como se eu fosse uma águia vendo um naco de carne para arrancar com o bico. A observação de Rita foi tão inesperada que fiquei mudo um instante. _ O que você quer dizer? _ perguntei,por fim.

Ela franziu o cenho. _ Eu... não sei direito. Só que... Nós todos achamos que... as coisas... são de um jeito. São como devem ser? E aí eles nunca são,são sempre mais... não sei. Mais sombrias?

Mais humanas. Como isso. Acho que,claro,o detetive quer pegar o assassino,é para isso que servem os detetives,não? Mas nunca pensei que pudesse haver política envolvida com assassinato.

_Existe praticamente em tudo _ observei. Virei na rua dela e parei na frente da casa limpa igual ás demais.

_Mas você _ disse ela,sem parecer notar onde estávamos ou o que eu tinha dito. _ Você começa num ponto onde a maioria das pessoas jamais terminaria.

_Não sou tão profundo,Rita _ ironizei. Estacionei o carro.

_É como se houvesse duas maneiras de ver as coisas a que nós fingimos que é e que realmente é. Você sabe disso e faz como se fosse um jogo.

Eu não tinha a menor idéia do que ela estava querendo dizer. Na verdade,tinha desistido de entender e,enquanto ela falava,fiquei pensando naquele novo assassinato,na limpeza da carne,na qualidade improvisada dos cortes,na ausência absoluta de pingos de sangue...

_Dexter... _ ela chamou. Pôs a mão no meu braço.

Dei um beijo nela.

Não sei qual dos dois ficou mais surpreso. Não foi realmente uma coisa planejada. E

certamente não por causa do perfume dela. Mas apertei a minha boca na dela e fiquei assim por um longo instante.

Ela se afastou.

_Não,eu... não... Dexter.

Certo falei,ainda chocado com o que tinha feito.

_Acho que eu não quero... não estou preparada para... droga,Dexter. _ ela soltou o cinto de segurança,abriu a porta e correu para a casa.

Oh,meu Deus,o que eu fiz agora? Pensei.

Sabia que devia estar pensando nisso e talvez desapontado por ter acabado de destruir meu disfarce após um ano e meio de dura encenação.

Mas só conseguia pensar naquela pilha de pedaços de corpo.

Sem sangue.

Nenhum.

CAPÍTULO 7

Este corpo este colocado exatamente do jeito que eu gosto. Os braços e as pernas estão presos e a boca está fechada com fita adesiva de forma que vão vai haver barulho nem pingo de sangue na minha área de trabalho. Minha mão está tão firme com a faca que tenho quase certeza de que esse vai ser um caso legal,bem satisfatório...

Só que não é minha faca,é uma espécie de...

Só que não é minha mão Apesar de a minha mão estar se mexendo junto com aquela,não segura a faca. E a sala na verdade é meio pequena,tão estreita,o que faz sentido por que é.. o quê?

Cá estou eu,flutuando sobre esse apertado local de trabalho e seu incrível corpo e pela primeira vez sinto frio em volta,dá impressão de que o frio até entra em mim. Se eu pudesse sentir meus dentes,tenho certeza de que eles estariam batendo Minha mão está perfeita sintonia com aquela outra que se levanta formando um arco e abaixo para dar um, corte perfeito..

Claro que acordo no meu apartamento. De pé, na porta da frente e totalmente nu. Entendo que eu possa ter tido um ataque de sonambulismo,mas tirar a roupa dormindo? Francamente.

Volto aos tropeços para minha cama baixa,de rodinhas. As cobertas estão amontoadas no chão. O ar-condicionado baixou a temperatura para uns quinze graus. Na noite passada, ligar o ar pareceu uma boa idéia,já que eu estava me sentindo meio esquisito depois do que aconteceu com Rita. Ridículo,se tivesse mesmo acontecido. Dexter,o bandido do amor,roubando beijos. Então,cheguei em casa,tomei uma longa chuveirada quente e abaixei totalmente o termostato quando deitei na cama. Não tenho a pretensão de entender o motivo,mas,nos meus momentos mais duros,eu acho frio higiênico. Não só refrescante,mas necessário.

E estava frio mesmo. Frio demais para tomar café e começar o dia em meio aos últimos fios esgarçados do sonho.

Em geral,não lembro dos meus sonhos e,quando lembro,não acho que tenham importância.

Portanto,era ridículo que aquele não me saísse da cabeça.

. .flutuando sobre esse apertado local de trabalho.. minha mão em perfeita sintonia com aquela outra mão que se levantava formando um arco e abaixa para da um corte perfeito. .

Eu li livros. Acho humanos interessantes,talvez porque nunca vá ser um. Portanto,conheço todo o simbolismo dos sonhos:flutuar é uma forma de voar,significa sexo. E a faca...

Já,Herr Doktor. A faca é eine mão,já?

Sai dessa,Dexter.

Não possa de um sonho idiota e sem sentido.

O telefone toca e eu quase pulo dentro de mim.

_Que tal tomar o café-da-manhã no Wolfie's? Eu pago _ convida Deborah.

Hoje é sábado,não vamos conseguir nem entrar eu disse.

Eu chego primeiro e pego uma mesa. Encontro você lá decidio ela.

O Wolfie's,em Miami Beach,era uma tradição na cidade. E,como os Morgan somos uma família de Miami,tomamos os cafés-da-manhã especiais lá,a vida inteira. Não consegui imaginar por que Deborah achou que hoje poderia ser uma dessas ocasiões especiais,mas eu tinha certeza de que ia me explicar. Então,tomei um banho,vesti meu melhor traje esporte de sábado e fui de carro para Beach. O transito estava bom na nova recauchutada estrada McArthur e dali a pouco eu estava educadamente abrindo caminho a cotoveladas em meio á multidão do Wolfie's.

Como prometeu,Deborah tinha se apoderado de uma mesa de canto. Estava conversando com uma antiga garçonete,que até eu reconheci. *Rose,meu amor* cumprimentei me inclinando para beijar seu rosto enrugado. Ela virou-se de cara feia para mim. _ Minha selvagem Rose irlandesa.

_Dexter,dá beijo como os namoraidas _ ela falou,com a voz rouca e o forte sotaque da Europa Central.

_Namoiradas é namorados em Irlandês? _ perguntei,sentando-me.

_Fééé _ disse ela,indo para a cozinha e balançando a cabeça.

_Acho que ela gosta de mim _ disse eu para Deborah.

_Algumas tem que gostar. Como foi seu encontro ontem á noite?

_Bem divertido. Você devia dar uma saída de vez em quando _ sugeri.

_Fééé _ imitou Deborah.

_Não pode passar todas as noites de calcinha e sutiã na trilha Tamiami,Deb. Precisa viver.

_Preciso é mudar de setor. Para homicídios,ai veremos o que é viver _ ela zombou.

Sei. Para os filhos,certamente seria mais interessante dizer " mamãe é de homicídios".

_Dexter,pelo amor de Deus _ ela reclamou.

_É uma idéia natural. Ter sobrinhos e sobrinhas pequenos Morgan. Por que não?

Ela deu um longo suspiro. _ pensei que mamãe tinha morrido _ ela disse.

_Sintonizei no espírito dela através da tortinha de cereja dinamarquesa.

_Bom,então vamos mudar de canal. O que você sabe sobre cristalização de célula?

Pestanejei. _ Opa. Você ganhou de goleada o campeonato de mudar de assunto.

_Estou falando sério.

_Então estou realmente nocauteado,Deb. O que é cristalização de células?

_As células se cristalizam quando expostas ao frio intenso _ ela explicou.

Minha mente se iluminou. _ Isso mesmo,lindo _ eu disse e lá dentro do meu cérebro pequenos sinos começaram a bimbalhar. Frio... limpo e puro frio e a faca quase chia ao cortar a carne morta. Fria limpeza asséptica,o sangue circula mais devagar e inútil,tão corretamente certo e totalmente necessário. Frio. _ como eu não... _ comecei a dizer. Parei ao ver a cara de Deborah.

_Isso mesmo,como? _ exigiu Deb.

Balancei a cabeça. _ Diga antes por que você quer saber.

Ela ficou me olhando por um longo e duro instante e suspirou de novo. _ Você sabe que houve outro assassinato _ disse,por fim.

_Eu sei,passei lá na noite passada.

_Ouvi dizer que você não passou apenas.

Dei de ombros. A região metropolitana de Dade é como uma pequena familia.

_Então o que aquele "isso mesmo" queria dizer?

_Nada *respondi,meio irritado,finalmente* O corpo precisa ter a pele diferente. Como se tivesse ficado num ambiente frio... _ Levantei as mãos. _ É só isso,certo? A quantos graus?

Suficiente para congelar carne. Por que ele faria isso? perguntou ela.

Por que é lindo,pensei. *Porque faz o sangue circular mais devagar* respondi.

Ela me olhou bem. _ Isso é importante?

Dei um suspiro longo e talvez levemente emocionado. Não só eu não poderia jamais explicar aquilo como ela me prenderia se eu explicasse. _É básico _ respondi. Por algum motivo,fiquei sem jeito.

_Por que básico?

_Por que,ah... não sei. Acho que tem a ver com o sangue,Deb. Desconfio que seja porque... não sei,não tenho nenhuma prova.

Ela estava me olhando daquele jeito,de novo. Pensei em falar alguma coisa,não consegui. O Dexter falante e eloqüente estava com a boca seca e sem nada para dizer.

_Droga *disse ela,enfim* É isso? O frio faz o sangue circular mais devagar e isso é básico?

Espera um pouco:que utilidade tem isso,Dexter?

_Não faço nada "útil" antes do café,Deborah. Apenas tiro conclusões corretas _ disse eu,após um enorme esforço para me recuperar.

Droga ela repetiu. Rose trouxe o nosso café. Deborah deu um gole. _ Na noite passada,fui convidada para a reunião das setenta e duas horas _ ela disse.

Bati palmas. _ Maravilha. Você conseguiu. Por que precisa de mim? _ A delegacia metropolitana de Dade tem como estratégia reunir a equipe de homicídios setenta e duas horas após um crime. A detetive e sua equipe conversam com medico - legista e,as vezes,com alguém da promotoria. Assim,fica todo mundo com a mesma informação. Se Deborah foi convidada,era

porque estava no caso.

Ela se zangou. _ Não sou boa para fazer política,Dexter. Sinto que LAGuerta está me excluindo,mas não posso fazer nada.

_Ela continua á procura da testemunha misteriosa?

Deborah concordou com a cabeça.

_Francamente. Mesmo depois do assassinato de ontem?

_Ela diz que isso comprova. Porque os novos cortes estavam terminados.

Mas eram diferentes protestei.

Ela deu de ombros.

_E você disse? _ perguntei Deb desviou o olhar. _ Eu disse e ela que achava perda de tempo procurar uma testemunha,se está obvio que ninguém interrompeu o assassino quando fazia os cortes,que ele apenas ficou insatisfeito.

_Arre,você realmente não entende nada de política.

Bom,dane-se,Dex Duas senhoras na mesa do lado olharam firmemente para ela. Deb não percebeu. _ O que você disse faz sentido. É obvio,mas ela está me ignorando. Tem outra coisa pior.

_O que é pior que ser ignorada? _ perguntei.

Ela enrubesceu. _ Peguei dois policias rindo de mim depois. Tem uma piada circulando a meu respeito. _ Ela mordeu o lábio e olhou para longe. _ Que eu sou Einstein _ completou.

_Acho que não entendi.

_Estão dizendo que,se os meus peitos fossem cérebro,eu seria Einstein _ disse ela,amarga.

Pigarreei em vez de rir. _ É o que ela está espalhando a meu respeito. Esse tipo de porcaria pega depois você não é promovida porque acham que não vai ser respeitada com um apelido desses. Droga,Dex,LaGuerta está acabando com minha carreira _ repetiu ela.

Senti um pequeno ataque de cálida proteção. _ Ela é uma besta.

_Devo dizer isso para ela,Dex? Acha que seria político?

Nossos pratos chegaram. Rose jogou-os na nossa frente como se tivesse sido condenada por um juiz corrupto a servir café-da-manhã para assassinos de bebês. Sorri de orelha a orelha para ela,que sumiu ,resmungando.

Dei uma mordida e pensei no problema de Deborah. Tinha de pensar assim,problema de Deborah. E não "naqueles fascinantes assassinatos". Não " naquele incrível interessante modus operandi",nem "naquele tipo de coisa que eu adoraria fazer um dia". Eu tinha de continuar sem me envolver,mas o fato estava me instigando demais. Até o sonho da noite passada,com aquele frio. Pura coincidência,claro,mas de todo jeito era inquietante.

Esse assassino tinha atingido o cerne do que era matar para mim. Devido ao estilo de trabalho,claro,não pela escolha das vitimas. Tinha de ser impedido,é evidente,não se discute.

Aquelas coitadas das prostitutas.

Mesmo assim... A necessidade de frio... Tão interessante para experimentar um dia. Num lugar bem escuro e estreito...

Estreito? De onde veio essas idéias?

Do sonho,naturalmente. Mas era o mesmo que dizer que o meu inconsciente queria que eu pensasse no assunto,não é? De certa forma,estreito parecia adequado. Frio e estreito...

_Um caminhão frigorífico _ conclui.

Abriu os olhos. Deborah tentou ajeitar a boca cheia de ovos mexidos para perguntar: _ O que?

_Ah,só um palpite. Não é uma conclusão,acho. Mas não faz sentido?

O que faz sentido? ela perguntou.

Olhei meu prato e franzi o cenho,tentando imaginar como aquilo ia funcionar. _ Ele quer um ambiente frio. Para diminuir o sangue e também porque é,hum... mais limpo.

_É o que você diz.

_É. E tem que ser um lugar estreito...

_Por que? De onde saiu esse estreito,droga?

Preferi não ouvir a pergunta. _ Portanto,um caminhão frigorífico serviria. Além disso.ele é móvel,o que facilita bastante jogar o lixo depois.

Deborah mordeu uma rosquinha e pensou enquanto mastigava. _ Então o assassino deve ter acesso a um caminhão desses,ou ser dono de um? _ concluiu,engolindo.

_Hum,talvez. A menos que o assassinato de ontem seja o primeiro a mostrar sinais de frio.

Deborah franziu o cenho. _ Então ele comprou um caminhão?

_Provavelmente,não. Isso ainda é uma experiência para ele. Deve ter sido um impulso de tentar o frio.

Ela concordou com a cabeça. _ E a gente não vai ter tanta sorte de ele ser motorista ou algo assim,não?

Dei meu sorriso feliz de tubarão. _ Ah,Deb. Como você está sagaz essa manhã. Não,acho que nosso amigo é muito esperto para fazer isso.

Deborah deu um gole no café,colocou a xícara na mesa e recostou-se na cadeira. _

Portanto,estamos procurando um caminhão frigorífico roubado _ concluiu ela.

_Acho que sim. Mas quantos devem ter sido roubados nas últimas setenta e duas horas?

_Em Miami? *Ela bufou.* Alguem rouba um,espalha que vale a pena e de repente todo marginal fuleiro,marielito,craqueiro.espertinho,tem que roubar um só para entrar na onda.

_Vamos esperar que a noticia ainda não tenha se espalhado _ eu disse.

Deborah engoliu o resto da rosquinha. *Vou conferir* disse,colocando a mão sobre a mesa e apertando a minha. _ Agradeço muito _ disse ela. Deu dois segundos de um sorriso tímido,indeciso. _ Mas fico preocupada pensando em como você chegou a essa conclusão,Dex.

Eu simplesmente... _ Olhou para a mesa e apertou a mão de novo.

Retribui. _ Deixe a preocupação comigo _ sugeri.

_Você só tem que encontrar o caminhão.

CAPÍTULO 8

Em tese, a reunião das setenta e duas horas da delegacia metropolitana dá tempo para todo mundo tirar uma conclusão e, como o crime foi a pouco tempo,as pistas ainda estão quentes.

Assim, na segunda-feira de manhã, numa sala de reuniões do segundo andar, a nata da e equipe anticrime, liderada pela indomável detetive LaGuerta, juntou-se mais uma vez. Eu também estava presente. Recebi olhares e alguns comprimentos animados dos tiras que me conheciam. Coisa simples, simpática, do tipo: _ Olá, sanguíneo, cadê a gata? _ Essa gente é o sal da terra e daqui a pouco minha Deborah vai ser um deles. Eu me senti orgulhoso e humilde de estar na mesma sala que eles.

Infelizmente, esses sentimentos não eram compartilhados por todos. _ Que porra está fazendo aqui? _ rosnou o sargento Doakes para mim. Era um negro enorme, com um jeito ofendido de

agressividade permanente. Havia nele uma hostilidade fria que devia ser bem útil para alguém com o meu hobby. Pena que não podíamos ser amigos. Por alguns motivos, ele odiava todos os peritos laboratoriais e por alguma razão suplementar isso sempre significou principalmente Dexter. Ele detinha também o recorde da jurisdição de Dade no supino. Assim, avaliou o meu sorriso político.

_Só dei uma passada para assistir,sargento _ expliquei.

_Você não foi convocado para a reunião. Vá se mandando _ ele disse.

_Ele pode ficar, sargento _ LaGuerta avisou.

Doakes ficou sério e perguntou: _ Pra que,droga?

_Não quero dar problemas para ninguém _ garanti ,indo para a porta sem muita convicção.

_Está tudo certo _ disse LaGuerta virando-se para Doakes. *Ele pode ficar* repetiu.

_Ele me dá coceira _ resmungou Doakes. Comecei a gostar do cara. Claro que eu dava coceira nele. A única pergunta a fazer era: por que,numa sala cheia de tiras,só ele tinha a capacidade de ter coceira com minha presença?

_Vamos começar _ informou LaGuerta,estalando o chicote delicadamente para não deixar duvidas de quem mandava no pedaço. Doakes se largou na cadeira fazendo uma ultima carranca para meu lado.

A primeira parte da reunião era de rotina: relatórios,jogadas políticas e todas aquelas coisinhas que nos fazem humanos. Pelo menos, aqueles que são humanos. LaGuerta resumiu o que os policiais eu lidavam com a imprensa podiam divulgar ou não. Na parte do que podiam, estava uma foto brilhosa dela, tirada para a ocasião. A pose era seria e, ao mesmo tempo, sedutora; energética, mas elegante. Quase dava para vê-la sendo promovida a tenente. Seria bom se Deborah ao menos tivesse esse tipo de esperteza para fazer relações publicas.

Levou mais de uma hora para chegarmos aos assassinatos em pauta. Finalmente, LaGuerta perguntou sobre as buscas para encontrar a misteriosa testemunha. Ninguém tinha nada a informar. Fiz um esforço para demonstrar estranheza.

LaGuerta franziu o cenho para todos,como quem está no comando. _ Vamos, pessoal. Mas ninguém descobriu e fez-se uma pausa enquanto as pessoas examinavam as próprias unhas, o chão, o revestimento acústico do teto.

Deborah pigarreou. _ Eu, hum *disse,e pigarreou de novo* Eu, tive,hum,uma idéia. Uma idéia diferente. Tentar uma direção um pouquinho diferente. _ Falou como se estivesse citando alguém e estava mesmo. Todo o meu cuidadoso trabalho de técnico não conseguiu fazer com que ela parecesse natural ao falar, mas tinha pelo menos usado a minha cuidadosa frase politicamente correta.

LaGuerta levantou uma sobrancelha perfeitamente artificial. _ Uma idéia? É mesmo? _ Fez uma careta para mostrar como estava surpresa e encantada. _ Por favor, conte-nos policial Eins...,quer dizer,policial Morgan.

Doakes deu uma risadinha silenciosa. Que sujeito sedutor.

Deborah enrubesceu, mas continuou. _ A, hum, cristalização de célula na ultima vitima. Eu gostaria de ver se há registro de algum caminhão frigorífico roubado nas ultimas semanas.

Silêncio. Enorme e mudo silêncio. Um silêncio bovino. Eles não entenderam, os burros, e a Deborah não estava fazendo com que entendessem. Deixou o silêncio aumentar, silêncio que LaGuerta temperou com um lindo franzir de cenho e um olhar intrigado pela sala para ver se

alguém estava acompanhando o raciocínio,seguido de um olhar cortês para Deborah.

_Caminhões... frigoríficos? _ perguntou LaGuerta.

Deborah parecia completamente confusa,a coitadinha. Não era uma garota que gostava de falar em público.

Isso mesmo confirmou.

LaGuerta deixou a frase no ar,se deliciando. _ Hum hum _ fez.

Deborah ficou com uma expressão sombria,o que não era bom sinal. Pigarreei e, como isso não causou efeito algum, tossi alto para lembrá-la de ficar calma. Ela olhou para mim.

LaGuerta também. _ Desculpem, acho que estou pegando um resfriado _ expliquei.

Será que alguém pode ter um irmão mais legal?

_Hum,resfriado *Deborah deixou escapar,agarrando minha deixa.* Um veículo frigorífico poderia causar esse tipo de dano ao tecido do corpo. E,sendo móvel,seria mais difícil de capturar,alem de facilitar bastante para o assassino se livrar do corpo. Então, hum,se tivesse sido roubado um,quer dizer,um caminhão... frigorífico... pode nos dar uma pista.

Bom,o principal foi isso e ela parou por ai. Dois ou três cenhos franziram na sala. Eu quase conseguia ouvir as cabeças pensando.

Mas LaGuerta apenas concordou com a cabeça. _ É uma idéia... interessante, policial. _ Deu menos ênfase á palavra policial para nos lembrar que aquilo era uma democracia, onde todos tinham direitos a se manifestar, mas aquela idéia,francamente... _ Porem, continuo achando que nossa melhor meta é encontrar a testemunha. Sabemos que ela existe. _ Deu um sorriso politicamente discreto. *Ou ele* corrigiu, mostrando que era sagaz. _ O fato é que alguém viu alguma coisa. Sabemos pela prova. Portanto, vamos nos concentrar nisso e deixar as filigranas para a delegacia de Broward apurar, certo? _ Calou-se, esperando um risinho soar pela sala. _

Mas, policial Morgan, gostaria que continuasse em contato com as prostitutas. Elas conhecem você.

Puxa, a mulher era boa de bola. Tinha impedindo que qualquer pessoa pensasse na idéia de Deb,colocou-a no lugar e uniu a equipe em torno de si com a piada sobre nossa rivalidade com a delegacia do condado Broward. Tudo isso em poucas palavras. Tive vontade de aplaudir.

Exceto, claro, pelo fato de eu ser do time da pobre Deborah,que tinha acabado de ser arrastada. Ela abriu a boca e a fechou, vi os músculos maxilares se contraírem enquanto ela fazia uma cara de Tira Neutro. De certa forma, um bom desempenho,as não chegava aos pés de LaGuerta.

O resto da reunião foi sem incidentes, Não havia mesmo nada a dizem além do que foi dito.

Assim, logo após o golpe de mestra de LaGuerta, a reunião terminou e voltamos para o corredor.

_Maldita *xingou Deborah,baixo.* Maldita, maldita, maldita "

_É mesmo _ concordei.

Ela olhou para mim. _ Obrigada, irmão. Sua ajuda valeu.

Levantei o cenho para ela. _ Mas combinamos que eu ficaria fora da historia para você receber credito.

Ela foi ríspida:_ Credito. Ela me faz de idiota.

_Com todo respeito, querida irmã, você é quem fez um acordo com ela.

Deborah olhou para mim,desviou o olhar e jogou as mãos para o ar, frustrada. _ O que eu

podia falar? Nem sou da equipe. Fiquei na reunião porque o capitão disse que tinham de deixar.

_Mas ele não disse que as pessoas tinham também de ouvir sua opinião _ observei.

_Não têm de ouvir, nem vão _ disse ela,amarga.

_Em vez de fazer-me ir para o setor de homicídios,isso vai arrasar com a minha carreira. Vou acabar cuidando de parquímetros,Dexter.

_Existe uma solução, Deb _ eu disse,e o olhar que ela me deu tinha só um terço da esperança.

_Qual é?

Sorri o meu mas simpático e provocante este não-é-um-sorriso-de-tubarão. _ Encontre o caminhão _ disse eu.

Passaram-se três dias até eu saber da minha querida irmã adotiva outra vez,um longo tempo para ela ficar sem falar comigo. Na quinta-feira, foi ao meu escritório logo depois do almoço, parecendo aborrecida. *Achei* disse e eu não sabia a que ela se referia.

_Achou o que, Deb? A fonte da irritação?

_ O caminhão. O caminhão frigorífico.

_Mas isso é uma grande noticia. Por que está com cara de quem quer pisar no pé de alguém?

_Porque estou mesmo *disse ela e espalhou umas cinco folhas na minha mesa* Olhe isso.

Peguei uma folha e olhei no alto. _ Ah, são quantos, no total? _ perguntei.

_Vinte e três. No ultimo mês, houve vinte e três boletins de ocorrência de roubo de caminhões frigoríficos. Os caras do transito dizem que a maioria aparece em canais, onde são jogados para receber seguro. Ninguém se esforça muito em encontrá-los. Então, ninguém este se incomodando com esses, nem vai se incomodar.

_Seja bem vinda a Miami _ ironizei.

Deborah suspirou, pegou os boletins e desabou na minha cadeira extra como se tivesse perdido todos os ossos do corpo. _ Não posso checar sozinha. Levaria meses. Droga,Dexter. O

que fazemos? _ ela perguntou.

Balancei a cabeça _ Lastimo Deb, mas agora temos de esperar.

_Só isso? Esperar?

_Só.

E assim foi. Por mais duas semanas. Esperamos, até que...

CAPÍTULO 9

Acordei molhado, sem saber direito onde estava, mas com absoluta certeza de que ia haver outro assassinato. Em algum lugar não muito longe, ele estava à procura da próxima vitima, se esgueirando pela cidade como um tubarão dando voltas num recife de areia. Eu tinha certeza que quase ouvia o barulho da fita adesiva sendo rasgada. Ele estava lá, atendendo ao passageiro das trevas dele e falando com o meu. No sonho, eu estava com ele, um peixe-chupador fantasma nadando em grandes e lentos círculos.

Sentei-me na minha caminha e tirei as cobertas enroscadas. O relógio de cabeceira marcava três e catorze da manhã. Fazia quatro horas que eu tinha ido dormir e a impressão era que passe esse tempo todo andando pela selva carregando um piano nas costas. Estava suado, cansado e burro, incapaz de pensar em nada, a não ser na certeza de que aquilo estava acontecendo em algum lugar sem minha presença.

Era evidente que não ia mais conseguir dormir. Acendi a luz. Minhas mãos estavam úmidas e trêmulas. Enxuguei-as no lençol, não adiantou. Também estavam úmidos. Fui aos tropeços lavar

as mãos no banheiro. Deixei-as embaixo da torneira aberta. A torneira soltou um jato morno na temperatura ambiente. E por um instante fiquei lavando as mãos em sangue e a água avermelhou; só por um segundo, na penumbra do banheiro, a pia ficou cor de sangue.

Fechei os olhos.

O mundo andou.

Eu queria me livrar daquela ilusão de luz e da minha cabeça meio adormecida, depois abra e essa impressão vai acabar, eu veria apenas água normal na pia. Mas fechar os olhos foi como abri-los para um novo mundo.

Estava de novo no sonho, flutuando como uma lâmina de faca sobre as luzes do Biscayne Boulevard, voando frio e certeiro, atingindo o meu alvo e...

Abri os olhos de novo. A água na pia era apenas água.

Mas quem era eu?

Balancei a cabeça com força. Fica firme, meu velho, não tem nenhum Dexter lá no final, por favor. Respirei fundo e me espreitei no espelho. Estava com a cara que eu achava que tinha.

Feições muito bem formadas. Olhos azuis, calmos e irônicos, numa imitação perfeita de vida humana. Exceto que meus cabelos estavam em pé como os de Magro ônus filmes com o Gordo, não havia qualquer sinal de que alguma coisa tivesse acabado de passar pela minha cabeça semi-adormecidas e arrancada do sono.

Fechei os olhos de novo, com cuidado.

Escuridão.

Simples e pura escuridão. Sem voar, sem ver sangue, sem luzes da cidade. Só o velho e bom Dexter de olhos fechados na frente do espelho. Abri os olhos. Olá, meu caro rapaz, que bom que voltou. Mas por onde, diabos, você andou?

Essa, naturalmente,era a questão. Passei a vida inteira sem ser incomodado por sonhos e alucinações. Nenhuma visão do apocalipse, nenhum problema ícone junguiano irrompendo, nenhuma imagem recorrente passando pela historia do meu inconsciente. Nada que assuste no sono de Dexter. Quando durmo, tudo em mim dorme também.

Então, o que está havendo? Por que essas imagens ficam aparecendo?

Lavei o rosto e penteei os cabelos. Claro que isso não respondeu ás perguntas, mas me senti um pouco melhor. Será que as coisas iam piorar se eu estivesse com o cabelo arrumado?

Na verdade, eu não sabia. As coisas podiam ficar ruins á beça. Eu podia estar ficando maluco. E

se eu estivesse enlouquecendo aos poucos há anos e esse novo assassino tivesse apenas detonado o mergulho final na loucura completa? Como medir a relativa sanidade de uma pessoa como eu?

As imagens pareciam reais em todos os sentidos. Mas não podia ser eu, pois não saí da minha cama. Mesmo assim, exausto,eu quase sentia o gosto de água salgada e o cheiro de perfume barato no Biscayne Boulevard. Completamente real... e não era esse um dos sinais de loucura,quando os delírios se inserem na realidade? Eu não sabia responder, nem tinha como.

Claro que conversar com um psicanalista estava fora de cogitação; o coitado ia morrer de susto e considerar questão de honra me internar em algum canto. Certamente eu não podia argumentar sobre a sensatez dessa idéia. Mas, se estava perdendo o controle da minha sanidade mental do jeito que eu tinha construído, o problema era só meu e a primeira parte dele era não

ter como saber direito.

Embora, pensando bem,houvesse um jeito.

Dez minutos depois,eu estava no carro na Dinner Key. Dirigia devagar, já que não sabia bem o que estava procurando. Aquela parte da cidade estava adormecida, como sempre foi. Algumas pessoas ainda percorriam a paisagem de Miami: turistas que tinha tomado muito café cubano e agora não conseguiam dormir. Gente de Iowa á procura de um posto de gasolina.

Estrangeiros indo para South Beach. E os vândalos, claro: assassino,ladrões,viciados em crack, vampiros, fantasmas e monstros variados como eu. Mas naquela região, àquela hora, eram poucos. Aquela era a Miami deserta, a mais deserta possível, um lugar que ficava solitário devido ao fantasma da multidão do dia. Era uma cidade que tinha se resumido a um mero campo de caça, sem os alegres disfarces do sol e das camisetas coloridas.

Assim, fui á caça. Naquela noite, olhos me seguiam e desviavam de mim quando eu passava sem reduzir a velocidade. Fui à direção norte, atravessei a velha ponte levadiça rumo ao centro de Miami, ainda sem saber o que estava procurando e sem ver o que era... mesmo assim, por alguma desconfortável razão, tinha certeza absoluta de que ia descobrir, que estava na direção certa,que aquilo estava me esperando lá na frente.

Logo depois do Omni, a noite ficava mais animada. Havia mais movimento, mais coisas para ver. Berrando nas calçadas, a musica estridente entrava e saía pela janela dos carros. As garotas da noite estavam aos bandos pelas esquinas, rindo entre si ou olhando vazio para os carros que passavam. Os carros diminuíam a marcha para retribuir e seus ocupantes davam um olhar estúpido para as roupas e as partes das garotas que estavam descobertas. Dois quarteirões além, um Corniche novo parou e imediatamente um grupo delas saiu das sombras da calçada e veio para a rua,cercando o carro. O trânsito ficou meio engarrafado e os carros buzinavam. A maioria dos motoristas parou um instante, satisfeitos de olhar, mas um caminhão impaciente deu a volta no aglomerado de carros na direção da ilha para pedestres seguinte.

Um caminhão frigorífico.

Isso não é nada, pensei. Só pode ser entrega noturna de iogurte e salsichas de porco para o café-da-manhã, com frescor garantido. Ou um carregamento de garoupas sendo levado para o norte ou para o aeroporto. Caminhões frigoríficos passam por Miami sem parar, até de noite, como naquele momento... Era só isso, mais nada.

Mas acelerei. Passei pelos carros, entrei e saí do trânsito. Fiquei a três carros do Corniche e seu motorista sitiado. O transito parou. Olhei lá na frente o caminhão. Ia correndo para Biscayne, avançando vários sinais luminosos. Eu o perderia de vista se ficasse muito para trás. E de repente eu não queria perdê-lo de maneira alguma.

Esperei uma brecha no trânsito e rapidamente entrei na ilha para pedestres seguinte. Fiquei perto do Corniche, acelerei e me aproximei do caminhão. Tentei não ir depressa demais para não ser notado, mas aos poucos fui reduzindo a distância entre nós. Ele estava a três sinais luminosos de distância, depois a dois.

Aí,o sinal luminoso dele fechou e, antes que eu pudesse me alegrar e sair rápido, o meu também fechou e parei. Notei com alguma surpresa que estava mastigando o lábio. Estava tenso, eu, Dexter, o cubo de Gelo. Estava sentindo uma ansiedade humana, desespero, estresse emocional. Queria chegar naquele caminhão e ver eu mesmo, ah, como eu queria pôr a mão na carroceria, abrir a porta da cabine, olhar lá dentro...

E depois? Prendê-lo sozinho? Levá-lo pela mão até a querida detetive LaGuerta? Veja o que eu consegui? Posso ficar com ele? O inverso era possível, ou seja, ele ficar comigo. Ele ia á toda e eu apenas corria atrás como um irmãozinho desesperado. E por que eu estava fazendo aquilo?

Será que queria só provar a mim mesmo que ele estava ali realmente e eu não estava louco? E, se não estava louco, como sabia? O que se passava na minha cabeça? Talvez ficar louco fosse uma solução mais agradável, afinal.

Um velho atravessou a rua arrastando os pés na frente do meu carro, num andar incrivelmente lento e doido. Fiquei observando, encantado, como deve ser a vida quando se vai tão devagar, depois olhei na frente o caminhão frigorífico.

O sinal luminoso dele tinha aberto. O meu continuava fechado.

Ele acelerou rápido para o norte, no maximo do limite de velocidade, com as luzes traseiras diminuindo enquanto eu olhava, esperando o meu sinal mudar.

Mas me recusei a esperar, Rangendo os dentes *firme, Dex* avancei o sinal,quase atropelando o velho. Ele não olhou, nem parou.

O limite de velocidade nesse trecho do Bicayne Boulevard era se sessenta quilômetros. Em Miami, isso significa que, se você for a menos de oitenta, os outros motoristas jogam você para fora da estrada. Reduzi para cem, ziguezagueando pelo trânsito calmo, louco para encurtar a distância. As luzes do caminhão piscaram quando ele fez uma curva (ou será que entrou em alguma rua?). Passei para cento e vinte roncando, fiz a volta para o elevado da rua 79 na esquina do Mercado Publix e entrei direto,procurando desvairadamente o caminhão.

E vi. Ali, na minha frente...

E vindo na minha direção.

O sacana tinha voltado. Será que viu que eu estava na cola dele? Sentiu o cheiro do meu escapamento? Não importa, era ele, o mesmo caminhão sem duvidas e, quando passei por ele, pegou o elevado.

Entrei no estacionamento de um shopping, reduzi a velocidade, virei e acelerei de volta para o Biscayne Boulevard, agora para o sul. Menos de um quarteirão depois, entrei no elevado também. Lá longe, na frente, perto da primeira ponte, vi as luzinhas vermelhas da traseira piscando, zombando de mim. Apertei o acelerador e segui.

Ele estava na subida da ponte, tomando velocidade, mantendo a mesma distancia entre nós. O que significava que devia saber que estava sendo seguido. Acelerei um pouco mais, fiquei mais perto, aos poucos, um pouco mais.

Ele então sumiu na curva no alto da ponte e pela lateral, em alta velocidade na direção de North Bay Village. Aquela era uma região muito bem policiada. Se ele corresse demais, seria visto e teria de parar no acostamento. E então...

Eu estava no alto da ponte e á minha frente...

Não tinha nada.

A estrada estava vazia.

Reduzi a marcha e, do alto da ponte, olhei para todos os cantos. Vinha um carro na direção contraria, mas não era o caminhão, apenas um Mercury Marquis de pára-lama amassado.

Desci a ponte.

No final dela, ficava North Bay Village, que depois do elevado bifurcava em duas áreas residenciais. Atrás de um posto de gasolina á esquerda, uma serie de condomínios e prédios de

apartamentos formava um pequeno círculo. Á direita, casas pequenas,mas caras. Nada se mexia em nenhum dos lados. Não havia luzes acesas, nem sinal de nada, fosse trânsito ou gente.

Lentamente,passei pela cidadezinha. Vazia. Ele tinha sumido. Numa ilha de uma rua só, ele tinha sumido de mim. Mas como?

Fiz a volta, entrei no acesso á estrada e fechei os olhos. Não sei por que, talvez esperasse ver alguma coisa outra vez.

Mas só o que vi foi escuridão e pequenos pontos brilhantes dançando nas minhas pálpebras.

Estava cansado. Me sentia idiota. Sim, eu, o distraído Dexter, tentando ser o Menino Maravilha, usando meus grandes poderes psíquicos para localizar o gênio do mal.

Perseguindo-o na minha envenenada viatura do crime. E era bem provável que ele fosse apenas um entregador de mercadorias ligado em participar de um pega de macho com o outro único motorista na estrada aquela noite. Uma coisa de Miami, que ocorria diariamente com todos os motoristas da nossa linda cidade. Vem, você não consegue me pegar. Depois, o dedo levantado, mostra a arma e vrum-vrum, voltar ao trabalho.

Era apenas um caminhão frigorífico que agora estava correndo por Miami Beach com o radio estrondando na estação de Heavy Metal. E não o assassino que eu procurava, não havia qualquer misteriosa ligação NE fazendo pular da cama e atravessar a cidade no meio da noite.

Pois aquilo era idiota demais para se colocar em palavras e mais idiota ainda para o Dexter sensato e sem coração.

Encostei a cabeça no volante do carro. Que maravilha ter uma experiência humana tão verdadeira. Agora eu sabia como era se sentir um idiota completo. Ouvi o sino na ponte levadiça tocar lá longe, avisando que a ponte ia ser içada. Ding ding ding. O alarme na minha inteligência com validade vencida. Bocejei. Hora de ir para a casa, voltar para a cama.

Atrás de mim, ligaram um carro. Olhei.

Ele surgiu rápido fazendo uma volta fechada por trás do posto de gasolina ao lado da ponte.

Passou por mim derrapando e ainda acelerando e,á janela que passou rápida,vi um rosto duro e selvagem na direção. Abaixei a cabeça. Alguma coisa fez um baque surdo na lateral do meu carro, daqueles que deixam um amassado caro de consertar. Esperei um instante, só por precaução. Depois, levantei a cabeça e olhei. O caminhão ia rápido, atravessou a barreira da ponte levadiça quando ela começava a subir e foi para o outro lado sem dificuldade, enquanto o controlador da ponte metia a cabeça para fora da cabine e berrava. O caminhão então desapareceu do outro lado da ponte, de volta para Miami, distante do outro lado daqueles espaços que aumentava á medida que a ponte subia. Sumiu totalmente como se nunca tivesse existido. E eu jamais saberia se aquele era o meu assassino ou apenas mais um idiota normal de Miami.

Saí do carro para ver o amasso na lataria. Era grande. Olhei em volta para ver o que ele tinha jogado.

A coisa tinha rolado uns cinco metros e foi parar no meio da rua. Mesmo de longe, eu tinha certeza do que era, mas, só para garantir que estava absolutamente certo, a coisa foi iluminada pelos faróis de um carro vindo. O carro desviou, bateu numa sebe, e por cima da buzina que ficou tocando sem parar, o motorista berrou. Fui até a coisa para ter certeza.

É,confirmado. Era isso mesmo.

Uma cabeça de mulher.

Inclinei-me para olhar. Um corte bem-feito, um ótimo trabalho. Quase não tinha sangue em

volta do corte.

_Graças a Deus _ eu disse e percebi que estava sorrindo, como não?

Não era uma maravilha? Afinal, eu não estava louco.

CAPÍTULO 10

Pouco depois das oito da manhã,eu estava sentado no bagageiro do meu carro quando LaGuerta se aproximou. Bem vestida,encostou-se na carroceria e veio chegando até nossas coxas se tocarem. Esperei que dissesse alguma coisa,mas ela não parecia ter palavras para aquele momento. Nem eu. Assim,fiquei lá vários minutos olhando para a ponte,sentindo o calor da perna dela na minha e pensando onde o meu assustado amigo tinha ido parar com seu caminhão. Fui arrancado do meu leve devaneio por uma pressão na perna.

Olhei para minha calça. LaGuerta estava apertando a minha perna como se fosse massa de rosquinha. Olhei a cara dela. Ela me olhou.

_Encontraram o corpo. O que faz parte daquela cabeça _ ela informou.

Levantei-me. _ Encontraram onde?

Ela me olhou do jeito que uma tira olha para alguém que encontra cabeças sem corpo na rua.

Mas respondeu: _ No Office Depot Center.

Onde os Panthers jogam? perguntei e senti um leve solavanco gelado. _ No rinque de gelo?

LaGuerta concordou com a cabeça,ainda me olhando. _ O time de hóquei no gelo chama-se Panthers?

Acho que sim respondi. Não pude me conter.

Ela apertou os lábios. _ Encontraram o corpo enfiado na rede do gol.

_No gol dos Panthers ou no do time visitante?

Ela pestanejou. _ Faz diferença?

Balancei a cabeça. _ Era só uma piada detetive.

_Eu não saberia a diferença. Preciso achar alguém lá que entenda de hóquei _ ela disse,com os olhos finalmente deslocando de mim para as pessoas,como se procurasse alguém carregando um disco de hóquei. _ Quem bom que você consegue fazer piada com isso _ acrescentou ela.

_O que é uma ... _ franziu o cenho,tentando lembrar o nome _ uma sambolia?

_Uma o quê?

Ela deu de ombros. _ Uma espécie de maquina usada para alisar gelo.

_Você quer dizer uma Zamboni?

_Deve ser. O cara que dirige essa maquina no gelo para o treino dessa manhã. Dois jogadores gostam de chegar cedo e querem o gelo liso,então esse cara,o... _ ela hesitou um pouco _ o motorista da sambolia,chega cedo nos dias de treino. E dirige essa maquina,certo? Viu aqueles sacos lá na rede do gol. Desceu da máquina e foi olhar. _ Ela deu de ombros outra vez. _

Doakes está lá agora. Ele disse que não conseguem acalmar o cara para contar um pouco mais que isso.

_Entendo um pouco de hóquei _ informei.

Ela me olhou de novo com uma cara meio séria. _ Tem tanta coisa que não sei de você,Dexter.

Joga hóquei?

_Não,nunca joguei _ respondi,modesto. *Assisti a alguns jogos.* Ela não disse nada e tive de morder o lábio para não falar besteira. Na verdade. Rita tinha entrada para a temporada na

Florida Panthers e,para minha grande surpresa,descobri que gostava de hóquei. Não só da violência frenética,animada e homicida. Havia algo relaxante em sentar no meio do enorme e agradável estádio,eu seria capaz de ir lá até para assistir uma partida de golfe. Na verdade,eu teria dito qualquer coisa para fazer LaGuerta me levar até o rinque. Estava louco para ir.

Queria como nunca ver o corpo enfiado na rede no gelo,queria levantar o pano com cuidado e ver a carne seca e limpa. Queria tanto ver que parecia um desenho animado de um cachorro alerta ao perceber a caça,queria tanto ir lá que me sentia com direito e possessivo em relação ao corpo.

Certo disse finalmente LaGuerta quando eu estava prestes a vibrar fora do meu próprio corpo. Ela deu um pequeno e estranho sorriso que em parte era profissional e em parte era...

o quê? Varias coisas ao mesmo tempo,algo humano,mas que,infelizmente,estava fora da minha compreensão. *Vamos nos falar* ela acrescentou.

Com todo o prazer concordei,exalando sedução. LaGuerta não reagiu. Vai ver que não ouviu,tudo bem. Ela era totalmente incapaz de entender qualquer ironia relacionada á própria imagem. Alguém podia fazer o pior elogio do mundo e ela aceitar como merecido. Eu não gostava nada de elogiá-la. Se não há desafio não tem graça. Mas não sabia mais o que dizer. O

que ela pensava que iríamos nos falar? Ela já tinha me tratado mal quando chegou na cena do crime.

Estávamos os dois ao lado do meu pobre carro amassado e víamos o sol nascer. Ela ficou olhando por cima do elevado e perguntou sete vezes se eu vi o motorista do caminhão,cada pergunta num tom um pouco diferente,franzindo o cenho entre uma e outra. Perguntou também cinco vezes se eu tinha certeza que era um caminhão frigorífico (garanto que foi uma sutileza dela). Ela queria perguntar mais sobre isso,porem se conteve para não ficar obvio.

Uma vez até se distraiu e perguntou em espanhol. Respondi em espanhol que estava seguro:ela me olhou,tocou no meu braço e não perguntou mais.

Olhou três vezes a inclinação da ponte,balançou a cabeça e xingou baixo· *Puta!*

Evidentemente,tratava-se de uma menção á policial puta,minha cara irmã Deborah. Era preciso um pouco de controle geral ao da de cara com um caminhão frigorífico como Deborah havia previsto e eu podia garantir pelo jeito de LaGuerta mordiscar o lábio inferior que ela estava dando tratos á bola. Tinha certeza também de que ela ia concluir alguma coisa desagradável em relação a Deb (era o que LaGuerta sabia fazer melhor),mas,por enquanto,eu esperava que minha irmã tivesse um pequeno aumento de salário. Não graças a LaGuerta,claro,mas podia-se esperar que os outros notassem que a grande tentativa detetivesca de Debs tinha dado resultado.

Por estranho que pareça,LaGuerta não me perguntou o que eu estava fazendo de carro ás quatro da manhã. Claro,eu não sou detetive,mas me parecia uma pergunta bastante óbvia.

Talvez fosse descortês dizer que aquela omissão era típica,mas deixa para lá. Ela apenas não perguntou.

Mesmo assim,parecia que tínhamos mais o que conversar. Por isso,acompanhei-a até seu carro,um grande Chevrolet azul-claro lançado há dois anos e que ela usava a serviço. Fora do horário de trabalho,andava num pequeno BMW do qual,supostamente,ninguém sabia a existência.

Entre ela disse. E sentei-me no banco do carona,de estofamento azul lustroso.

LaGuerta dirigia rápido,entrava e saia do transito,e em poucos minutos estávamos na viaduto

para Miami outra vez,passando por Biscayne e a uns quinhentos metros da I-95. Ela entrou na auto-estrada e rumou para norte numa velocidade que parecia exagerada até para Miami.

Chegamos á estrada 595 e viramos para oeste. Ela me olhou de esguelha três vezes antes de falar. *Bela camisa* elogiou.

Olhei a bela camisa. Eu tinha enfiado aquele quando sai de casa apressado e era a primeira vez que prestava atenção nela:era de poliéster,estilo boliche,estampada com dragões vermelhos.

Tinha-a usado o dia inteiro no trabalho e estava um pouco amassada,mas é,parecia mais ou menos limpa. Podia ser uma bela camisa porem,mesmo assim...

Será que LaGuerta estava de papo para eu relaxar um pouco e declarar alguma coisa perigosa?

Será que desconfiava que eu sabia mais do que estava dizendo e achava que conseguiria baixar minha guarda para contar?

_Você está sempre com umas roupas legais. Dexter _ ela continuou. Olhou-me com um enorme sorriso enlevado,sem perceber que estava quase enfiando o carro na traseira de um caminhão de combustível. Notou a tempo,virou o volante com um dedo,passando pelo caminhão e entramos a oeste na I-595.

Pensei nas roupas legais que eu estou sempre usando. Bom,claro,era isso mesmo. Eu me orgulhava de ser o monstro mais bem vestido do condado de Dade. É,esta bem,ele fez picadinho daquele dr. Duarte tão simpático,mas estava tão bem vestido! A roupa certa para cada ocasião. Aliá,o que se deve usar para presenciar uma decapitação lego de manhã cedo? A mesma camiseta estilo boliche usada há 24 horas e calças,naturalmente. Eu estava á La mode.

Mas,á parte aquela roupa escolhida ás pressas,eu realmente era cuidadoso. Era um dos conselhos de Harry:seja limpo,bem vestido e evite chamar atenção.

Mas por que uma detetive politicamente preocupada com o setor de homicídios iria notar ou se importar com roupa? Não é que...

Ou será que era? Uma ideiazinha sórdida começou a se formar na minha cabeça. Algumas coisas naquele estranho sorriso que aparecia e sumia da cara dela me deu a resposta. Era ridículo,porém,o que mais podia ser? LaGuerta não estava procurando um jeito de baixar a minha guarda e perguntar coisas sagazes sobre o que eu vi. E não dava um peido voador sobre meus conhecimentos de hóquei.

LaGuerta estava sendo social.

Ela gostava de mim.

E lá estava eu,ainda me recuperando do terrível choque daquela investida esquisita,inesperada e sentimentalóide para cima da Rita e agora vinha mais essa? LaGuerta gostava de mim? Será que os terroristas jogaram alguma coisa no reservatório de água de Miami? Será que eu estava exsudando algum tipo de feromônio estranho? Será que todas as mulheres de Miami perceberam de repente como os homens reais não querem nada e de repente fiquei atraente por exclusão? Falando serio,que diabo está havendo?

Claro que eu podia estar enganado. Fiquei pensando nisso como uma barracuda fisgada num reluzente anzol prateado. Afinal,que enorme narcisismo achar que uma mulher educada,sofisticada e carreirista como LaGuerta poderia ter algum interesse em mim. Era mais provável que,que...

Que o quê? Por mais improvável que fosse,fazia certo sentido. Nós tínhamos o mesmo tipo de

trabalho e portanto a sabedoria convencional dos tiras diz que há mais chance de um casal assim se compreender e se perdoar. Nossa relação poderia resistir ás horas de trabalho e ao oficio estressante dela. E,embora eu não ligue para isso,sou um homem apresentável;ou,como nós aqui costumamos dizer,causo boa impressão. Alem de fazer charme para ela há anos. Era uma paquera meramente política,mas ela não precisava saber disso. Eu era bom de azaração,o que,aliás,é uma das minhas poucas vaidades. Tinha treinado por muito tempo e,quando resolvia dar em cima de uma mulher,ninguém podia dizer que era encenação. Eu era realmente muito bom em semear charme. Talvez fosse natural que algumas sementes germinassem.

Mas germinar assim? E naquela hora? Será que ela ia sugerir um jantar tranqüilo numa noite dessas? Ou algumas horas de pura felicidade no motel Cacique?

Por sorte,chegamos ao local do crime pouco antes de eu entrar completamente em pânico.

LaGuerta eu a volta no prédio,procurando a entrada certa. Não foi difícil encontrar. Uma frota de viaturas da policia estava espalhada na frente de varias portas duplas. Ela enfiou seu carrão no meio delas. Saltei rapidamente,antes que ela pusesse a mão no meu joelho. Ela saiu e ficou me olhando um instante. A boca tremia.

Vou dar uma olhada avisei. Não cheguei a correr para o estádio. Mas assim,estava fugindo de LaGuerta... e também muito ansioso para ver o que meu amigo brincalhão tinha feito,chegar perto da obra dele,checar a maravilha para aprender.

Lá dentro,ecoava o caos organizado de qualquer cena de crime;apesar disso,eu achava que o ar tinha uma eletricidade especial,uma sensação muda de nervosismo e tensão que não se encontra num assassinato comum,uma impressão de que aquele era diferente,que coisas novas e maravilhosas poderiam acontecer porque nós estávamos ali no fio da navalha. Ma podia ser apenas eu. Algumas pessoas estavam em volta da rede próxima. Varias usavam uniformes do condado Broward,estavam de braços cruzados e olhavam para o capitão Matthews discutir sobre jurisdição com um homem de terno. Ao me aproximar,vi Angel-sem-parentesco numa posição estranha,de pé olhando por cima de um careca ajoelhado numa perna só,que por sua vez olhava uma pilha de pacotes bem embrulhados.

Parei no alambrado para olhar pelo vidro. Lá estava,a apenas três metros. Parecia tão perfeito na fria pureza do rinque de hóquei recém-aplanado pela Zamboni. Qualquer joelheiro vai informá-lo de que encontrar o veio certo é vital e aquilo ali... eu estava impressionado.

Totalmente perfeito. Fiquei até um pouco tonto,sem saber se o alambrado agüentava meu peso,como se pudesse simplesmente passar direto pela madeira dura como se fosse uma nuvem.

Mesmo de onde eu estava,podia garantir. Ele tinha aproveitado o tempo,tinha feito direito apesar de,minutos antes,parecer ter escapado por pouco no elevado. Ou será que ele sabia que eu não era ameaça para ele?

Como fui eu que notifiquei o fato,será que não era ameaça para ele? Será que eu queria mesmo persegui-lo até a toca,depois aparecer todo agitado só para alavancar a carreira de Deborah? Eu achava que estava fazendo isso,claro,mas teria força bastante para ir em frente,caso as coisas continuassem tão interessantes? Estávamos ali no estádio de hóquei onde eu tinha passado muitas horas agradáveis assistindo a jogos;será que aquilo provava ainda mais que esse artista (desculpe,claro que eu não quis dizer "assassino") estava numa trilha paralela á minha? Olha só o lindo trabalho que ele fez ali.

E a cabeça... era essa a chave. Sem duvidas,era uma peça tão importante para mostrar o que

ele estava fazendo,não podia ser meramente desprezada. Será que ele jogou a cabeça para me assustar,me deixar louco de terror,pavor e medo? Ou sabia que eu sentia a mesma coisa que ele? Será que também sabia de uma ligação entre nós e queria apenas fazer uma brincadeira?

Estaria me provocando? Tinha de haver um motivo importante para me deixar um troféu daqueles... como ele podia não sentir nada?

LaGuerta se aproximou. _ Você está tão apressado _ disse ela,com um leve toque de protesto na voz. _ Está com medo de que fujam? _ perguntou,indicando com a cabeça os pedaços de corpo empilhados.

Eu sabia que em algum lugar dentro de mim havia uma resposta inteligente,algo que a faria sorrir,seduzi-la mais um pouco,amenizar aquela minha estranha fuga das garras dela. Mas,ali no alambrado,olhando o corpo sobre o gelo,na rede do gol (na presença da força,poder-se-ia dizer assim),não me ocorreu nenhum chiste. Não berrei para ela calar a boca,mas quase.

Eu precisava ver falei,sincero,depois me recuperei o suficiente para acrescentar: _ É a rede do time de casa.

Ela deu um tapinha amistoso no meu braço. _ Você é terrível _ disse. Por sorte, o sargento Doakes apareceu e a detetive não teve tempo para da a risadinha jocosa,o que seria mais do que eu poderia agüentar. Como sempre,Doakes parecia mais interessado em achar um jeito de abrir minhas costelas do que qualquer outra coisa e me saudou com um olhar tão penetrante e caloroso que sumi rapidamente e deixei-o com LaGuerta. Ele me olhou com uma expressão firme,indicando que eu tinha de ser culpado de alguma coisa e que gostaria muito de examinar minhas vísceras para descobrir que coisa era essa. Tenho certeza de que ele estaria mais feliz num lugar onde a policia pode quebrar uma tíbia ou um fêmur de vez em quando. Afastei-me dele,dando a volta ao rinque devagar até me encontrar a entrada mais próxima. Descobri-a ao mesmo tempo que alguém se aproximou fora do meu campo visual e me deu um soco forte nas costelas.

Preparei-me para encarar o agressor com um ar meio ofendido e um sorriso forçado. _

Olá,querida irmã. Que bom ver um rosto amigo.

Filho-da-puta! ela xingou,baixo.

Pode crer. Mas por que falar nisso agora? perguntei.

_Por que você,filho-da-puta miserável, tinha uma pista e não me ligou?

_Uma pista? Por que você acha...? _ perguntei gago.

_Deixa para lá,Dexter. Você não estava de carro ás quatro da manhã procurando putas. Você sabia onde ele estava,droga.

Começava a amanhecer. Eu estava tai envolvido com meus próprios problemas,a começar pelo sonho (e com o fato de que obviamente tinha sido algo mais que um sonho),seguido do encontro apavorante com LaGuerta,que não pensei que tinha enganado Deborah. Não avisei.

Claro que ela estava zangada. _ Não era pista,Deb _ falei,tentando amaciá-la um pouco, _

Nada de concreto,só um... palpite. _ Nada mais,pensei, não era nada mesmo...

Ela atacou de novo. _ Só que Ra. Você o descobriu _ rosnou.

_Na verdade, não sei. Acho que ele me descobriu.

_Pare de ser esperto _ ela disse e abri as mãos para mostrar que isso era impossível. _ Você prometeu,droga.

Não me lembrava de nenhuma promessa que incluísse ligar no meio da noite para contar o que sonhei,mas não me pareceu muito político dizer isso,então disse. _ Desculpe,Deb,eu realmente não pensei que ia acertar. Era só um... palpite,juro. _ Claro que eu não ia tentar nenhuma explicação parapsicológica,mesmo sendo para Deb. Ou talvez principalmente para ela. Mas pensei outra vez e falei,mais baixo: _ Talvez você possa me dar uma ajudinha. O que digo quando eles perguntarem o que eu estava fazendo de carro lá ás quatro da manhã?

_LaGuerta já interrogou você?

Exaustivamente respondi,contendo um tremor no corpo.

Deb fez cara de nojo. _ E não perguntou isso. _ Não era pergunta.

_Tenho certeza de que a detetive tem muitas coisas na cabeça _ comentei. Não acrescentei que,pelo jeito,parte dessas coisas era eu. _ Mais cedo ou mais tarde,alguém vai me perguntar.

_ Olhei para o lugar de onde ela estava dirigindo a operação. _ É bem provável que o sargento Doakes pergunte _ imaginei,com um pavor autêntico.

Ela concordou com a cabeça. _ Ele é um policial decente. Se conseguisse perder u pouco de pose.

_Acho que ele só tem pose *opinei.* Mas tem algum motivo para não gostar de mim. Vai perguntar qualquer coisa,se achar que pode me complicar.

Pois diga a verdade. E conte primeiro para mim disse Deborah,com o rosto totalmente inexpressivo. E me cutucou no mesmo lugar.

_Por favor,Deb,você sabe que fico com hematomas com facilidade.

_Não sei,mais acho que descobri _ ela disse.

_Não vai mais acontecer,foi só uma daquelas inspirações que me ocorrem ás três da manhã. O

que você diria se eu ligasse para você e depois essa historia não desse em nada? _ perguntei.

_Mas deu,era verdade _ ela disse,me cutucando outra vez.

_Realmente,eu não pensei que fosse dar. Ia me achar um idiota se metesse você nisso.

_Imagine como eu me sentiria se o cara tivesse matado você _ ela supôs.

Fui pego de surpresa. Não conseguia nem pensar no que ela teria sentido. Arrependimento?

Desapontamento? Raiva? Acho que esse tipo de coisa estava alem da minha compreensão.

Então,só fiquei repetindo: *Desculpe,Deb.* E aí,como sou do tipo da animada Poliana,acrescentei: _ Pelo menos,o caminhão frigorífico estava lá.

Ela piscou e perguntou: _ O caminhão estava onde?

_Ah,Deb,eles não contaram para você?

Ela me socou com mais força ainda,no mesmo lugar.

_Droga,Dexter,que caminhão é esse?

_Estava lá,Deb _ contei,constrangido pela reação totalmente emocional dela e também,claro,pelo fato de uma mulher bonita estar me dando porrada. _ O cara que jogou a cabeça na estrada dirigia um caminhão frigorífico.

Ela segurou nos meus braços e ficou me olhando. _ Porra,não é possível.

_Porra,é.

O_Meu Deus...! _ ela exclamou,olhando para nada e sem duvida vendo a promoção flutuando um pouco acima da minha cabeça. Provavelmente ia continuar me fazendo perguntas,mas naquele instante Angel-sem-parentesco levantou a voz sobre o barulho atordoante do estádio e chamou LaGuerta: _ Detetive. _ Era um som estranho,inconsciente,o grito meio estrangulador de um homem que nunca fala alto em publico e alguma coisa fez com que o local ficasse em silêncio na hora. tom de voz era em parte assustado e em parte satisfeito,achei que era alguma coisa importante porem ai,meu Deus. Todos os olhos se concentraram em Angel,ele fez sinal com a cabeça mostrando o careca agachado que,lenta e cuidadosamente,pegava alguma coisa no saco plástico que estava por cima.

O homem finalmente tirou a coisa,desajeitado,soltou no chão e ela deslizou no gelo. Ele a pegou,ela escapou e o homem foi escorregando atrás da coisa brilhante até os dois pararem no alambrado. Com a mão trêmula, Angel pegou a coisa e mostrou para todos nós vermos. O

súbito silencio no local foi inspirador,de tirar o fôlego,lindo,como a explosão de aplausos quando se descerra o pano que cobre a obra de algum gênio.

Era o espelho retrovisor do caminhão.

CAPÍTULO 11

O grande lençol de silêncio pasmo durou apenas um instante. Depois, o vozerio assumiu um outro tom quando as pessoas passaram a querer ver,explicar,fazer suposições.

Um espelho. Que diabo significava aquilo?

Boa pergunta. Em vez de ficar muito impressionado com a coisa,não elaborei nenhuma tese imediata o significado. Ás vezes,a grande arte é assim. Ela causa um efeito sem que você saiba por quê. Seria profundamente simbólico? Um recado cifrado? Um lancinante pedido de ajuda e compreensão? Impossível dizer e,para mim,não era o mais importante. Eu queria apenas pensar um pouco. Deixar que os outros se preocupassem a respeito de como o espelho fora parar lá. Afinal,podia ser que ele apenas tivesse caído e o cara resolvera jogá-lo na sacola de lixo mais próxima.

Não era possível,claro que não. Então,fui obrigado a pensar naquela historia. O espelho estava lá por algum motivo muito importante. Para ele,aqueles não eram sacos de lixo. Como ele havia provado de forma tão elegante como o rinque de hóquei,a apresentação era parte importante do que estava fazendo. Ele não ia ser casual em nenhum detalhe. Por isso,comecei a pensar no que o espelho poderia significar. Eu tinha de concluir,por mais apressado que fosse,que colocar o espelho junto dos pedaços de corpo foi totalmente intencional.

Desconfiava também,idéia que borbulhava em algum lugar atrás dos meus pulmões,que era um manifesto bem cuidadoso pessoal.

Para mim?

Se não era para mim,seria para quem? O restante foi dirigido ao mundo em geral:vejam o que eu sou. Vejam o que todos nós somos. Veja o que estou fazendo com isso. Um espelho de caminhão não fazia parte do manifesto. Cortar o corpo em pedaços,escorrer o sangue,isso era

necessário e elegante. Mas o espelho era diferente,principalmente se fosse do caminhão que persegui. Um gesto elegante,sim,mas informava algo sobre as coisas como realmente são?

Nada. Foi acrescentado com outra finalidade,que tinha de ser um novo e diferente tipo de manifesto. Eu sentia a eletricidade da idéia aumentando dentro de mim. Se o espelho era daquele caminhão,o manifesto só podia ser para mim.

Mas o que significava?

_Que diabo significa um espelho. Por quê? _ perguntou Deb,ao meu lado.

_Não sei _ respondi,ainda sentindo a forte vibração dentro de mim. _ Mas aposto um jantar no Joe's Stone Crabs que o espelho era do caminhão.

_Não precisa apostar. Mas pelo menos chama atenção para um fato importante _ ela concluiu.

Olhei-a,assustado. Será que ela teve alguma intuição repentina que me escapou? _ Que questão,mana?

Ela fez sinal com a cabeça para o grupo de policiais administrativos que continuavam discutindo na beira do rinque. _ A questão da jurisdição do crime. Essa jurisdição é nossa,ora.

Aparentemente,a detetive LaGuerta não estava impressionada com aquela nova prova. Talvez estivesse escondendo uma profunda preocupação com o simbolismo do espelho,e tudo o que ela implicava,sob uma expressão de indiferença aparente e cuidadosamente preparada. Ou então ela era burra como um saco de pedras. Continuava com Doakes,que felizmente,parecia preocupado. Mas podia ser que tivesse apensas cansado daquele olhar eternamente mesquinho e estivesse tentando algo novo.

_Morgan,não reconheci você vestida _ disse LaGuerta para Deb.

_Ás vezes,é possível não notar coisas óbvias,detetive _ disse Deb,antes que eu pudesse impedir.

_É verdade. Por isso tem gente que nunca chega a detetive. _ alfinetou LaGuerta. Foi uma vitoria total e sem esforço e LaGuerta sequer esperou para ver a frases atingir o alvo. Virou as costas para Deb e ordenou a Doakes: _ Descubra quem tem as chaves do rinque e pode entrar lá quando quer.

_Rã rã *concordou Doakes*. Checar todos os armários,ver se há algum arrombado?

_Não _ disse LaGuerta com um lindo franzir de cenho. _ Nós agora temos uma conexão com o gelo. _ Olhou para Deborah e acrescentou : _ Aquele caminhão frigorífico é só para nos confundir. _ Voltou a falar com Doakes: _ O ferimento foi feito pelo gelo daqui. Portanto,o assassino está ligado ao gelo deste lugar. _ Olhou pela ultima vez para Deborah : _ E não ao caminhão.

_Rã rã _ repetiu Doakes. Não pareceu convencido,mas não era ele quem chefiava a operação.

LaGuerta olhou para mim. _ Pode voltar para casa,Dexter. Se precisar de você,sei onde mora. _

Pelo menos,falou sem pestanejar.

Deborah me acompanhou até os dois portões duplos do rinque. _ Se continuar assim,daqui a um ano serei guarda de trânsito _ reclamou.

_Besteira sua,Deb . No Maximo,em dois meses _ gracejei.

_Obrigada.

_Bom,francamente,você não pode desafiá-la assim ás claras. Não viu como o sargento Doakes fez? Seja um pouco mais sutil,pelo amor de Deus.

_Sutil. *Ela parou de andar e me agarrou* Olha aqui,Dexter,isso não é um jogo.

_Mas é,Deb. Um jogo político. E você não está jogando direito.

_Não estou jogando *ela zombou.* O que está em jogo são vidas humanas. Há um carniceiro solto e vai continuar enquanto a idiota da LaGuerta fica imaginando coisas.

Controlei um ataque de esperança. _ Pode ser...

_Pode ser não,é _ ela insistiu.

_ ... mas,Deborah,você não vai mudar isso se ficar exilada no Departamento de Trânsito de Coconut Grove.

_Não,mas posso mudar,se encontrar esse assassino.

Eis aí. Muita gente não tem a menos idéia de como o mundo gira. Mas ela era uma pessoa inteligente,era mesmo. Tinha herdado toda a retidão de Harry,a segurança em lidar com as coisas,sem se tolher com toda a prudência dele. Com ele,a franqueza era uma forma de lidar com o material fecal. Com Deborah,era uma forma de fingir que não havia nada.

Voltei para o meu carro de carona com uma das patrulhas que estavam fora do estádio. Entrei no meu carro e fui para a casa,imaginando que tinha pegado aquela cabeça,enrolado com cuidado em papel-toalha e colocado no banco traseiro. Uma idéia horrível e boba,eu sei. Pela primeira vez,entendi aquele sujeito triste,geralmente fetichista,que gostam de sapatos de mulher ou carregam roupa de baixo suja. Foi uma sensação horrível,que me deu vontade de tomar um banho quase tanto quanto de pegar a cabeça.

Mas,como eu não estava com ela,só me restava voltar para a casa. Dirigi devagar,bem abaixo do limite mínimo de velocidade. Em Miami,isso é a mesmo coisa que escrever no traseiro CHUTE-ME. Claro que ninguém me deu um chute. Teriam de andar mais devagar que eu para fazer isso. Mas buzinam sete vezes,me ultrapassaram oito e cinco carros passaram roncando por mim,pelo acostamento ou pela pista.

Nesse dia,nem a irritação cheia de energia dos outros motoristas conseguia me animar. Eu estava exausto,confuso e precisava pensar,longe do barulho ecoante do estádio e da gritaria burra de LaGuerta. Dirigir devagar me dava tempo para pensar e encontrar o sentido de tudo o que tinha acontecido. Vi então que uma frase boba continuava martelando na minha cabeça,batendo nas pedras e fendas do meu cérebro exaurido. A frase passou a ter vida própria. Quanto mais soava na cabeça mais fazia sentido. Alem do sentido,ficou uma espécie de ladainha interessante. Era a chave para pensar sobre o assassino,a cabeça rolando na rua,o espelho retrovisor enfiado nos pedaços de corpo maravilhosamente socos.

Se tivesse sido eu...

Assim: " se tivesse sido eu,o que ia querer dizer com o espelho?" Ou: "se tivesse sido eu,o que teria feito co, o caminhão? ".

Claro que não tinha sido eu e esse tipo de inveja faz muito mal á alma,mas,já que eu sabia que não tinha alma,não tinha importância. Se tivesse sido eu,o caminhão teria sido jogado numa vala perto do estádio. Depois,eu iria rápido para bem longe... num carro escondido? Roubado?

Depende. Se tivesse sido eu,teria planejado deixar o corpo no estádio,ou aquilo seria uma reação á perseguição no elevado?

Só que isso não fazia sentido. Ele não ia achar que estava sendo perseguido na cidadezinha de North Bay,não? Mas então por que estava com a cabeça pronta para jogar? E por que levar o resto do corpo para o estádio? Parecia uma decisão estranha. Sim,tinha muito gelo lá e o frio fazia muito bem. Mas o vasto espaço,barulhento não seria adequado para meu momento

intimo,se tivesse sido eu. Existia uma desolação terrível e escancarada que não ajudava em nada para um ato de real criatividade. O estádio era interessante de visitar,mas não era o ateliê de um verdadeiro artista. Um lugar triste,não um local de trabalho. Simplesmente não tinha o clima adequado.

Quer dizer,se tivesse sido eu.

Portanto,o estádio foi um golpe ousado num território inexplorado. Poderia ajudar a policia e,mais exatamente,fazer com que eles pegasse o caminho errado. Caso vissem que havia uma direção a seguir,o que parecia cada vez menos provável.

E completar o trabalho com o espelho... se eu estava certo sobre por que escolher o estádio,então o espelho vinha,claro,confirmar. Seria um comentário sobre o que tinha acabado de acontecer,ligado a deixar a cabeça. Seria um manifesto que juntaria todas as outras tramas e as embrulharia tão bem quanto os pedaços de corpo empilhado,um elegante destaque para uma grande obra. Mas então qual seria o manifesto no espelho,se tivesse sido eu?

Eu vejo você.

Bom. Claro que era isso,apesar de ser um pouco obvio. Eu vejo você. Sei que você está atrás de mim e estou observando-o. Mas estou bem na frente,controlando o seu caminho,a sua velocidade e vendo-o me seguir. Eu vejo você. Sei quem é você e onde está,enquanto você só sabe que estou observando-o. Eu vejo você.

Isso parecia certo. Mas por que eu não estava me sentindo melhor?

Alem do mais,até onde eu podia contar essa historia para a coitada da querida Deborah?

Aquilo estava ficando tão pessoal que era difícil lembrar que havia um lado publico,importante para minha irmã e a carreira dela. Eu não podia começar a contar para ela (nem para ninguém) que achava que o assassino estava querendo me dizer alguma coisa,se eu tivesse a sensatez de ouvir e responder. Mas o resto,será que precisava contar para ela e será que realmente queria?

Era demais. Precisava dormir antes de separar tudo isso.

Não cheguei em casa e me lamuriar quando deitei na cama,mas quase. O sono me pegou rápido e entrei em sua escuridão. Dormi quase duas horas e meia até o telefone tocar.

_Sou eu _ disse a voz do outro lado da linha.

_Claro que é. Deborah não? _ Evidente _Achei o caminhão frigorífico.

_Bom,parabéns,Deb. Ótima noticia.

Houve um silencio bastante longo do outro lado.

_Deb? É uma boa noticia,não? _ perguntei por fim.

_Não.

Ah. A necessidade de dormir socava minha cabeça como limpadores de tapete batendo num tapete de oração,mas tentei me concentrar. _ Hum,Deb,o que você... o que houve?

_Fiz tudo certo. Completamente certo. Consegui fotos,numero de peças mais importantes do carro,tudo. Depois,como boa bandeirante,contei para LaGuerta.

_E ela não acreditou? _ perguntei,na duvida.

_Deve ter acreditado.

Tentei piscar,mas meus olhos queria fechar,então desisti. _ Desculpe,Deb,mas um de nós não está sendo claro. Será que sou eu?

Tentei explicar para ela disse minha irmã numa voz bem fraca e cansada que me deu a terrível impressão de entrar em mar alto sem bote salva-vidas. _ Contei tudo. Fui até educada.

_Muito bem. O que ela disse? Perguntei.

_Nada.

_Nada?

Nada Deb repetiu. _ Só agradeceu como se faz com um manobrista no estacionamento.

Deu aquele sorrisinho engraçado e foi embora.

_Bom,Deb,você realmente não pode esperar que ela... _ ponderei.

_Depois descobri por que deu o sorrisinho. Era como se eu fosse uma débil mental e ela tivesse finalmente concluído onde me trancar.

_Ah,não,quer dizer que você está fora do caso? _ perguntei.

_Todos nós estamos fora,Dexter _ disse ela,com a voz tão cansada quanto parecia. _ LaGuerta prendeu um cara.

De repente,fez-se um silêncio tão grande na linha que não consegui pensar,mas,pelo menos,me deixou bem acordado. _ O que você disse?

_LaGuerta prendeu um cara que trabalhava no estádio. Foi detido e ela tem certeza de que é o assassino.

_Não é possível _ eu disse,embora sabendo que era,em se tratando daquela filha-da-puta burra. (LaGuerta,não Deb.) _Eu sei,Dexter. Mas não diga nada. Ela tem certeza de que pegou o cara certo.

_Por quê? _ perguntei. Minha cabeça estava rodando e eu tinha vontade de vomitar. Não sabia direito por que.

Deb bufou _ Daqui a uma hora,vai da uma entrevista coletiva. Para ela,isso é positivo.

O latejar na minha cabeça ficou tão alto que não consegui ouvir o que Deb disse depois .

LaGuerta prendeu um cara? Quem? Quem ela poderia ter culpado? Será que podia mesmo ignorar todas as pistas,o cheiro e o gosto daqueles assassinatos e prendeu alguém? Pois quem fez o que aquele assassino tinha feito (e estava fazendo ") ao ia deixar uma pústula como LaGuerta pegá-lo. Jamais. Eu apostava a minha vida.

_Não,Deborah,não é possível. Ela prendeu o cara errado.

Deborah riu,um riso cansado de policial que está pela tampa. _ É,eu sei disso e você também.

Mas ela não sabe. Quer ouvir uma coisa engraçada? O preso também não sabe.

Aquilo não fazia menos sentido. _ O que está dizendo,Deb? Quem não sabe?

Ela deu de novo aquele risinho horrível. _ O cara que ela prendeu. Acho que deve estar quase tão enrolado quanto LaGuerta,Dex. Porque ele confessou.

_O quê?

_Ele confessou,Dexter. O filho-da-puta confessou.

CAPÍTULO 12

Ele se chamava Daryll Eart McHale e era o que a gente costuma chamar de um perdedor de marca maior. Tinha passado doze de seus últimos vinte anos como hóspede do estado da Flórida. O estimado sargento Doakes conseguiu achar o nome dele no arquivo dos funcionários do estádio. Depois,procurou no computador quais os que tinha registro de violência ou delitos grave e o nome de Daryll Earl apareceu duas vezes.

O detido bebia e espancava a mulher. Ás vezes,atacava posto de gasolina só para se distrair.

Arrumava emprego de salário mínimo,mas não durava mais de dois meses. Até que,numa bela noite de sexta-feira,bebeu umas seis latas de cerveja e começou a achar que era a Ira de

Deus.

Ficou dando voltas de carro até encontrar um posto de gasolina onde simplesmente se ferrou.

Foi acusado de ameaçar com arma e levar o dinheiro do caixa. Usou então a bolada de oitenta ou noventa dólares para comprar mais umas seis latas até se sentir tão legal que só precisava espancar alguém.

Darill Earl não era um sujeito grande:tinha um metro e setenta,era magro. Portanto,por precaução,acabava espancando sempre a mulher dele.

JÁ tinha feito isso algumas vezes. Mas uma noite foi um pouco longe demais e a mulher teve de ficar com tração nas pernas durante um mês. Ela deu queixa e,como ele já tinha registro na policia,a coisa ficou séria.

Continuava bebendo,mas ficou bem assustado com a temporada que passou no presídio de Raiford e se segurou um pouco. Arrumou emprego de vigia no estádio e ficou lá. Pelo que sabíamos,não espancava a mulher há séculos.

E nosso rapaz teve seus minutos de fama quando o time do Panthers participou da Copa Stanley. Parte do trabalho dele consistia em retirar imediatamente do rinque tudo o que os torcedores jogavam lá. Na Copa Stanley daquele ano,o trabalho tinha sido duro,já que,toda vez que os Panthers marcavam,os torcedores jogavam trezentos ou quatrocentos ratos de plástico no rinque. Daryll Earl tinha de pegar tudo,o que sem duvida era um trabalho bem chato.

Assim,uma noite,incentivado por algumas doses de Vodca barata,ele pegou um dos ratos de plástico e fez uma "Dancinha do Rato". A multidão adorou e berrou pedindo mais. Começaram a pedir a dança toda vez que ele entrava no rinque. E fez a dança pelo resto da temporada.

Hoje,os ratos de plástico estão proibidos estão proibidos. Mesmo se tivessem sido exigidos por lei federal,ninguém poderia jogá-los,pois os Panthers não fazem gol desde os tempos em que Miami tinha um prefeito honesto,lá pelo século passado. Mas Daryll Earl ainda aparecia nos jogos esperando dar dois derradeiros passos de dança na frente da câmera.

Na entrevista coletiva,LaGuerta usou esse fato á perfeição. Deu a entender que Daryll Earl chegou a matar devido á lembrança de sua efêmera fama. E,claro,com a bebida e seu passado de violência com mulheres,era o suspeito ideal para aquela série de assassinatos estúpidos e brutais. Porém,as prostitutas de Miami podiam ficar tranqüilas,não ia mais haver assassinato.

Graças á enorme pressão de uma investigação intensa e implacável,Daryll Earl tinha confessado. O caso estava encerrado. Garotas,podem voltar ao trabalho.

A imprensa engoliu. Não se poderia culpar os jornalistas,acho eu. LaGuerta fez um trabalho de mestre ao apresentar apenas os dados suficientes,coloridos com muito brilho do que gostaria que fosse verdade. Praticamente qualquer pessoa teria acreditado. Além disso,é evidente que ninguém faz teste de QI para ser repórter. Mas eu sempre espero um minuto de brilho da parte deles. E sempre me desaponto. Deve ser porque vi muito filme preto - e - branco quando criança. Eu ainda achava que o bêbado cínico e cansado deste mundo,que trabalhava na redenção do grande diário metropolitano,devia fazer uma pergunta instigante e obrigar os detetives a rever as provas com cuidado.

Infelizmente,porém,nem sempre a vida imita a arte. E,na coletiva de LaGuerta,o papel de Spencer Tracy foi interpretado por uma série de modelos masculinos e femininos de cabelos impecáveis e ternos de lã leve. Suas perguntas perspicazes chegavam a " O que você sentiu ao encontrar a cabeça? " e " Podemos tirar umas fotos?"

Só um repórter,Nick Alguma Coisa,da afiliada local da NBC,perguntou a LaGuerta se tinha certeza de que Daryll Earl era o assassino. Quando ela respondeu que enorme quantidade de provas indicava que sim e que,de qualquer maneira,a confissão foi determinante,o repórter não ouviu mais nada. Ou porque estava satisfeito,ou porque a frase era longa demais.

E assim foi. Caso encerrado,justiça feita. Mas uma vez,a poderosa máquina do aparato contra crime da região metropolitana de Miami tinha vencido as forças sombrias que ameaçavam Nossa Linda Cidade. Foi um belo espetáculo. LaGuerta entregou algumas fotos bem sinistras,feitas para a ficha de Daryll Earl,junto com novas fotos brilhosas dela investigando,tirada por um fotografo de moda de South Beach que cobrava 250 dólares á hora.

Foi um pacote maravilhosamente irônico·a aparência de perigo e a realidade letal,tão diversas.

Por mais bruto e agressivo que Daryll Earl parecesse,a verdadeira ameaça a sociedade era LaGuerta. Ela havia chamado a matilha,acabado com a gritaria e o choro e mandando as pessoas irem dormir num prédio em chamas.

Seria possível que só eu via que Daryll Earl McHale não podia ser o assassino? Que havia um estilo e um humor naquele crime que um cabeça-dura como ele não era capaz de entender?

Nunca estive mais isolado do que na minha admiração pelo trabalho do verdadeiro assassino.

Os pedaços de corpo pareciam cantar para mim uma rapsódia de maravilha exangue que alegrava meu coração e enchia minhas veias de uma embriagadora admiração. Mas isso certamente não ia atrapalhar meu intento de pegar o verdadeiro assassino,um executor de inocentes frio e temerário que precisava ser levado ao tribunal. Certo,Dexter? Certo? Alô?

Eu estava no meu apartamento,esfregando os olhos sonolentos e pensando no espetáculo a que tinha acabado de assistir. Foi tão perfeito quanto uma entrevista coletiva podia ser,sem comida grátis e nudez. Era evidente que LaGuerta fez todo o possível e conseguiu dar a maior coletiva com mais chance de repercussão. E talvez pela primeira vez em sua carreira cheia de acessórios Gucci,ela real e sinceramente acreditava que tinha encontrado o homem certo.

Tinha de acreditar. Era meio triste,realmente. Desta vez,ela achava que tinha feito tudo certo.

Na cabeça dela,não estava apenas fazendo jogadas políticas,mas faturando um trabalho correto e bem apurado. Resolveu o crime de seu jeito,pegou o cara,parou com os assassinatos.

Aplausos merecidos por uma investigação bem-feita. E que maravilha surpresa ela teria quando aparecesse o próximo corpo.

Pois eu tinha certeza absoluta de que o assassino continuava solto. Devia estar assistindo á entrevista coletiva transmitida pelo canal 7,o preferido das pessoas com queda por sangue.

Naquele instante,ele devia estar rindo tanto que não conseguia segurar uma faca,mas isso ia passar. E,quando passasse,seu humor certamente faria com que cometesse o caso.

Por algum motivo,a idéia não me deu medo,aversão,nem firme intenção de pegar aquele louco antes que fosse tarde. Senti foi uma leve ansiedade. Sabia que era muito errado sentir isso e talvez por isso fosse melhor ainda. Ah,eu queria que pegassem aquele assassino e o levassem á justiça,sim,sem duvida... mas será que precisava ser logo?

Havia também uma pequena troca a fazer. Se eu ia fazer minha parte na captura do verdadeiro assassino,precisava fazer também algo positivo. Enquanto pensava nisso,o telefone tocou.

_Sim,eu vi na tevê _ avisei ao telefone.

_Nossa,acho que vou passar mal _ disse Deborah do outro lado do fio.

_Bom,eu não vou colocar compressa fria na sua testa febril,mana. Tenho mais o que fazer.

_Nossa,o que você tem que fazer? _ ela perguntou.

Escuta,está em mais odores,mana? perguntei.

_Estou cansada,Dexter. E mais irritada do que nunca na vida. O que quer dizer maus odores?

_É a expressão que papai usava para dizer que a pessoa está na casa do cachorro. Está mal cotada no setor? Sua reputação profissional está enlameada,prejudicada,suja,manchada,questionada?

_Com os golpes traiçoeiros de LaGuerta e aquela historia de Einstein? Minha reputação profissional está péssima _ respondeu ela,com mais amargura que eu imaginava possível numa pessoa jovem.

_Bom. É importante que você não tenha nada a perder.

Ela bufou. _ Estou contente por ter podido ajudar. Pois estou no caso,Dexter. Se afundar mais no setor,vou preparar café em atividades comunitárias. Onde isso vai parar,Dex?

Fechei os olhos e recostei-me na cadeira. _ Você vai notificar ao capitão e ao setor que acredita que Daryll Earl não é o homem e que vai haver outro assassinato. Vai apresentar alguns motivos importantes concluídos a partir de suas investigações e durante algum tempo vai ser motivo de piada na região metropolitana de Miami.

_Eu já sou. Não é nada de mais. Mas tem algum motivo para eu dizer isso? _ ela perguntou.

Balancei a cabeça. Ás vezes eu tinha dificuldade de acreditar que ela pudesse ser tão ingênua.

_ Queridíssima irmã,você não acredita que Daryll Earl seja culpado,não?

Ela respondeu. Ouvi a respiração dela e pensei que devia estar tão cansada quanto eu,mas sem o meu choque de energia pelo fato de eu ter certeza. _ Deb?

_O cara confessou,Dexter *disse ela por fim e ouvi a imensa fadiga da voz.* Eu... me enganei antes,mesmo quando... quer dizer,mas ele confessou. Isso não... Droga. Vai ver que devemos apenas deixar as coisas como estão,Dex.

_Ah,vós homens de pouca fé _ citei. _ Ela pegou o cara errado,Deborah. E você agora vai reescrever a jogada política.

_Claro que vou.

_Não é Daryll Earl McHale. Tenho absoluta certeza _ garanti.

_Mesmo que você esteja certo:e daí?

Fo minha vez de pestanejar e pensar. _ O que você disse? _ perguntei.

_Bom,veja:se eu fosse esse assassino,como não ver que tinha escapado do anzol? Pois,com esse outro cara preso,a coisa esfria. Por que então não paro de matar? Ou até vou para outro lugar e começo tudo de novo?

_Impossível. Você não entende o raciocínio desse cara _ observei.

_É. Mas como você entende? _ ela perguntou.

Preferi ignorar a pergunta. _ Ele vai ficar aqui mismo e vai matar de novo. Tem de mostrar a todos o que acha de nós.

_E acha o quê?

Nada de bom admiti. _ Fizemos uma besteira em prender um sujeito como Daryll Earl. É engraçado.

_Rá rá _ zombou Deb,sem achar graça.

_Mas também o ofendemos. Consideramos que esse operário burro fez o trabalho,o que é o

mesmo que dizer que Jackson Pollock que você tem um filho de seis anos que podia ter feito um quadro igual o dele.

_Kackson Pollock,o pintor? Dexter,esse cara é um carniceiro.

_De certa forma,Deborah,ele é um artista. E se considera como tal.

_Pelo amor de Deus. Essa é a coisa mais idiota...

_Confiei em mim,Deb.

_Certo,eu confio em você. Como não? Portanto,temos um artista irritado que não vai sair daqui para lugar nenhum,certo?

_Certo. Ele tem que fazer de novo,tem que ser debaixo dos nossos narizes e,provavelmente,um pouco maior.

_Você quer dizer que dessa vez ele vai matar uma prostituta gorda?

_Maior em proporções,Deborah. Maior no conceito. Capaz de repercutir mais,de se espalhar mais.

_Ah,espalhar mais. Claro. Como,por exemplo,usando uma máquina de aparar gramas.

_As apostas aumentaram,Debs. Nós o apertamos e agredimos e o próximo crime vai mostrar isso.

_Rá-rá. E como vai ser? _ ela perguntou.

_Não sei _ admiti.

_Mas tem certeza.

_Tenho.

_Ótimo,agora eu sei o que esperar.

CAPÍTULO 13

Na segunda feira,quando entrei em casa depois do trabalho,sabia que alguma coisa estava errada. Alguém tinha entrado no meu apartamento.

A porta e as janelas não estavam arrombadas e não havia sinal de vandalismo,mas eu tinha certeza. Pode chamar de sexto sentido ou seja lá o que for. Alguém tinha entrado lá. Talvez eu estivesse sentindo os feromônios que o intruso deixou nas moléculas do ar. Ou a aura da minha poltrona reclinável La-Z-Boy tivesse sido alterada. Não importa como·eu simplesmente sabia. Alguém tinha entrado no meu apartamento enquanto eu estava trabalhando.

Isso podia parecer pouca coisa. Afinal,estamos em Miami. Todo dia,as pessoas chegam em casa e descobrem que a tevê foi roubada,as jóias e os aparelhos eletrônicos foram levados,a casa foi invadida,os bens sumiram e a cachorra está grávida. Mas aquilo ali era outra coisa. Fiz uma busca rápida no apartamento,mas sabendo que não ia dar falta de nada.

Eu estava certo. Não faltava nada.

Mas tinha alguma coisa a mais.

Levei uns minutos para descobrir. Algum reflexo profissional fez com que conferisse primeiro as coisas óbvias. Quando um ladrão visita a sua casa,seguindo o curso natural das coisas,somem coisas:bugigangas,objetos de valor material,outros de valor sentimental,os últimos biscoitos de chocolate. Assim,conferi tudo.

Mas estava tudo no lugar. O micro,o aparelho de som,a tevê e o vídeo,exatamente onde eu tinha deixado. Até minha pequena coleção de preciosas lâminas estava enfiada na estante,cada uma com sua gota de sangue no lugar. Tudo exatamente como eu tinha deixado.

A seguir,conferi a área íntima,só por precaução·quarto,banheiro,armário de remédios. Estava

tudo certo,aparentemente sem mexer e,mesmo assim,havia a impressão no ar sobre cada objeto de que ele havia sido observado,tocado e recolocado,com tanto cuidado que até as partículas de pó estavam no lugar certo.

Voltei para a sala,desmontei-me na poltrona e olhei em volta,subitamente inseguro. Eu tinha certeza absoluta de que alguém tinha entrado ali,mas por quê? E quem eu imaginava que estaria tão interessado no meu pobre e velho eu para entrar e deixar meu modesto lar exatamente como era? Pois nada tinha sido levado,nada tinha sido mexido. A pilha de jornais na caixa de material reciclável podia estar ligeiramente inclinada para a esquerda... mas não seria imaginação? Não podia ter sido uma corrente do ar-condicionado? Nada estava concretamente diferente,nada fora do lugar ou faltando,nada.

E por que alguém ia entrar no meu apartamento,afinal? Lá não tinha nada especial,posso garantir. Fazia parte do meu perfil estilo Harry. Misture-se. Aja normalmente,seja até metódico. Não faça nem tenha nada que possa causar comentários. Foi o que fiz. Meus únicos bens de valor eram o som e o micro. A vizinhança tinha coisas muito mais atraentes.

De todo jeito,por que alguém iria entrar e não levar nem fazer nada,sem deixar pista?

Recostei-me na cadeira e fechei os olhos,vai ver que eu estava imaginando aquilo tudo. Só podiam ser os nervos abalados. Sinais de falta de sono e preocupação excessiva com a carreira tão prejudicada de Deborah. Só mais um pequeno sinal de que o Pobre e Velho Dexter estava á deriva em Águas profundas. Fazendo uma ultima transição indolor de sociopata a psicopata.

Em Miami,não é necessariamente loucura achar que você está cercado de inimigos anônimos,mas,se você agir como se achasse,é socialmente inaceitável. Eles finalmente teriam de me internar.

Mesmo assim,a impressão era muito forte. Tentei afastá-la,era só uma fantasia,uma contração dos nervos,uma indignação passageira. Levantei-me,espreguicei,respirei fundo e procurei pensar em coisas boas. Não consegui. Balancei a cabeça,fui a cozinha beber água e La estava.

Lá estava.

Fiquei na frente da geladeira e olhei não sei por quanto tempo,só fiquei olhando feito um idiota.

Presa na porta da geladeira com um dos pequenos imãs em forma de fruta tropical,estava a cabeça de uma boneca Barbie. Eu não lembrava de ter colocado aquilo lá. Não lembrava sequer de ter uma. Era o tipo da coisa que eu lembraria.

Peguei a pequena cabeça de plástico. Ela balançou devagar,batendo na porta da geladeira com um pequeno som,tac. Virou um pouquinho até a Barbie olhar para mim alerta,com o interesse de um collie. Olhei para trás.

Sem saber direito o que e por que estava fazendo aquilo,abri a porta da geladeira.

Dentro,deitado na gaveta de gelo,estava o corpo da Barbie. Os braços e as pernas tinham sido arrancados e o corpo,quebrado na cintura. Os pedaços estavam empilhados,perfeitamente embrulhados e amarrados com barbante rosa. Numa das mãozinhas da boneca havia um pequeno acessório,um espelho da Barbie.

Após um longo instante,fechei a porta da geladeira. Eu queria me deitar no chão e apertar a cara no linóleo frio. Mas puxei a cabeça da Barbie com o dedo mínimo. Ela bateu tac tac na porta. Puxei de novo. Tac tac. Oba,eu tinha um novo hobby.

Deixei a boneca lá e voltei para minha poltrona,me enfiei bem nas almofadas e fechei os olhos.

Sabia que tinha de estar inquieto,irritado,amedrontado,invadido,cheio de uma compreensível hostilidade e raiva paranóica. Não estava. Eu estava... p quê? Mais do que um pouco tonto.

Ansioso,talvez,ou será que era alegre?

Não havia,é claro,nenhuma duvida sobre quem tinha estado no meu apartamento. A menos que eu conseguisse engolir a idéia de que algum estranho,por motivos ignorados,tivesse escolhido meu apartamento ao acaso como lugar ideal para colocar sua Barbie decapitada.

Não. Eu tinha sido visitado pelo meu artista preferido. Como ele me descobriu não era importante. Naquela noite,na estrada,era fácil anotar minha placa. Escondido atrás do posto e gasolina,ele teve bastante tempo para me observar. Depois,qualquer pessoa que soubesse mexer num computador poderia encontrar o meu endereço. Então,seria fácil entrar no apartamento,dar uma olhada e deixar um recado.

O recado era o seguinte·a cabeça estava separada,os pedaços do corpo enfiados na minha bandeja de gelo com o maldito espelho outra vez. Somando ao total desinteresse por tudo o mais que havia no apartamento,a conclusão era só.

Qual?

O que ele estava dizendo?

Podia ter deixado qualquer coisa ou nada. Podia ter enfiado uma faca de açougueiro ensangüentada no coração de uma vaca e deixado no meu linóleo. Ainda bem que não fez isso (seria uma sujeira),mas por que a Barbie? À parte o fato óbvio de que a boneca repetia o assassinato mais recente,por que me falar nele? E será que aquilo era mais sinistro do que algum outro recado suave e pegajoso... ou menos? Será que era:"Estou olhando você e vou pegá-lo?".

Ou será que estava perguntando:"Olá,quer brincar?".

E eu queria. Claro que queria.

Mas e o espelho? Incluí-lo desta vez dava um sentido que ia muito alem do caminhão e da perseguição na estrada. Agora tinha de haver um sentido bem maior. Só o que eu poda concluir era:"Olhe para você mesmo". E qual o sentido? Por que eu devia olhar para mim mesmo? Não sou tão vaidoso para gostar de espelho... pelo menos em relação á minha aparência física. E por que eu ia querer me olhar,quando queria mesmo ver o assassino?

Portanto,o espelho tinha algum outro sentido que eu não estava pegando.

Mesmo aí,eu não tinha certeza. Era possível que não tivesse sentido algum. Eu não queria pensar nisso de um artista tão elegante,mas Ra possível. E o recado podia ser muito bem pessoal,louco,sinistro. Não havia como saber. Assim,não tinha jeito também de saber o que eu devia fazer. Se é que realmente devia fazer alguma coisa.

Fiz a escolha humana. É engraçado,quando se pensa nisso· eu fazer a escolha humana. Harry se orgulharia de mim. Humanamente,então,preferi não fazer nada. Esperar e ver. Não ia comunicar o que tinha acontecido. Afinal,o que tinha a dizer? Não levaram nada. Não havia o que dizer oficialmente,exceto:"Ah,capitão Matthews,acho que preciso avisar que entregaram no meu apartamento e deixaram uma boneca Barbie na geladeira".

Aquilo soava bem. Eu tinha certeza de que ia funcionar no departamento. Talvez o sargento Doakes investigasse pessoalmente e finalmente mostrasse alguns talentos ocultos para interrogatório sem restrições legais. E talvez eles simplesmente me jogasse numa lista de mentalmente incapazes para o trabalho,junto com a pobre Deb,já que oficialmente o caso estava encerrado e,mesmo se fosse reaberto,não tinha nada haver com bonecas Barbie.

Eu não tinha realmente nada a dizer,pelo menos nada que conseguisse explicar.

Assim,arriscando a levar outra forte cotovelada,não ia contar nem para a Deborah. Por motivos que não conseguiria explicar nem para mim,aquilo era pessoal. E,ao considerá-lo assim,havia uma chance maior de m aproximar do meu visitante. Para levá-lo a justiça,claro.

Naturalmente.

Após tomar a decisão,fiquei mais leve. Quase tonto,na verdade. Não tinha idéia de no que aquilo podia virar,mas estava pronto a enfrentar o que viesse. A sensação permaneceu a noite toda e até o dia seguinte no trabalho,enquanto eu preparava um relatório do laboratório,consolava Deb e roubava uma rosquinha de Vince Masuoka. A sensação continuou comigo ao ir de carro para a casa,em meio alegre e homicida transito noturno. Eu estava num estado de alerta zen,preparado para qualquer surpresa.

Ou era o que eu achava.

Tinha acabado de chegar ao meu apartamento,reclinar-me na poltrona e relaxar,quando o telefone tocou. Deixei tocar. Queria respirar um pouco e não conseguia pensar em nada que não pudesse esperar. Além disso,paguei quase cinqüenta dólares por uma secretaria eletrônica. Deixa ela mostrar que vale o preço.

Dois toques. Fechei os olhos. Inspirei. Relaxa,meu velho. Expirei. A secretaria fez um clique e meu recado lindamente cosmopolita começou a ser transmitido.

"Olá,no momento não posso atender,mas ligo para você assim que possível. Deixe seu recado após o bipe. Obrigado."

Que lindo tom de voz. Que humor ácido! Ao mesmo tempo,um verdadeiro bom recado. Soava quase humano. Eu estava bem orgulhoso. Inspirei de novo,ouvindo o melodioso BIIIIIP ! que se seguiu.

_Olá,sou eu.

Uma voz feminina. Não era Deborah. Senti uma pálpebra contrair-se de irritação. Por que tanta gente começa o recado dizendo "Sou eu"? Claro que é você. Nós sabemos. Mas quem É

você,porra? No meu caso,as opções eram poucas. Eu sabia que não era Deborah. Não parecia ser LaGuerta,embora tudo fosse possível. Portanto,só podia ser...

Rita?

Hum,desculpe,eu. . Um longo expirar. _ Olha,Dexter,desculpe. Pensei que você fosse me ligar e,como não ligou,eu... _ Outro longo expirar. _ Mas preciso conversar. Porque percebi...

quer dizer ... ah,droga. Pode,hum,me ligar? Se... você sabe.

Eu não sabia. Não mesmo. Não tinha idéia de quem fosse. Será que era Rita mesmo?

Outro longo suspiro. _ Desculpe se... _ Pausa bem longa. Duas respirações. Inspirar profundamente e expirar. _ Por favor,me ligue,Dexter. Só... _ Longa pausa. Outro suspiro. E

desligou.

Muitas vezes na minha vida eu senti que estava perdendo alguma coisa,alguma peça fundamental do quebra – cabeça que todo mundo carrega sem pensar nele. Não acostumo me incomodar,já que na maioria das vezes acaba sendo uma peça incrivelmente idiota do comportamento humano,tipo entender as regras de meio –campo no beisebol ou não transar logo no primeiro encontro.

Essa foi uma das vezes.

Eu sabia que Rita devia estar se referindo a alguma coisa bem especifica,que as pausas e

gagueiras referiam-se a uma coisa grande e maravilhosa que um macho humano entenderia na hora. Mas eu não tinha qualquer pista do que poderia ser,nem como descobrir. Será que devia contar o numero de respirações na gravação? Somar a quantidade de pausas e depois procurar esse numero nos versículos da Bíblia para chegar ao código secreto? O que ela estava querendo me dizer? Por que,aliás,estava querendo me dizer alguma coisa?

Pelo que entendi,quando beijei Rita naquele impulso estranho e idiota,ultrapassei uma linha que tínhamos combinados respeitar. Agora,não tinha como desfazer a coisa,como voltar atrás.

À sua maneira,o beijo tinha sido um assassinato. De qualquer forma,era confortador pensar assim. Eu tinha matado a nossa cuidadosa relação ao enfiar a língua no coração dela e empurrá-la num precipício. Bum,morreu. Desde aquele dia,eu não tinha nem pensado em Rita.

Ela estava acabada,fora da minha vida graças a um capricho incompreensível.

E agora me ligava e grava a respiração para o meu prazer.

Por quê? Será que estava querendo me castigar? Me xingar,esfregar meu nariz na minha loucura,me obrigar a entender o tamanho da minha agressão?

Comecei a ficar bem irritado com aquela coisa toda. Andei pelo apartamento. Por que tinha de pensar em Rita? Havia coisas mais importantes para me preocupar naquele momento. Rita era apenas meu disfarce,uma roupa boba de criança usada nos fins de semana para esconder que era um sujeito que fazia o que aquele cara interessante estava fazendo,mas eu não tinha feito aquilo.

Será que era ciúmes? Claro que eu não estava fazendo aquelas coisas. Por enquanto,estava satisfeito. Certamente não ia fazer de novo tão cedo. Era arriscado demais. E não tinha preparado nada.

Mesmo assim...

Fui para a cozinha e mexi na cabeça da Barbie. Tac. Tac tac. Eu estava sentindo alguma coisa.

Vontade de brincar? Enorme e profunda preocupação? Ciúme profissional? Não sabia dizer e a Barbie não falava.

Era simplesmente demais. A confissão obviamente falsa,a violação do meu canto mais intimo e agora,ainda por cima,a Rita? Um homem não agüentou tanto. Mesmo um falso homem como eu. Comecei a ficar inquieto,tonto,confuso,agitado e letárgico ao mesmo tempo. Fui até a janela e olhei lá fora. Estava escuro e,longe na água,surgiu uma luz no céu;ao vê-la,uma vozinha má veio bem de dentro de mim.

Lua.

Um cochicho no um ouvido. Não chegava a ser um som,só a leve impressão de alguém dizendo o seu nome,quase ouvindo ali por perto. Bem perto,talvez se aproximando mais. Sem palavras,só um seco roçar de não – voz,um não – som,um sussurro. Fiquei com o rosto quente e de repente passou a ouvir minha respiração. A Voz voltou,suave,no meu ouvido. Virei-me,embora sabendo que não havia ninguém lá e que não era o meu ouvido,mas meu caro amigo dentro de mim,despertado por sei lá o que e pela Lua.

Que gorda e feliz Lua tagarela. Ah,quanta coisa ela tinha a dizer. Por mais que tentasse argumentar que aqela não era hora,que ainda era muito cedo,que eu tinha outras coisas a fazer naquele momento,coisas importantes... a Lua tinha respostas para tudo e mais ainda.

Assim,embora eu ficasse lá por quinze minutos e argumentasse,não havia duvidas.

Fui ficando desesperado,usei todos os meus truques e,quando falharam,fiz algo que me deixou

profundamente chocado. Liguei para Rita.

_Ah,Dexter *ela disse*. É que eu... estava com medo. Obrigada por ligar. Eu...

Eu sei eu disse,embora,é claro,não soubesse.

_Será que nós poderíamos... não sei o que você... posso encontrar você mais tarde... gostaria muito de falar com você.

_Claro _ concordei. Combinamos nos encontrar mas tarde em sua casa e fiquei pensando o que se passava na cabeça dela. Violência? Choro de recriminação? Xingar bastante? Para mim,aquela área era desconhecida... eu podia estar pisando em qualquer coisa.

Depois que desliguei o telefone,fiquei quase meia hora totalmente distraído até a suave voz interior vir se inserindo na minha cabeça com calma insistência para dizer que aquela noite tinha de ser especial.

Me senti empurrado de volta para a janela e lá estava ela outra vez,a enorme e feliz cara no céu,a Lua gargalhante. Fechei a cortina e me afastei,ande de um cômodo a outro,tocando nas coisas e dizendo a mim mesmo que estava conferindo se falta alguma coisa,sabendo que não faltava e sabendo também por quê. Cada volta que eu dava pelo apartamento,ficava mais perto da mesinha da sala com meu computador,sabendo o que eu queria,ao mesmo tempo,não queria fazer até que finalmente,quarenta e cinco minutos depois,a vontade era muito grande. Fiquei tonto demais para ficar de pé e pensei em simplesmente desmoronar na cadeira,já que estava próxima e,como eu estava ali,liguei o computador e assim...

Não,eu não estou preparado,pensei.

Mas claro que isso não importava. Eu estar preparado não fazia diferença. Ele estava preparado.

CAPÍTULO 14

Eu tinha quase certeza de que era ele, embora, nas ocasiões anteriores, nunca tivesse só quase certeza. Me senti fraco, bêbado, meio enjoado, num misto de nervosismo, incerteza e total erro... mas claro que o Passageiro das Trevas estava agora no banco de trás e o que eu sentia não importava mais, porque ele estava forte, frio, ansioso e pronto. Ele ia crescendo dentro de mim, surgindo de dentro dos cantos escuros de Dexter no meu cérebro de lagarto, um subir e aumentar que só podia acabar de um jeito e, sendo assim, tinha de ser esse o cara.

Eu o descobri vários meses antes, mas, após observar um pouco, decidi que o padre era garantido, enquanto aquele cara podia esperar mais um pouco.

Eu estava bastante enganado. Descobri naquele momento que o cara não podia esperar mais.

Ele morava numa ruazinha em Coconut Grove. A poucos quarteirões de sua mísera casinhola, os moradores de um lado da rua eram negros de baixa renda e havia churrascarias e igrejas caindo aos pedaços. No sentido oposto, a uns quinhentos metros, milionários viviam em enormes casas modernas e construíram muros de coral para afastar de lá gente como ele. Mas Jamie Jaworski ficava bem no meio, na casa que dividia com um milhão de baratas e o cachorro mais feio que já vi. Mesmo assim, era uma casa que ele não devia ter condição de comprar. Jaworski era porteiro da Escola Primária Ponce de Leon e acho que essa era sua única fonte de renda. Trabalhava lá três vezes por semana, o que deveria dar o suficiente para viver e mais nada. Claro, eu não estava interessado nas finanças dele. Estava interessado era no fato de ter havido um aumento pequeno, mas significativo, de crianças desaparecidas naquela escola desde que ele começou lá. Todas meninas louras, de doze a treze anos.

Cabelos louros. Isso era importante. Por algum motivo, era o tipo de detalhe que a polícia costumava desprezar, mas que sempre chamava a atenção de uma pessoa como eu. Talvez o sujeito não fosse politicamente correto, pois meninas morenas de cabelos pretos deveriam ter a mesma oportunidade de serem seqüestradas, molestadas sexualmente e depois mortas na frente de uma câmera, você não acha?

Jaworski costumava ser também a última pessoa a ter visto as meninas. A polícia conversou com ele, deteve-o por uma noite, interrogou-o e não conseguiu acusá-lo de nada. Claro, eles tinham de atender a determinadas exigências legais insignificantes. Tortura, por exemplo, não costumava ser vista com bons olhos. E, sem ser forçado por alguma coisa bem forte, Jamie Jaworski jamais contaria seu hobby. Garanto.

Mas eu sabia que era ele quem estava fazendo. Ajudava aquelas meninas a sumirem em rápidas e finais carreiras de cinema, fotografando-as em poses sensuais. Eu tinha quase certeza. Não encontrei pedaços de corpo, nem o vi matando, mas tudo se encaixava. E consegui encontrar na Internet algumas fotos bem criativas de três das meninas desaparecidas. Não pareciam muito contentes nas fotos, embora algumas coisas que estavam fazendo supostamente alegrassem, pelo que ouvi dizer. Não podia ligar Jaworski com as fotos. Mas o endereço de correspondência era em Miami Sul, a alguns minutos da escola. E ele estava morando num lugar acima de suas posses. De todo jeito, eu estava me lembrando cada vez mais, pela voz no escuro banco traseiro, que eu estava descompassado, que aquele não era um caso onde a certeza fosse muito importante.

Fiquei preocupado com o cachorro feio. Cães são sempre um problema. Não gostam de mim e costumam gostar menos ainda do que faço com os donos deles, principalmente porque não divido as partes boas. Precisava encontrar uma forma de chegar a Jaworski sem passar pelo cachorro. Talvez ele saia da casa. Se não, eu tinha de achar como entrar.

Passei de carro três vezes pela casa de Jaworski, mas não tive nenhuma idéia. Precisava de um pouco de sorte antes que o Passageiro das Trevas me obrigasse a fazer alguma coisa apressada. E exatamente quando meu caro amigo começou a sugerir baixinho coisas imprudentes, tive meu quinhão de sorte. Passei de carro na hora em que Jaworski saía da casa e entrava na sua surrada Toyota vermelha. Reduzi a marcha ao máximo e num instante ele ligou a picape e foi na direção da estrada Douglas. Dei a volta e fui atrás.

Eu não tinha idéia de como ia fazer aquilo. Não estava preparado. Não tinha um lugar seguro, nem avental limpo, só um rolo de fita adesiva e uma faca para peixe sob o assento do carro.

Não podia ser visto, notado e tinha de ser perfeito, embora não soubesse como. Detestava improvisar, mas não tinha escolha. Mais uma vez, tive sorte. O trânsito estava bom enquanto Jaworski seguia rumo sul para a antiga estrada Cutler e, uns quinhentos metros depois, entrou à esquerda na direção do mar. Mais um enorme lançamento imobiliário estava sendo construído para melhorar a vida de todos nós, transformando árvores e animais em cimento e velhos de Nova Jersey. Jaworski passou devagar pela obra, pelo campo de golfe meio demarcado com bandeirolas mas sem grama, até quase chegar à água. A Lua estava escondida atrás da estrutura de um grande quarteirão de prédios em construção. Fiquei bem longe, apaguei os faróis e fui me aproximando de carro para ver o que o meu rapaz ia fazer.

Jaworski passou ao lado dos futuros condomínios e estacionou. Saiu da pequena picape e ficou entre ela e um monte de areia. Olhou em volta um instante enquanto eu entrei no acostamento e

desliguei o carro. Jaworski ficou observando os condomínios e a estrada até a água. Pareceu satisfeito e entrou no prédio em construção. Eu tinha quase certeza de que ele estava procurando um guarda. Eu também estava. Esperava que ele tivesse feito seu dever de casa. Em geral, nesses lançamentos imobiliários enormes, um guarda fica circulando por toda a área num carrinho de golfe. Economiza dinheiro e, de todo jeito, estamos em Miami. Uma parte das despesas de qualquer projeto imobiliário é para o material de construção que vai sumir sem fazer barulho. Eu tinha a impressão de que Jaworski queria ajudar a construtora a preencher sua cota de material desaparecido. Saí do carro e guardei a faca para peixe e a fita adesiva numa sacola barata que tinha levado. Já estavam nela umas luvas emborrachadas de jardinagem e algumas fotos, pouca coisa. Pequenas fotos que eu tinha baixado da Internet.

Pendurei a sacola no ombro e fui devagar pela noite até chegar à estropiada picapezinha dele.

O chão estava tão vazio quanto a cabine. Montes de copos e sacos do Burger King, maços de Camel vazios. Tudo era pequeno e sujo como o próprio Jaworski.

Olhei. Por cima da silhueta do condomínio em obras, vi o brilho da lua. Um vento noturno soprou na minha cara trazendo todos os cheiros encantadores de nosso paraíso tropical: óleo diesel, vegetação definhando, cimento. Respirei fundo e voltei a pensar em Jaworski.

Ele estava em algum lugar dentro do esqueleto do prédio. Eu não sabia de quanto tempo dispunha e uma certa vozinha me apressava. Deixei a picape e entrei no prédio. Quando passei pela porta, ouvi a voz dele. Ou melhor, ouvi um estranho chiado, um som que tinha de ser ele ou...

Parei. O som vinha do outro lado e fui até lá sem fazer barulho. Tinha um cano subindo pela parede, era o condutor elétrico. Encostei a mão nele e senti que vibrava como se tivesse alguma coisa passando dentro.

Acendeu uma luz na minha cabeça. Jaworski estava roubando fios de luz. O cobre era bem caro e havia um próspero mercado negro para compra de todo tipo. Era mais um jeitinho de aumentar o parco salário de porteiro, ajudando a cobrir o longo período de escassez financeira entre o desaparecimento de uma menina e outra. Ele podia faturar centenas de dólares com uma carga de cobre. Depois que descobri o que ele ia fazer, comecei a ter uma vaga idéia. Pelo som, ele estava em algum lugar acima de mim. Poderia encontrá-lo com facilidade, observá-lo até chegar a hora e atacar. Mas eu estava praticamente sem pro¬teção, totalmente exposto e despreparado. Estava acostu¬mado a fazer aquilo de uma determinada maneira. Sair das minhas redondezas seguras fazia com que eu me sen¬tisse muito desconfortável.

Um pequeno tremor percorreu minha espinha. Por que eu estava fazendo aquilo?

A resposta imediata, claro, era que eu não estava fazendo nada. Quem estava era o meu caro amigo no escuro banco de trás. Eu estava ali porque tinha carteira de motorista. Mas tínhamos feito um acordo, ele e eu. Tínhamos conseguido uma vida cuidadosa e equilibrada, uma forma de conviver através da nossa solução Harry. E agora ele estava ultrapassando os limites cuidadosos e lindos que Harry demarcou com giz. Por quê? Raiva? Será que a invasão da minha casa deixou-o tão irritado que saiu para se vingar?

Achei que ele não estava zangado comigo... como sempre, ele estava frio, calmamente divertido, ansioso para pegar sua presa. Eu também não estava zangado. Estava... meio bêbado, alto como uma pipa no céu, me equilibrando no fio da navalha da euforia, cambaleando numa série de ondas internas, bem parecidas com o que sempre imaginei que fosse uma emoção. Essa

vertigem me levou para aquele lugar perigoso, sujo e não planejado, para fazer algo no calor do momento, que antes eu sempre preparei com cuidado. Apesar disso, eu queria muito fazer. Tinha de fazer. Pois muito bem. Mas não precisava fazer sem a roupa adequada. Olhei em volta. Num canto, havia uma grande pilha de gesso cartonado envolto em plástico. Num instante, fabriquei com o plástico um avental e uma estranha máscara transparente. Apertei bem até minhas feições ficarem irreconhecíveis. Passei as pontas do plástico atrás da cabeça e dei um nó desajeitado. Virei um perfeito anônimo. Pode parecer bobagem, mas eu costumava caçar de máscara. E, à parte uma compulsão neurótica por fazer tudo direito, era apenas menos uma coisa para pensar. Peguei as luvas na sacola e calcei-as. Estava pronto.

Encontrei Jaworski no terceiro andar. Com um monte de fios de cobre aos pés. Fiquei no escuro da escada e observei-o puxar o fio. Encostei-me à parede da escada e abri a sacola.

Grudei na fita adesiva as fotos que tinha trazido.

Lindas fotos das meninas desaparecidas, numa série de poses comovedoras e bastante explícitas. Prendias nas paredes de concreto onde Jaworski iria vê-las assim que passasse pela porta da escada.

Olhei de novo para ele. Puxava mais uns vinte metros de fio. O fio prendeu em alguma coisa e não saía mais do condutor. Jaworski puxou o fio duas vezes, depois pegou duas pesadas tesouras do bolso traseiro e cortou-o. Pegou os que estavam a seus pés e enrolou-os. Depois, foi para a escada... onde eu estava.

Encolhi-me na parede da escada e esperei.

Jaworski não estava preocupado com o barulho. Não esperava que ninguém o interrompesse...

e certamente não esperava me ver. Ouvi os passos dele e o fio sendo arrastado. Mais perto...

Atravessou a porta e deu um passo sem perceber minha presença. Aí, viu as fotos.

— Uof— fez, como se tivesse recebido um bom soco no estômago. Ficou olhando, de boca aberta, sem conseguir sair do lugar e me posicionei por trás, com a faca em seu pescoço.

— Não se mexa, nem fale — avisei.

— Ei,peraí... — ele disse.

Girei um pouco o pulso e enfiei a ponta da faca embaixo do queixo dele. Ele sibilou ao ver o pequeno esgui¬cho horrível de sangue. Aquilo era totalmente desnecessário. Por que algumas pessoas não obedecem ao que se pede?

— Eu mandei não fazer barulho — nós dissemos, e ele ficou quieto.

O único som que se ouviu a seguir foi o da fita ade¬siva sendo desenrolada, Jaworski respirando e o riso baixo do Passageiro das Trevas. Grudei a fita sobre a boca dele, enrolei nos pulsos do porteiro um pouco de seu precioso fio de cobre e puxei-o para cima de outra pilha de gesso cartonado envolto em plástico. Em poucos minutos, ele estava bem preso sobre a falsa mesa.

_Vamos conversar — dissemos, na voz calma e edu¬cada do Passageiro das Trevas.

Ele não sabia que era permitido falar e, de todo jeito, a fita adesiva dificultava, então ficou calado.

— Vamos falar de desaparecimentos — dissemos, arrancando a fita adesiva da boca dele.

— Êêêiii... hum... doquevos está falando? — pergun¬tou. Mas não foi muito convincente.

— Acho que você sabe do que é — nós dissemos.

— Nããoo — ele disse.

— Siiim — dissemos.

Provavelmente, uma palavra a mais. Meu tempo estava se esgotando, a noite estava acabando. Mas ele ficou corajoso. Olhou para minha cara brilhosa. — Você é o que, um tira ou alguma coisa assim? — perguntou. — Não — respondemos, e cortamos a orelha es¬querda dele. Era o que estava mais próximo. A faca foi rápida e por um instante ele ficou sem acreditar que aquilo estava acontecendo com ele, nunca mais teria orelha esquerda. Joguei então a orelha no peito de Jaworski para ele acreditar. Arregalou os olhos e encheu o peito para berrar, mas enfiei um maço de plástico em sua boca.

— Nada disso, podem acontecer coisas piores — avi¬samos. Elas iam ocorrer, ah, sem dúvida, mas por enquanto ele não precisava saber.

— E os desaparecimentos? — perguntamos, gentil e friamente, olhando-o um instante para garantir que não ia gritar, depois tiramos o plástico.

— Meu Deus, a minha orelha... — espantou-se ele, com voz rouca.

— Você tem outra igual. Conte para nós sobre as meninas daquelas fotos — pedimos.

— Para nós? Como assim, nós? Meu Deus, está doendo — lamentou.

Tem gente que simplesmente não entende. Enfiei o plástico em sua boca outra vez e pus mãos à obra.

Quase me animei, foi fácil, considerando a situação. Meu coração batia como louco e tive de me esforçar muito para não tremer a mão. Mas comecei o trabalho, explorando, procurando alguma coisa que estava sempre além da ponta dos meus dedos. Era excitante... e terrivelmente frustrante. A pressão dentro de mim aumentava, subia até meus ouvidos e berrava para se libertar... mas a libertação não vinha. Só a pressão crescente e a impressão de que alguma coisa maravilhosa esperava, fora dos meus sentidos, que eu a descobrisse e entrasse nela de cabeça. Mas não a encontrei e nenhum dos meus velhos procedimentos me deu qualquer prazer. O que fazer? Na confusão, cortei uma veia que formou uma poça horrível de sangue no plástico em volta do porteiro.Parei um instante, esperando uma resposta, não encontrei nenhuma. Olhei lá fora, pela moldura da janela. Fiquei fixado, me esqueci até de respirar. A Lua estava sobre a água. Por algum motivo que eu não sabia explicar, aquilo pareceu tão certo, tão necessário, que fiquei um instante apenas olhando a água lá longe, emi¬tindo uma luz tremeluzente, tão absolutamente perfeita. Balancei, meu corpo bateu na falsa mesa e voltei à consciência. Mas a Lua... ou será que foi a água?

Tão perto... fiquei tão perto de alguma coisa que quase senti o cheiro dela, mas o que era? Um calafrio percorreu meu corpo... e isso também foi muito certo, tão certo que detonou uma série de calafrios até que meus dentes começaram a bater. Mas por quê? O que significava?

Alguma coisa estava lá, algo importante, uma pureza e uma clareza esmagadoras na luz da lua e na água pouco além da ponta da minha faca para peixe e eu não conseguia pegá-la.

Olhei para o porteiro. Fiquei com muita raiva dele por causa do jeito que estava ali, cheio de marcas improvisadas e sangue desnecessário. Mas era difícil continuar irritado com a linda lua da Flórida sobre mim, a brisa tropical soprando, os belos sons noturnos de fita adesiva e o pânico respirando. Quase ri. Tem gente que escolhe morrer por motivos bem incomuns, mas aquele horrendo insetinho estava morrendo por causa de fio de cobre. E a expressão na cara dele: tão magoado, confuso e desesperado. Seria risível, se eu não estivesse tão frustrado.

Ele realmente merecia um esforço maior de minha parte; afinal, não tinha culpa por eu estar

fora do meu estilo normal. Ele nem era vil o bastante para estar no alto da minha lista de COISAS A FAZER. Era apenas uma repulsiva lesminha que matava crianças para ganhar dinheiro e excitação e, pelo que eu sabia, só matou quatro ou cinco. Quase fiquei com pena. Ele realmente não estava preparado para enfrentar times maiores. Ah, bom. Voltemos ao trabalho. Fiquei ao lado de Jaworski. Ele agora não se debatia muito, mas ainda estava bem vivo para a aplicação dos meus métodos habituais. Claro que nessa noite eu não dispunha dos meus apetrechos altamente profissionais e a coisa podia ser um pouco dura para ele. Mas, como um autêntico artista experiente, ele não reclamou. Senti uma onda de afeto, fiz uma abordagem mais lenta e passei algum tempo dedicado às mãos dele. Ele reagiu com bastante entusiasmo e mudei de assunto, perdido numa alegre pesquisa.

De vez em quando, seus gritos abafados e o louco debater faziam com que eu voltasse a mim.

E lembrei que não tinha nem confirmado sua culpa. Esperei que se acalmasse e tirei o plástico da boca dele.

— Os desaparecimentos? — nós perguntamos — Ah, Jesus. Ah, meu Deus. Ah, Jesus — ele disse,fraco.

— Acho que não, acho que esquecemos de falar nisso — dissemos.

— Por favor, ah, por favor... — ele pediu.

— Fale sobre os desaparecimentos — nós mandamos.

— Certo — ele respirou.

— Você pegou aquelas meninas.

— Sim...

— Quantas foram?

Ele respirou um instante. Estava de olhos fechados e achei que podia ter morrido um pouco cedo. Finalmente, abriu os olhos e me viu. — Foram cinco. Cinco belezinhas. Não me arrependo — disse ele, enfim.

— Claro que não. Agora, eu também não — dissemos. E coloquei a mão em seu braço. Foi um lindo instante.

Enfiei o plástico na sua boca e voltei ao trabalho. Mas eu tinha apenas retomado o meu ritmo quando ouvi o guarda chegar lá embaixo.

CAPÍTULO 15

Foi a estatística do radiotransmissor que entregou o guarda. Quando a ouvi,eu estava totalmente absorto em algo que nunca tinha experimentado antes. Estava trabalhando no torso dele com a ponta da faca e sentia as primeiras reações de formigamento na espinha e nas pernas,não queria parar. Mas um radiotransmissor... era pior do que apenas um guarda chegando. Se ele pedisse reforço ou mandasse bloquear a estrada,eu teria certa dificuldade em explicar algumas coisas que andei fazendo.

Olhei para Jaworski. Estava quase terminando,mesmo assim não fiquei satisfeito com a forma como as coisas se passaram. Estava uma bagunça enorme e eu não tinha descoberto o que procurava. Houve alguns momentos em que me senti á beira de algo maravilhoso,alguma revelação incrível... qual? A água escorrendo pela janela?... Porem a revelação não veio. E eu com um serviço por terminar naquele estuprador de crianças,me sentindo sujo e insatisfeito,e ainda por cima com um guarda vindo ao nosso encontro.

Detesto apressar o final. É um momento tão importante e um alivio verdadeiro para nós dois,o

Passageiro das Trevas e eu. Mas que opção eu tinha? Por um longo instante (longo demais,realmente,fico muito envergonhado.),pensei em matar o guarda e continuar o trabalho. Seria fácil e eu poderia prosseguir explorando,num novo começo...

Não. Claro que não. Não era certo. O guarda era inocente,tão inocente quando qualquer pessoa pode ser,mesmo morando em Miami. Ele decerto não tinha feito nada pior do que,algumas vezes,atirar em outros motoristas na vida expressa Palmetto. Era uma pessoa praticamente tão imaculada quanto a neve. Não,eu tinha de sair dali rápido e continuar insatisfeito,bom,tomara que na próxima vez eu tenha mais sorte.

Olhei aquele imundo insetinho e tive muito nojo. Ranho e sangue escorriam dele e ao mesmo tempo,a feia poça de sangue formava bolhas em sua cara. Um medonho fio vermelho saia da boca. Num súbito ataque de irritação,cortei a garganta de Jaworski. Imediatamente,me arrependi da precipitação. Apareceu uma fonte horrível de sangue e,ao ver,ficou tudo parecendo mais lastimável,um confuso erro. Eu me senti sujo e insatisfeito e corri para a escada. Fui seguido por um resmungo frio e arrogante do meu Passageiro das Trevas.

Saí no segundo andar e andei encostado á parede até uma janela se vidraças. Lá embaixo,estava parado o carrinho de golfe do guarda,apontando na direção da antiga estrada Cutler,o que significava,esperava eu,que ele tinha vindo pelo outro lado e não viu o meu carro.

Junto ao meu carrinho,um jovem gordo e moreno,de cabelos pretos como o fino bigode,olhava para cima... por sorte,olhava para o outro lado,naquele momento.

O que ele teria ouvido? Será que estava na ronda normal? Eu tinha de esperar que sim. Se ele ouviu alguma coisa... se ficou lá fora e pedi u ajuda,eu provavelmente ia ser pego. E,por mais esperto e falante que fosse,não era tão bom de papo para me safar dessa.

O jovem guarda confiou o bigode e puxou-o,como para ajudar a engrossar os fios. Franziu o cenho,passou os olhos pela frente do prédio. Tirei a cabeça da janela. Quando olhei de novo,um instante após,só vi o alto de sua cabeça. Estava entrando no prédio.

Esperei até ouvi-lo subindo a escada. Fiquei do lado de fora da janela,ebtre o primeiro e o segundo andares,segurando no áspero parapeito de cimento e pulei. Caí com força,um tornozelo esfregou numa pedra,raspei o nó de um dedo. O mais rápido que consegui,fui mancando no escuro em direção ao meu carro.

Meu coração batia forte quando finalmente entrei no carro. Olhei para trás e não vi sinal do guarda. Liguei o carro e,de faróis apagados,dirigi o mais rápido e mais silenciosamente que pude para a antiga estrada Cutler,rumo a Miami Sul,pegando o longo caminho para casa pela via expressa Dixie. As batidas do meu coração latejavam nos meus ouvidos. Como fui assumir um risco tão idiota. Nunca havia feito algo tão impulsivo,nunca fiz nada sem um cuidadoso planejamento. Era esse o Estilo Harry:tenha cuidado,seja seguro,prepare-se. Os Escoteiros das Trevas.

Mas não,fui fazer daquele outro jeito. Podia ter sido pego. Podia ter sido visto. Idiota,idiota...

se não tivesse ouvido o jovem guarda naquela hora,podia ser obrigado a matá-lo. Matar um homem inocente de forma violenta;eu tinha certeza de que Harry não aprovaria. Alem do que,foi tão confuso e desagradável.

Claro que eu ainda não estava a salvo,o guarda poderia muito bem ter anotado a placa do meu carro ao passor no carrinho de golfe. Corri um perigo desatino e terrível,fui contra todos os meus cuidadosos procedimentos,arrisquei minha vida tão cuidadosamente montada... para quê? Um

assassino emocionante? Que vergonha. Bem no fundo da minha cabeça,ecoou uma frase - Ah,sim,que vergonha-e ouvi o risinho desconhecido.

Respirei fundo e olhei minha mão no volante. Mas tinha sido emocionante,não? Tinha sido muito excitante,cheio de emoção,novas sensações e enorme frustração. Tinha sido algo completamente novo e interessante. E a estranha impressão de que foi em outro lugar,um lugar importante que era ao mesmo tempo novo e conhecido... e na próxima vez eu teria de explorar isso um pouco melhor.

Não que fosse haver uma próxima vez,claro. Eu certamente nunca mais faria uma coisa tão idiota e impulsiva. Nunca. Mas fazer uma vez... foi meio divertido.

Não importa. Eu ia para casa,tomaria um banho excepcionalmente longo e na hora que terminasse...

Hora. A palavra veio á minha cabeça se querer,sem que eu perguntasse. Eu tinha concordado em encontrar a Rita ás... exatamente àquela hora,segundo o relógio do painel. E com que obscura finalidade? Impossível saber o que se passa na cabeça das mulheres. Por que eu tinha de pensar no "para que" numa hora daquelas,quando todos os meus terminais nervosos estavam ligados e berrando de frustração? Não me interessava o que Rita queria dizer comigo.

Não ia me incomodar,quaisquer que fosse as criticas duras que ela fizesse aos meus defeitos de caráter,mas era irritante ser obrigado a perder tempo ouvindo,quando eu tinha coisas bem mais importantes para pensar. Queria pensar,principalmente,no que deveria ter feito e não fiz com o caro e finado Jaworski. Até o auge cruelmente interrompido e inacabado,tantas coisas novas tinham ocorrido que exigiam o meu melhor esforço mental. Eu precisava refletir,avaliar e compreender aonde tinham me levado. E qual era a relação com aquele artista lá,que estava me toldando e me desafiando com seu trabalho?

Com tanta coisa para pensar,por que eu precisaria de Rita exatamente naquele momento?

Mas claro que eu ia. É claro também que teria uma pequena finalidade,caso precisasse de um álibi para minha aventura com o pequeno porteiro. "Detetive,como você pode pensar que eu...? Alem do mais,nessa hora eu estava brigando com minha namorada. Ah,ex-namorada,na verdade." Pois não havia qualquer duvida na minha cabeça de que Rita queria apenas... qual é a palavra que se usa hoje em dia? Desabafar? É,Rita queria que eu fosse lá para desabafar. Eu tinha uns defeitos grandes de caráter que ela precisava me mostrar,com a inerente explosão de emoções,e precisava da minha presença.

Já que era assim,usei um minuto a mais para me limpar. Dei a volta em Coconut Grove e estacionei longe da ponte,mas próximo do rio. Por ali passava um canal bem fundo. Peguei umas pedras grandes de coral no sopé das arvores á beira d'água,enfiei-as na sacola onde estavam os plásticos,as luvas,a faca,e joguei tudo no meio do canal.

Parei mais uma vez,num pequeno e escuro parque quase na casa de Rita e me limpei bem.

Tinha de estar limpo e apresentável;levar bronca de uma mulher furiosa era para ser considerado um evento quase formal.

Imagine a minha surpresa quando toquei a campainha alguns minutos depois. Ela não escancarou a porta nem começou a jogar moveis em mim e me insultar. Na verdade,abriu a porta bem devagar e com cuidado,meio escondida atrás dela,como se tivesse com muito medo do que poderia esperá-la do outro lado. Considerando que era eu quem estava ali,aquele parecia um raro bom senso.

Dexter? ela perguntou,baixo,tímida como se não tivesse certeza de que a resposta seria sim ou não. _ Eu... não achei que você viesse.

_Pois cá estou _ disse eu,solicito.

Ela ficou sem falar por algum tempo bem mais longo do que parecia adequado.

Finalmente,abriu um pouco mais a porta e perguntou· _ Pode... entrar? Por favor?

Se foi uma surpresa aquele tom de voz hesitante,diferente de todos os que eu tinha visto ela usar,imagine o meu pasmo com a roupa que ela vestia. Acho que a coisa se chama peignoir ou talvez fosse um nigligé,já que sem duvida era negligente na quantidade de tecido usando.

E,por mais bizarra que fosse a idéia,acho que o alvo da roupa era eu.

Por favor? ela repetiu.

Foi tudo um pouco demais. Quer dizer,francamente,o que eu tinha de fazer lá? Eu estava furioso de insatisfação com o experimento com o porteiro;ainda ouvia no banco de trás a voz murmurando reclamações. E um rápido retrospecto da situação mostrava que eu estava sendo prejudicado pela querida Deb e o artistas das trevas e agora se esperava que eu fizesse algo de humano ali,como... o que,afinal? Ela certamente não ia querer,quer dizer,ela não estava uma FERA comigo? O que estava acontecendo ali? E por que acontecendo comigo?

_Mandei as crianças para a casa da vizinha _ disse Rita, Fechando a porta com a coxa.

Entrei.

Posso pensar em muitas coisas para contar o que se passou a seguir,mas nenhuma parece adequada. Ela foi para o sofá. Eu também fui. Ela sentou-se. Eu também. Ela parecia desconfortável e apertava a mão esquerda com a direita. Dava a impressão de que estava esperando alguma coisa e,como eu não sabia direito o que era,fiquei pensando no trabalho inacabado com o Jaworski. Se ao menos eu tivesse um pouco mais de tempo ! As coisas que eu poderia ter feito "

Enquanto eu pensava nessas coisas,notei que Rita estava chorando baixinho. Olhei bem para ela um instante,tentando apagar as imagens de um porteiro esfolado e sem sangue. Juro pela minha vida que não entendi por que ela estava chorando,mas,como ensaiei muito como imitar seres humanos,sabia que eu tinha de consolá-la. Inclinei-me e coloquei meu braço no ombro dela. "Rita,calma,calma." A frase não tinha uma palavra de sinceridade,mas era aconselhada por muitos especialistas. E deu resultado. Rita se aproximou e encostou o rosto no meu peito.

Apertei o braço em volta dela e com isso vi minha mão. Menos de uma hora antes,aquela mesma mão estava segurando uma faca para peixe em cima do pequeno porteiro. Fiquei tonto de pensar nisso.

E,francamente,não sei como,mas aconteceu. Num instante eu estava dando tapinhas nela,dizendo "calma,calma" e olhando as veias na minha mão,com a lembrança pulsando nos meus dedos,a onda de força e brilho quando a faca entrou na barriga de Jaworski. E no instante seguinte...

Acho que Rita olhou para mim. Tenho também uma razoável certeza de que olhei para ela.

Mesmo assim,não era bem Rita que eu via,mais uma pilha limpa de braços e pernas frios e sem sangue. E não era a mão de Rita que eu sentia na fivela do meu cinto,mas o coro insatisfeito e cada vez mais alto do Passageiro das Trevas. Pouco depois...

Bom. É de certa forma impensável. Quer dizer,bem ali no sofá.

Como é que aquilo pôde acontecer?

Quando eu deitei na minha caminha,estava exausto. Em geral,não preciso dormir muito,mas naquela noite parecia que precisava de umas boas trinta e seis horas de sono. Os altos e baixos da noite,a tensão de tantas experiências novas,tudo tinha sido esgotante. Mais esgotantes para Joworski,claro,aquela coisinha horrorosa e úmida,mas,naquela impetuosa noite,eu tinha usado toda a adrenalina a que tinha direito no mês inteiro. Não conseguia sequer pensar no que aquilo significava,no estranho impulso de voar pela noite,tão louco e temerário,até as coisas inacreditáveis que ocorreram com a Rita. Deixei-a dormindo e,aparentemente,bem mais contente. Mas Dexter,o pobre louco sombrio,estava de novo sem uma pista e,quando encostei a cabeça no travesseiro,dormir quase imediatamente.

La estava eu por cima da cidade como um pássaro sem osso voando veloz e o ar frio me impulsionava,me empurrava para onde a luz da lua ondeava no mar e chego na dura e fria sala de matar onde o porteirinho olha para mim e ri,de braços e pernas esticados como uma águia sob a faca,ri e o esforço que faz contorcer e muda a cara dele,não é mais Jaworski que está ali,mas uma mulher e o homem com a faca olha para onde eu flutuo sobre vísceras vermelhas girando e quando a cara aparece,ouço Harry lá fora e viro pouco antes de ver quem está na mesa,mas...

Acordo. Sinto uma dor de cabeça capaz de abrir um melão ao meio. Parecia que eu tinha acabado de adormecer,mas o relógio na cabeceira mostrava que eram cinco e catorze da manhã.

Outro sonho. Outra ligação interurbana na linha telefônica coletiva e fantasma. Dava para entender por que passe quase a vida inteira sem conseguir sonhar. Símbolos tão óbvios,tão idiotas,tão sem finalidade. Uma sopa de ansiedade totalmente incontrolável,odiosa,sem sentido.

E agora não conseguia dormir de novo,pensando nas imagens pueris. Se era para sonhar,por que eu não podia ser um sonho mais parecido comigo,interessante e diferente?

Sentei-me e esfreguei a testa que latejava. Uma terrível e entediante inconsciência escoava como um abscesso drenando e fiquei na beira da cama num torpor turvo. O que estava acontecendo comigo? E por que não acontecia com outra pessoa?

Aquele sonho parecia diferente e eu não sabia direito qual era a diferença ou o que significava.

Na ultima vez,tive certeza absoluta de que haver outro assassinato,sabia até onde seria. Mas desta vez...

Dei um suspiro e fui até a cozinha beber água. A cabeça da Barbie fez tac tac quando abri a geladeira. Os brilhantes olhos azuis de fixaram em mim sem piscar.

Por que tive aquele pesadelo? Seria apenas estresse das aventuras da tarde passada repercutindo no meu desgastado inconsciente? Nunca tive estresse;na verdade,sonhar sempre foi um alivio do estresse. Claro,eu também nunca tinha chegado tão perto de cometer um desastre. Mas por que sonhar com ele? Algumas imagens eram dolorosamente óbvias:Jaworski,Harry e o rosto invisível do homem com a faca. Francamente. Por que me incomodar com temas de psicologia de botequim?

Por que me incomodar com um sonho? Eu não precisava. Precisava era de descanso e,em vez disso,estava ali na cozinha brincando com uma boneca Barbie. Mexi na cabeça dela de novo:Tac tac. Aliás,que historia era essa de Barbie? E como eu ia resolver isso a tempo de salvar a carreira de Deborah? Como me livrar de LaGuerta,se a coitada estava tão caída por mim? Por tudo o que é sagrado:se alguma coisa estava mesmo acontecendo,por que Rita precisava fazer AQUILO comigo?

De repente,parecia uma reviravolta de novela e era demais. Achei alguns comprimidos de aspirina e mastiguei três,encostado na bancada da cozinha. Não me incomodei com o sabor.

Jamais gostei de nenhum remédio,exceto com uma finalidade prática.

Principalmente depois que Harry morreu.

CAPÍTULO 16

A morte de Harry não foi rápida nem simples. Levou um tempo horrível,Foi o primeiro e único ato de egoísmo que ele cometeu na vida. Harry ficou morrendo um ano e meio,em pequenos estágios,piorando em algumas semanas,depois lutando até ficar quase bom outra vez e deixando todos nós tontos tentando adivinhar. Será que ele ia embora daquela vez,ou será que tinha conseguido vencer tudo? Nunca sabíamos,mas,como se tratava de Harry,parecia bobagem desistirmos. Ele ia fazer o que fosse certo,por mais duro que fosse,mas o que significava aquilo em relação á morte? Era certo lutar e continuar nos fazendo sofrer com uma morte interminável,se ela acabaria chegando,não importando o que Harry fizesse? Ou será que o certo era morrer tranquilamente e sem confusão?

Com dezenove anos,eu certamente não sabia a resposta,embora já soubesse mais sobre a morte de que a maioria dos cabeças-ocas espinhentos da minha turma de calouros na Universidade de Miami.

E numa linda tarde de outono,após a aula de química,eu estava andando pelo campus rumo ao diretório estudantil,quando Deborah surgiu do meu lado. *Deborah,vamos tomar uma Coca* convidei,achando aquilo bem no estilo colegial. Harry tinha me dito para entrar para o diretório e beber Coca. Disse que isso me ajudaria a passar por humano e aprender como os outros se comportavam. Claro que ele tinha razão. Apensar de a Coca estragar meus dentes,eu estava aprendendo bastante sobre a desagradável espécie humana.

Nessa época,Deborah tinha dezessete anos e já era seria demais;então,respondeu ao meu convite balançando a cabeça. *Vim aqui por causa do papai* disse. E dali a pouco atravessamos a cidade de carro até o hospital onde tinham internado o Harry. Hospital não era uma boa noticia. Significava que os médicos estavam dizendo que Harry estava prestes a morrer e pedindo para ele ajudar.

Quando chegamos,Harry não parecia bem. Estava com uma cor verde e tão duro na cama que pensei que tínhamos chegado tarde demais. Estava magro e cansado daquela longa batalha,além de dar a impressão de estar muito preocupado com alguma coisa. O respirador ao lado dele sibilava,um som Darth Vader que vinha de uma sepultura viva. Harry estava vivo,digamos assim. *Papai,eu trouxe Dexter* disse Deborah,pegando na mão dele.

Harry abriu os olhos e virou a cabeça para nós,como se alguma mão invisível o tivesse empurrando do outro lado do travesseiro. Mas aqueles não eram os olhos de Harry. Eram pontos azul-escuros,parados e vazios,inabitados. O corpo de Harry podia estar vivo,mas ele não estava lá dentro.

_ O pai de vocês não está bem e estamos tentando fazer com que ele se sinta confortável _ disse a enfermeira para nós. E pegou uma enorme seringa numa bandeja,encheu-a e virou para tirar bolha de ar.

Espere.. foi um pedido tão fraco,pensei primeiro que fosse o som do respirador. Olhei pelo quarto e finalmente parei no que tinha sobrado de Harry. Por trás do vazio embaçado dos olhos,havia um pequeno brilho. *Espere*.. ele repetiu,fazendo sinal com a cabeça para a

enfermeira.

Ou ela não ouviu o pedido,ou resolveu ignorá-lo. Ficou ao lado,levantando gentilmente o braço raquítico e esfregou um algodão no braço dele.

_Não... _ arfou Harry,quase inaudível.

Olhei para Deborah. Ela parecia atenta,numa perfeita pose de incerteza formal. Olhei de novo para Harry. Ele grudou os olhos nos meus.

_Não... injeção... não... _ disse,e seus olhos tinham algo próximo do horror.

Adiantei-me e segurei o braço da enfermeira antes que ela enfiasse a agulha na veia de Harry.

Espere eu disse.

Ela me olhou e,por uma fração de segundos,notei alguma coisa naqueles olhos. Quase caí de surpresa. Os olhos tinham um ódio frio,desumano,tipo lagarto pensando Eu-Quero,como se o mundo fosse sua área de caça. Foi só um lampejo,mas eu tinha certeza. Ela queria enfiar a agulha no meu olho porque a interrompi. Queria enfiar a agulha no meu peito e apertar até minhas costelas saltarem,meu coração pular na mão dela e ela apertar e torcer até me matar.

Aquela mulher era um monstro,uma caçadora,uma assassina. Aquela era uma predadora,uma coisa desalmada e ruim.

Exatamente como eu.

Mas seu sorriso de sucrilho voltou logo. *O que foi,filhinho?* perguntou,sempre tão docemente,a perfeita Última Enfermeira.

Minha língua parecia grande demais dentro da boca e tive a impressão de demorar vários minutos para finalmente responder: _ Ele não quer tomar a injeção.

Ela sorrio de novo,uma coisa linda que ficou na cara dela como a bênção de um deus todo compreensivo. _ Seu pai está muito doente. E com muita dor _ informou. Manteve a agulha virada para cima,iluminada por uma luz melodramática vinda da janela. Brilhava como se fosse seu Cálice Sagrado. _ Precisa da injeção _ avisou ela.

_Mas não quer _ repeti.

_Ele está com dor _ ela disse.

Harry disse algo que não conseguir ouvi. Fixei os olhos nos da enfermeira e ela nos meus,dois monstros sobre a mesma presa. Sem desviar o olhar,inclinei-me sobre meu pai.

_ Eu... QUERO... a dor _ disse Harry.

Isso fez com que eu olhasse para ele. Por trás do esqueleto aninhado sob o corte escovinha que,de repente,parecia grande demais na cabeça,Harry tinha voltado á consciência e estava lutando meio á névoa. Fez um sinal com a cabeça,esticou devagar a mão para pegar a minha e apertou-a.

Olhei de novo para a Última enfermeira. _ Ele prefere sentir dor _ eu disse e,em alguma parte de sua pequena testa,com o arrogante menear da cabeça,ouvi o eugido de um animal selvagem vendo a presa fugir para a toca.

_Terei de comunicar ao médico _ ela disse.

_Pode comunicar,nós esperamos aqui _ concordei.

Olhei-a sair do quarto para o corredor como um pássaro enorme e implacável. Senti uma pressão na mão. Harry observava-me olhar a Última Enfermeira.

_Você... pode dizer... _ disse Harry.

_Sobre a enfermeira? _ perguntei. Ele fechou os olhos e concordou de leve com a cabeça,só uma vez. _ Sim,eu posso _ confirmei.

_Como... você _ disse Harry.

_O que vocês estão falando? Papai,você está bem? O que é "como você"? _ perguntou Deborah.

_Ela gosta de mim. Ele acha que a enfermeira deve estar apaixonada por mim,Deb _ eu disse e virei para Harry.

_Ah,certo _ resmungou Deborah,mas eu já estava prestando atenção em Harry.

_O que ela fez? _ perguntei a ele.

Harry tentou balançar a cabeça,mas só conseguiu mexê-la de leve. Pestanejou. Vi que a dor tinha voltado,como ele queria. _ Demais *ele disse* Ela... dá demais _ ele ficou ofegante e fechou os olhos.

Nesse dia,eu devia estar meio burro,pois não entendi na hora o que ele disse. _ Demais o quê? _ pergunte.

Harry abriu um olho turvo e cheio de dor. _ Morfina _ sussurrou.

Parecia que eu tinha sido atingido por uma onde de luz _ Overdose. Ela mata de Overdose.

Num lugar como este,onde o trabalho dela quase consiste nisso,ninguém vai questionar... pois...

Harry apertou minha mão de novo e eu parei com bobagem. _ Não a deixe fazer isso _ ele pediu com voz rouca e forte,o que era surpreendente. _ Não a deixe... me dopar de novo.

_Por favor,do que vocês estão falando? _ perguntou Deborah,quase ríspida. Olhei para Harry,mas ele fechou os olhos ao sentir uma súbita pontada de dor.

_Ele acha que hum... _ comecei a falar e parei. Deborah não tinha idéia de que eu era,claro,Harry tinha recomendado com firmeza para eu mantê-la por fora. Então,o problema era como contar aquilo sem revelar nada. _ Ele acha que a enfermeira está aplicando morfina demais. De propósito _ contei,por fim.

_Isso é loucura,ela é uma enfermeira _ disse Deb.

Harry olhou para ela sem dizer nada. Para ser sincero,também não consegui dizer nada para a incrível ingenuidade de Deb.

_ O que faço? _ perguntei a Harry.

Ele ficou me olhando um bom tempo. Primeiro,pensei que tivesse devaneado por causa da dor,depois vi que estava bem consciente. As mandíbulas estavam tão rígidas que achei que os ossos podiam entrar na pele fina;os olhos estavam claros e penetrantes como sempre foram,como na primeira vez em que ele me deu sua solução Harry para me adaptar ao mundo humano. _ Pare com ela _ disse ele,por fim.

Senti uma vibração enorme por todo meu corpo. Parar com ela? Seria possível? Será que ele queria dizer... parar? Até então,Harry tinha me ajudado a controlar o meu Passageiro das Trevas oferecendo a ele animais vadios,cervos de caça e,numa gloriosa ocasião,fomos juntos pegar um macaco selvagem que estava aterrorizando os arredores de Miami Sul. Tinha sido uma ocasião tão quase humana... mas ainda não foi só direita,claro,realizado todos os estágios teóricos de ficar de tocaia,provar que obedeceu á lei de caça e assim por diante. Harry sabia que um dia Aquilo ia acontecer e queria que eu tivesse me reparado para fazer direito. Ele sempre me impediu de realmente fazer. Mas,naquele momento... parar a enfermeira? Será que estava falando serio?

_Vou conversar com o medico. Ele vai mandar a enfermeira dosar o remédio _ disse Deborah.

Abri a boca para falar,mas Harry apertou minha mão e fez sinal com a cabeça,com dor. _ Vá _

ele disse;Deborah olhou-o um momento,antes de ir procurar o medico. Depois que ela saiu,o quarto ficou imerso num silencio perturbador. Eu só conseguia pensar no que Harry tinha dito: " pare com ela". E não podia dar outra interpretação àquilo,exceto que ele estava finalmente me soltando,me autorizando a fazer a Coisa Verdadeira. Mas não ousei confirmar,por medo de que ele disse que se referia a outra coisa. Então,fiquei por um bom tempo na pequena janela,olhando o jardim lá fora,com flores vermelhas salpicadas em redor de uma fonte. O

tempo passou. Fiquei com a boca seca. *Dexter* . chamou Harry.

Não respondi. Nada que eu pensasse parecia adequado. _ É o seguinte _ disse ele,lenta e dolorosamente. Olhei-o. Ele me deu um meio sorriso cansado quando viu que eu estava com ele,finalmente. _ Vou embora logo. E não posso impedir você de... ser o que é.

Ser o que sou,papai repeti.

Ele fez um gesto com a mão fraca,trêmula. _ Mais cedo ou mais tarde... você vai... precisar...

fazer com uma pessoa _ ele disse e meu sangue cantou com a idéia. _ Alguém que precise....

_Como a enfermeira _ completei,com a língua grossa.

_É. Ela precisa,Dexter. É... _ ele disse,fechando os olhos um instante e,quando perseguiu,a voz estava sumida de dor. _ Ela precisa,Dexter,é uma... _ Ele respirou com dificuldade. Ouvi sua língua estalar como se a boca estivesse seca demais. _ Ela está dando... doses excessivas aos doentes... matando... matando de propósito... Ela é uma assassina,Dexter... assassina.

Pigarreei. Estava meio tonto e constrangido,mas,afinal,aquele era um momento especial na vida de um jovem.

_Você quer... _ comecei, e parei porque minha voz falhou. _Acha que tudo bem se eu... parar com ele,papai?

_Sim,pare com ela _ disse Harry.

Por algum motivo,achei que eu tinha de ter certeza absoluta. _ Você está dizendo para eu fazer o que eu tenho feito com você? Como fizemos com aquele macaco?

Harry estava de olhos fechados e flutuando numa onda de dor que ia aumentando. Respirou leve e desigual.

Pare. . a enfermeira Como a gente .. fez com o macaco.. jogou um pouco a cabeça para trás e ficou respirando rápido,ainda com dificuldade.

Bom.

Foi isso.

"Pare a enfermeira como a gente fez com o macaco".

Tinha algo de louco. Mas na minha cabeça,que zoava sem parar,tudo era música. Harry estaca me soltando. Eu tinha autorização. Tínhamos conversado sobre um dia fazer isso,mas ele me impediu. Até aquele momento.

Agora.

_Nós falamos... sobre isso. Você sabe o que fazer... _ disse Harry ,ainda de olhos fechados.

_Falei com o médico _ avisou Deborah,entrando no quarto. _ Ele vem aqui acertar os remédios na planilha.

_Que bom _ aprovei,sentindo uma coisa aumentando dentro de mim vindo da base da espinha até o alto da cabeça,uma onda elétrica que me atingiu e me cobriu como um capuz negro. _

Vou falar com a enfermeira.

Deborah parecia assustada,talvez por causa do meu tom de voz. *Dexter* .. ela chamou.

Parei,tentando controlar a alegria selvagem que se apossava de mim. _ Não quero nenhum mal-entendido _ acrescentei. Minha voz soava estranha até para mim. Passei por Deborah antes que ela conseguisse registrar a minha expressão.

No corredor do hospital,fui abrindo caminho entre pilhas de lençóis brancos e bem passados e senti o Passageiro das Trevas assumir o controle pela primeira vez. Dexter ficou em segundo plano,quase invisível,as listras claras no corpo de um tigre voraz e transparente. Misturei-me a tudo,fiquei quase impossível de ser notado,mas estava lá de tocaia,dando voltas para encontrar minha presa. Naquele enorme lampejo de liberdade,a caminho da Coisa pela primeira vez,autorizado pelo todo-poderoso Harry ,eu sumi,me fundi no cenário do meu próprio eu nas trevas,enquanto o outro eu engatinhava e rugia. Finalmente,eu ia fazer Aquilo,fazer o que tinha sido criado pra fazer.

E fiz.

CAPÍTULO 17

E fiz. Fazia tanto tempo,mas as lembranças ainda pulsava dentro de mim. Claro,eu ainda guardava aquela primeira gota de sangue na lâmina. Foi minha primeira vez e eu conseguia lembrar a qualquer hora,bastava pegar minha pequena lâmina e olhar. Eu olhava,de vez em quando. Tinha sido um dia muito especial para Dexter. A ultima enfermeira tinha sido a Primeira Brincadeira e tinha aberto tantas maravilhosas portas para mim. Eu tinha aprendido tanto,descoberto tantas novas.

Mas por que estava lembrando da Última Enfermeira agora? Por que aquela série de fatos parecia me fazendo voltar no tempo? Eu não lembrava com alegria das primeiras calças compridas que usei. Precisava entrar em ação,tomar grandes decisões e iniciar atividades importantes. Em vez de patinar bobamente no terreno da memória e navegar nas boas lembranças da minha primeira lâmina de sangue.

Sangue que,lembrei então,eu não tinha tirado de Jaworski. Era o tipo de detalhe pequeno e infinitamente sem importância que transformava homens fortes e ativos em neuróticos agitados e choramingas. Eu precisava daquela lâmina. A morte de Jaworski não valia nada sem a lâmina. Toda a idiotice do fato foi pior do que uma bobagem impulsiva e burra;o ato estava incompleto. Eu não tinha a lâmina.

Balancei a cabeça tentando,como num espasmo,juntar duas células cinzentas na mesma sinapse. Tinha vontade de pegar a minha lancha e dar uma volta de manhã cedo. Talvez o ar salgado tirasse a estupidez da minha cabeça. Ou então podia ir rumo ao Sul para Turkey Point e esperar que a radiação me fizesse voltar a ser uma criatura racional. Em vez disso,fiz café.

Realmente,não tinha a lâmina. Aquilo desvalorizava todo o fato. Sem a lâmina,era melhor ter ficado em casa. Ou quase,de qualquer modo. Tive outras recompensas. Sorri satisfeito,lembrando a mistura de luz da lua e gritos abafados. Ah,que mostrinho doido eu tinha sido. Aquele episodio foi diferente de todos os demais. De vez em quando,é bom sair da rotina entediante. E tinha também a Rita,claro,mas eu não sabia o que pensar sobre aquilo,então não pensei. Pensei na brisa fria passando pelo homenzinho se debatendo,o homenzinho que gostava de

atacar crianças. Tinha sido uma ocasião quase feliz. Mas,daqui a dez anos,claro que a memória ia falhar e sem aquela lâmina eu não conseguiria lembrar.

Precisava do meu souvenir. Bom,veremos.

Enquanto fazia o café,dei uma olhada para ver se o jornal tinha chegado,mais por expectativa do que por certeza. Era raro o jornal chegar antes das seis e meia da manhã e aos domingos costumava ser entregue depois das oito e meia. Aquilo era mais claro exemplo de desintegração da sociedade que tanto preocupava o Harry. Francamente:se você não consegue entregar meu jornal na hora,como vai esperar que eu consiga não matar pessoas?

O jornal não tinha chegado,mas não tinha importância. Nunca tive grande interesse pela cobertura que a imprensa dava das minhas aventuras. E Harry tinha me avisado que era estupidez fazer um álbum de recortes de jornal. Ele não precisava e eu raramente dava uma olhada nas noticias das minhas performances. Claro que dessa vez foi um pouco diferente,já que eu tinha sido tão impetuoso e estava meio preocupado se tinha apagado as marcas direito. Estava também um pouquinho curioso para ler o que iam dizer do meu caso acidental.

Então,fiquei uns quarenta e cinco minutos sentado tomando café até ouvir o jornal ser jogado na porta. Peguei-o e abri-o.

Seja lá o que digam sobre os jornalistas(e há muito o que dizer,quase uma enciclopédia de coisas),eles não costumam ter problemas de memória. Pois o mesmo jornal que poucas semanas antes trombeteava POLICIAIS ENCURRALAM ASSASSINOS agora alardeava ESFRIA A HISTORIA DO HOMEM GELO ! Era uma matéria longa e adorável,escrita em estilo bem dramático,contando em detalhes a descoberta perto da antiga estrada Cutler. " Um porta-voz da delegacia de Miami(leia-se detetive LaGuerta,posso garantir) declarou que era cedo demais para ter certeza,mas que devia ser um assassino por imitação." O jornal tirava suas próprias conclusões(outra coisa que os jornalistas costumavam fazer com gáudio) e conjeturava se o destino cavalheiro que estava nas grades,o Sr. Daryll Earl McHale,seria,na verdade,o assassino.

Ou será que o assassino continuava solto,como mostrava a mais recente afronta á moral pública? Pois,refletia o jornal com zelo,como acreditarmos que dois criminosos desses quilate possam estar á solta ao mesmo tempo? Era muito bem pensado e achei que,se eles tivessem gasto a mesma energia a perspicácia para resolver os assassinatos,a coisa toda já estaria encerrada.

Mas,claro,a matéria era muito interessante. E sem duvida fez com que eu especulasse um pouco. Meu Deus,seria possível que aquele animal louco ainda estivesse solto? Será que alguém estava seguro naquela cidade?

O telefone tocou. Olhei o relógio da parede,eram quinze para as sete. Só podia ser a Deborah.

Estou lendo avisei ao telefone.

_Você disse que ele ia fazer uma coisa maior,de mais repercussão _ disse ela.

_E essa noticia não é? _ perguntei,com grande inocência.

_Ele não matou nem uma prostituta. Só um porteiro que trabalhava meio expediente na Escola Primaria Ponce Junior,mutilado dentro de uma obra na antiga Cutler. Que diabo,Dexter?

_Sabe que eu não sou perfeito,não é,Deborah?

_Nem segue o padrão:onde está o lugar frio que você disse que teria? E estreito?

_Estamos em Miami,Deb,as pessoas roubam qualquer coisa.

_Não é nem um assassino parecido *disse ela* É diferente dos outros. Até LaGuerta concorda,já

disse na imprensa. Droga,Dexter. Já estou tão exposta e esse caso é só um esfaqueador atacando aleatoriamente,ou alguma coisa ligada ao narcotráfico.

_Você não pode me culpar,não é justo.

Droga,Dex disse ela e desligou.

O noticiário matinal na tevê gastou quase um minuto falando na chocante descoberta do corpo mutilado. O canal 7 usou os melhores adjetivos. Mas ninguém sabia mais do que o jornal. Eles exalavam ódio e um tom sombrio de desastre que invadiu até a previsão meteorológica. Acho que isso foi causado em grande parte pela falta de fatos na reportagem.

Estava mais um lindo dia de sol em Miami. Com possibilidade de cadáveres mutilados enfrentarem chuva á tarde. Me vesti e fui para o trabalho.

Confesso que tinha um pequeno motivo suplementar para ir trabalhar tão cedo e destaquei-o parando para comprar docinhos. Duas roscas,uma porção de fatias de maçã fritas e um rocambole de canela do tamanho do meu pneu estepe. Comi fatias e uma rosca enquanto costurava alegremente o transito assassino. Não seu como consigo comer tantas roscas. Não engordo,nem fico com espinhas e,embora isso possa parecer injusto,não me queixo. Sou razoavelmente aquinhoado em matéria de genética:tenho um metabolismo rápido,boa altura e força,o que ajuda no meu hobby. E me disseram que sou agradável à vista,o que deve ser considerado como um elogio,acho.

Também não preciso dormir muito,o que foi ótimo hoje de manhã. Eu esperava chegar bem cedo,antes de Vince Masuoka,e parecia que tinha conseguido. A sala dele estava escura quando cheguei com o saco de papel branco para disfarçar,pois minha ida lá não tinha nada a ver com rosquinhas. Dei uma olhada rápida no escritório dele,procurando a reveladora caixa de provas com a etiqueta JAWORSKI e data do dia anterior.

Achei-a e peguei logo algumas amostras. Deviam ser suficientes. Coloquei luvas de borracha e num instante tinha imprensado as amostras na lâmina de vidro. Tenho consciência de besteira que foi assumir mais aquele risco,mas eu precisava da minha lâmina.

Acabei de colocar a lâmina na minha sacolinha plástica quando Vince chegou por trás de mim.

Rápido,coloquei as coisas de volta no lugar,girei de frente para a porta enquanto ele entrava e me via.

_Puxa ! você não faz barulho quando anda ! Parece que fez treinamento ninja.

Tenho dois irmãos mais velhos,é a mesma coisa disse Vince.

Mostrei o saco de papel branco e fiz uma reverência dizendo: _ Mestre,trouxe uma oferenda.

Curioso,ele olhou a "oferenda". _ Que Buda o abençoe,maconheiro. O que é?

Joguei o saco de papel para ele. Bateu em seu peito e caiu no chão. _ Não adiantou nada o treinamento ninja _ eu disse.

Meu corpo sarado precisa de café para funcionar disse Vince,abaixando-se para pegar o saco. *O que tem dentro? Doeu* Ele mexeu no saco,franziu o cenho. _ Espero que não seja pedaços de corpo. _ Pegou o enorme rocambole de canela e olhou. _ Caramba. Este ano a minha aldeia não vai passar fome. Agradecemos muito,maconheiro. _ Fez uma reverência segurando o rocambole e disse: _ Saldar uma dívida é uma benção para todos nós,meu filho.

_Sendo assim,você tem arquivado o caso do corpo achado na noite passada,perto da antiga estrada Cutler?

Vince deu uma boa mordida no rocambole. Ficou com a boca brilhando com uma cobertura de açúcar e foi mastigando devagar. *Humpp* fez,e engoliu. _ Nós estamos nos sentindo rejeitados?

_Se esse "nós" se refere a Deborah,sim. Eu disse que daria uma olhada no arquivo para ela.

Ulf ele fez,com a boca cheia. _ Plo mens tmuim sandessavez.

_Perdão,mestre,não entendo sua língua.

Ele mastigou e engoliu. _ Eu disse que pelo menos desta vez tem muito sangue. Mas você continua uma peça decorativa. Bradley recebeu um telefonema sobre esse caso.

_Posso ver o arquivo?

Ele deu outra mordida. _ El estafvivo...

_Isso mesmo,sem duvida. Em língua de gente,o que disse?

Vince engoliu. _ Disse que o cara ainda estava vivo quando foi esfolado.

_Os seres humanos são resistentes,não?

Vince enfiou o resto do rocambole na boca,pegou a pasta e entregou-a ao mesmo tempo que dava uma boa mastigada. Segurei a pasta.

_Preciso ir,antes que você tente falar de novo _ eu disse.

Ele tirou o rocambole da boca. _ Agora é tarde _ disse.

Fui devagar para meu canto,enquanto olhava na pasta. O corpo foi encontrado por Gervásio César Martez. O depoimento dele estava no alto da pasta. Trabalhava há catorze meses como segurança da Sago Security Systems. Não tinha ficha na policia. Encontrou o corpo mais ou menos às vinte e duas horas e dezessete minutos e imediatamente deu busca na região antes de chamar a policia. Queria pegar o pendello que fez aquilo porque ninguém podia fazer uma coisa assim,ainda por cima no turno dele,Gervásio. Era como se tivesse sido com ele,entende?

Por isso,ele mesmo ia pegar o monstro. Mas não foi possível. Não encontrou qualquer sinal do assassino,então chamou a policia.

O coitado levou a coisa para o lado pessoal. Eu compartilhava o ódio dele. Uma brutalidade dessas não devia ser permitida. Claro,fiquei também muito grato porque aquele conceito de honra me deu tempo de sumir. Eu,que sempre achei que moral fosse coisa inútil.

Virei-me em direção à minha pequena sala escura e dei de cara com a detetive LaGuerta. _

Rá,você não está com uma aparência muito boa _ ela disse,sem sair do lugar.

_Não sou de acordar cedo. Meu biorritmo só começa a funcionar ao meio-dia _ eu disse.

Ela me olhou a um centímetro de distancia e observou:_ Pois seu biorritmo me parece ótimo.

Contornei-a e fui para a minha sala. _ Posso dar uma pequena contribuição matinal para a autoridade máxima da lei? _ perguntei.

Ela ficou me olhando e disse· _ Tem um recado na sua secretaria eletrônica.

Olhei a secretaria. É,a luz estava piscando. Aquela mulher era mesmo uma detetive,sem duvidas.

_A ligação é de uma garota que parece meio sonolenta e feliz. Tem namorada,Dexter? _ A voz dela tinha um estranho toque de desafio.

_Sabe como é. As mulheres hoje são muito atiradas e,quando o cara é bonito como eu,elas se jogam de cabeça. _ Talvez a escolha de palavras não tivesse sido feliz,pois lembrei da cabeça de mulher que jogaram em cima de mim pouco tempo antes.

_Pois se cuide. Mais dia,menos dia,uma delas vai grudar em você. _ Eu não tinha idéia do sentido que ela quis dar à frase,mas era uma imagem bem inquietante.

_Tenho certeza de que você tem razão. Até lá,é melhor carpe diem _ eu disse.

_O quê?

_É uma expressão latina. Significa aproveitar o dia.

_O que você sabe sobre esse caso de ontem à noite? _ ela perguntou,de repente.

Mostrei a pasta. _ Eu estava justamente dando uma olhada.

_Não é a mesma coisa _ disse ela,franzindo o cenho. _ Não importa o que aqueles jornalistas idiotas digam. McHale é o culpado,ele confessou. Esse caso agora é diferente.

_Acho que é uma grande coincidência. Dois assassinatos brutais ao mesmo tempo.

LaGuerta deu de ombros. _ Estamos em Miami,eles pensam o quê? É aqui que esses caras vêm passar férias. Existem montes de maus sujeitos,eu não posso pegar todos.

Na verdade,ela não podia pegar nenhum,a menos que eles se jogassem de um prédio e caíssem no banco da frente de seu carro,mas não parecia boa hora para tocar no assunto.

LaGuerta aproximou-se e deu uma batidinha na pasta com a unha pintada de vermelho-escuro. _ Preciso que você encontre algo ai,Dexter. Para mostrar que não é a mesma coisa.

Tive uma luz. Ela estava sendo pressionada,provavelmente pelo capitão Matyhews,um sujeito que acreditava em tudo o que lia nos jornais,desde que escrevessem o nome dele direito. E ela precisava de munição para reagir. _ Claro que não é a mesma coisa. Mas por que eu é que tenho de encontrar? _ perguntei.

Ela ficou me olhando com olhos semicerrados,o que causou um efeito curioso. Acho que vi aquele mesmo olhar nuns filmes a que Rita me arrastou para assistir,mas por que diabos a detetive LaGuerta ficava me olhando daquele jeito,não sei. _ Deixei você assistir a reunião das setenta e duas horas. Apensar de Doakes querer vê-lo morto.

_Muito obrigado.

_Pedi para você porque às vezes tem uns palpites para essas coisas,assassinatos em série. É o que todos dizem: Ás vezes,Dexter tem um palpite.

_Ah,acertei só uma ou duas vezes,por sorte.

_ E preciso de uma pessoa do laboratório que descubra algo.

_Então por que não pede ao Vince? _ perguntei a ela.

_Por que ele não é tão esperto. Descubra alguma coisa _ insistiu ela.

Ela continuava desconfortavelmente próxima,tão perto que dava pra sentir p cheiro do xampu que usava.

_Vou encontrar _ prometi.

Ela fez sinal com a cabeça para a secretaria eletrônica. _ Vai retornar a ligação dela? Você não tem tempo de ficar procurando namorada.

Ela não arredava pé e levei um instante para concluir que estava se referindo ao recado na secretária. Dei meu melhor sorriso político. _ Acho que ela está me caçando,detetive.

_Rá. Essa você acertou. _ Ela me olhou comprido,virou-se e saiu. Não seu por que,mas fiquei olhando-a ir embora. Não conseguia pensar em fazer nada. Pouco antes de virar no corredor,ela passou a mão na saia e olhou para trás. Depois,sumiu em meio aos vagos mistérios da Política de Homicídios.

E eu? O pobre coitado do Dexter confuso? O que podia fazer? Desmontei o corpo na minha cadeira e apertei o botão da secretária eletrônica. "Oi,Dexter,sou eu". Claro que era ela. E,por estranho que parecesse,na voz lenta e levemente rouca parecia que o "eu" era Rita. "Hum...

fiquei pensando na noite passada. Ligue para mim,senhor". Como LaGuerta tinha dito,ela parecia meio cansada e feliz. Pelo jeito,eu tinha uma verdadeira namorada.

Onde aquela loucura iria parar?

CAPÍTULO 18

Fiquei algum momentos pensando só nas cruéis ironias da sorte. Vivi tantos anos de solitária independência e de repente estava sendo atacado de todos os lados por mulheres ansiosas.

Dava a impressão de que Deb,Rita e LaGuerta não conseguiam viver sem mim. Mas a única pessoa com quem eu queria passar um tempo estava quieta,deixando bonecas Barbie na minha geladeira. Isso era justo?

Enfiei a mão no bolso e senti a pequena lâmina de vidro bem guardada no saco plástico. Pelo menos,eu estava fazendo alguma coisa. E a única obrigação da vida,afinal,era ser interessante e sem dúvida minha vida estava sendo,no momento. A palavra "interessante" não descrevia bem a situação. Eu daria um ano de vida para descobrir mais sobre aquele furtivo enganador cujo trabalho tão elegante estava me intrigando cruelmente. Na verdade,quase dei mais de um ano com meu intervalo com o pequeno Jaworski.

É,as coisas estavam sem duvida interessantes. E será que as pessoas diziam mesmo no departamento que eu tinha um palpite para crimes em série? Isso era bem problemático.

Significava que meu cuidadoso disfarce podia estar prestes a ser descoberto. Eu tinha acertado muitos,várias vezes. Poderia virar um problema. Mas o que fazer? Passar um tempo sendo idiota? Não sabia de que jeito,mesmo depois de tantos anos observando atentamente.

Ah,ora. Abri a pasta de Jaworski,o coitado. Fiquei uma hora estudando-a e cheguei a duas conclusões. Primeira e mais importante:eu ia me afastar daquele caso,apesar da enorme atração que sentia por ele. Segunda:devia ter um jeito de Deb lucrar com o caso. Se ela conseguisse provar que era obra do nosso primeiro artista,enquanto LaGuerta insistia com a tese da copia. Deb poderia passar de alguém em quem não confiavam nem para trazer café a queridinha do mês. Claro que aquilo não tinha realmente a mesma autoria,mas,àquela altura,parecia um problema de somenos. Como eu tinha certeza de que logo seriam encontrados mais corpos,não valia a pena me preocupar.

Naturalmente,ao mesmo tempo,eu tinha de dar uma corda para a irritante detetive LaGuerta se enforcar. Ocorreu-me então que isso poderia também ser útil numa esfera mais pessoal.

Encurralada e parecendo idiota,LaGuerta iria tentar culpar o incompetente do laboratório,isto é,o idiota e obscuro Dexter,que a fez tirar a conclusão errada. E minha fama passaria a ser de uma muito necessária mediocridade. Evidentemente,aquilo não ameaçaria o meu emprego,já que eu era o perito em borrifos de sangue e não em perfil de assassinos. Sendo assim,eu ajudaria LaGuerta a demonstrar como era incompetente e aumentaria ainda mais a fama de Deborah.

Era ótimo quando as coisas corriam tão bem. Liguei para Deborah.

No dia seguinte,à uma e meia da tarde,encontrei-a num pequeno restaurante a poucos quarteirões ao norte do aeroporto. Ficava enfiado num pequeno shopping,entre uma loja de acessórios de carro e outra de venda de armas. Um lugar que nós dois conhecíamos bem,não ficava muito longe da sede da delegacia de Miami-Dade e tinha os melhores sanduíches cubanos do mundo. Talvez isso pareça pouco,mas garanto que às vezes só um medianoche resolve e,nessa hora,o Café Relâmpago era o único lugar para se ir. Era freqüentado pela família Morgan desde 1974.

E eu achava que cabia um leve toque,se não fosse para comemorar,pelo menos para reconhecer que as coisas estavam,aos poucos,melhorando. Talvez eu estivesse mais alegre porque tinha gasto um pouco de energia com meu caro amigo Jaworski,mas,de qualquer jeito,estava me sentindo muito bem. Pedi um batido de mame,uma vitamina cubana com sabor especial de melancia,pêssego e manga.

Claro que Deb não compartilhava do meu bom humor irracional. Dava a impressão de que ela andou estudando as expressões faciais de peixes grandes,triste e sorumbáticos.

_Por favor,Deb,se você não para com isso,sua cara vai ficar para sempre paralisada nessa expressão. As pessoas vão achar que você é uma garoupa _ sugeri.

_Tenho certeza de que não vão achar que sou uma policial,pois não serei mais.

_Bobagem. Não prometi uma coisa a você?

_É,prometeu também que isso ia da certo. Mas não disse nada a respeito das caras do capitão Matthews ia me fazer.

_Ah,Deb. Ele olhou para você? Lastimo demais _ eu disse.

_Quero que você se foda,Dexter. Você não estava lá,nem é a sua vida que está entrando pelo cano.

_Eu disse que a situação ia ser difícil durante um tempo,Debs.

_Bom,pelo menos nisso você acertou. Segundo Matthews,estou prestes a ser suspensa.

_Mas ele deixou você usar as horas livres para estudar melhor o caso?

Ela bufou. Ele disse "não posso impedi-la,Morgan. Mas estou bastante desapontado. Fico pensando no que seu pai diria."

_E você então retrucou "meu pai jamais daria o caso por encerrado botando na cadeia o cara errado?

Ela pareceu surpresa. _ Não,eu não disse isso. Mas andei pensando em como você sabe que é o cara errado.

_Mas não disse para Matthews que você pensou isso,não é,Deborah?

_Não.

Empurrei o copo de vitamina para ela. _ Tome seu mame,mana. As coisas estão melhorando.

Ela me olhou. _ Você não está só enchendo o meu saco?

_Jamais faria isso,Deb. Como?

_Com a maior facilidade.

_Francamente,mana. Você tem de confiar em mim.

Ela me encarou um instante e olhou para baixo. Ainda não tinha tocado na vitamina,o que era lastimável. O sabor era delicioso. _ Confio em você,mas juro por Deus que não seu por quê. _

Olhou para mim com uma expressão estranha,que ia e vinha. _ Às vezes acho até que não devia,Dexter.

Dei o meu melhor sorriso firme de irmão. _ Daqui a dois ou três dias aparece algo novo.

Prometo.

_Você não pode adivinhar _ ela disse.

_Sei que não posso,Deb. Mas tenho certeza de que vai. Vai mesmo.

_Então por que está tão feliz com isso?

Tive vontade de dizer que era por que a idéia me deixava feliz. Porque só de pensar em ver a maravilha exangue,eu ficava mais feliz do que com qualquer outra coisa. Mas,claro,não era um

sentimento que ela compartilharia comigo,então fiquei quieto. _ Estou feliz por você,naturalmente.

Ela bufou _ Está bem,esqueci _ ela disse. Pelo menos,deu um gole na vitamina.

Olha,se LaGuerta estiver certa... avaliei.

_Eu estou fodida e mal paga.

_Mas,se ela estiver errada,você está virgem e bem paga. Está acompanhando meu raciocínio,mana?

Hum ela fez,bem de má vontade,considerando a paciência que eu demonstrava.

_Se você gostasse de apostar,apostaria que ela tem razão? Em alguma coisa?

_Talvez,em matéria de moda. Ela realmente sabe se vestir _ disse Deb.

Os sanduíches chegaram. O garçom largou-os de qualquer jeito no meio da mesa,sem dizer nada,e voltou para trás do balcão. Apensar disso,eram sanduíches ótimos. Não sei por que eram melhores que todos os medianoches da cidade,mas eram;pão crocante por fora e macio por dentro,a quantia de carne de porco e picles,o queijo derretido na medida·pura felicidade.

Dei uma boa mordida. Deborah brincava com o canudo da vitamina.

Engoli. _ Debs,se minha lógica mortal e um sanduíche do Relâmpago não conseguem animar você,então é tarde demais. Você já morreu.

Ela me olhou com sua cara de garoupa e mordeu o sanduíche. _ Está muito gostoso,viu como me animei? _ disse,inexpressiva.

A coitadinha não estava convencida,o que era um golpe horrível no meu ego. Mas,afinal de contas,eu tinha oferecido a ela uma tradicional delicia gastronômica da família Morgan. E dei noticias ótimas,mesmo se ela não reconhecesse. Se aquilo não a alegrou,bom,francamente.

Não posso fazer tudo.

Outra coisinha que eu podia fazer era alimentar LaGuerta também,o que não era tão saboroso quanto os sanduíches do Relâmpago,mas era comestível a seu modo. Assim,naquela tarde,liguei para a boa detetive em seu escritório,que era um adorável cubículo no canto de um salão com outra meia dúzia de cubículos. O dela era o mais elegante,claro:as divisórias tinha boas fotos de LaGuerta ao lado de celebridades. Reconheci Gloria Estefan,Madonna e Jorge Mas Canosa. Sobre a mesa,havia um mata-borrão verde-jade revestido de couro e um fino porta-caneta de ônix verde com relógio de quartzo no centro.

Quando entrei na sala,LaGuerta estava ao telefone falando rápido em espanhol. Ela me olhou sem me ver e desviou o olhar. Um instante após,voltou a me olhar. Dessa vez,por inteiro;depois franziu o cenho e disse " Certo,certo,ta luo", o que é hasta luego em cubano.

Desligou e continuou me olhando.

Que noticia me traz? perguntou,por fim.

_Maré mansa _ respondi.

_Se isso quer dizer boas noticias,eu poderia aproveitar algumas.

Puxei com o pé uma cadeira dobrável até o cubículo dela. _ Não há duvida de que você prendeu o cara certo *anunciei,sentando-me na cadeira* O assassino da antiga estrada Cutler é outro cara.

Ela apenas me olhou um instante. Fiquei pensando se levava tanto tempo para processar a informação e responder.

_Você garante? Tem certeza? _ perguntou,por fim.

Claro que eu podia garantir,mas não ia,por mais que confessar fizesse bem à alma. Em vez disso,coloquei a pasta na mesa dela. _ Os fatos falam por si. Não há menor duvida _ completei.

Claro que ela não perguntou nada,como eu sabia muito bem. *Olhe* .. eu disse e peguei uma folha de fatos cuidadosamente comparados. _ Em primeiro lugar,a vitima é um homem. Todas as demais eram mulheres. Esta vitima foi encontrada perto da antiga Cutler. Todas as vitimas de McHale estavam perto da trilha Tamiami. Esta vitima estava relativamente intacta e no lugar onde foi morta. As vitimas de McHale estavam completamente mutiladas e foram levadas para outro local.

Continuei e ela ouviu,atenta. A lista era boa. Levei horas para chegar às comparações mais óbvias,bobas e de uma idiotice transparente;devo dizer que fiz um trabalho muito bom.

LaGuerta também fez sua parte maravilhosamente. Engoliu tudo. Claro que estava ouvindo o que queria ouvir.

_Para resumir,este novo crime tem uma marca de vingança,provavelmente relacionada com drogas. O cara na cadeia cometeu os outros assassinatos e estão todos total e completamente encerrados. Não voltarão a ocorrer jamais. Ponto final. _ Coloquei a pasta na mesa dela e mostrei minha lista.

Ela pegou a folha e ficou olhando-a um bom tempo. Franziu o cenho. Olhou a folha de cima a de baixo algumas vezes. Contraiu o canto labial inferior. Depois,colocou a folha com cuidado sobre a mesa,embaixo de um pesado grampeador verde-jade.

Certo concluiu,arrumando o grampeador para ficar alinhado com o mata-borrão. _

Certo,muito bem. Isso pode ajudar. _ Olhou para mim de novo,a pele franzia ainda grudada na testa e sorriu de repente. _ Certo. Obrigada,Dexter.

Foi um sorriso tão inesperado e sincero que,se eu tivesse sentimento,teria me sentido bem culpado.

Ela se levantou,ainda sorrindo e,antes que eu pudesse sair e lá,colocou os braços em volta do meu pescoço. _ Gostei mesmo. Você me deixa... MUITO grata. _ Esfregou o corpo no meu de um jeito que só podia ser considerado sugestivo. Não havia dúvida de que... quer dizer,ela,defensora da moral publica,bem ali em publico... e mesmo que fosse na privacidade de um cofre de banco eu não teria o menor interesse em ser roçado por ela. Sem falar que eu tinha acabado de entregar um corda,na esperança de que ela a usasse para se enforcar,o que não parecia coisa para alguém comemorar... bom,francamente,será que o mundo enlouqueceu? O que está havendo com os humanos? Nenhum deles pensa nisso?

Quase em pânico,tentei me soltar. _ Por favor,detetive...

_Me chama de Migdia _ ela pediu,dependurada em mim e se esfregando mais. Quando pôs a mão na frente da minha calça,dei um pulo. Considerando pelo lado positivo,consegui desestruturar a carinhosa detetive. Pelo lado negativo,ela girou de lado,bateu com a coxa na escrivaninha,tropeçou na cadeira e se estabacou no chão.

_Eu,ah,eu... tenho de trabalhar. Tem uma importante,ah... _ gaguejei. E não consegui pensar em nada mais importante do que correr e saí do cubículo enquanto ela ficou me olhando.

Não parecia um olhar amistoso.

CAPÍTULO 19

Acordei de pé,ao lado da pia,com a torneira aberta. Tive um instante de pânico absoluto,uma sensação de total desorientação,o coração batendo enquanto minhas pálpebras pesadas

adejavam,tentando se abrir. O lugar não era aquele. A pia parecia errada. Eu não tinha certeza nem de quem era;no sonho,eu estava na frente da pia do meu banheiro com a torneira aberta,mas não era aquela pia. Estava lavando as mãos,passando o sabonete com força,limpando cada microscópica mancha de horrível sangue vermelho com água tão quente que a pele ficou rosada,nova e asséptica. A água estava ainda mais quente pois do frio que fazia no quarto de onde eu tinha acabado de sair,o quarto de brinquedos,o quarto de matar,o quarto do corte seco e cuidadoso.

Fechei a torneira e fiquei ali um instante,encostado na pia fria. Tinha sido tudo tão real,não parecia com nenhum sonho. E eu lembrava tão bem do quarto. Conseguia vê-lo só de fechar os olhos.

Estou inclinado sobre a mulher,observando-a mexendo-se e comprimindo a fita adesiva que a prende,vendo o horror aumentar nos olhos nublados e passar a desespero,a grande onde de encantamento aumenta dentro de mim e faz meu braço pegar a faca. Quando vou começar...

Mas esse não é o começo. Porque sob a mesa há outra já seca e bem embrulhada. E no canto da sala tem mais uma,esperado a vez com um desesperançado pavor negro,diferente de tudo o que já vi,embora seja de certa maneira familiar e necessário esse abandono de todaas as outras possibilidades,pois sou tão completamente inundado por uma energia limpa e pura,mais embriagadora do que...

Três.

Desta vez são três.

Abri os olhos, Eu estava refletido no espelho. Olá,Dexter. Teve um sonho,meu velho?

Interessante,não? Três mulheres,hein? Mas era apenas sonho. Nada mais. Sorri para mim,testando os músculos da face,totalmente em duvida. E,por mais extasiante que tivesse sido,eu estava acordado,só com ressaca e as mãos úmidas.

O que poderia ter sido tão agradável intervalo no meu inconsciente,me deixou trêmulo e incerto. Estava com muito medo de pensar que minha cabeça tinha se mudado da cidade e deixado o aluguel para eu pagar. Pensei nas três garotas cuidadosamente embrulhadas e tive vontade de voltar para elas e continuar. Pensei em Harry e vi que não podia fazer isso. Eu estava perdido entre um sonho e uma lembrança e não sabia dizer o que era mais constrangedor.

Aquilo já não tinha graça. Eu queria a minha mente de volta.

Sequei as mãos e voltei para a cama,mas naquela noite não tinha mais sono para o querido e arrasado Dexter. Apensas deitei e fiquei olhando as manchas escuras flutuando no teto até que o telefone tocou,ás quinze para as seis.

_Você tinha razão _ disse Deb,quando atendi.

_É uma sensação deliciosa _ eu disse,me esforçando muito para ser brilhante como sempre. _

Razão sobre o quê? _ perguntei.

_Sobre tudo. Estou na cena de um crime na trilha Tamiami. Sabe de uma coisa?

_Eu tinha razão?

_É ele,Dexter. Tem que ser. E vai dar mais repercussão ainda.

_Repercussão como,Deb? _ perguntei,pensando,são três corpos,esperando que ela não confirmasse e excitado pela certeza da confirmação.

_Parece que são várias vitimas _ ela disse.

Senti um choque por dentro,do estômago para cima,como se tivesse engolido uma pilha ligada.

Mas fiz um enorme esforço para dizer algo inteligente. _ É ótimo,Deb. Você está falando exatamente como um relatório de Homicídios.

_É,bem. Estou começando a achar que um dia vou escrever um. Mas estou contente de que não seja este porque é estranho demais. LaGuerta não sabe o que pensar.

_Na verdade,ela não sabe nem pensar. O que tem de estranho,Deb?

_Preciso ir. Venha para cá,Dexter,precisa ver isso _ ela disse,de súbito.

Quando cheguei lá,tinha uma multidão de pessoas em volta da barreira,a maioria jornalistas. É sempre difícil passar por um monte de repórteres farejando sangue. Você pode não pensar assim,já que na tela da tevê eles parecem sujeitos certinhos,de inteligência restrita e graves distúrbios alimentares. Mas ponha-os dentro de um curral da policia e ocorre um milagre. Eles ficam fortes,agressivos,energéticos e capazes de empurrar qualquer um ou qualquer coisa e passar por cima. É meio parecido com as historias de mães idiotas que conseguem levantar um caminhão quando o filho está preso embaixo. A força surge de algum lugar misterioso e,de certa forma,quando há sangue no chão,essas criaturas anoréxicas conseguem empurrar o que for. E sem desarrumar os cabelos.

Por sorte,um dos caras uniformizados que estavam fazendo a barreira me reconheceu. _ Pessoal,deixa passar _ ele disse para os jornalistas.

_Obrigado,Júlio. Parece que casa ano tem mais jornalistas _ eu disse ao policial.

Ele bufou _ Alguém deve estar clonando. Parecem todos iguais.

Passei por baixo da fita amarela e quando cheguei ao outro lado tive a estranha sensação de que alguém estava adulterando o ar de Miami. Eu estava na parte suja de uma obra.

Construíram o que deveria ser um prédio de escritórios de três andares do tipo usado por empreendedores marginais. E, á medida que eu ia andando devagar,acompanhando o movimento em torno da estrutura semipronta,sabia que não era coincidência. Tudo era intencional,cuidadosamente calculado para causar impacto estético,explorado por necessidade artística.

Estávamos na obra porque era preciso. Ele estava fazendo sua declaração como eu tinha dito a Deborah que faria. Estava dizendo: Vocês pegaram o cara errado. Trancaram um cretino porque vocês também são cretinos. São burros demais para ver,a menos que eu esfregue no nariz de vocês. Pronto,eis ai.

Mais que isso,mais do que o recado para a policia e o publico,ele estava falando comigo;escarnecendo de mim,me provocando ao citar um trecho do meu trabalho feito às pressas. Ele levou os corpos para uma obra porque eu levei Jaworski para uma obra. Estava brincando de pegar comigo,mostrando para todos nós como ele era bom de bola e dizendo para um de nós (ou seja,para mim) que estava observando. Sei o que você fez,eu também posso fazer. Melhor ainda.

Acho que eu devia ficar meio preocupado.

Mas não fiquei.

Fiquei foi quase tonto.como uma garota do secundário quando o capitão do time toma coragem e convida-a para sair. Vocês está me convidando? A pobre euzinha? Ai,minha nosso,é mesmo? Desculpe,enquanto bato as pestanas.

Respirei fundo e tentei lembrar que eu era uma garota legal e não fazia aquelas coisas. Mas sabia que ele fazia e eu queria muito sair com ele. Por favor,Harry ,dá um jeito?

Pois,muito alem de apenas fazer umas coisas interessantes com um novo amigo,eu precisava encontrar aquele assassino. Tinha de vê-lo,falar com ele,provar a mim mesmo que ele existia e que...

Que o que?

Que ele não era eu?

Que eu não estava fazendo aquelas coisas horríveis e interessantes?

Por que eu haveria de pensar nisso? Era mais do que idiotice,era totalmente indigno da atenção do cérebro do qual um dia me orgulhei. Exceto se... naquele momento em que a idéia chacoalhava lá dentro,eu não conseguia que ela parasse quieta. E se fosse mesmo eu? E seu eu tivesse feito aquilo sem saber? Claro que não era impossível,totalmente impossível,mas...

Acordo na frente da pia do banheiro,tirando o sangue das mãos após um "sonho" em que,cuidadosamente e alegremente,me sujei fazendo coisas que em geral só faço em sonhos.

De alguma forma,sei de coisas sobre a série de assassinatos que só poderia saber se eu...

Se eu nada. Tome um tranqüilizante,Dexter. Comece de novo. Respire,seu bobo;inspire ar puro e expire ar viciado. Era apenas mais um sintoma da minha nova cabeça fraca. Eu estava apenas ficando precocemente senil devido ao estresse de toda a minha vida limpa. Admito que eu tinha tio um ou dois instantes de humana estupidez nas últimas semanas. E daí? Isso não provava necessariamente que eu era humano. Ou que eu tinha sido criativo no sonho.

Não,claro que não. Muito bem,não significava nada disso. Então,hum,o que queria dizer?

Eu achava que estava simplesmente endoidando,jogando um monte de neurônios no lixo.

Muito consolador... mas,se eu estava pronto a admitir isso,por que não admitir também que podia ter cometido uma série de deliciosas travessuras sem lembrar,exceto como trechos de sonhos? Será que era mais fácil aceitar a loucura do que a inconsciência? Afinal,era apenas uma forma mais elevada de sonambulismo. "Sono assassino". Vai ver que era bem comum. Por que não? Eu já entregava o volante da minha consciência quando o Passageiro das Trevas vinha dar uma volta. Não fazia muita diferença aceitar que a mesma coisa estava acontecendo naquele momento de forma um pouquinho diferente. O Passageiro das Trevas estava apenas pegando o carro emprestado enquanto eu dormia.

De que outra maneira explicar o fato? Dizer que eu estava siderado,projetando fatos enquanto dormia e sintonizando minhas vibrações com as do assassino devido à ligação que tivemos numa vida anterior? Certamente,isso fazia sentido... se Miami fosse no sul da Califórnia. Em Miami,parecia meio esquisito. Assim,se eu entrasse naquele prédio em construção e visse três corpos arrumados de um jeito que parecia estar falando comigo,teria de pensar na possibilidade de ter escrito a mensagem. Não fazia mais sentido do que acreditar que eu estava ligado numa espécie de linhas telefônicas coletiva do inconsciente.

Eu estava na escada externa do prédio. Parei um instante,fechei os olhos e encostei na parede de concreto aparente. Era um pouco mais fria que o ambiente,alem de áspera. Encostei a cara nela e a sensação foi entre o prazer e a dor. Por mais que eu quisesse subir e ver,ao mesmo tempo não queria.

Fale comigo. Conte o que você fez. Eu sussurrava ao Passageiro das Trevas.

Mas claro que não tive resposta além do riso de sempre,frio e distante. E isso não serviu de ajuda. Eu estava meio enjoado,levemente tonto,inseguro e não gostava dessa historia de "estar sentindo". Respirei fundo três vezes,endireitei o corpo e abri os olhos.

O sargento Doakes estava me olhando a um metro de distancia,na escada,com um pé no primeiro degrau. A cara era uma mascara negra esculpida com uma estranha agressividade,com um cachorro rottweiler que quer arrancar o seu braço,mas antes saber que gosto deve ter. Havia alguma coisa na expressão dele que eu nunca tinha visto em ninguém,a não ser no meu espelho. Era um vazio enorme e profundo de quem viu a charada da vida humana em quadrinhos e leu a última linha.

_Com quem você está falando? Tem alguém ai com você? _ ele perguntou,mostrando os dentes brilhantes e famintos.

As palavras e o jeito de quem sabia de alguma coisa penetraram em mim e transformaram o meu interior em geléia. Por que o sargento perguntou exatamente aquilo? O que queria dizer com "ai com você?" Será que ele sabia do Passageiro das Trevas? Impossível. A menos que...

Doakes soubesse quem eu era.

Exatamente como eu sabia da Última Enfermeira.

A coisa Interna reconhece um igual. Será que o sargento Doakes também transportava um Passageiro das Trevas? Seria possível? Um sargento homicida,um predador Dexter sombrio?

Impensável. Mas,então,como explicar? Eu não consegui pensar em nada e passei um bom tempo apenas olhando para ele. E ele me olhando.

Finalmente,ele balançou a cabeça,sem tirar os olhos de mim. _ Um dia desses,você e eu,a gente se acerta _ ele disse.

Em caso de chuva,vou pedir um cheque para reembolso de despesa falei,com todo bom humor que consegui. _ Enquanto isso,me dá licença...?

Ele ficou lá,ocupando toda a escada e só olhando. Finalmente,fez um leve sinal com a cabeça e deu passagem.

_ Um dia desses _ repetiu,enquanto eu passava e subia a escada.

O choque desse encontro me tirou instantaneamente do meu pavorzinho hipócrita. Claro que eu não estava matando sem ter consciência. À parte o ridículo da idéia,seria um desperdício impensável fazer tudo aquilo e depois não lembrar. Devia haver outra explicação,alguma coisa simples e fria. Certamente eu não era o único nas proximidades a ter aquele tipo de criatividade. Afinal,estava em Miami,cercado de gente perigosa como o sargento Doakes.

Subi rápido a escada,sentindo a adrenalina circulando,era quase eu mesmo de novo. Em parte,meus passos tinham uma saudável elasticidade porque eu estava fugindo do bom sargento. E mais·estava ansioso para ver aquela mais recente afronta ao bem-estar publico,sentia uma curiosidade natural,nada mais. Eu certamente não ia encontrar nenhuma impressão digital minha.

Cheguei ao segundo andar. Algumas esquadrias tinham sido instaladas nas janelas,mas o andar estava quase sem parede. Quando entrei na área principal,vi o Angel sem parentesco agachado no meio,imóvel. Estava com os cotovelos encostado nos joelhos e o rosto apoiado na mão,só olhando. Parei e olhei para ele,assustado. Era uma das coisas mais impressionantes que eu já tinha visto,um perito em homicídios de Miami paralisado pelo que tinha encontrado na cena do crime.

E o que tinha encontrado era mais interessante ainda.

Era uma cena tirada de algum melodrama sombrio,um vaudeville para vampiros. Exatamente como no lugar onde eu tinha deixado o Jaworski,havia uma pilha de divisórias de gesso cartonado

envoltas em plástico. Foram encostadas numa parede e estavam iluminadas pales luzes da obra e outras que a equipe de investigação tinha instalado.

No alto do gesso cartonado,arrumado como se fosse um altar,estava uma bancada preta,portátil. Tinha sido colocada para a luz incidir direto sobre ela,ou melhor mostrar apenas o que estivesse em cima.

Era,naturalmente,uma cabeça de mulher. Na boca,tinha o espelho retrovisor de algum carro ou caminhão,o que dava ao rosto uma aparência quase cômica de surpresa.

Acima dessa,à esquerda,havia outra cabeça. Sob o queixo dela,colocaram o corpo de uma Barbie,de forma que ficou uma cabeça enorme de uma mulher com o corpinho de uma boneca.

À direita,estava a terceira cabeça cuidadosamente montada sobre um pedaço de gesse cartonado,com as orelhas presas por parafusos que deviam ser cartonado. Não havia sangue empoçado em volta. As três cabeças não tinham sangue.

Um espelho,uma Barbie e gesso cartonado.

Três assassinatos.

Completamente secos.

Olá,Dexter.

Não havia duvida. O corpo da Barbie era uma referencia claro ao que estava na minha geladeira. O espelho se referia à cabeça jogada no elevado e o gesso cartonado,a Jaworski. Ou alguém estava tão dentro da minha cabeça que já era quase eu,ou tinha sido realmente eu.

Respirei devagar e com dificuldade. Tenho certeza de que minhas emoções não eram as mesmas dele,mas eu queria me agachar no chão ao lado de Angel-sem-parentesco. Precisava de um instante para lembrar como se pensa e o chão parecia um bom lugar. Mas fui andando lentamente para o altar como se estivesse sobre trilhos bem azeitados. Não conseguia parar,ir mais devagar ou fazer qualquer coisa que não fosse me aproximar. Só conseguia olhar maravilhosamente e me concentrar em respirar e expirar pelo lugar certo. Em toda volta,percebi aos poucos que eu não era o único a não acreditar bem no que estava vendo.

No exercito da minha profissão (para não falar no meu hobby),estive em centenas de cenas de crime,muitas das quais tão terríveis e cruéis que conseguiram chocar até a mim. Em todos esses assassinatos,a equipe da delegacia Miami-Dade fez seu trabalho de forma calma e profissional. Em todos,alguém ficou tomando café,outro comendo pasteles ou rosquinhas e outro ainda contando piada ou mexericos enquanto limpava o sangue. Em todas as cenas de crime em que eu tinha estado,um grupo ficava tão pouco impressionado com a carnificina que podia estar jogando boliche com o time da igreja.

Até aquele crime ali.

Dessa vez,a grande e vazia sala de concreto aparentemente estava artificialmente quieta. Os policiais e técnicos se agruparam silenciosos com dois ou três colegas como se estivessem com medo de ficar sozinhos e só olhavam o que estava no fundo da sala. Se alguém por acaso fazia um barulho,todo mundo pulava e olhava para a pessoa. A cena era tão comicamente estranha que eu certamente teria rido alto,se não estivesse tão hipnotizado quanto os demais.

Será que eu tinha feito aquilo?

Era lindo,num sentido horrível,claro. Mesmo assim,o arranjo era perfeito,interessante,lindamente exangue. Mostrava bastante sagacidade e um grande senso de composição. Alguém tinha tido muita dificuldade para transformar aquilo numa verdadeira obra

de arte. Alguém com estilo,talento e uma noção mórbida de brincadeira. Em toda a minha vida,só conheci uma pessoa assim.

Será que essa pessoa poderia ser o Dexter de sonhos sombrios?

CAPÍTULO 20

Fiquei o mais próximo possível da cena dramática sem mexer nela,só olhando. O pequeno altar ainda não tinha sido polvilhado para colher impressões digitais,nada tinha sido feito,mas já deviam ter fotografado. E ah,como eu queria levar para a casa a cópia de uma daquelas fotos.

Em tamanho cartaz e em cores,sem sangue. Se eu tivesse feito aquilo,era um artista bem melhor do que pensava. Mesmo ali,vistas tão de perto,as cabeças pareciam flutuar no espaço,acima da terra mortal,numa paródia atemporal e exangue do paraíso,literalmente separadas dos corpos...

Os corpos:olhei em volta. Não havia sinal deles,nenhuma reveladora pilha de pacotes cuidadosamente embrulhados. Só a pirâmide de cabeças.

Olhei mais um pouco. Alguns minutos após,Vince Masuoka surgiu lentamente,de boca aberta,o rosto pálido.

Dexter ele chamou,e balançou a cabeça.

_Olá,Vince. Onde estão os corpos? _ perguntei.

Ele balançou a cabeça de novo.

Ficou olhando as cabeças por um bom tempo. Depois,olhou para mim com cara de inocência perdida. _ Em algum lugar _ respondeu.

Houve um barulho na escada e o encanto se quebrou. Saí da cena dramática enquanto LaGuerta chegava com alguns jornalistas cuidadosamente selecionados: Nick Alguma Coisa,Rick Sangre,da tevê local,e Eric,o Viking,um estranho e respeitado colunista da jornal.

Por um instante,a sala ficou bem agitada,Nick e Eric deram uma olhada e correram escada abaixo tampando a boca com as mãos. Rick Sangre franziu o cenho,olhou as luzes e virou-se para LaGuerta.

_Existe uma tomada de luz? Preciso trazer meu câmera _ ele disse.

LaGuerta negou com a cabeça. _ Aguarde os outros _ disse.

_Preciso de imagens _ insistiu Rick Sangre.

O sargento Doakes apareceu por trás do Sangre. O repórter viu. _ Não pode gravar _ avisou Doakes. Sangre abriu a boca,olhou Doakes um instante e fechou a boca de novo. Mais uma vez,as qualidades excelsas do bom sargento tinham salvado o dia. Ele recuou e ficou protetoramente ao lado das partes do corpo exposta como se aquilo fosse um projeto de Feira de Ciências e ele,o segurança.

Alguém tossiu á porta:Nick Alguma Coisa e Eric,o Viking,voltaram pela escada,arrastando os pés como se fossem velhos. Eric não olhou para o fundo da sala. Nick tentou não olhar,mas a cabeça ficou virando para a horrível cona e ele fez força para olhar LaGuerta de novo.

Ela começou a falar. Aproximei-me para ouvir. _ Pedi para vocês três verem isso antes de autorizarmos a cobertura oficial da imprensa _ ela disse.

_Mas podemos cobrir sem ser oficialmente? _ interrompeu Rick Sangre.

LaGuerta ignorou a pergunta. _ Não queremos qualquer especulação na imprensa sobre o que houve aqui. Como podem ver,este é um crime bizarro e doentio... _ parou um instante e acrescentou,com cuidado:_Diferente de Tudo o Que já Vimos, _ Dava para ouvi-la colocando as

letras maiúsculas.

Nick Alguma Coisa fez _ Uh *e parecia pensativo. Eric,o Viking,entendeu na hora.* Ei,espera ai. Você está dizendo que este é um novo assassino? Uma série de assassinatos totalmente diferente?

LaGuerta olhou para ele,bem enfática. _Claro que ainda é muito cedo para garantir qualquer coisa _ disse,parecendo segura. _ Mas vamos ser lógicos,certo? Primeiro _ e levantou um dedo _,temos um cara que confessou os outros crimes. Está preso e nós não deixamos ele sair da cadeia para fazer isso. Segundo,isso não parece com nada que eu já vi,certo? São três cabeças empilhadas direitinho,certo? _ Benza Deus,ela havia percebido.

_Por que não posso trazer meu câmera? _ perguntou Rick Sangre.

_Não tinha um espelho num dos outros assassinatos? _ perguntou,tímido,Erick,o Viking,se esforçando para não olhar.

_Você já o identificou o hum... _ disse Nick Alguma Coisa. A cabeça dele foi girando para a cena,ele percebeu e voltou a olhar para LaGuerta. _ As vitimas eram prostitutas,detetive?

_Escutem _ disse LaGuerta. Ela parecia meio aborrecida e,por um segundo,a voz ficou com um toque cubano. _ Deixe-me decir uma coisa. Não me importa se eram prostitutas. Não me importa se há um espelho. Nada disso me interessa. _ Respirou e continuou,mais calma.

_Estamos com o outro assassino na cadeia. Temos a confissão dele. Este é um caso totalmente novo,certo? Isso é o importante. Vocês podem ver,é diferente.

_Então por que você está cuidando dele? _ perguntou Erick,o Vinking,com toda razão,pensei.

LaGuerta mostrou os dentes de tubarão: _ Porque resolvi o outro caso.

_Mas tem certeza de que esse é o outro assassino,detetive? _ insistiu Rick Sangre.

_Não há duvida. Não posso contar detalhes,mas tenho um laboratório de pericia para confirmar o que digo. _ Tive certeza de que estava se referindo a mim. Senti uma ponta de orgulho.

_Mas foi meio parecido,não? Mesma jurisdição,mesma técnica... _ começou a avaliar Erick,o Vinking. LaGuerta cortou.

_Completamente diferente,completamente _ discordou ela.

_Então você tem absoluta certeza de que McHale cometeu os outros crimes e este é totalmente diferente _ disse Nick Alguma Coisa.

_Totalmente. Além do mais,eu nunca disse que McHale cometeu os outros crimes.

Por um segundo,os repórteres esqueceram o horror de não terem fotos ou imagens. _ O quê? _ perguntou enfim,Nick Alguma Coisa.

LaGuerta enrubesceu,mas insistiu: _ Eu nunca disse que McHale matou. Ele é que disse que matou,certo? O que eu podia fazer? Dizer para ele ir embora,que eu não acreditava?

Eric,o Viking,e Nick Alguma Coisa trocaram um olhar significativo. Eu teria feito o mesmo se tivesse alguém para olhar. Em vez disso,vi a cabeça no meio do altar. Ela não chegou a piscar para mim,mas garanto que estava tão impressionada quanto eu.

_Isso é loucura _ murmurou Erick,mas foi atropelado por uma pergunta de Rick Sangre.

Podemos entrevistar McHale? Com imagens? quis saber Sangre.

A chegada da capitão Matthews nos salvou da resposta de LaGuerta. Ele subiu a escada fazendo barulho e parou ao ver nossa pequena mostra de arte. *Meu Deus !* exclamou.

Depois,olhou para os jornalistas em volta de LaGuerta e perguntou:_ O que vocês estão fazendo aqui?

LaGuerta deu uma olhada na sala ,mas ninguém se ofereceu para responder. _ Eu autorizei. extra-oficialmente,sem publicar ou noticiar nada _ disse ela,por fim.

_Você não disse que não era pra noticiar _ exaltou Rick Sangre. _ Disse apenas extra-oficialmente.

LaGuerta olhou bem para ele _ extra-oficialmente quer dizer para não noticiar.

Saiam. Oficialmente e extra-oficialmente. Fora daqui rosnou Matthews.

Eric,o Viking,pigarreou. _ Capitão,o senhor concorda com a detetive LaGuerta em que esta é uma nova série de assassinatos de autoria de outra pessoa?

_Fora,respondo às perguntas lá embaixo _ repetiu Matthews.

_Preciso de imagens,leva só um minuto _ pediu Rick Sangre.

Matthews fez sinal com a cabeça para a porta. _ Sargento Doakes?

Doakes apareceu e segurou Rick Sangre pelo cotovelo. *Senhores* disse,com a voz macia e apavorante. Os três jornalistas olharam para ele. Vi Nick Alguma Coisa engolir em seco. Os três então se viraram sem dizer nada e saíram juntos.

Matthews observou-os ir embora. Quando estavam fora do alcance da voz,virou-se para LaGuerta:_ Detetive,se algum dia repetir uma besteira dessas,terá sorte se conseguir emprego de segurança no estacionamento do Wal-Mart _ disse,numa voz tão peçonhenta que deve ter aprendido com Doakes.

LaGuerta ficou verde-clara,depois vermelho-forte.

_Capitão,eu queria apenas... _ ela ia dizer. Mas Matthews já tinha ido embora. Ele arrumou a gravata,ajeitou os cabelos com a mão e desceu a escada atrás dos jornalistas.

Virei-me para o altar outra vez. Estava igual,mas os peritos jogavam um pó para detectar impressões digitais. Depois,iriam analisar as cabeças. Dali a pouco,tudo seria apenas uma linda lembrança.

Desci a escada rápido para achar Deborah.

Lá fora,Rick Sangre já estava com um câmera gravando. O capitão Matthews ficou sob os holofotes com microfones grudados no queixo,dando sua declaração oficial: _ ... a policia do departamento sempre foi dar autonomia ao policial investigador até ficar evidente que a competência dele ficou ameaçada devido a uma série de erros graves de avaliação. Ainda não foi o caso desse crime,mas estou monitorando de perto. Com tanta coisa em jogo para a comunidade...

Enxerguei Deborah e passei ao lado deles. Ela estava junto à fita amarela de barreira,usando seu uniforme azul de patrulha. *Linda roupa* elogiei.

_Eu gosto. Você viu a cena do crime? _ ela perguntou em seguida.

_Vi. E também o capitão Matthews discutindo o caso com a detetive LaGuerta.

Deborah prendeu a respiração. _ O que eles disseram?

Dei um tapinha no braço dela. _ Uma vez,papai usou uma expressão forte que serve para a situação. Matthews "deu-lhe um bom esporro". Conhecia essa?

Ela parecia assustada e depois satisfeita. _ É uma ótima expressão. Agora realmente preciso de sua ajuda,Dex.

_Além do que já ajudei,certo?

_Não sei o que já ajudou,mas não bastou.

_Você é bem injusta,Deb. E pouco gentil. Afinal,está numa cena de crime usando seu

uniforme. Preferia estar com aquela roupa sexy?

Ela estremeceu. _ Não é esse o problema. Você ficou guardando algo o tempo todo e agora quero saber o que é.

Por um instante,eu não soube o que dizer,era sempre uma sensação desconfortável. Não sabia que ela era tão sensível. _ Ora,Deborah...

_Olha,você pensa que não sei que essa historia de política funciona e pode ser que eu não seja tão esperta quanto você,mas eles agora vão estar preocupados em proteger o próprio rabo. O que significa que ninguém vai investigar.

_O que significa que você tem oportunidade de mostrar serviço? Muito bem,Debs.

_E que preciso da sua ajuda como nunca. _ Apertou a minha mão e pediu: _ Por favor,Dexy?

Não sei o que me deixou mais chocado:a conclusão dela,o aperto de mão ou o apelido Dexy.

Ela não usava desde que eu tinha dez anos. Queira ou não,querendo disse "Dexy",transportou nós dois imediatamente para a Terra de Harry,um lugar onde a família era importante e as obrigações eram tão reais quanto prostitutas sem cabeça. O que eu podia dizer?

Claro,Deborah respondi. Dexy,isso mesmo. Quase que ela conseguiu me emocionar.

_Ótimo _ ela disse e ficou toda profissional outra vez,uma mudança maravilhosamente rápida que eu tinha de admirar. _ O que mais chama a sua atenção? _ ela perguntou,fazendo um gesto para o segundo andar.

_Os pedaços de corpo que faltam. Alguém os está procurando? _ respondi.

Deborah deu um de seus novos olhares de Tira Internacional,um que era ácido. _ Pelo que sei,há mais policiais encarregados de afastar as câmeras de tevê do local que fazendo algo nesse sentido.

_Ótimo. Se conseguirmos encontrar os pedaços,podemos adiantar as coisas _ eu disse.

_Certo. Onde a gente procura?

Era uma boa pergunta que,naturalmente,me deixava em desvantagem,pois eu não tinha idéia da resposta. Será que os membros ficaram na sala em que as vitimas foram mortas? Eu achava que não,seria uma bagunça;seria impossível ele usar a sala de novo,com aquela desagradável confusão em volta.

Muito bem,então o resto dos corpos tinham ficados em outro lugar. Mas onde?

Aos poucos,foi me ocorrendo que a verdadeira pergunta talvez fosse:por quê? As cabeças foram colocadas naquele lugar por um motivo. Qual seria o motivo para colocar o resto dos corpos em outro lugar? Apenas para disfarçar? Não,nada era simples com esse sujeito e disfarçar,evidentemente,não era uma qualidade que ele admirava muito. Sobretudo naquele momento,quando estava se exibindo um pouco. Sendo assim,onde largaria um monte de restos?

_Então? O que acha? Onde a gente procura? _ exigiu Deborah.

Balancei a cabeça. _ Não sei _ respondi devagar.

_Onde quer que tenha deixado,faz parte da declaração dele. E nós ainda não sabemos direito o que ele quer declarar,não é?

_Droga,Dexter...

_Sei que ele quer esfregar o nosso nariz nisso. Precisa mostrar que fizemos algo incrivelmente burro e,mesmo se não tivéssemos feito,que ele ainda é mais esperto do que nós.

_Por enquanto,ele tem razão _ Debs concordou,fazendo sua cara de garoupa.

_Então... seja lá onde for que jogou a coisa,tem de continuar aquela declaração. De que somos

burros,ou melhor,de que FIZEMOS uma coisa burra.

_Certo. Essa diferença é muito importante.

_Por favor,Deb,assim você vai quebrar a cara. A diferença é importante porque ele vai comentar o ATO e não os ATORES.

_Rã-rã. Muito bem,Dex. Então a gente devia ir para o teatro mais próximo e procurar um ator com sangue até os cotovelos,certo?

Balancei a cabeça. _ Sem sangue,Deb. Nada de sangue. Essa é uma das coisas fundamentais.

_Como você pode ter tanta frieza?

_Porque não havia sangue em nenhuma das cenas. Isso é de propósito,alem de fundamental para o que ele está fazendo. Desta vez,vai repetir as partes as partes importantes,mas comentar o que já foi feito e nós não percebemos,entende?

_Claro,entendo. Faz sentindo. Então por que não vamos checar no Office Depot Center? Ele deve ter deixado os corpos na rede do gol outra vez.

Abri a boca para fazer uma observação bastante sagaz. O rinque de hóquei foi uma escolha completamente errada,era óbvio. Foi um teste que ele fez,algo diferente,mas eu sabia que não ia repeti-lo. Comecei a explicar para Deb que a única razão para repetir o rinque seria...

parei,de boca aberta. Claro,pensei. Naturalmente.

_Agora quem está fazendo cara de peixe,hein? O que há,Dex?

Por um instante,fiquei calado. Estava muito ocupado tentando segurar meus pensamentos rodopiantes. O único motivo para ele repetir o rinque de hóquei será para mostrar que prendemos o cara errado.

_Ah,Deb,claro. Tem razão,o estádio. Você acertou por todos os motivos errados mais...

_Mesmo errando,eu acerto na mosca _ ela concluiu,indo para o carro.

CAPÍTULO 21

_Você entendeu bem que é um tiro no escuro? É provável que não encontremos nada _ avisei.

Eu sei disse Deb.

_E essa área não é da nossa jurisdição. Estamos em Broward e os caras daqui não gostam de nós, então...

_Pelo amor de Deus, Dexter. Você fala sem parar, parece uma escolar do primário _ ela reclamou.

Vai ver que ela estava certa, embora não fosse muito gentil dizer. Por outro lado, Deborah parecia estar um feixe de nervos de aço bem apertados. Quando saímos da via expressa Sawgrass e entramos no estacionamento do Office Depot Center, ela apertou os maxilares.

Quase deu para ouvir as mandíbulas rangerem. Dirty Harriet*, disse para mim mesmo, mas achei que Deb fingiu não ouvir.

Foda-se ela xingou.

Parei de Olha o perfil escuro de Deborah e passei para o estádio. Por um breve momento, com o sol do amanhecer incidindo diretamente, parecia que o prédio estava cercado por uma frota de discos voadores. Claro que eram apenas luzes da parte externa batendo no rinque como enormes cogumelos de metal. Alguém deve ter dito ao arquiteto que aquilo dava um efeito "jovem e cheio de energia". Tenho certeza de que dava mesmo, com a luz adequada.

Esperava, com toda sinceridade, que eles logo achassem qual era a luz adequada.

Demos uma volta ao estádio, procurando sinais de vida. Na segunda volta, apareceu um Toyota surrado, ao lado de uma das portas. A porta do carona estava fechada com uma corda presa ao batente. Ao mesmo tempo que estacionava, Deborah abriu a porta do carro e saltou com ele ainda em movimento.

Por favor, senhor? pediu ao homem que saia do Toyota. Ele tinha uns cinquenta anos, era atarracado e usava gastas calças verdes e uma jaqueta de náilon azul. Viu Deb de uniforme e ficou nervoso na hora.

_O quê? Não fiz nada _ ele disse.

_O senhor trabalha aqui?

_ *Craro.* Por que acha que estou aqui às oito da manhã?

_ Por favor, como se chama?

Ele procurou a carteira. _ Steban Rodriguez. Olha a carteira de identidade.

Deborah fez sinal de que não precisava. _Não. O que faz aqui a esta hora, senhor?

Ele deu de ombros e guardou a carteira no bolso. _Tenho que chegar mais cedo, mas agora o time está viajando...foi para Vancouver, Ottawa e L.A. Então venho um pouco mais tarde.

_Tem mais alguém aqui, Steban?

_Nããão, só eu. Eles dormem tarde.

_E de noite? Tem vigia?

Ele abanou a mão. _A segurança faz ronda no estacionamento, mas não muito. Na *mor* parte sou eu que chego *primero*.

_Quer dizer que é o primeiro a entrar no estádio?

_Isso, não foi o que eu disse?

Saltei do carro e inclinei-me sobre a capota. _ É você que passa a Zamboni no rinque para o treino de manhã? _ perguntei. Deb me olhou, preocupada. Steban virou-se para mim e notou minha garbosas camisa havaiana e as calças de gabardine. _ Que tipo de tira é você,ahn?

_ Um tira quadrado, trabalho no laboratório _ respondi.

_ Aaaaah, *craaaro* _ disse, ele, balançando a cabeça como se aquilo fizesse sentido.

_Você dirige a Zamboni, Steban? _ repeti.

_Sim, mas durante os jogos não posso. Só os caras de uniforme. Gostam de colocar um jovem ou alguém conhecido. Pra dar volta no rinque e abanar a mão pra arquibancada, essas porcarias. Mas eu dirijo a Zamboni de manhã bem cedo. Quando o time está na cidade. Eles agora estão viajando, então chego mais tarde.

_Nós gostaríamos de dar uma olhada no estádio _ disse Deb, sem esconder a impaciência por estar falando. Steban virou-se para ela, com um brilho esperto passando pelos olhos.

_Craaaar *o*. Têm autorização?

Deborah corou. O rubor do rosto fazia um lindo contraste com o azul do uniforme, mas certamente não era a coisa mais eficaz para reforçar sua autoridade. Eu a conhecia bem, sabia que ela ia perceber o rubor e ficar irritada. Não tínhamos autorização nem, na verdade, nada que pudesse ser considerado como permissão oficial e achei que se irritar não era a nossa melhor tática.

_Steban _ chamei, antes que Deb pudesse dizer algo lastimável.

_Ahn?

_Há quanto tempo você trabalha aqui?

Ele deu de ombros. _Desde que abriu. Já trabalhava no estádio anterior fazia dois anos.

_Então estava aqui na semana passada, quando encontraram o corpo no gelo?

Steban desviou o olhar. Sob a pele morena, ele ficou verde. Engoliu em seco. _ *Homi*, nunca mais quero ver uma coisa daquelas. Nunca _ garantiu.

Concordei com autentica solidariedade sintética. _ Você tem toda razão. É por isso que estamos aqui, Steban.

Ele franziu o cenho. _ *Oqui* quer dizer?

Olhei para Deb para garantir que ela não ia puxar uma arma ou algo assim. Ela fez cara de desaprovação, apertou os lábios e bateu os pés no chão, mas não disse nada.

_Steban _ repeti, chegando mais perto e fazendo a voz mais confidencial e máscula possível.

_ Nós achamos que pode ser que, quando você abrir esses portões agora, vai encontrar o mesmo tipo de coisa esperando lá.

_Droga! Não quero ter nada a ver *coaquilo* _ explodiu ele.

_Claro que não.

_ *Estoy cagando* para aquela droga _ disse ele.

_Certamente. Então porque não deixa a gente dar uma olhada antes? Só para garantir _ sugeri.

Ele olhou para mim um instante, depois para Deborah, que continuava zangada, o que caía muito bem nela, o uniforme destacava.

_Pode dar problemas e eu perder o emprego _ disse Steban.

Dei um autêntico sorriso solidário. _ Ou você pode entrar e achar uma pilha de braços e pernas. Muitos mais, desta vez.

_Droga. Se der problema, perco meu emprego, ahn? Por que eu ia fazer isso para você, ahn?

_E seu dever cívico?

_Vem cá, cara, está querendo me foder? Que diferença faz para você se eu perder o emprego?

Ele não estendeu a mão, o que achei bastante educado, mas era evidente que esperava alguma compensação financeira pela provável perda do emprego. Uma preocupação razoável, levando em conta que estávamos em Miami. Mas eu só tinha cinco dólares e realmente precisava de uma rosquinha e um café. Assim, apenas concordei com a cabeça, com uma compreensão viril.

_Você tem razão. Achávamos que você não precisava ver os pedaços de corpo, eu disse que dessa vez seriam vários, não? Mas, claro, não quero que perca seu emprego. Desculpe incomodar, Steban. Tenha um bom dia! *Sorri para Deborah.* Vamos, agente. Temos de voltar para outra cena do crime e procurar as impressões digitais.

Deborah ainda estava irritada, mas pelo menos consegui cooperar. Abriu a porta do carro enquanto eu dava um aceno simpático para Steban e entrava.

Esperem! ele chamou. Olhei-o com uma expressão de educado interesse. _Juro por Deus, não quero encontrar aquela droga de novo. _Olhou para mim, talvez esperando que eu fosse amaciar e entregar um punhado de moedas de ouro, mas, como já disse, eu só pensava em rosquinhas. Steban lambeu os lábios, virou-se e enviou uma chave na fechadura da grande porta dupla. _Pode entrar, eu espero aqui.

_Se você tem certeza... _eu disse.

_Anda, cara, o que quer?Entre!

Levantei-me do carro e sorri para Deborah. *Ele tem certeza* Falei. Debs apenas balançou a cabeça, numa estranha combinação de nervosismo de irmazinhã com mau humor de tira. Deu a volta no carro, entrou no estádio e eu fui atrás.

Lá dentro estava tudo frio e escuro, o que não devia me surpreender. A final, era um rinque de hóquei de manhã cedo. Steban sabia onde ficava a tomada de luz, mas não nos informou.

Deb pegou a grande lanterna que carregava no cinto e passou o facho de luz sobre o gelo.

Prendi a respiração enquanto a luz mostrava a rede de um gol, depois a outra. Deb percorreu a área com a lanterna outra vez, devagar, parando uma ou duas vezes e voltou a luz para mim.

_Não tem nada, droga nenhuma _ Ela disse.

_Você parece desapontada.

Ela bufou e se encaminhou para a saída. Fiquei no meio do rinque, no frio vindo do gelo e com meus bons pensamentos. Ou, mais exatamente, não tão *meus.*

Pois, quando Deb virou-se para ir embora, ouvi uma vozinha vinda de algum lugar soprando no meu ombro um riso frio e seco, um leve toque quase inaudível. E quando a querida Deborah saiu, fiquei paralisado lá no gelo, fechei os olhos e ouvi o que meu velho amigo tinha a me dizer. Não foi muita coisa, só um quase sussurro, um não-som, mas ouvi. Ele riu e resmungou coisas terríveis e suaves no meu ouvido, enquanto no outro ouvido eu escutava Deborah dizer a Steban para entrar e ligar as luzes. Ele fez isso logo a seguir, enquanto a vozinha aumentava num súbito crescendo de alegria barulhenta a horror afável.

O que é isso? Perguntei, educado. A única resposta foi um surto de ávido deleite. Eu não tinha ideia do que aquilo significava. Mas não fiquei muito surpreso quando ouvi o grito.

Stban tinha realmente um grito horrível. Era um grunhido rouco e embargado, parecia que estava passando muito mal. O homem não dava um toque musical na coisa.

Abri os olhos. Naquelas circunstâncias, era impossível me concentrar e, de todo jeito, não havia mais o que ouvir. Assim que a gritaria começou, o sussurro parou. Os gritos diziam tudo, não? Abri os olhos no memento em que Steban pareceu ser arremessado do pequeno quarto do outro lado do estádio e pulou no rinque. Foi pisando barulhentamente pelo gelo escorregando e resmungando coisas roucas em espanhol até cair de cabeça, horrorizado. O

gelo ficou com uma pequena mancha de sangue no lugar onde ele caiu.

Deborah entrou rápido pela porta, de arma na mão e Steban passou por ela, cambaleando de encontro à claridade do dia. _ O que foi? _ perguntou Deborah, segurando a arma com firmeza.

Inclinei a cabeça, ouvindo um último eco de riso seco e, com o grito de horror rouco ainda soando nos ouvidos, entendi.

_Acho que Steban encontrou alguma coisa _ respondi.

CAPÍTULO 22

Eu me esforcei bastante para mostrar Deborah que politicagem na polícia era uma coisa escorregadia e com inúmeros tentáculos. E quando se juntam duas delegacias que não querem saber uma da outra, as operações tendem a ser demoradas e seguir o que reza a cartilha, com boa dose de lentidão, pedidos de desculpas, além de xingamentos e ameaças velados. Tudo isso era muito divertido de assistir, claro, mas fazia com que as coisas pouco andassem. Assim, só varias horas depois dos berros apavorados de Steban, decidiu-se qual a delegacia a ser encarregada do caso e nossa equipe começou a examinar a feliz surpresinha que nosso novo amigo tinha descoberto ao abrir a porta do quarto.

Nesse tempo todo, Deborah ficou quase à parte, mal conseguindo disfarçar a impaciência. O capitão Matthews chegou com a detetive LaGuerta a reboque. Trocaram apertos de mão com os colegas do condado de Broward, o capitão Moon e o detetive McClellan. Bateram-se em alguns duelos verbais pouco educados que podem ser resumidos no seguinte: Matthews tinha quase certeza de que a descoberta de seis braços e seis pernas em Broward ligava-se à investigação de sua delegacia sobre três cabeças sem corpo encontradas na região de Miami-Dade. Afirmou, com palavras bastante amistosas e simples, que era um pouco fora de propósito achar que ele encontraria três cabeças sem corpos e depois fossem aparecer ali três corpos de outras cabeças.

Usando da mesma lógica, Moon e McClellan observaram que em Miami as pessoas encontram cabeças o tempo todo, mas em Broward isso não era tão comum e, portanto, podiam levar aquilo um pouco mais a sério. De todo jeito, não havia como saber se os crimes tinham ligação sem um trabalho preliminar, o que evidentemente devia ser feito por eles, já que estavam em sua jurisdição. Claro que teriam prazer em nos comunicar os resultados.

É claro que Matthews não aceitou a proposta. Explicou, cuidadoso, que o pessoal de Broward não sabia o que procurar, podia perder alguma pista ou destruir uma prova importante. Nada disso, claro, por incompetência ou burrice; Matthews tinha certeza de que o pessoal de Broward era muito competente.

Evidente que Moon não considerou a sugestão como um auspicioso espírito cooperativo e observou, um pouco ofendido, que ela parecia dar a entender que a delegacia dele estava cheia de idiotas de segundo time. A essa altura, o capitão Matthews ficou irritado o suficiente para reagir com excesso de gentileza dizendo que ah, não, segundo time, de maneira alguma.

Tenho certeza de que a conversa teria terminado em socos se o encarregado da chefia de polícia da Flórida (CPF) não tivesse chegado para apartar.

A CPF é uma espécie de FBI em âmbito estadual. Seus agentes controlam todo o estado, e ao contrário dos federais, são respeitados pela maioria dos tiras locais. O policial em questão tinha altura mediana, cabeça raspada e barba curta. Não me pareceu um homem especial, mas, quando se colocou entre os dois policiais bem maiores, estes calaram a boca e recuaram na hora. Em poucas palavras, ele acalmou e organizou as coisas e voltamos imediatamente a ser os limpos e bem-arrumados responsáveis pela investigação de homicídio múltiplo.

O homem da CPF decidiu que a investigação pertencia à jurisdição de Miami-Dade, a menos e até que as amostras de tecido provassem que os pedaços de corpo dali e as cabeças de lá não estavam relacionados. Em termos práticos e imediatos, isso significava que o capitão Matthews seria o primeiro a ser fotografado pela multidão de jornalistas que já estava aglomerada lá fora.

Angel-sem-parentesco chegos e começou a trabalhar. Eu não tinha muita certeza do que fazer com aquilo e não estou me referindo à disputa de jurisdição. Não, eu estava muito mais preocupado com o fato em si, que me dava muito o que pensar: não só nos assassinatos e na redistribuição das partes, que já é bastante intrigante. Mas claro que eu tinha conseguido dar uma olhada no quartinho de horrores de Steban antes que as patrulhas chegassem: alguém pode me culpar por isso, sinceramente? Eu queria apenas tirar amostras da carnificina e tentar entender por que o meu caro e desconhecido sócio nos negócios escolheu deixar lá as sobras.

Estou dizendo a verdade, eu só queria dar uma rápida olhada.

Então, assim que Steban abriu a porta e ficou berrando e grunhindo como um porco engasgado

com uma toronja, voltei ansioso para ver por que ele ficou fora de si.

Desta vez, as partes não estavam cuidadosamente embrulhadas, mas arrumadas no chão em quatro grupos. Quando olhei mais de perto, notei uma coisa maravilhosa.

Uma perna tinha sido colocada no lado esquerdo do quarto. Sem sangue, tinha cor azul-esbranquiçada e até uma pequena corrente de ouro no tornozelo, com berloque de coração.

Muito bonito, realmente, sem manchas de sangue, um trabalho muito elegante. Dois braços escuros, também bem cortados, foram dobrados no cotovelo e colocados ao lado da perna, com o cotovelo apontando para fora. Ao lado desses membros, todos dobrados nas juntas, as pernas foram colocadas formando dois grandes círculos.

Levei um instante para perceber. Pisquei e, de repente, foquei a vista e tive de franzir o cenho com fora para não rir alto como uma escolar, como Deb tinha me acusado.

Pos ele tinha colocado os braços e pernas formando uma palavrinha usada para assustar:

BOO

Os três torsos estavam cuidadosamente arrumados sob o BOO sem semicírculo, fazendo um lindo sorriso de Dia das Bruxas.

Que sacana.

Mas, enquanto admirava o espírito brincalhão que essa brincadeira demonstrava, pensei por que ele havia escolhido colocar ali, num quarto, em vez de no rinque, onde poderia ser visto por muito mais gente. Admito que o quarto era espaçoso, mas fechado, grande apenas para caber os pedaços. Então, por quê?

Enquanto eu pensava nisso, a porta externa do estádio se abriu com um estalido, devia ser a primeira equipe de resgate chegando. E a porta aperta deu um golpe de ar frio no rinque de gelo e nas minhas costas...

O ar frio percorreu minha espinha e foi rebatido por uma lufada de calor Penetrou de leve até o fundo escuro de minha consciência, algo mudou em alguma profundeza da noite sem lua do meu cérebro de lagarto, senti o Passageiro das Trevas concordar freneticamente com algo que não ouvi ou compreendi, exceto que tinha a ver, de alguma forma, com a urgência primal de ar frio, paredes se fechando e uma agressiva sensação de...

Correção. Sem dúvida. Alguma coisa ali era muito correta e deixava meu obscuro carona satisfeito, agitado e contente de um jeito que eu não estava entendendo. Flutuando acima de tudo estava a impressão estranha de que aquilo era bem conhecido. Nada fazia qualquer sentido para mim, mas aquela impressão estava lá. E antes que eu pudesse explorar mais um pouco essas estranhas revelações, um atarracado jovem de uniforme azul mandou-me dar um passo atrás e ficar com as mãos à vista. Claro que ele era o primeiro da patrulha que chegou e apontava sua arma para mim de forma bastante convincente. A cara dele só tinha uma sobrancelha negra, parecia não ter testa, por isso concluí que era boa idéia obedecer. Ele era do tipo de brutamontes burro capaz de atirar num inocente (ou até em mim). Afastei-me do quarto.

Infelizmente, ao me afastar, permiti que fosse visto o pequeno diorama no quarto e o jovem de repente ficou muito ocupado em achar um lugar onde depositar seu café-da-manhã.

Encaminhou-se para uma lata grande de lixo a uns dois metros de distância, antes de iniciar os feios sons de vomitar. Fiquei parado e esperei-o terminar. Um desagradável habito, jogar fora assim comida mal digerida. Pouco higiênico. E ele era um guardião da saúde pública também.

Mais uniformes entraram trotando no local e dali a pouco meu amigo simiesco estava dividindo a lata de lixo com vários colegas. O barulho era extremamente desagradável, sem falar no cheiro que vinha para meu lado. Mas, educado, esperei eles terminarem, já que uma das coisas fascinantes sobre armas é que elas podem ser disparadas até por alguém que está vomitando. Um dos uniformizados acabou, aprumou-se, limpou a cara na manga da camisa e passou a me interrogar. Daí a pouco, fui colocado de lado com a recomendação de não sair nem mexer em nada.

O capitão Matthews e a detetive LaGuerta chegaram logo após e, depois que finalmente se inteiraram dos fatos, relaxei um pouco. Mas naquele momento, em que eu podia ir a algum lugar e tocar em alguma coisa, apenas parei e pensei. E o que pensei era bem complicado.

Por que eu tinha a impressão de que conhecia o que estava no quarto?

A menos que voltasse à idiotice anterior, pensada naquele mesmo dia, e me convencesse de

que eu tinha feito aquilo, estava totalmente perdido quanto ao motivo de a coisa parecer tão deliciosamente não surpreendente. Evidente que eu não tinha feito aquilo. Já estava envergonhado com a estupidez da idéia. *Boo* mesmo. Não valia nem a pena zombar da idéia.

Ridículo.

Então, hum...por que parecia conhecido?

Suspirei e senti mais uma emoção nova, um torpor. Eu simplesmente não tinha idéia do que estava acontecendo, só que, de certa forma, fazia parte da coisa. Não era uma revelação que ajudasse muito, já que combinava perfeitamente com todas as minhas conclusões analíticas anteriores. Se eu aceitasse a idéia absurda de que tinha feito aquilo inconscientemente (e aceitei), então cada explicação posterior ficaria ainda mais imprevisível. Assim, Dexter resumiria o caso da seguinte forma: ele está envolvido de alguma maneira, mas não sabe o que isso significa. Senti que saíam dos trilhos as rodinhas do meu antes orgulhoso cérebro e caíam no chão com estrépito. Clang-clang. Uau. Dexter descarrilou.

Por sorte, fui salvo de desmoronar completamente graças à chegada de minha cara Deborah. _Venha, nós vamos lá para cima _ avisou, bruscamente.

_Posso saber por quê?

_Vamos falar com os funcionários, ver se sabem de alguma coisa _ ela respondeu.

_Devem saber, se têm um escritório _ sugeri.

Ela me olhou um instante e virou-se. *Vamos* chamou.

Talvez por causa do tom de ordem, fui. Andamos até o outro lado de onde eu estava sentado e fomos para o saguão. Um tira da jurisdição de Broward estava ao lado do elevador e dava para ver outros formando uma barreira à entrada da longa série de portas de vidro. Deb marchou até o tira do elevador e disse: _ Meu nome é Morgan. _ Ele concordou com a cabeça e chamou o elevador. Olhou para mim com uma cara inexpressiva que dizia muito. _ Meu nome também é Morgan _ informei. Ele apenas me olhou e virou-se para as portas de vidro.

Ouviu-se um ruído silencioso de correntes e o elevador chegou. Deborah entrou, apertou com força o botão a ponto de o tira olhar para ela. A porta se fechou.

_Por que tanta cara feia, mana? Não era este o trabalho que você queria fazer? _ perguntei.

_É, todo mundo sabe que esse trabalho é inútil _ ela zombou.

_Mas é de detetive _ observei.

_Aquela vadia da LaGuerta meteu o nariz. Assim que eu terminar aqui, tenho que voltar ao meu serviço com as prostitutas.

_Ai, meu Deus. Naquela sua roupinha sexy?

Isso mesmo ela confirmou e, antes que eu conseguisse formular alguma palavra mágica de consolo, chegamos ao andar do escritório e as portas do elevador se abriram. Deb saltou, fui atrás. Encontramos logo a sala da equipe, onde os funcionários foram reunidos aguardando que todo império da lei pudesse falar com eles. Havia mais um tira da jurisdição de Borward na porta da sala, imagina-se que para garantir que nenhum funcionário pudesse escapar pela fronteira com o Canadá. Deborah cumprimentou o tira na porta e entrou. Fui atrás sem muito ânimo e fiquei pensando no meu problema. Um instante após, fui arrancado do devaneio quando Deborah fez um sinal para mim com a cabeça e deixou entrar um jovem carrancudo, de cara oleosa e horrendos cabelos compridos. Fui atrás, de novo.

Naturalmente, Deborah estava separando o jovem para interrogatório, um ótimo

procedimento policial, mas, para ser bem honesto, aquilo não me entusiasmou. Eu sabia por instinto que nenhuma daquelas pessoas tinha nada de importante a contribuir. A julgar por aquele primeiro espécime, talvez fosse seguro usar essa generalização em relação a ele a ao assassinato. Interrogatório não passa de trabalho chato e improdutivo, entregue a Deb porque o capitão achou que ela fez algo certo, mas continuava sendo um inseto nocivo. Assim, mandou-a para longe, ocupar-se de uma peça detetivesca e enfadonha e ficar fora de vista. Fui arrastado junto porque minha irmã queria. Decerto, esperava que meus incríveis poderes extra-sensoriais pudessem adivinhar o que aquele bobo de escritório tinha comido no café-da-manhã. Só de olhar para o rapaz, eu tinha certeza de que comeu pizza fria com batata frita e um litro de Pepsi. A comida tinha acabado com o corpo dele e dado um ar de vaga agressividade.

Mesmo assim, segui Deborah quando o Sr. Carrancudo levou-a para uma sala de reuniões no fundo do prédio. A sala tinha no centro uma comprima mesa de carvalho com dez cadeiras pretas de espaldar ato e uma mesinha no canto com computador e equipamentos audiovisual.

Deb e seu jovem amigo espinhento sentaram-se e começaram a trocar cenhos franzidos, enquanto fui para a mesinha. Ao lado dela, sob a janela, havia uma pequena estante de livros.

Olhei para a janela. Quase em baixo de onde eu estava, vi a aglomeração cada vez maior de repórteres e viaturas da policia em volta da porta pela qual tínhamos entrado com Steban.

Olhei para a estante pensando em achar um canto para me encostar a agradável distância da conversa de Deb. Na estante havia várias pastas de papel pardo e, no alto, um pequeno objeto cinzento. Era quadrado e parecia de plástico. Um arame preto ia desse objeto para o computador. Peguei-o.

_Ei, não mexa com a webcam! _ mandou o repelente carrancudo.

Deb e eu nos entreolhamos e juro que as narinas dela inflaram como as de um cavalo de corrida na pista de largada. _ Não mexa com o quê? _ ela perguntou calma.

_A câmera está focada na entrada do prédio. Agora vou ter de focar de novo. Cara, por quê você foi mexer nas minhas coisas?

_Ele disse webcam _ respondi para Deborah.

_Uma câmera _ ela me disse.

_É.

Ela virou-se para o jovem Príncipe Encantado e perguntou: _ A câmera está ligada?

Olhou-a, surpreso, preocupado em manter o cenho franzido adequado. _ O quê?

_A câmera está funcionando? _ repetiu Deborah.

Ele bufou e passou o dedo no nariz. _Você acha que eu ia ter tudo aí se não funcionasse?

Duzentos paus. Funciona direitinho.

Olhei pela janela na direção onde a câmera apontava, enquanto o rapaz rosnava seu mau humor. _ Tenho um site na rede e tudo. Chama-se Kathouse.com. Quem acessa pode ver o pessoal entrando e saindo do prédio.

Deborah levantou-se e ficou ao meu lado, olhando pela janela. _ A câmera apontava para a porta _ eu disse.

_Ué, senão como é que quem entra no site ia ver o pessoal? _perguntou o nosso amigo feliz.

Deborah virou-se para ele. Após uns cinco segundos, ele enrubesceu e olhou para a mesma.

_ A câmera estava ligada ontem à noite? _ ela perguntou.

Sem olhar, ele apenas resmungou. _ Claro, quer dizer, acho que sim.

Deborah virou-se para mim. Seus conhecimentos micreiros resumiam-se ao preenchimento de relatórios padrão na delegacia. Ela sabia que eu entendia um pouco mais.

Como funciona?As imagens são arquivadas automaticamente? _ perguntei por cima da cabeça do jovem.

Desta vez, ele olhou. Eu tinha usado "automaticamente", por tanto devia entender. _ Sim. Reabastece a cada quinze segundos e joga para o disco rígido. Costumo apagar de manhã _ respondeu ele.

Deborah apertou meu braço com tanta força que tirou a pele. _ Você apagou esta manhã? _ ela perguntou.

Ele desviou o olhar de novo. Não, porque vocês chegaram berrando e fazendo tanto barulho que não consegui nem abrir meu correio eletrônico.

Deborah me olhou. *Acertou* eu disse.

Venha aqui disse ela para o nosso infeliz soldadinho.

Ahn? ele perguntou.

Venha aqui ela repetiu, e o rapaz se levantou devagar, de boca aberta e esfregando os nós dos dedos.

_ O quê é? _ ele disse.

O senhor pode vir aqui, por favor? perguntou Deborah com uma autêntica técnica de tira experiente e ele se movimentou. *Podemos ver as imagens da noite passada, por favor?* ela pediu.

O rapaz olhou para o computador, depois para ela: _ Por quê? _Ah, os mistérios da inteligência humana.

_Porque acho que você tem as imagens do assassino _ ela respondeu, bem lenta e cuidadosamente.

Ele olhou-a, piscou e corou. *De jeito nenhum* ele disse.

Claro que sim eu disse.

Ele olhou para mim, depois para Deb, abrindo a boca. _ Estranho, tá falando sério?...Quer dizer, não é..._ Ele corou ainda mais.

Podemos ver as imagens? repetiu Deb. Ele ficou parado um instante, mergulhou na cadeira do micro e pegou no mouse. Imediatamente, a tela ganhou vida, ele começou a digitar e mexer no mouse furiosamente. _ Peço para mostrar as imagens a partir de que horas?

_A que horas os funcionários saem? _ perguntou ela.

Ele deu de ombros. _ Na noite passada não houve jogo. Todo mundo já tinha ido embora lá pelas...oito da noite, acho.

_Comece à meia-noite _ eu disse e ele fez sinal com a cabeça.

Certo concordou, dando os comandos em silêncio, depois resmungou: _ Anda. Este micro tem só seiscentos mega. Eles não querem atualizar, ficam dizendo que está ótimo, mas é tãão lento que não vai...conseguiu – ele disse, interrompendo a frase de repente.

A tela mostrou uma imagem escura: o estacionamento vazio, embaixo de onde estávamos. _ Meia-noite _ ele disse e olhou para a tela. Quinze segundos após, a imagem mudou para outra igual.

_Vamos ficar olhando isso cinco horas? _ perguntou Deborah.

_Vá passando as imagens e procure faróis ou alguma coisa mexendo _ sugeri.

_Ceeeerto _ ele disse. Mexeu um pouco no teclado e no mouse, as imagens começaram a

passar uma por segundo. No começo não mudaram muito, era o mesmo estacionamento escuro, uma luz brilhante na beira da tela. Depois de umas cinqüenta imagens rápidas, apareceu um objeto. _ Um carro! _ exclamou Deborah.

Nosso querido micreiro balançou a cabeça. _ É da segurança _ ele disse e na imagem seguinte apareceu o carro da segurança.

Ele continuou passando as imagens, eternas e imutáveis. A cada trinta ou quarenta, víamos o carro da segurança passar e depois, nada. Ficamos vários minutos assim, houve um longo trecho com nada. _ Emperrou _ concluiu meu oleoso novo amigo.

Deborah olhou feio para ele. _ A câmera está quebrada?

O rapaz olhou para ela, corou de novo e desviou o olhar. _ Os caras da segurança são umas bestas. Toda noite, lá pelas três da manhã, eles estacionam o carro do outro lado e dormem _

explicou, mostrando as imagens passando, inalteradas. _ Está vendo? Olá, Sr.Segurança?Está dando duro no trabalho? _ Ele fez um som molhado no fundo do nariz que entendi que devia ser um riso. _ Não muito! _ repetiu o ronco e começou a passar as imagens de novo.

E então, de repente: *Pare!* gritei.

Surgiu na tela uma van, na porta embaixo de onde estávamos. A imagem mudou e um homem ficou ao lado do veículo. *Pode aproximar a imagem* pediu Deborah.

_Dê um zoom _ eu disse, antes de ele fazer mais do que franzir o cenho um pouco. Moveu o cursor, destacou a figura escura na tela e clicou no mouse. A imagem ficou mais próxima.

Não vai conseguir uma nitidez melhor que essa, os pixels... ele disse.

Fique quieto mandou Deborah. Ela olhava a tela com tanta intensidade que era capaz de derretê-la.Quando vi, entendi por quê.

Era noite e o homem na tela ainda estava longe para se ter certeza, mas, pelos poucos detalhes que vi, ele tinha algo estranhamente familiar na posição em que ficou congelado, apoiando o corpo nos pés, de perfil. Por mais indefinida que fosse a imagem, dava para concluir alguma coisa. Como uma onda muito brilhante de riso sibilante, a idéia veio do fundo do assento traseiro de meu cérebro e caiu em cima de mim com a força de um grandioso concerto de piano· ele realmente parecia muito com...

Dexter. ? disse Deborah, numa espécie de apressado e estrangulado crocitar; Isso mesmo.

Parecia muito com Dexter.

CAPÍTULO 23

Tenho certeza de que Deborah levou o jovem Sr. Cabelo Horroroso de volta à sala porque,quando olhei outra vez,ela estava sozinha,de pé na minha frente. Naquele momento,apesar do uniforme azul,não parecia nada com um tira. Parecia preocupada,parecia não saber se gritava ou chorava como uma mãe cujo filhinho querido tinha aprontado uma boa.

_Então? _ perguntou,e tive de convir que ela queria alguma coisa.

Nada mal. E você,o que acha? devolvi.

Ela chutou uma cadeira,que caiu ao chão. _ Droga,Dexter,não me pergunte essa besteira esperta! Diga alguma coisa. Diga que não era você! _ Eu não disse nada. _ Ou então diga que é você. Mas diga ALGUMA COISA! Qualquer coisa!

Balancei a cabeça. _ Eu... _ Não havia realmente o que dizer,então balancei a cabeça de novo.

_ Tenho quase certeza de que não sou eu. Quer dizer,acho que não. _ Mesmo para mim,aquilo soava como se eu tivesse com os pés plantados na terra das respostas mancas.

_O que dizer "tenho quase certeza?" Quer dizer que não tem certeza? Que pode ser você naquela imagem? _ ela perguntou.

_Bom,talvez; EU não sei _ respondi,o que foi realmente brilhante,considerando a situação.

_"Não sei" quer dizer que não sabe se vai me dizer ou que não sabe mesmo que é você na imagem?

_Tenho quase certeza que não sou eu,Deborah _ repeti. – Mas realmente não tenho certeza. Parece comigo,não é?

Droga ela xingou,chutando a cadeira no chão,que bateu na mesa. _ Como pode não saber,droga?

_É meio difícil de explicar.

_Tente!

Abri a boca,mas,pela primeira vez na minha vida,não saiu nada. Como se tudo já não tivesse bem ruim,eu parecia burro. _ Eu apenas... tenho tido aqueles... sonhos,mas... Deb,realmente não sei _ respondi e pode ter sido um resmungo.

_Droga droga DROGA! _ exclamou Deborah. Chute chute chute.

Era difícil discordar da analise sela da situação.

Todas as minhas reflexões idiotas e automutilantes voltaram-se contra mim com um toque brilhante e zombeteiro. Claro que não era eu... como poderia ser? Se fosse,eu não saberia?

Pelo jeito,não meu caro rapaz. Pelo jeito,você não sabia de nada. Porque nossas profundas e sombrias cabecinhas dizem todo o tipo de coisas que entram e saem da realidade,mas imagens não mentem.

Deb fez uma nova série de ataques ferozes à cadeira e depois se aprumou. Estava com o rosto bem vermelho e os olhos mais parecidos com os de Harry que nunca. _ Está certo,é isso _

disse. Piscou e parou um instante enquanto nós dois percebemos que ela havia acabado de dizer uma frase Harry.

E por um segundo Harry ficou na sala entre mim e ela,os dois tão diferentes e,mesmo assim,filhos de Harry,os dois estranhos herdeiros de seu legado ímpar. As costas de Deb ficaram menos duras e ela pareceu humana,coisa que eu não via há algum tempo. Olhou para mim um bom tempo e desviou o olhar. _ Você é meu irmão,Dex _ ela disse. Eu tinha certeza de que não era isso que ela queria dizer no começo.

_Ninguém vai reprová-la _ eu disse.

_Droga,você é meu irmão! _ ela berrou com uma agressividade que me pegou completamente de surpresa. _ Não sei o que você e papai falaram. Qual foi o assunto que vocês nunca comentaram. Mas eu sei o que ele faria.

Ele me acusaria eu disse e Deborah concordou com a cabeça. Brilhou alguma coisa no canto do olho dela.

_Minha família é só você,Dex.

_Não dá pra você barganhar muito com isso,não é?

Ela virou-se para mim,estava com a lágrima nos olhos. Por um longo instante,ficou só me olhando. Vi a lágrima sair do olho esquerdo e escorrer pelo rosto. Ela enxugou-a,aprumou-se,respirou fundo e virou-se para janela mais uma vez.

_Está certo. Ele acusaria você. É o que eu vou fazer. _ Olhou pela janela,lá longe no horizonte.

_ Tenho de acabar esses interrogatórios. Você fica encarregado de verificar se esta prova é

importante. Ponha o disquete no seu computador em casa e veja o que há. Quando eu terminar aqui,antes de voltar ao trabalho,vou lá ver o que você tem a dizer. _ Olhou o relógio no pulso. _ Oito horas. E se eu tiver de prender você,prendo. _ Olhou de novo para mim por um bom tempo. *Droga,Dexter* disse ela,baixo,e saiu da sala.

Fui até a janela e olhei. Lá embaixo,o circo de tiras,jornalistas e idiotas estava funcionando,o mesmo. Mais longe,depois do estacionamento,a via expressa estava cheia de carros e caminhões buzinando no limite de velocidade de Miami de 150 Km por hora. Mais além,na distancia turva,aparecia a silhueta dos arranha-céus de Miami.

E aqui na frente estava o turvo e confuso Dexter olhando pela janela uma cidade que não falava e,mesmo se falasse,não ia contar nada para ele.

Droga Dexter.

Não sei quanto tempo fiquei na janela,mas acabei concluindo que lá fora não havia respostas.

Mas podia haver algumas,no micro do capitão Espinhento. Virei para a mesinha. O

computador tinha um programa para copia de CD. Na estante acima,achei uma caixa de CDs para gravar. Coloquei um,copiei o arquivo de imagens e tirei o CD. Olhei-o,ele não tinha muito o que dizer e devo ter imaginado o leve riso sombrio no assento de trás. Só por precaução,apaguei o arquivo no disco rígido.

Ao sair,os guardas do Broward que estavam de plantão não me pararam,nem falaram comigo,mas tive a impressão de que me olharam com grande e desconfiada indiferença.

Fiquei pensando se aquilo era o que eu sentiria se tivesse consciência. Achei que jamais saberia... ao contrario da coitada da Deborah,que sofria por excesso de fidelidades impossíveis de coexistir na mesma cabeça. Admirei a solução que ela deu,me encarregando de dizer se a prova era importante. Muito limpo. Tinha um toque bem Harry,como deixar uma arma carregada sobre a mesa,na frente de um amigo ocupado e ir embora,sabendo que a culpa puxaria o gatilho e economizaria para a cidade os gastos com um julgamento. No mundo de Harry,a consciência de um homem não conseguia conviver com a vergonha da culpa.

Mas,como Harry sabia muito bem,o mundo dele tinha acabado há tempos... e eu não tinha nenhuma consciência,vergonha ou culpa. Só tinha um CD com algumas imagens.

E,claro,aquelas imagens faziam menos sentido ainda do que uma consciência.

Tinha de haver alguma explicação que não envolvesse Dexter dormindo na direção de um caminhão em Miami. Claro,muito dos motoristas na estrada pareciam conseguir isso,mas estavam no mínimo meio acordados quando ligaram o carro,não? E lá estava eu,de olhos abertos e alertas e nem um pouco o tipo de cara que iria percorrer a cidade e matar alguém sem ter consciência disso. Não,eu era do tipo que queria estar acordado durante todos os momentos da coisa. Além do mais,havia aquela noite no elevado·era fisicamente impossível eu jogar a cabeça no meu próprio carro,não?

A menos que eu tivesse me convencido de que podia estar em dois lugares ao mesmo tempo,o que fazia bastante sentido... considerando que a única alternativa crível era que pensei que estava sentado no meu carro e vi alguém jogar a cabeça,quando na verdade eu tinha jogado no meu próprio carro e depois...

Não. Ridículo. Não podia pedir às últimas partículas de cérebro que me restavam para acreditarem nessa espécie de conto de fadas. Deveria haver alguma explicação bem simples e lógica;eu ia encontrá-la e,embora parecesse um homem tentando se convencer de que não havia

nada embaixo da cama,falei alto: _Há uma explicação simples e lógica. _ Como nunca se sabe se tem alguém ouvindo,acrescentei:_ E não tem nada embaixo da cama.

Mais uma vez,a única resposta foi significativo silêncio do Passageiro das Trevas.

Apesar da alegre ânsia de sangue dos outros motoristas,não encontrei respostas ao dirigir de volta para a casa. Ou,para ser totalmente honesto,não encontrei respostas com sentido. Havia muitas respostas idiotas. Mas todas giravam em torno da mesma premissa de que havia algo de errado dentro da caveira do nosso monstro preferido e tive muita dificuldade em aceitar isso. Talvez apenas porque não achava que estivesse nem um pouco mais louco do que já me achei. Não notei nenhuma massa cinzenta faltando,não parecia estar pensando mais devagar ou de forma mais estranha e,até então,não tinha conversado com amigos invisíveis.

Exceto quando dormia,claro... mas isso contava mesmo? Todos nós não enlouquecemos quando dormimos? O que era o sono,afinal,senão o processo no qual jogamos nossa insanidade num buraco escuro do inconsciente e saímos do outro lado prontos para comer sucrilhos em vês dos filhos dos vizinhos?

À parte os sonhos que eu tinha tido,tudo fazia nexo:alguém jogou a cabeça no meu carro no elevado;alguém tinha deixado uma Barbie no meu apartamento e arrumado os corpos de um jeito esquisitos. Alguém,não eu. Alguém que não era o caro Dexter sombrio. Essa pessoa tinha sido finalmente capturada bem ali nas imagens do CD. Eu ia olhar para as imagens e provar de uma vez por todas que...

Que era bem provável que o assassino fosse eu?

Boa,Dexter. Muito bem. Eu disse a você que havia uma explicação lógica. Alguém que na verdade era eu. Claro. Fazia sentido,não?

Cheguei em casa e dei uma boa olhada em tudo. Não parecia haver ninguém à minha espera.

Nem tinha motivo para isso,claro. Mas,saber que esse arquiamigo que estava aterrorizando a metrópole sabia onde eu morava era um pouco inquietante. Ele tinha mostrado que era o tipo de monstro que podia fazer qualquer coisa... podia até entrar e deixar mais pedaços de boneca a qualquer hora. Principalmente se ele fosse eu.

Que,naturalmente,não era. Certamente,não. As imagens iam mostrar alguma coisinha para provar que a semelhança era apenas coincidência... e o fato de eu estar tão estranhamente ligado aos assassinatos também era coincidência,sem dúvida. Sim,evidentemente,era uma série de coincidências monstruosas perfeitamente lógicas. Talvez eu devesse comunicar ao pessoal do Guinness Book. Fiquei pensando:qual seria o recorde mundial de incerteza de uma pessoa para saber se cometeu uma série de assassinatos?

Coloquei um CD Philip Glass e sentei-me na minha poltrona. A música agitava o vazio dentro de mim e poucos minutos após algo como minha calma de sempre e minha lógica gelada voltarem. Fui até o micro e liguei-o. Coloquei o CD e olhei as imagens. Aproximei e distanciei algumas e fiz tudo o que sabia para clareá-las. Tentei coisas de que só tinha ouvido falar e coisas que inventei na hora,mas nada funcionou. No final,eu estava no mesmo ponto de quando comecei. Não era possível ter total nitidez suficiente para clarear a cara do homem.

Mesmo assim,fiquei olhando a tela. Vi as imagens por diversos ângulos. Imprimi-as e segurei-as sob luz. Fiz tudo o que uma pessoa normal faria e,embora ficasse satisfeito com minha imitação de gente,só descobri que o homem na imagem era parecido comigo.

Era simplesmente impossível ter uma idéia nítida de alguma coisa,nem mesmo da roupa que

ele usava. Estava com uma camisa que podia ser branca,marrom,amarela,ou até azul-clara. A luz do estacionamento era uma das brilhantes Argon anticrime que dava um brilho rosa -

alaranjado e,com a falta de nitidez da imagem,era impossível dizer mais alguma coisa. Ele usava calças largas e de cor clara. No conjunto,uma roupa padrão que qualquer homem podia usar,inclusive eu. Tive muitas roupas iguais àquelas em diversas ocasiões,suficientes para vestir um batalhão de homens parecidos com Dexter.

Consegui aproximar a imagem no lado da van para ver a letra "A" e,embaixo um "B" seguindo de um "R" e um "C" que também podia ser "O". Mas o veiculo estava fora do alcance da câmera e só deu para ver isso.

Nenhuma das outras imagens dava pista. Assisti à seqüência de novo:o homem sumia,reaparecia e depois a van ia embora. Não havia ângulos bons,nem lampejos ocasionais da placa... e nenhum motivo para dizer com segurança que aquele era ou não o esperto e sonhador Dexter.

Quando finalmente saí do computador,era noite,lá fora estava escuro. Fiz o que uma pessoa normal certamente teria feito várias horas antes·desisti. Não havia mais nada que eu pudesse fazer,a não ser esperar Deborah. Eu teria de deixar minha pobre irmã atormentada me arrastar para a cadeia. Afinal,de uma forma ou de outra,eu era culpado. Tinha mesmo de ser preso. Talvez até dividir uma cela com McHale. Ele poderia me ensinar a dança do rato.

Pensando nisso,fiz uma coisa realmente maravilhosa.

Dormi.

CAPÍTULO 24

Não sonhei,não tive a sensação de sair do meu corpo,não vi nenhum desfile de corpos fantasmagóricos,decapitados ou exangues. Também não vi rosquinhas dançando na minha cabeça. Não tive nada durante o sono,nem mesmo eu,só um sono escuro e durante o sono,nem mesmo eu,só um sono escuro e imenso. Mesmo assim,quando o telefone me acordou,eu sabia que era sobre a Deborah e que ela não vinha me encontrar. Minha mãe já estava transpirando quando peguei o fone. _ Alô _ atendi.

_Aqui é o capitão Matthews,preciso falar com detetive Morgan,por favor _ disse a voz.

_Ela não está aqui _ respondi,com um pouco de mim afundando por causa da idéias e do que significava.

_Hum. Aaah,bom,não é... A que horas ela saiu?

Olhei por instinto o relógio,eram nove e quinze e eu estava transpirando mais ainda. _ Ela não esteve aqui _ eu disse ao capitão.

_Mas disse que ia para sua casa. Ela está a serviço... deveria estar aí.

_Não esteve aqui.

_Bom,que droga,ela disse que você tinha umas provas de que precisamos.

Tenho,sim confirmei. E desliguei.

Eu tinha algumas provas,tinha a terrível certeza disso. Só não sabia direito quais eram. Mas precisava inventar e achava que não tinha muito tempo. Ou,para ser mais preciso,achava que a Deb não tinha muito tempo.

Mais uma vez,não sei como,eu soube disso. Não pensei conscientemente "ele pegou a Deborah". Não surgiram na minha cabeça imagens alarmantes do destino difícil dela. E não passou por nenhuma conclusão paralisante,nem pensei "Ué,Deb já devia ter chegado,ela não

costuma se atrasar". Eu simplesmente sabia,como soube,quando acordei,que Deb tinha vindo para minha casa e não conseguiria chegar. E sabia que isso queria dizer.

Ele estava com ela.

Pegou-a só para me proteger,disso sabia eu. Ele estava se aproximando cada vez mais de mim,entrando no meu apartamento,mandando pequenos recados através de suas vitimas,me provocando com pistas e sinais do que estava fazendo. E agora estava o mais perto que podia chegar de mim,sem estar no mesmo lugar que eu. Tinha pego a Deb e estava esperando com ela. Esperando por mim.

Mas onde? E por quanto tempo ia esperar até se impacientar e começar a brincar sem mim?

Sem Dexter,eu sabia bem quem seria a parceria de jogo:Deborah. Ela tinha vindo para minha casa com a roupa de prostituta,vestida de presente para ele. Ele deve ter achado que o Natal chegou. Ele estava com ela e naquela noite minha irmã seria sua amiga especial. Eu não queria pensar nela presa com fitas adesivas,bem esticada numa mesa e vendo pedaços de seu corpo sumirem lentamente para sempre. Mas era assim que queria. Em outras circunstâncias,poderia ser uma ótima diversão noturna,mas não com a Deborah. Eu tinha certeza de que não queria aquilo,não queria que ele fizesse nada definitivo e maravilhoso nessa noite,não. Mais tarde e com outras pessoas,podia ser. Quando nos conhecêssemos um pouco melhor. Mas não agora. Não com a Deborah.

Pensando assim,claro que tudo melhorava. Era ótimo ter tudo acertado. Eu preferia minha irmã viva,em vês de em pequenos pedaços exangues. Lindo,um sentimento quase humano da minha parte. Agora isso estava acertado:o que fazer a seguir? Eu podia ligar para Rita,talvez ver um filme ou andar no parque. Ou vejamos... talvez,não sei... salvar Deborah? É,isso soava interessante. Mas...

Como fazer?

Eu tinha pistas,claro. Sabia como ele pensava:afinal,eu pensava do mesmo jeito. E ele queria que eu o encontrasse. Estava mandando esse recado em alto e bom som. Se eu conseguisse tirar da cabeça toda a bobagem dispersiva (os sonhos,as caçadas imaginárias da Nova Era e tudo mais),tinha certeza de que,então,podia chegar ao lugar certo e lógico. Ele não pegaria Deb sem pensar que tinha me dado tudo que um monstro inteligente precisaria para encontrá-

lo.

Muito bem,então,inteligente Dexter:encontre-o. Vá atrás do seqüestrador de Deb. Deixe a sua lógica incansável seguir a trilha como uma matilha de lobos na neve. Bote o enorme cérebro em marcha rápida,deixe o vento passar entre as velozes sinapses de sua mente poderosa até ela chegar a uma conclusão beça e inevitável. Vá,Dexter,vá !

Dexter?

Olá,tem alguém aí?

Pelo jeito,não. Não ouvi nenhum vento das sinapses passando rápido. Eu estava vazio como nunca. Não sentia um redemoinho de emoções debilitantes,claro,já que eu não tinha nenhuma emoção para redemoinhar. Mas o resultado era igualmente assustador. Eu estava tão atordoado e esgotado como se realmente pudesse sentir alguma emoção. Deborah tinha sumido. E corria grande perigo de se tornar uma fascinante obra de arte performática. A única esperança de ela manter algum tipo de vida fora uma série de fotos na sua mesa de um laboratório de polícia era o cansado e arrasado irmão. Pobre Dexter mudo,sentado numa poltrona com a cabeça

girando,querendo morder o próprio rabo,uivando para a lua.

Respirei fundo. Dentre todas as ocasiões em que precisei ser eu,essa foi a maior. Concentrei-me,acalmei-me e,enquanto uma pequena parte de Dexter voltada a preencher o vazio na cavidade cerebral,percebi quão humano e burro eu tinha ficado. Não havia muito mistério. Na verdade,era completamente óbvio. Meu amigo tinha feito tudo,exceto enviar um convite formal dizendo:"Aguardamos sua honrosa presença na vivisseção da sua irmã. O uso do coração negro é opcional." Mas até essa pequena gota de lógica secou na minha caveira latejando ao surgir uma nova idéia purgando da lógica podre.

Eu estava dormindo quando Deb sumiu.

Isso significava que,mais uma vez,eu tinha feito uma coisa sem saber? E se eu tivesse levado Deb para algum lugar,empilhando os pedaços num pequeno quarto de despejo frio e...

Quarto de despejo? De onde veio essa idéia?

A sensação de confinamento...a adequação do quarto no rinque de hóquei... o vento frio passando pela minha espinha... Por que tinha importância? Por que eu ficava pensando nisso?

Por que,não importa o que houvesse,eu voltava para aquelas mesmas lembranças ilógicas,sem que visse um motivo? O que significavam? E por que eu buscava sentido numa coisa sem importância? Pois,quer significasse alguma coisa ou não,era só o que eu tinha para me basear.

Precisava encontrar um lugar que juntasse aquela sensação de frio com a de aperto. Não havia outro lugar:eu tinha de achar o contêiner, Nele eu encontraria Deb e encontraria a mim mesmo ou não-eu. Não era simples?

Não. Não era nada simples,só simplório. Não tinha sentido dar atenção para os fantasmagóricos recados secretos flutuando nos meus sonhos. Sonhos não tem nada a ver com a realidade,não deixaram que as marcas de garras de Freddy Krueger d A hora do pesadelo pareçam no nosso mundo desperto. Eu não podia sair feito louco do meu apartamento,pegar o carro e dirigir sem rumo num pânico psicológico. Sou um ser frio e lógico. Portanto,fria e logicamente,tranquei meu apartamento e fui para o carro. Ainda não tinha a menor idéia de para onde eu ia,mas a necessidade de chegar lá logo assumiu as rédeas e me levou para o estacionamento do prédio,onde eu deixava meu carro. Mas,a poucos metros do carro,parei como se tivesse batido numa parede invisível.

A luz interna do carro estava acesa.

Eu tinha certeza de que não a deixei ligada,pois estacionei de dia e vi que as portas estavam bem trancadas. Um eventual ladrão deixaria a porta aberta para evitar barulho de fechá-la.

Aproximei-me lentamente sem saber direito o que ia ver ou se realmente queria ver. A poucos centímetros,vi alguma coisa no banco do carona. Dei a volta no carro com cuidado e,com os nervos tensos,olhei. Lá estava.

Mais uma Barbie. Eu estava ficando com uma coleção.

Essa,usava um bonezinho de marinheiro,saia de cintura baixa e short rosa,justo. Tinha uma bolsa pequena com a marca da companhia de navegação CUNARD gravada na lateral.

Abri a porta e peguei a boneca. Tirei a bolsinha da mão dela e abri. Alguma coisa caiu e rolou pelo chão. Peguei-a. Parecia muito com o anel de secundário da Deborah. Na parte interna estava gravado D>M.,as iniciais dela.

Caí sentado no banco do carro segurando a Barbie nas mãos úmidas. Virei-me. Dobrei suas pernas. Abri seus braços. E o que você fez na noite passada,Dexter? Ah,brinquei com minhas

bonecas enquanto um amigo cortava minha irmã em pedaços.

Não perdi tempo pensando como a Cruzeiro Marítimos Barbie Puta tinha entrado no meu carro. Aquilo era sem duvida um recado... ou uma pista? Mas as pistas deviam levar a alguma coisa e aquela parecia indicar o caminho Marítimos Cunard? Como se encaixava num espaço frio e apertado para matar? Eu não conseguia ver uma ligação. Mas só havia um lugar em Miami que se encaixava.

Peguei a antiga estrada Douglas e virei à direita para Coconut Grove. Tive de reduzir a marcha para passar pela série de idiotas felizes dançando na rua,entre as lojas e os bares. Todos pareciam ter tempo e dinheiro de sobra e poucas pistas além dessas e levei mais tempo do que devia para me livrar deles,mas era difícil ficar muito nervoso,já que não sabia para onde ia.

Ia para algum lugar,pela Bay front Drive,depois Brickle e o centro de Miami. Não vi grandes sinais de néon com flechas luminosas me orientando:"Por aqui para a dissecação!". Mas continuei,me aproximando do ginásio da American Airlines e,pouco depois,do elevado MacArthur. Olhei rapidamente a lateral do ginásio e vi um enorme transatlântico em Government Cut,não da Cunard,claro,mas procurei,ansioso,algum sinal. Parecia óbvio que eu não estava sendo levado para um transatlântico,teria muita gente,muitos funcionários bisbilhoteiros. Mas em algum lugar ali perto,algum lugar relacionado... que significava o quê?

Não havia mais pistas. Olhei tonto o navio que podia derreter o tombadilho,mas nem assim Deborah surgiu do porão e veio dançando pelo passadiço.

Olhei mais um pouco. Ao lado do navio,guindastes de carga deixavam aparecer ao fundo o céu noturno como se fossem adereços de Guerra nas estrelas. Um pouco além,mal se via uma pilha de contêineres na escuridão sob os guindastes,pareciam montes de sujeiras espalhados pelo chão como se uma criança enorme e muito entediada tivesse jogado sua caixa de brinquedos cheia de blocos de montar. Alguns contêineres eram refrigerados. E além desses contêineres...

Espera um instante,meu caro rapaz.

Quem estava sussurrando para mim,cochichando coisas suaves para o solitário motorista Dexter? Quem estava sentado atrás de mim naquele momento? De quem era o riso seco vindo do banco traseiro? E por quê? Que recado estava chacoalhando na minha cabeça descerebrada e vazia?

Contêineres.

Alguns,refrigerados.

Mas por que os contêineres? Por que interessar por uma pilha de espaços frios,fechados e apertados?

Ah,sim. Bom. Se você vê por esse lado.

Poderia ser esse o lugar,a futura sede do museu do Local de Nascimento de Dexter? Com exposições de verdade,ao vivo,inclusive com uma rara apresentação da única irmã dele?

Segurei bem o volante e cortei um BMW de buzina potente. Mostrei meu dedo médio par o motorista:por uma vez,eu estava dirigindo como o nativo de Miami que era e acelerei para o elevado.

O navio estava à esquerda. A área com todos os contêineres era à direita,separada por uma cerca de arame farpado no alto. Contornei a pista de acesso,o que provocou uma onda crescente de certeza e fez aumentar um coro;parecia que o Passageiro das Trevas estava fazendo um desafio com as músicas de luta que contávamos no secundário. A pista terminava numa cabine

de guarda bem antes de chegar aos contêineres. Tinha um portão com vários cavalheiros uniformizados e para entrar era preciso antes responder a perguntas bastantes embaraçosas. Sim,senhor guarda,será que posso entrar e dar uma olhada? Sabe,achei que era um bom lugar para um amigo meu cortar minha irmã em pedaços.

Passei por um caminho cheio de cones laranjas e poucos metros do portão voltei. O navio agora estava à minha direita. Virei à esquerda,pouco antes de entrar na ponte e passar por um terminal numa ponta e uma corrente impedindo a passagem pelo outro. A cerca estava cheia de placas da Alfândega dos Estados Unidos ameaçando punição grave para quem entrasse.

A cerca indicava o caminho de volta para a estrada principal,ao lado de um grande estacionamento,vazio àquela hora da noite. Passei devagar,olhando os contêineres lá longe.

Deveriam vir de portos estrangeiros e iam passar pela Alfândega,com acesso rigidamente controlado. Era quase impossível alguém entrar e sair dali,principalmente carregando estranhos pedaços de corpo e similares. Ou eu encontrava outro lugar ou admitia que era perda de tempo seguir vagas impressões a partir de sonhos escarnecedores e uma boneca com pouca roupa. E quanto mais cedo eu admitisse isso,mais chance tinha de encontrar Deb. Ela não estava ali. Não havia por que estar.

Finalmente,um pensamento lógico. Já estava me sentindo melhor e me convenceria disso,se não visse uma van conhecida estacionada do outro lado da cerca com a inscrição lateral ALLONZO BROTHERS. O pessoal que fica no porão do meu cérebro cantou alto demais para eu conseguir ouvir meu riso orgulhoso,então encostei o carro e parei. A minha porção inteligente estava batendo na porta do meu cérebro e berrando "Corra"Corra" Vá-vá-vá!". Mas o lagarto apareceu sorrateiro na janela e esticou sua prudente língua,por isso fiquei parado um instante,depois saltei do carro.

Fui até a cerca e fiquei como um figurante em filme de campo de concentração da Segunda Guerra,segurando na cerca,olha ávido o que estava do outro lado,a poucos e inalcançáveis metros de distância. Eu sabia que devia haver um forma bem simples para um sujeito estupidamente inteligente como eu entrar lá,mas o fato de não conseguir juntar uma idéia com a outra mostrava o estado em que me encontrava. Tinha de entrar,mas não podia.

Assim,fiquei lá agarrado na cerca,sabendo muito bem que tudo o que me interessava estava logo ali a poucos metros e eu não conseguia arremessar meu enorme cérebro em cima do problema e fazer com que retornasse para mim com uma solução. A mente leva um bocado de tempo para se mexer,não?

Meu alarme do banco traseiro tocou. Eu tinha de sair dali e tinha de ser já. Estava parado à noite,em atitude suspeita numa área bem policiada. A qualquer momento um dos guardas certamente se interessaria pelo bonito rapaz que olhava pela cerca com ar inteligente. Eu tinha de sair e achar um jeito de entrar enquanto seguia o carro. Afastei-me da cerca dando-lhe uma última e apaixonada olhada. Bem ali onde meus pés tinham tocado na cerca,fora feito um buraco quase escondido. A cerca tinha sido cortada para permitir a entrada de uma pessoa,ou mesmo de uma boa cópia de gente como eu. O pedaço de arame tinha ficado no lugar graças ao peso da van estacionada. Aquilo devia ter sido feito há pouco tempo,naquela tarde,depois que o veículo chegou.

Era meu último convite.

Fui me afastando devagar,sentindo um distraído sorriso automático de Olá-pessoal aparecer na

minha cara como disfarce. Olá,guardas,estou só dando uma caminhada. Linda noite para cortar braços e pernas de alguém,não? Com cuidado,fui sem fazer barulho até o meu carro,olhando só para a Lua refletida na água e assoviando uma canção alegre enquanto a menor atenção enquanto entrava e ligava o carro. Ninguém parecia estar prestando a menos atenção,exceto,é claro,pelo coro entoando Aleluia na minha cabeça. Enfiei o carro num estacionamento perto do escritório da empresa de navegação,a uns cem metros da minha pequena passagem artesanal para o Paraíso. Havia uns poucos carros estacionados por ali.

Ninguém ia se incomodar com o meu.

Quando estacionei,apareceu outro carro ao lado,um Chevy azul-claro com uma mulher na direção. Fiquei parado um instante. Ela também. Abri a porta e saltei do carro.

A detetive LaGuerta também.

CAPÍTULO 25

Sempre me saí muito bem em situações sociais esquisitas, mas confesso que aquela me pegou de jeito. Eu não sabia o que dizer, fiquei olhando para LaGuerta e ela para mim, sem piscar, e mostrando os caninos como um felino predador pensando se brinca ou se come você.

Eu não conseguia pensar em nada que não começasse gaguejando e ela parecia interessada só em me observar. Então, simplesmente ficamos lá um instante. Por fim, ela quebrou o gelo com uma pequena ironia.

_ O que tem lá?_ perguntou, fazendo sinal com a cabeça para a cerca, a alguns metros.

_Ué, detetive!_estranhei, efusivo, esperando que ela não percebesse o que tinha perguntado. _ O que você faz aqui?

_Segui o seu carro. O que tem lá?

_Lá?_ devolvi. Eu sei, foi uma pergunta bem idiota, mas, sinceramente, minhas perguntas inteligentes tinham acabado e não se pode esperar uma boa idéia naquelas circunstâncias.

Ela inclinou a cabeça para um lado e passou a língua no lábio inferior; depois, lentamente para o lado esquerdo, o direito, o esquerdo e pôs a língua para dentro. Então, concordou com a cabeça. _ Você deve achar que sou burra _ ela disse. E, realmente, aquilo tinha passado pela minha cabeça uma ou duas vezes, mas não seria político admitir. _ Mas tem de lembrar que sou detetive titular e estamos em Miami. Como acha que cheguei onde estou, hein?

_Graças à boa aparência? _ perguntei, dando um lindo sorriso. Nunca ofende elogiar uma mulher.

Ela exibiu uma linda fileira de dentes, mais brilhantes ainda sob as lâmpadas potentes que iluminavam o estacionamento. _ Muito bem _ disse ela e deu um estranho meio sorriso que fez o rosto afundar e ela parecer velha. _ Era esse tipo de besteira que eu gostava de ouvir quando achava que você gostava de mim.

_Gosto de você, detetive _ garanti, talvez um pouco ansioso demais. Ela não pareceu ouvir.

_Mas aí você me derruba no chão como se eu fosse um porco e fico pensando o que tenho de errado. Será que é meu hálito? E me magoa. Mas não sou eu, é você. Você é que tem algo errado.

Claro que ela estava certa, mesmo assim não era agradável ouvir. _ Eu não...o que você quer dizer?

Ela balançou a cabeça de novo. _ O sargento Doakes quer matar você sem nem saber por quê. Eu devia ter ouvido o que ele disse. Você tem algo de errado. E tem alguma ligação com essas

prostitutas.

_Ligação...como assim?

Desta vez, o sorriso tinha uma ponta de alegria selvagem e ela voltou a falar com sotaque. _

Você pode guardar a encenação para o advogado. Ou, talvez, para um juiz. Porque acho que agora te peguei. Ficou me olhando um bom tempo e seus olhos negros brilharam. Parecia tão inumana quanto eu e senti um pequeno calafrio na nuca. Será que eu realmente a havia subestimado? Será que ela era tão boa assim?

_Mas então você seguiu meu carro?

Mais dentes. _Isso mesmo, é. Por que está olhando pela cerca? O que tem lá?

Tenho certeza de que, em circunstâncias normais, eu teria pensado nisso antes, mas vou alegar que fui forçado a isso. Realmente, só naquela hora me ocorreu. Então, foi como uma pequena dolorosa luz piscando. _A partir de onde você me seguiu? De minha casa? A que horas?

_Por que você fica mudando de assunto? Aí tem coisa, não?

_Detetive, por favor...isso pode ser muito importante. Quando e onde passou a me seguir?

Ela me observou um instante e comecei a perceber que eu a tinha mesmo subestimado.

Aquela mulher tinha bem mais do que instinto político. Ela realmente parecia ter algo mais. Eu ainda não estava convencido de que esse extra fosse inteligência, mas ela era paciente, o que às vezes era mais importante do que inteligência, em seu ofício. Ela aceitou simplesmente esperar, me observar e ficar repetindo a pergunta até conseguir uma resposta. Depois, provavelmente repetiria a pergunta mais algumas vezes, esperaria e me observaria mais um pouco para ver o que eu ia fazer. Normalmente, eu podia enganá-la, mas não podia esperar mais, pelo menos nessa noite. Então, fiz a cara mais humilde e repeti· _Por favor, detetive...

Ela pôs a língua de fora outra vez e finalmente guardou-a. _Está bem, quando sua irmã sumiu por algumas horas sem dar notícia, comecei a achar que talvez estivesse com algum problema.

Sei que ela não consegue fazer nada sozinha, então aonde ela teria ido? _LaGuerta arqueou a sobrancelha e continuou em tom triunfal: _Para a sua casa, claro! Falar com você! _Balançou a cabeça, satisfeita com sua lógica dedutiva. _Então, pensei um pouco em você: está sempre aparecendo e olhando, mesmo quando não precisa. Como você conseguiu descobrir aqueles assassinos em série, mas não esse? E como você me sacaneou com aquela lista idiota, me fez parecer idiota, me empurrou na porra do chão..._Ela estava com a cara mais dura e, por um instante, um pouco mais velha outra vez. Sorriu e continuou. _ Comentei uma coisa no meu escritório e o sargento Doakes disse: "Eu comentei sobre ele, mas você não me ouve". E de repente a sua grande e linda cara estava no lugar e não devia estar. _Ela deu de ombros. _

Então, eu também fui à sua casa.

_Quando? Sabe a que horas?

_Não. Mas fiquei lá só durante vinte minutos, então você saiu, brincou com sua boneca puta Barbie e veio para cá.

_Vinte minutos..._Portanto, ela não esteve lá a tempo de ver quem pegou Deborah. E era bem possível que estivesse dizendo a verdade e me seguido apenas para ver...o quê?

_Mas por que me seguiu?

Ela deu de ombros. _Você tem ligação com essa história. Talvez não seja o autor, não sei.

Mas vou descobrir. E o que eu achar terá a ver com você. O que tem lá naqueles contêineres?

Vai me dizer ou vamos ficar aqui a noite toda?

Do jeito dela, tinha colado o dedo em cima. Não podíamos ficar ali a noite toda. Não, eu tinha certeza de que não podíamos ficar mais, sobretudo porque coisas horríveis podiam acontecer com Deborah. Se é que já não tinham acontecido. Precisávamos ir naquele momento para encontrá-lo e impedi-lo. Mas como eu ia fazer isso com LaGuerta junto? Eu me sentia como um cometa com uma cauda que não queria.

Respirei fundo. Rita uma vez me levou para uma palestra sobre Alerta Saudável da Nora Era que destacou a importância de respirar fundo para limpar o corpo. Dei uma respirada. Não me senti mais limpo, mas pelo menos, meu cérebro entrou em funcionamento e notei que teria de fazer algo que raramente fazia: dizer a verdade. LaGuerta continuava me olhando a espera de resposta.

_Acho que o assassino está lá dentro com a policial Morgan _eu disse.

Ela me olhou um instante sem se mexer. *Certo* disse, afinal. _E aí você ficou na cerca olhando? Gosta tanto da sua irmã que quer assistir?

_Eu queria entrar lá, estava procurando um buraco na cerca.

_Por que você esqueceu que trabalha na polícia?

Pronto, claro. Ela pulou para o verdadeiro problema, direto e sem ajuda de ninguém. Eu não tinha uma boa resposta para aquilo. Toda aquela história de contar a verdade não parece funcionar sem uma estranha sensação desagradável. _Eu apenas...queria ter certeza, antes de fazer uma grande confusão.

Ela concordou com a cabeça. _Hum-hum...Muito bem. Mas eu acho o seguinte: ou você fez algo errado ou sabe dessa história. E está escondendo, ou quer descobrir sozinho.

_Sozinho? Mas por que ia querer isso?

Ela balançou a cabeça para mostrar como eu era idiota. _Para ficar com todo o prestígio.

Você e sua irmã. Pensa que não percebi? Já disse que não sou burra.

_Não sou seu algoz, detetive _ eu disse, ficando a mercê dela, totalmente seguro de que ela era menos clemente ainda do que eu. _Mas acho que ele está lá num dos contêineres.

Ela umedeceu o lábio. _Por quê?

Fiquei indeciso, mas ela manteve seu olhar de lagarto sem piscar. Por mais sem jeito que eu ficasse com aquele olhar, tinha de dizer mais uma pequena verdade. Mostrei com a cabeça a van dos irmãos Allonzo estacionada do outro lado da cerca. _Essa van é dele.

_Rá _ fez ela e, finalmente, piscou. Parou de me olhar um instante e pareceu pensar em alguma coisa profunda. Os cabelos? A maquilagem? A carreira? Não sei. Mas havia várias perguntas esquisitas que numa boa detetive poderia ter feito naquele momento: Como eu sabia que aquela van era dele? Como a descobri ali? Por que tinha tanta certeza de que ele não tinha simplesmente largado o veículo lá e ido para outro lugar? Mas, no final das contas, LaGuerta não era uma boa detetive, então apenas concordou com a cabeça, umedeceu os lábios outra vez e perguntou: _Como vamos encontrá-lo no meio de tudo isso?

Estava evidente que eu a havia subestimado.Ela havia passado de "você" para "nós" sem uma alteração visível. _Não quer pedir reforço? *perguntei.* Esse homem é muito perigoso.

_Confesso que estava apenas a alfinetando. Mas ela levou a sério.

_Se eu não pegar esse cara sozinha, daqui a duas semanas vou cuidar do parquímetro nos estacionamentos *ela disse*. Tenho minha arma. Ninguém vai fugir de mim. Vou pedir reforço depois de pagá-lo. *Ela me observou sem piscar.* E, se ele não estiver lá, entrego você para eles.

Aquela me pareceu uma boa idéia. _Você consegue que passemos pelo portão?

Ela riu. _Claro que sim. Tenho o meu distintivo da polícia, entramos em qualquer lugar.E depois?

Esta era a parte sutil. Se ela fosse lá, eu poderia ir para casa. _Nós então nos separamos e procuramos até encontrá-lo.

Ela me observou. Vi em sua cara o que tinha visto quando saiu do carro: o olhar da ave de rapina avaliando a presa, pensando onde e como atacar e quantas garras usar.Era horrível...eu me senti levando uma surra da mulher. _Certo, entre no meu carro. _ela disse finalmente, mostrando o carro com a cabeça.

Entrei. Ela dirigiu o carro para a estrada e o portão. Mesmo aquela hora, havia um pouco de trânsito. A maioria parecia ser gente de Ohio procurando seu navio, mas alguns se amontoavam no portão onde os guardas os mandavam voltar para o lugar de onde tinham vindo. A detetive LaGuerta passou à frente de todos, enfiando seu enorme Chevy no começo da fila. Sua perícia na direção estilo Meio Oeste não combinava com uma cubana de Miami com bom seguro médico, num carro com o qual não se incomodava.Ouvimos algumas buzinas trombeteando e alguns xingamentos abafados e chegamos á cabine do guarda.

Ele se inclinou na janela, era um negro magro e musculoso. _ Senhora, não pode...

Ela mostrou o distintivo. _Polícia. Abra o portão. _Ordenou com uma autoridade tão cortante que quase saltei do carro para fazer o que ela mandava.

Mas o guarda gelou, respirou pela boca e olhou nervoso para dentro da cabine. _O que a senhora quer com...

_Abra a droga do portão, Rental _ mandou LaGuerta, mostrando o distintivo e o guarda finalmente descongelou.

_"Dexavê" o distintivo _ ele pediu. LaGuerta mostrou com má vontade, fazendo-o se inclinar para ver. Franziu o cenho e não achou nada para impedir. _ Rã-rã. Pode me informar o que deseja fazer lá?

_Posso informar que, se não abrir o portão em dois segundos, vou colocá-lo na mala do meu carro, levá-lo para uma cela cheia de ciclistas gays e esquecer onde deixei você.

O guarda se levantou. _Estava só querendo ajudar_ ele disse, e falou por cima do ombro: _ Távio, abra o portão!

O portão subiu e LaGuerta entrou com o carro dizendo: _Tem alguma coisa que esse filho da puta não quer que eu saiba. _A voz dela era ao mesmo tempo de quem se diverte e de quem está cada vez mais agitado. _Mas esta noite não quero saber de contrabando. Aonde vamos?

_perguntou ela, olhando para mim.

_Não sei, acho que devemos começar por onde ele deixou a van _respondi.

Ela concordou com cabeça e acelerou no caminho formado por pilhas de contêineres. _Se ele tem um corpo para carregar, deve ter parado bem perto do lugar onde ia. _Quando nos aproximamos da cerca, ela reduziu a marcha, enfiou o carro sem fazer barulho a meio metro da van e parou. _Vamos dar uma olhada na cerca _ela disse, colocando a mudança em ponto morto e saindo do carro.

Fui atrás. LaGuerta pisou em algo de que não gostou e levantou o pé para olhar a sola do sapato. _Drogra _xingou. Passei por ela, com o coração batendo forte e rápido, e fui para a van. Contornei-a e tentei abrir as portas. Estavam trancadas e, embora houvesse duas pequenas

janelas traseiras, estavam pintadas por dentro. Mesmo assim, subi o pára-choque e tentei olhar, mas a tinta não tinha falhas. Não havia mais nada para ver daquele lado, me agachei e olhei o chão. Senti mais do que ouvi LaGuerta vindo atrás de mim.

_O que você descobriu? _ela perguntou. Levantei-me.

_Nada. As janelas traseiras estão pintadas por dentro _ respondi.

_Pode ver pelo painel?

Fui para a frente do veículo. Também não dava nenhuma pista. Por dentro do painel, colocaram um protetor de sol muito usado na flórida, impedindo que se visse dentro da cabina. Subi no pára-choque da frente e no capô, engatinhando da direita para a esquerda, mas não havia furos no protetor solar. *Nada* eu disse, e desci.

_Certo. Para onde você quer ir? _perguntou ela, me olhando com pálpebras pesadas e a ponta da língua para fora.

Por aqui, alguém sussurrou bem dentro da minha cabeça. Por aqui. Olhei para a direita, onde os dedos mentais gargalhantes tinham apontado e depois para LaGuerta, que me observava com seu olhar faminto de tigre, sem piscar. _Faço a volta pela esquerda; você vai pela direita e nos encontramos no meio do caminho.

Certo disse ela, com um sorriso de fera. _Mas eu vou pela esquerda.

Tentei fazer cara de surpresa e desaponto e acho que consegui uma cópia aproximada, porque ela me observou e depois concordou com a cabeça. *Certo* repetiu e entrou no corredor formado pela primeira fila de contêineres empilhados.

Fiquei sozinho com meu discreto amigo interior. E agora? Agora que eu tinha feito LaGuerta me deixar com o caminho da direita, o que ia fazer? Afinal eu não tinha motivo para achar que era melhor que o da esquerda, ou melhor do que ficar junto à cerca fazendo malabarismo com cocos. Havia apenas o meu sibilante clamor interno a me dirigir e será que isso era suficiente?

Quando você é uma torre gelada de puro racionalismo como eu sempre fui, naturalmente procura pistas lógicas para orientar seu mecanismo de ação. Da mesma forma, você ignora as vozes musicais guinchando alto no fundo do seu cérebro tentando mandar você, indeciso, pelo caminho, por mais urgentes que elas tenham ficado à luz ondulante da lua.

Quanto ao resto, os detalhes de onde eu deveria ir naquele momento... olhei em volta, pela comprida e irregular fila de contêineres. No lado que LaGuerta tinha ido com seu salto agulha, havia várias séries de coloridos caminhões de transportar contêineres. E na minha frente, pela direita, estavam os contêineres de navio.

De repente, fiquei muito inseguro. Não gostei da sensação. Fechei os olhos. Nesse momento, o sussurro se tornou uma nuvem de som e, sem saber porque, fui na direção de alguns contêineres perto da água. Eu não tinha idéia se aqueles eram um pouco diferentes ou melhores, nem se aquela direção era mais adequada ou compensadora. Meus pés simplesmente andaram e eu os acompanhei. Era como se eles estivessem seguindo um caminho que só os dedos pudessem enxergar, ou como se o meu coro interno de lamúrias estivesse catando algo incentivador, meus pés traduzissem e me levassem.

À medida que os pés andavam, o som aumentava dentro de mim, num rugido alegre e abafado, me empurrando mais rápido que meus pés e me puxando com força; fui aos tropeços pelo caminho torto entre os contêineres, sob fortes e invisíveis empurrões. Ao mesmo tempo, uma nova voz, pequena e racional, me puxava para trás, dizendo que aquele era o último lugar

em que eu queria estar, choramingando para eu correr, voltar para casa, ir embora daquele lugar e fazia tão pouco sentido quanto todas as outras vozes. Eu era empurrado e puxado ao mesmo tempo, com tanta força que não conseguia mexer as pernas direito, acabei tropeçando e caindo de cara dura no chão de pedra. Fiquei de joelhos, com a boca seca e o coração pesado, e enfiei o dedo num rasgão da minha linda camisa de dacron modelo boliche. Olá, Dexter, aonde vai? Olá, Sr. Dedo.Não sei, mas estou quase chegando. Ouço meus amigos chamando.

Levantei-me, os pés ficaram subitamente instáveis e ouvi. Ouvi bem, mesmo de olhos abertos e senti com tanta força que não pude nem andar. Parei um instante, encostado num dos contêineres. Uma idéia bem sensata, como se eu precisasse de uma. Algo sem nome nasceu naquele lugar, algo que vivia no buraco mais escuro e escondido da coisa que era Dexter e, pela primeira vez desde que me lembrava, fiquei apavorado. Não queria estar ali naquele lugar onde coisas horríveis estavam à espreita. Mas eu tinha de estar para encontrar Deborah. Estava sendo dividido ao meio num invisível cabo-de-guerra. Sentia que estava ficando louco, precisando de ajuda e queria ir para casa dormir.

Mas a Lua rugia no céu escuro, a água uivava pelo Governmente Cut e a leve brisa noturna dava guinchos como uma convenção de bruxas, forçando meus pés a seguirem em frente. A cantoria aumentava dentro de mim como um enorme coro mecânico mandando prosseguir pela fila de contêineres, lembrando de mover os pés, me empurrando como se os joelhos estivessem amarrados. Meu coração batia forte e queixoso, eu respirava rápido e alto demais, nunca me senti tão fraco, tonto e burro...como um ser humano pequeno e indefeso.

Segui com meus pés emprestados por aquele caminho estranhamente familiar até não conseguir cambalear mais e me apoiei de novo num contêiner que tinha um compressor de ar-condicionado acoplado, fazendo um barulho atrás que se misturava com o guincho da noite, tudo ressoava tão alto na minha cabeça que mal conseguia enxergar. Quando encostei no contêiner a porta se escancarou.

O interior era iluminado por duas lâmpadas tipo lampião a pilha. Na parede em frente havia uma mesa de operações improvisada feita de caixotes.

E presa à mesa estava minha querida irmã Deborah.

CAPÍTULO 26

Por alguns segundos,pareceu que eu não precisava respirar. Apenas olhei. Os braços e pernas da minha irmã estavam fixados por compridas e grudentas tiras de fita adesiva.

Ela usava short de lamê dourado e uma blusa curta de seda amarrada acima do umbigo. Os cabelos estavam bem puxados para trás e os olhos,desnaturalmente arregalados; Deborah respirava rápido pelo nariz,já que a boca também estava fechada por uma fita adesiva que passava pelos lábios e se prendia na mesa para segurar sua cabeça.

Pensei em dizer alguma coisa,mas estava com a boca seca demais,então apenas olhei.

Deborah também fez um olhar que tinha muitas coisas,a mais simples delas era o medo e isso me fez ficar parado na porta. Nunca tinha visto aquele olhar nela e não sabia o que pensar. Dei meio passo e ela se encolheu. Estaria com medo? Claro,mas medo de mim? Eu estava ali para salvá-la. Por que ia ter medo de mim? A menos que...

Eu tivesse feito aquilo?

Na minha "soneca" naquela tarde,será que Deborah veio ao meu apartamento como combinamos e encontrou o Passageiro das Trevas atrás do volante do carro de Dexter?

E sem saber eu a havia levado lá e colocado a torturante fita adesiva sem me conscientizar do que estava fazendo... o que,naturalmente,não fazia nenhum sentido.

Será que eu tinha corrido até em casa,deixado a boneca Barbie para mim,depois subido,deitado na cama e acordado como "eu" de novo,como se estivesse participando de alguma homicida corrida de revezamento? Não era possível mas...

Como então consegui chegar ao contêiner?

Balancei a cabeça,não tinha como escolher aquele contêiner frio entre todos os outros lugares existentes em Miami,a menos que soubesse onde ele ficava. E eu sabia. A única possibilidade era ter estado lá antes. E se não fosse nessa noite,com a Deb,então quando foi e com quem?

Eu tinha quase certeza de que o lugar era este disse uma voz tão parecida com a minha que,por um instante,pensei que eu tinha dito e no que quis dizer com aquilo.

Os pêlos da minha nuca se eriçaram,sei mais meio passo na direção de Deborah... e ele saiu da sombra. Ficou iluminado pela luz suave dos lampiões e nossos olhos se encontraram. Por um instante,o lugar girou para a frente e para trás,fiquei sem saber direito onde estava. Meus olhos passavam de mim,na porta,a ele na pequena mesa improvisada e me vi vendo-o,depois o vi me vendo. Num lampejo ofuscante,me vi no chão,sentado sem mexer e não sabia o que aquilo significava. Uma sensação muito inquietante... depois voltei a ser eu mesmo de novo,embora sem saber direito o sentido daquilo.

Eu tinha quase certeza de que este era o lugar ele repetiu,com a voz macia e feliz como criança problemática do Sr. Rogers* (Referência ao educador americano Fred Rogers,falecido em 2003,que trabalhou durante quarenta anos com crianças com dificuldades na escola.) _Mas eis que agora estamos aqui,portanto este deve ser o lugar certo,não acha?

Não consigo descrever de um jeito bonito,mas a verdade é que olhei para ele de boca aberta. Tenho certeza de que eu estava quase babando. Apenas olhei. Era ele. Não havia duvida. Era aquele homem nas imagens da câmera de vídeo,o homem que Deb e eu achávamos que podia muito bem ser eu.

Ali,tão peto,pude ver que na verdade ele não era eu e senti uma pequena onda de gratidão ao concluir isso. Viva... eu era outro. Ainda não estava completamente doido.

Claro que eu era profundamente anti-social e de vez em quando,homicida,está legal.

Mas não doido. Havia outra pessoa que não era eu. Três brindes à mente de Dexter.

Mas aquele cara se parecia muito comigo. Era talvez,uns centímetros mais alto,tinha ombros e peito mais largos,como se fizesse bastante levantamento de peso. Isso,junto com a palidez na cara,me fez concluir que ele devia ter estado preso recentemente. À

parte a palidez,entretanto,a cara dele era bem parecida com a minha,com o mesmo formato e nariz,o melhor olhar vazio do tipo luzes acesas mas ninguém em casa. Até os cabelos eram meio ondulados. Ele não era igual a mim,mas muito parecido.

_É,na primeira vez é um pouco chocante,não?

_Um pouco. Quem é você? E por que tudo isso é tão... _ deixei a frase no ar,porque não sabia o que era tudo aquilo.

Ele fez uma cara muito desapontada-Dexter. _ Ah,meu Deus. E eu tinha tanta certeza de que você tinha percebido.

Neguei com a cabeça. _ Não sei nem como cheguei aqui _ eu disse.

Ele sorriu. _ Esta noite outra pessoa está na direção do carro? _ Quando os pêlos se eriçam na

minha nuca,ele riu de leve,um som mecânico que não vale a pena citar... só que a voz de lagarto do fundo do meu cérebro combinava perfeitamente com ela,nota por nota. _ E hoje nem é noite de lua cheia,não?

Nem minguante respondi. Resposta não muito sagaz,apenas uma espécie de tentativa que,naquelas circunstancias,parecia importante. Notei que fiquei meio embriagado com a conclusão de que ali,finalmente,estava alguém que sabia. Alguém que não estava fazendo observações inúteis que,por coincidências,batiam com as minhas. Ele achava a mesma coisa que eu. Ele sabia. Pela primeira vez,eu podia olhar pela enorme distancia entre meus olhos e os de outra pessoa e dizer sem qualquer preocupação:Ele é como eu.

Seja lá o que eu fosse,ele também era.

_Falando sério,quem é você?

O rosto dele se abriu um sorriso Dexter-Gato-de-Alice no País das Maravilhas,mas como era tão parecido com o meu,vi que atrás daquele sorriso não havia uma felicidade autentica. _ O que você lembra antes? _ ele perguntou. E o eco daquela pergunta bateu nas paredes do contêiner e quase despedaçou meu cérebro.

CAPÍTULO 27

O que você lembra de antes? Harry tinha me perguntado.

Não lembro de nada,papai.

Só que...

Imagens brigavam no meu subcérebro. Imagens na cabeça... sonhos? Lembranças?...

visões bem claras,fossem lá o que fosse. E estava ali... naquele contêiner?

Não,impossível. O contêiner não podia estar ali há tanto tempo e eu,sem duvida,nunca tinha estado dentro dele. Mas o espaço apertado,o ar frio saindo do compressor,a luz fraca,tudo me evocava uma sinfonia de volta ao lar. Claro que não era o mesmo contêiner,mas as imagens eram tão claras,tão parecidas,tão quase-guais,a não ser...

Pisquei;uma imagem flutuava na frente doa meus olhos. Fechei-os.

Vi o interior de outro contêiner. Lá não havia caixas de papelão. Mas havia... coisas. E

logo adiante estava... mamãe? Vi o rosto dela,meio se escondendo e aparecendo por cima das... coisas... só o rosto,imóvel,alerta,os olhos parados. Primeiro,tive vontade de rir porque mamãe tinha se escondido tão bem. Não via o corpo dela,só o rosto. Deve ter feito um buraco no chão. Devia estar escondida no buraco e com o rosto de fora...

mas por que nem piscava? Mesmo quando a chamei bem alto,ela não respondeu,não se mexeu,só ficou me olhando. E,sem minha mãe,eu estava só.

Mas não... não completamente. Virei a cabeça e a imagem virou junto. Eu não estava só. Tinha alguém comigo. Era bem complicado porque era eu... e era outra pessoa...

mas parecia comigo... os dois pareciam comigo...

O que estávamos fazendo ali naquele contêiner? E por que mamãe não se mexia?

Devia nos ajudar. Estávamos sentados ali numa poça enorme de,de... mamãe devia se mexer,tirar a gente daquele,daquele...

Sangue? Perguntei,num sussurro.

_Você se lembrou,isso me deixa muito feliz _ ele disse,por trás de mim.

Abri os olhos. Minha cabeça pesava terrivelmente. Eu quase via a outra sala sobreposta nessa onde estava. Na outra sala,o pequeno Dexter estava bem ali. Eu podia pisar no mesmo lugar. O

outro eu ficou ao meu lado,mas não era eu,claro,era outra pessoa,alguém que eu conhecia tão bem quanto a mim mesmo,alguém chamado...

_Biney? _ perguntei,inseguro. O som era o mesmo,mas o nome não parecia igual.

Ele concordou com a cabeça satisfeito. _ Era assim que você me chamava. Na época em que não conseguia pronunciar Brian. Você dizia Biney. _ Deu um tapinha na minha mão. _ que bom,é ótimo ter uma apelido. _ Ele parou,a cara sorridente,mas os olhos grudados em mim. _ Irmãozinho.

Sentei-me. Ele sentou-se ao meu lado.

O que... foi só o que consegui dizer.

_Irmão. Somos gêmeos irlandeses,isto é,irmão com pouco meses de diferença de idade. Você é só um ano mais jovem que eu. Nossa mãe não tomava muito cuidado.

_A cara se contorceu num sorriso horrível,bem feliz,e ele acrescentou: _Sob vários aspectos.

Tentei engolir. Não consegui. Ele... Brian... meu irmão,continuou: _Estou só supondo algumas coisas. Mas tinha um pouco de tempo livre e,quando me incentivaram a aprender um ofício útil,aprendi. Fiquei muito tempo bom em achar coisas pelo computador. Achei os velhos arquivos da polícia. A querida mamãe andava com um pessoa bem perverso. Na área de importação,como eu. Claro que o produto deles era um pouco mais delicado. _ Ele esticou o braço e tirou uma caixa de papelão um monte de chapéus com uma pantera saltando deles. _ Minhas coisas são feitas em Mumsy e os amigos dela tentaram um projeto independente com produtos que,digamos assim,não eram dela;os sócios não gostaram desse ato de independência e resolveram intimidá-la.

Guardou com cuidado os chapéus na caixa e senti que me olhava,mas eu não conseguia nem virar a cabeça. Um instante após,desviou o olhar.

_Eles nos descobriram aqui,exatamente aqui _ disse. Colocou a mão no chão,no lugar exato onde o pequeno não-eu ficou sentado no outro contêiner há muito tempo. _

Dois dias e meio depois. Os dois sentados no chão no meio de sangue seco de uns dois centímetros de altura. _ Nesse ponto,a voz dele estava irritada,horrível,e ele disse aquela palavra medonha,sangue,exatamente do jeito que eu diria,com desdém e desprezo. _ Segundo os relatórios da polícia,havia vários homens aqui. Uns três ou quatro. Um dois deles podem ter sido nosso pai. Claro,o serrote dificultou muito a identificação. Mas eles têm certeza de que só tinha uma mulher. Nossa velha querida mãe. Você tinha três anos e eu,quatro.

Mas eu disse. Foi só o que saiu da minha boca.

_É verdade. Foi muito difícil achar você. Neste estado,os registros de adoção são muito bagunçados. Mas achei você,irmãozinho,não foi? _ Mais uma vez,deu um tapinha na minha mão,um gesto estranho que ninguém jamais tinha feito. Claro,eu nunca tinha encontrado um parente de sangue. Talvez tapinha na mão fosse algo que eu pudesse treinar com meu irmão ou com a Deborah e notei,meio preocupado,que tinha esquecido completamente dela.

Olhei para ela,que estava a uns dois metros,completamente imobilizada com a fita adesiva.

_Ela está ótima. Eu não quis começar sem você _ avisou meu irmão.

Pode parecer bem estranho ter sido essa a minha primeira pergunta coerente,mais eu disse:_ Por que achou que eu iria aceitar? _ Talvez,com a pergunta,parecesse que eu ia aceitar mesmo e é evidente que eu não queria explorar Deborah. Evidente. Mesmo assim,lá estava meu irmão mais velho querendo brincar,sem duvida uma oportunidade bem rara. Acima do nosso

parentesco,muito acima,estava o fato de ele ser como eu.

_ Você não podia saber _ eu disse,parecendo bem mais inseguro do que achava possível.

_Eu não sabia,mas achava que havia uma grande possibilidade. Nós dois passamos pela mesma situação. *Ele disse,dando um largo sorriso e levantando o indicador.* O

evento traumático... conhece esse termo? Já leu alguma coisa a respeito de monstros como nós?

Li e Harry .. meu pai adotivo... mas ele nunca disse exatamente o que aconteceu respondi.

Brian mexeu dentro da pequena caixa. _ Aconteceu o seguinte irmãozinho. O

serrote,os pedaços de corpo voando,o... sangue _ ele disse,com a mesma ênfase medrosa. _ Ficamos dois dias e meio sentados nisso. É incrível que tenhamos sobrevivido,não? Quase dá para acreditar em Deus. _ Os olhos dele brilharam e,por algum motivo,Deborah tentou se debater e fez um som abafado. Ele não deu importância. _ Eles acham que você eram bem pequeno,podia se recuperar. Eu estava um pouco acima da idade-limite. Mas nós dois sofremos um Evento Traumático clássico. Tudo o que se escreveu sobre isso confirma. Aquilo fez de mim o que sou... e achei que devia ter acontecido a mesma coisa com você.

_Foi exatamente igual _ concordei.

_Não é uma beleza? Laços de família _ ele ironizou.

Olhei-o. Meu irmão. Aquela palavra estranha. Se eu pronunciasse alto,tenho certeza de que gaguejaria. Era impossível acreditar e mais absurdo ainda negar. Ele me olhou.

Gostávamos das mesmas coisas. Ele gostava até de piadas infames como eu.

_Eu apenas... _ e balancei a cabeça; _É,leva um tempo para se acostumar à idéia de que somos dois,não é? _ perguntou.

_Talvez um pouco mais,não seu se eu...

_Ai,meu Deus,estamos nos estranhando? Depois do que passamos juntos? Dois dias e meio aqui,mano. Dois meninos no meio de sangue durante dois dias e meio _ ele disse.

Fiquei enjoado,tonto,com o coração disparado,a cabeça martelando.

_Não _ eu falei senti a mão dele no meu ombro.

_Não interessa. Só interessa o que vai acontecer a partir de agora _ ele disse.

O que... acontecer repeti.

_É,agora. _ Ele fez um pequeno e estranho bufo gorgolejante que certamente era para parecer um riso,mas não devia ter aprendido a imitar tão bem quanto eu. _ Acho que eu devia dizer algo como: minha vida inteira acabou nisso! _ Ele fez de novo o bufo. _

Claro que nenhum de nós dois poderia lidar com aquilo tendo realmente um sentimento. Afinal,nós não sentimos nada,não é? Passamos a vida interpretando um personagem. Passamos por essa vida recitando verso e fingindo que fazemos parte de um mundo feito para seres humanos sem nunca termos sido um. E sempre tentando sentir alguma coisa! Tentando,irmãozinho,ter um instante exatamente como este! Um sentimento verdadeiro,autentico,sem fingimento! É de tirar o fôlego,não?

E tirou mesmo. Minha cabeça estava girando e não ousei fechar os olhos outra vez com medo do que podia estar à minha espera. O pior era que meu irmão estava bem ao meu lado,me observando,exigindo que eu fosse eu mesmo,fosse exatamente como ele. Para ser eu,irmão dele,para ser quem eu era,eu tinha de... de quê? Meus olhos viraram espontaneamente para Deborah.

_É,eu sabia que você ia perceber: dessa vez,vamos trabalhar juntos _ ele disse,com toda a fúria fria e feliz do Passageiro das Trevas.

Balancei a cabeça,mas sem muita convicção. _Não posso _ confessei.

_Você tem que fazer _ ele disse e nós dois tínhamos razão. Senti o leve toque no meu ombro de novo,quase igual ao empurrão de Harry que ele jamais conseguiria entender e mesmo assim parecia tão forte quanto a mão do meu irmão,quando m levantou e me empurrou:um passo,dois... Deborah estava com os olhos grudados nos meus,mas com aquela pessoa atrás de mim eu não podia dizer para ela que não ia...

_Juntos mais uma vez. Chega do velho,vamos em busca do novo. Para a frente,para cima,para dentro...! _ Dei mais meio passo... os olhos de Deborah gritavam para mim,mas...

Ele agora estava ao meu lado e alguma coisa brilhava em suas mãos,duas coisas._ Um por todos,todos por um,leu Os Três mosqueteiros? _ Jogou uma faca para cima com a mão direita,ela deu uma volta,foi parar na mão esquerda e ele a entregou para mim. A luz fraca bateu nas lâminas que ele segurava e a faca reluziu para mim,um brilho só comparável ao dos olhos de Brian. _ Vamos,Dexter,irmãozinho. Pegue a faca. _ Os dentes dele brilhavam como as facas. _ O espetáculo vai começar.

Deborah contorceu-se na fita adesiva bem apertada. Observei-a. Os olhos tinham uma impaciência frenética e uma loucura cada vez maior. Vamos,Dexter! Será que eu estava mesmo pensando em fazer aquilo com ela? Solte-me e vamos para casa.

Certo,Dexter? Dexter? Alô,Dexter? É você,não?

Eu não sabia se era.

_Dexter,claro que não quero influenciar a sua decisão _ disse Brian. _ Mas,desde que eu soube que tinha um irmão igual a mim,só pensei nisso. E você sente a mesma coisa,vejo pela sua cara.

_Sim,mas tem que ser com ela? _ respondi,sem tirar os olhos do rosto profundamente ansioso de Deb.

_Por que não? O que ela é de você?

Realmente,o quê? Eu estava com os olhos grudados nela. Não era minha irmã de verdade,não tinha qualquer relação comigo,claro que eu gostava muito dela,mas...

Mas o quê? Por que fiquei indeciso? Claro que aquilo era impossível. Só de pensar,eu sabia que era impensável. Não só por ser Deb,embora também fosse por isso,evidente.

Uma idéia bem estranha surgiu dentro da minha pobre arruinada cabeça,sem que eu conseguisse afastá-la: O que Harry ia dizer?

E assim fiquei indeciso,pois,por mais que quisesse começar,sabia o que Harry diria. Já tinha dito. Era uma verdade imutável de Harry :Corte em pedaços os caras ruins,Dexter.

Não corte a sua irmã. Mas Harry nunca imaginou nada assim,como poderia? Quando escreveu o código Harry ,jamais imaginou que eu a enfrentar uma duvida dessas: ficar do lado de Deborah(que não era minha irmã de verdade) ou do meu irmão cem por cento verdadeiro,num jogo do qual eu queria muito participar. E Harry jamais podia ter pensado quando me pôs nesse caminho. Jamais soube que eu tinha um irmão que iria...

Espera um momento. Não saia do telefone,por favor. Harry sabia... estava lá quando aconteceu,não estava? E manteve segredo,jamais contou que eu tinha um irmão.

Todos aqueles anos vazios,quando eu achava que era o único que existia... ele sabia que não e,mesmo assim,não disse. O fato mais importante a meu respeito(eu não era só),ele não me

contou. Será que eu devia alguma coisa a Harry agora,depois dessa enorme traição?

Quanto ao assunto imediato,que dívida eu tinha em relação àquela carne animal se contorcendo e tremendo ali,àquela criatura fingindo que era minha parente? O que podia dever a ela,comparando à ligação com Brian,que era da mesma carne que eu,meu irmão, réplica viva do meu precioso DNA?

Uma gota de suor escorreu pela testa de Deborah e entrou-lhe no olho. Ela piscou freneticamente,fazendo feias caretas num esforço para continuar me olhando e ao mesmo tempo tirar o suor do olho. Parecia bastante patética,indefesamente presa à fita adesiva e lutando como um animal burro,um animal humano e burro. Não era nem um pouco parecida comigo,nem com meu irmão;nem um pouco inteligente,limpa e sem confusão de sangue.dançarina da Lua no fio da navalha,Dexter riso silencioso e seu irmão.

_E então? _ ele perguntou e senti uma impaciência,avaliação,um começo de desaponto.

Fechei os olhos. O lugar me envolveu,ficou mais escuro e não consegui me mexer. Lá estava mamãe me observando sem piscar. Abri os olhos. Meu irmão,atrás de mim,estava tão perto que eu sentia a respiração dele na minha nuca. Minha irmã arregalava os olhos para mim sem piscar,como mamãe. O olhar me segurou,como mamãe tinha feito. Fechei os olhos;vi mamãe. Abri os olhos;vi Deborah.

Peguei a faca.

Ouvi um barulhinho e um bafo de ar quente no ar frio do contêiner. Virei-me.

LaGuerta estava na porta,empunhando uma pequena pistola automática.

_Sabia que você ia tentar isso. Devia matar os dois,talvez os três _ ela disse olhando para Deborah,depois de novo para mim. _ Ah,o sargento Doakes devia ver isso. Ele tinha razão sobre você _ continuou,olhando a faca na minha mão.

Demorou muito. Brian agiu rápido,mais do que eu achava possível. Mesmo assim,LaGuerta atirou quando Brian perdeu um pouco o equilíbrio ao enfiar a faca na barriga dela. Por um instante,os dois ficaram nessa pose,depois caíram imóveis no chão.

Uma pequena poça de sangue começou a se formar,misturando o sangue de Brian com o de LaGuerta. Não era muito,nem estava se espalhando rápido,mas tirei os olhos daquela coisa horrível e senti algo muito parecido com pânico. Dei dois passos para trás e bati em algo que imitia sons abafados para combinar com o meu pânico.

Era Deborah. Tirei a fita adesiva de sua boca.

_Arre,doeu. Pelo amor de Deus,me tira dessa porcaria e pare de se comportar como uma droga de um doido _ ela disse.

Olhei para ela. A fita tinha feito um anel de sangue em torno dos lábios,horrível sangue vermelho que me fez lembrar do outro contêiner com mamãe. Ela estava lá...

exatamente como mamãe. Exatamente como da última vez com o ar frio e eriçando os pêlos da minha nuca e as sombras escuras batendo em nós. Exatamente como da última vez em que ela ficou lá imobilizada por fita,olhando e esperando como uma espécie de...

_Droga,anda,Dex. Seja razoável.

E agora eu estava com uma faca,ela continuava indefesa,eu podia mudar tudo e podia...

Dexter? chamou mamãe.

Quer dizer,Deborah. Claro que foi isso que eu quis dizer. Não foi mamãe,que nos deixou ali naquele mesmo lugar exatamente assim,naquele lugar onde começou o que agora podia

finalmente terminar com uma voz candente completamente tem-que-fazer já,no seu grande cavalo negro galopando sob a lua maravilhosa e mil vozes intimas sussurrando Faça... faça agora... faça e tudo pode mudar... do jeito que deveria ser... de volta com...

_Mamãe? _ chamou alguém.

_Anda,Dexter _ mandou mamãe. Quero dizer,Deborah. Mas a faca estava mexendo. _ Dexter,pelo amor de Deus,larga essa porcaria. Sou eu! Debbie!

Balancei a cabeça e claro que era Deborah,mas não conseguir conter a faca. _ Eu sei,Deb. Lamento muito. _ A faca levantou mais. Eu só podia observar,não podia impedir nada. Um pequeno toque de Harry,leve como teia de aranha,exigindo que eu prestasse atenção e fosse embora,era tão pequeno e fraco e a necessidade era enorme,forte,mais forte do que nunca,pois aquilo era tudo,o começo e o fim,e me deixou fora de mim e me mandou pelo túnel entre o menino no meio do sangue e a última oportunidade de fazer direito. Aquilo ai mudar tudo,ia descontar mamãe,mostrar a ela o que tinha feito porque mamãe devia ter nos salvado e dessa vez tinha de ser diferente. Até Deb tinha de ver.

Abaixe a faca,Dexter. A voz dela estava um pouco mais calma,mas as outras vozes eram tão mais altas que Mac consegui ouvi-la. Tentei abaixar a faca,tentei mesmo,mas só consegui uns poucos centímetros.

_Desculpe,Deb,não consigo _ eu disse,me esforçando para falar com aquele barulho aumentando em volta de mim,a tempestade que tinha se formado durante vinte e cinco anos... e agora com meu irmão e eu juntos como duas nuvens negras numa noite escura e sem lua...

Dexter chamou a fraca mamãe,que queria nos deixar sós ali naquele horrível sangue frio e a voz do meu irmão dentro sussurrou com a minha:_ Vadia! _ e a faca desceu...

Veio um barulho do chão. Seria LaGuerta? Eu não sabia dizer,nem tinha importância.

Eu precisava terminar,precisava fazer aquilo,precisava deixar acontecer.

Dexter disse Debbie. _ Sou sua irmã,você não vai querer fazer isso comigo. O que papai ia dizer? *A pergunta me tocou,tenho de admitir,mas...* Abaixe a faca. Dexter.

Outro som atrás de mim e um balbucio. Levantei a faca.

Dexter,cuidado! disse Deborah e virei-me.

A detetive LaGuerta estava no chão,ajoelhada numa perna,ofegante,tentando levantar a arma que de repente parecia muito pesada. O cano da arma subiu lentamente,lentamente... apontou para meu pé,meu joelho...

Mas tinha importância? Pois aquilo ia acontecer agora,não importa como e,apesar de eu poder ver o dedo de LaGuerta firme no gatilho,a faca na minha mãe continuou abaixando.

_Ela vai atirar em você,Dex! _ avisou Deb,desesperada. A arma estava apontada para o meu umbigo,a cara de LaGuerta se contorcia de concentração e esforço,ia mesmo atirar em mim. Virei um pouco para ela,mas a faca ainda estava querendo descer...

_Dexter! Gritou mamãe/Deborah deitada na mesa,mas o passageiro das trevas falou mais alto e se adiantou,segurou minha mão e abaixou a faca.

_Dex...!

_Você é um bom menino,Dex _ sussurrou Harry atrás de mim,com sua voz fantasmagórica e dura-leve como pluma,o suficiente para eu levantar a faca de novo.

_Não posso evitar _ sussurrei,segurando com mais força a faca que tremia.

Escolha o que...ou QUEM... matar ele disse com o azul duro e infinito dos olhos me vendo

agora pelos olhos de Deborah,observando com a força suficiente para empurrar a faca meio centímetro. *Existe muita gente que merece* Harry disse,tão calmo por cima do queixume irritado do estouro interno.

A ponta da faca tremeu e parou. O passageiro das Trevas não podia mais enfiá-la.

Harry não podia afastá-la. E lá estávamos nós.

Ouvi um som raspante atrás de mim,um ruído surdo e pesado,depois um lamento tão vazio que escorregou pelos meus ombros como um lenço de seda nas patas de uma aranha. Virei-me.

LaGuerta estava com a arma apontada,presa ao chão pela faca de Brian,mordendo o lábio inferior e os olhos cheios de dor. Brian estava a seu lado agachado,observando o medo na cara dela. Ele respirava com dificuldade num sorriso sombrio.

Vamos colocar as coisas em ordem,mano? ele perguntou.

_Eu... não posso _ respondi.

Meu irmão levantou-se com esforço e ficou na minha frente,balançando de um lado para outro. _ Não pode? Acho que não conheço essa palavra _ ele disse. Pegou a faca da minha mão e não pude impedir o que ele fez a seguir.

Ele olhava para Deborah,mas a voz passou chicoteando por mim e bateu nos dedos fantasmagóricos de Harry no meu ombro. _Tem que fazer,irmãozinho. Tem mesmo.

Não há outra saída. _ ofegante,ele dobrou o corpo ao meio um instante,e aos poucos foi se endireitando,levantando a faca. _ Preciso lembrar a você como a família é importante?

_Não _ respondi,com minhas duas famílias (a morta e a viva) em volta de mim me chamando para fazer e não fazer. Num último sussurro dos olhos azuis de Harry,minha cabeça ficou balançando e repeti:_Não _ e desta vez falava sério _ Não, não posso.

Com a Deborah não.

Meu irmão olhou para mim. _ Que pena,estou muito desapontado.

E abaixou a faca.

EPÍLOGO

Sei que essa é uma fraqueza quase humana e pode ser apenas um sentimentalismo barato, mas sempre gostei de enterros. Por um lado, são cerimônias tão limpas, tão arrumadas, tão caprichadas. E, realmente, aquele foi um enterro dos bons. Havia policiais homens e mulheres de uniforme azul, perfilados com caras solenes, sérias e...bem, cerimoniosas. Houve a saudação com tiros, o cuidadoso dobra da bandeira, todos os detalhes... um espetáculo adequado e maravilhoso em honra da falecida. Afinal, ela havia sido uma das nossas, uma mulher que tinha servido ao lado dos poucos e bons. Ou será que isso é coisa de fuzileiros navais? Não importa, ela havia sido uma tira de Miami e os tiras de Miami sabem como fazer um enterro para um deles. Têm muita prática.

Ah, Deborah suspirei, bem baixo, sabendo evidentemente que ela não podia me ouvir, mas parecia a coisa certa a fazer naquele momento e eu queria fazer direito.

Gostaria de conseguir verter uma ou duas lágrimas. Nós dois éramos tão próximos. E tinha sido uma morte tão confusa e desagradável, não era assim que uma tira devia ir embora, assassinada por um louco homicida. O socorro chegou tarde demais, estava tudo terminado há muito tempo quando alguém conseguiu atendê-la. Mesmo assim, por seu exemplo de abnegada coragem, ela havia mostrado como um tira deve viver e morrer. Claro que estou citando o discurso feito no enterro, mas é o principal. Foi mesmo uma cerimônia de alto nível, muito tocante para quem

tinha alguma coisa dentro capaz de se emocionar. Coisa essa que não tenho, mas sei reconhecer e aquela era verdadeira. Não pude me conter com a silenciosa bravura dos policiais nos seus asseados uniformes azuis e o choro dos civis, foi muito tocante.

Solucei alto. *Ah, Deborah, minha querida Deborah* solucei, um pouco mais alto, quase sentido de verdade uma dor.

Cala a boca, sacana! ela disse bem baixo, dando uma boa cotovelada em mim. Estava linda no uniforme novo: finalmente era sargento, o mínimo que podiam fazer por ela, depois Ed todo trabalho duro de identificar e quase prender o Matador de Tamiami. Com o mandado de busca divulgado para todas as delegacias, mais cedo ou mais tarde pegariam o pobre do meu irmão (se ele não os pegasse primeiro, claro). Já que pouco antes fui obrigado a lembrar que família é importante, esperava que ele conseguisse continuar solto. Deborah ficaria em cima do caso, agora que tinha sido promovida. Ela queria muito me perdoar e já estava quase convencida da Sabedoria de Harry. Nós também formávamos uma família, o que ficou provado no final, não é? Não foi muito fácil me aceitar como sou, não? As coisas são como são. Aliás, como sempre foram.

Suspirei de novo. *Pare com isso!* ela sussurrou, fazendo sinal com a cabeça para o final da fileira de empertigados tiras de Miami. Olhei para onde ela mostrou: o sargento Doakes estava me observando. Não desgrudou os olhos de mim nem quando jogou um punhado de terra no caixão da detetive LaGuerta. Ele tinha certeza de que as coisas não eram o que pareciam. Eu tinha certeza absoluta de que ele viria atrás de mim agora, me perseguir como o cão de caça que era, farejar meus passos e me acuar por causa do que fiz e que, naturalmente, ia fazer de novo.

Apertei a mão de minha irmã, enfiei a outra mão no bolso e toquei a lâmina fria com uma pequena gota de sangue seco: ela não ia para o túmulo com LaGuerta, mas ficaria para sempre na minha estante. Aquilo me consolou e não me importei com o sargento Doakes, nem como o que ele pensava ou fazia. Como podia me incomodar? Ele agora estava livre para pensar e fazer, tanto quanto qualquer oura pessoa. E viria atrás de mim. Sinceramente, o que mais podia fazer?

O que qualquer um de nós pode fazer? Indefesos como somos, nas garras de nossas próprias vozinhas, o que podemos fazer?

Eu sinceramente esperava conseguir derramar uma lágrima. Era tão lindo. Tão lindo quanto seria a próxima lua cheia, quando eu iria fazer uma visita ao sargento Doakes. E as coisas continuariam como eram, como sempre tinham sido, sob aquela adorável lua brilhante.

A maravilhosa, gorda e musical lua vermelha.